UM DOS MELHORES *THRILLERS* DE SEMPRE

O FENÓMENO INTERNACIONAL

AUTORA VENCEDORA GOODREADS CHOICE AWARDS

O ACIDENTE

Que perigos esconde o fim da estrada?

FREIDA McFADDEN

AUTORA DO *BESTSELLER* MUNDIAL *A CRIADA*

alma dos livros

O ACIDENTE

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
© 2025
Direitos desta edição reservados

para Alma dos Livros The Crash © 2025 by Freida McFadden Edição publicada por acordo com Jane Rotrosen Agency, LLC., através de International Editors & Yáñez Co' S.L.
Título: *O Acidente*
Título original: *The Crash*
Autora: Freida McFadden Tradução: Carla Ribeiro Revisão: Eva Silva Paginação: Maria João Silveira Capa: Inês Monteiro/Alma dos Livros Imagens de capa: Shutterstock Impressão e acabamento: Cafilesa – Soluções Gráficas, Lda.
Depósito legal: 542378/25
1.ª edição: Fevereiro de 2025
Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer forma sem permissão por escrito do proprietário legal, salvo as exceções devidamente previstas na lei.
Este livro é uma obra de ficção.
Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos são produto da imaginação do autor ou usados ficticiamente.
Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, acontecimentos ou locais é mera coincidência.

FREIDA McFADDEN

O ACIDENTE

Tradução de
Carla Ribeiro

alma dos livros

Para o meu pai.

Prólogo Depois do acidente

Nunca matei ninguém.

Não sou um assassino. Sou *boa* pessoa. Não minto. Não traio. Não roubo. Raras vezes ergo sequer a voz. Fiz muito poucas coisas na vida de que me envergonhe.

No entanto, aqui estou eu.

Contava que a pessoa por baixo de mim desse luta. Mas não tanta. Não estava à espera de tanta resistência.

Nem dos gritos abafados.

Podia parar. Não é demasiado tarde. Restam-me quinze segundos para decidir se quero ser um assassino – trinta segundos, no máximo.

Mas não paro. Não posso.

Então, finalmente – *finalmente* – a luta termina. Agora, tenho um corpo frouxo e inerte à minha frente. Não é preciso ser-se médico para reconhecer um cadáver.

O que fiz eu?

Enterro o rosto nas mãos, contendo um soluço. Não sou de chorar – nunca fui – mas, neste momento, parece-me apropriado. Se não chorar, quem o fará? Passado um momento, obrigo-me a endireitar-me e a recompor-me. Fiz isto por uma boa razão, afinal.

Era a única maneira.

PRIMEIRA PARTE

UMA SEMANA ANTES DO ACIDENTE

1

TEGAN

Não sei se vou conseguir chegar à porta de entrada.

São cerca de quinze metros desde o meu pequeno *Ford Fusion* até à entrada do condomínio onde vivo. Quinze metros não é muito. Em circunstâncias melhores, podia percorrê-los em poucos segundos.

Mas esta noite não.

Vivo num estúdio no segundo andar de um pequeno condomínio em Lewiston, no Maine. É um bairro terrível, mas é o melhor que consigo pagar neste momento. O meu turno no supermercado acaba depois de anoitecer, o que significa que agora está escuro como breu na rua. Costumava haver um candeeiro de rua a iluminar o caminho entre o parque de estacionamento e o condomínio, mas a lâmpada fundiu-se um mês depois de me mudar para cá e ninguém se deu ao trabalho de a trocar. Quando desligar os faróis, não conseguirei ver um palmo à frente do rosto.

Desliguei o motor do carro pouco depois de estacionar, pois não posso desperdiçar gasolina neste momento. Está tanto frio que, mesmo dentro do carro, consigo ver o bafo da minha respiração. No Maine, as temperaturas em dezembro andam sempre muito abaixo de zero. Espreito pelo pára-brisas e consigo ver vagamente a entrada do prédio. Não há candeeiro de rua, mas há uma luzinha por cima da porta que me permitirá ver o buraco da fechadura para a destrancar.

Também há luz suficiente para conseguir ver o homem a rondar nas sombras junto à porta.

À espera.

Tremo ao mudar de posição no lugar do condutor, que não é nada fácil hoje em dia. Uma dor elétrica aguda dispara pela minha perna direita, algo que,

ultimamente, se tem tornado cada vez mais frequente. O médico disse que era algo chamado *ciática*, causada por um nervo inflamado na coluna. Pensava que a minha vida não podia piorar, mas ainda consegui inflamar um nervo na coluna para juntar a tudo o resto.

Semicerro os olhos para ver o homem à entrada através da escuridão, perguntando-me o que será que faz aqui. Está demasiado escuro para ver as suas feições, mas é relativamente alto e magro. Traz vestida uma longa gabardina escura, o que não me faz sentir melhor. O seu rosto parece ameaçador, mas, para ser honesta, toda a gente parece ameaçadora quando está mergulhada em sombras.

As suas intenções podem ser completamente inocentes. Talvez tenha vindo visitar um amigo ao prédio. Talvez seja um polícia à paisana. (Improvável.) Talvez seja… Bem, não consigo pensar em mais nada que alguém pudesse estar a fazer aqui às nove e meia da noite. A questão é que não está *necessariamente* aqui para me assaltar.

Seja como for, não posso ficar a noite inteira no carro.

Levo a mão à mala e tiro a lata de gás-pimenta que me habituei a trazer comigo, e ponho-a no bolso do casaco. Se este tipo quer o pouco que tenho na carteira, vou dificultar-lhe a vida, isso de certeza. Passo as chaves de casa para o outro bolso para estarem mais à mão, pego no saco de compras no banco do passageiro e agarro-o bruscamente com os braços. O senhor Zakir faz-me sempre um desconto enorme nos produtos prestes a passar da validade e recuso-me a deixá-los para trás só por estar um homem sinistro à porta do meu prédio.

Quando saio do *Ford*, sinto outro raio disparar pela perna direita. Tenho o casaco aberto, mas não há muito que possa fazer em relação a isso, porque há vários meses que não fecha. Não é que o fecho esteja estragado, ainda que um fecho partido fosse bastante consistente com o estado da minha vida ultimamente. Não, a razão pela qual o casaco já não fecha é por já não cobrir a minha barriga dilatada.

Estou grávida de quase oito meses.

Mal saio do carro, sinto os pés inchados a gritar em protesto. Durante o turno duplo no supermercado, foram aumentando para quase o dobro do tamanho e já mal cabem nos ténis. Endireito-me o melhor que posso e o ar frio atinge-me o rosto. Com o decorrer da gravidez, tenho vindo a ficar cada vez mais cansada, sobretudo ao final do dia, mas este vento gélido acorda-me logo.

Fecho a porta do carro atrás de mim e o homem encostado à fachada do prédio

ergue bruscamente a cabeça. Continuo a não conseguir ver muito mais do que uma silhueta, mas agora olha diretamente para mim. O braço em que carrego o saco das compras treme e levo a outra mão ao bolso em busca do gás-pimenta.

Nem tentes tirar-me o pão fora do prazo, sacana.

Inspiro uma golfada de ar gelado e avanço resolutamente em direção à entrada do prédio. Evito olhar para ele, como aprendi a fazer ao longo dos anos com dúzias de outros homens sinistros, mas sinto-o seguir-me com o olhar. Coloco a mão sobre o gás-pimenta e estou quase a sacar dele quando uma voz familiar interrompe os meus pensamentos aterrorizados: – Tegan?

Viro o olhar na direção da voz. A luz da entrada é agora suficientemente forte para conseguir distinguir as feições do homem e toda a tensão desaparece instantaneamente.

– Jackson! – exclamo. – Oh, meu Deus, pregaste-me um susto dos diabos!

O homem à minha frente, que reconheço agora como o Jackson Bruckner, traz vestida uma gabardina sobre o conjunto habitual de camisa branca amarrotada, gravata cinzenta e calças cinzentas. Não é de cá e presumo que tenha passado pelo menos duas horas a conduzir para aqui chegar, mas parece sempre cheio de energia quando aparece à minha porta.

Sem que tenha de pedir, o Jackson agarra no saco de compras, o que alivia um pouco os meus pés doridos.

– Peço imensa desculpa – diz. – Ia passar pelo supermercado, mas o GPS dizia que estava fechado, por isso vim logo para cá. Calculei que devias estar mesmo a chegar, então fiquei à espera.

– Podias ter-me enviado uma mensagem – murmuro, agora ligeiramente envergonhada do medo que senti deste homem de óculos de fundo de garrafa e orelhas grandes que espreitam de ambos os lados da cabeça. Agora que não está mergulhado na escuridão, é basicamente o homem menos ameaçador que alguma vez vi. É giro, mas de uma forma um pouco pateta.

Já agora, não é o pai da minha filha por nascer. Nem é meu namorado.

– Mas eu enviei-te mensagens – protesta ele.

Levo a mão à mala para tirar o telemóvel e, de facto, tenho um monte de mensagens do Jackson que não tinha visto. Claro que enviou. O Jackson é responsável. Trabalha como advogado e licenciou-se *summa cum laude* numa faculdade de Direito da Ivy League. Não foi ele que me contou, eu pesquisei-o no *Google*.

– Parece que sim, enviaste – admito.

Olha para o relógio.

– Também mandei vir comida chinesa, que deve estar a chegar dentro de poucos minutos.

O meu estômago ronca ao ouvir falar de comida. Devia andar a comer por dois, mas quase nem por um como.

– Frango *lo mein?* – pergunto, esperançosa.

– Claro. – Sorri-me. – Deixa-me levar as compras para cima por ti e já volto a descer para receber a comida.

Quero protestar, mas carregar as compras escadas acima tem-se tornado cada vez mais difícil à medida que a barriga foi crescendo. Se está disposto a fazê-lo por mim, só lhe posso ficar grata.

– Obrigada – digo.

Os seus olhos encontram os meus à luz ténue da lâmpada por cima da entrada.

– Não tens de quê.

O Jackson aguarda pacientemente enquanto tento pôr a chave na fechadura. Fica sempre presa quando está frio, o que, por aqui, são dez meses por ano. Quando finalmente consigo destrancar a porta, ele abre-a por mim como um cavalheiro. Gosto muito do Jackson. Gosto de quando cá vem e me oferece um jantar, o que tem vindo a suceder com cada vez mais frequência.

Porém, na realidade, esta não é uma simples visita. Eu e o Jackson temos assuntos importantes para discutir.

Em breve, serei mais rica do que alguma vez poderia ter imaginado.

E é tudo graças à bebé a crescer dentro de mim.

2

Depois de entrarmos, evito as caixas do correio. Não estou ansiosa por ver as contas que me aguardam e, seja como for, não tenho dinheiro no banco para as pagar. Em vez disso, subimos os dois lanços de escadas até ao apartamento. As lâmpadas da escadaria são de baixa potência e a tinta nas paredes está muito lascada, mas ninguém se queixa. Sinto os pés a latejar a cada passo, mas já estou quase em casa.

Paro no patamar do segundo andar e preciso de alguns segundos para recuperar o fôlego. Ultimamente, ando sempre sem fôlego. Presumo que seja devido ao feto a crescer dentro de mim, que impede que os meus pulmões se expandam tanto quanto deveriam. Ou pode ser algo terrível. Perguntei ao doutor *Google* e não gostei de nada do que ele tinha a dizer. Pode ser um coágulo nos pulmões. Pode ser insuficiência cardíaca. Até pode ser *tuberculose*.

Mas o meu seguro de saúde é péssimo, por isso vou só continuar a fazer figas para que não seja nada de grave.

O Jackson franze o sobrolho, preocupado.

– Estás bem?

– Ótima. – Engulo em seco. Aponto com a cabeça para a escadaria. – Vamos.

Assim que chegamos ao fim do último lanço de escadas, o telemóvel vibra-lhe no bolso. Ele tira-o e olha para o ecrã.

– A comida chegou.

Estendo as mãos para que me passe o saco de compras.

– Desce e vai buscá-la. Eu levo isto para dentro.

– Tens a certeza? – Parece cético.

Lanço-lhe um olhar.

– O que achas que faço todos os dias quando não estás cá?

Um acesso de culpa atravessa-lhe o rosto magro, mas não sei porquê. O Jackson não é responsável por fazer de ama durante esta gravidez. É simpático da sua parte carregar-me as compras, mas eu e a minha bebé não somos

problema dele. Até é provável que muito em breve – depois de assinados os papéis – nunca mais o volte a ver.

Ele devolve-me as compras. Equilibro-as no braço esquerdo enquanto percorro o corredor até ao meu apartamento, procurando as chaves no bolso do casaco. Estou quase a abrir a porta quando soa uma voz cortante atrás de mim.

– *Outro* homem, Tegan?

Viro a cabeça para enfrentar os olhos húmidos e raiados de sangue da senhora Walden, a minha vizinha idosa do lado. Descobri que o seu primeiro nome é Evangeline numa encomenda que foi deixada no rés-do-chão, mas apresentou-se como senhora Walden no dia em que nos conhecemos e, apesar de já vivermos lado a lado há dois anos, deixou bem claro que devo continuar a tratá-la por «senhora Walden».

– Sinceramente – diz –, estás a transformar este sítio num bordel.

Não faço ideia do que está a falar. Desde que somos vizinhas, o Jackson foi o único homem que me veio visitar além do meu irmão e nem sequer andamos a dormir juntos. Mas seria inútil discordar. Aos olhos da senhora Walden, é como se me andasse a pavonear pelo prédio com a letra escarlate ao peito.

Dirige o olhar para a minha barriga, saliente por baixo da blusa verde e preta com corte império que comprei numa loja de roupa em segunda mão. Tem folhos à volta do colarinho e é tão foleira que me dá vontade de chorar, mas quando a comprei não tinha possibilidades para gastar uma fortuna em roupa que só iria usar durante quatro ou cinco meses. Seja como for, não é pela minha blusa barata e feia que a senhora Walden me está a julgar. É porque tenho vinte e três anos, estou grávida de oito meses e não sou casada.

Mas, sinceramente, não tem nada a ver com isso.

– Andava para te perguntar, Tegan – diz ela, na sua voz de cana rachada. – Vais mudar-te depois de o bebé nascer?

Pouso uma mão na barriga e sou recompensada com um vigoroso pontapé. Se há algo que posso dizer sobre esta bebé, é que tem montes de energia. Mais do que eu, neste momento.

– Talvez – respondo. – Ainda não decidi.

– Sabes, será muito incomodativo ter um bebé por aqui. – Ergue o queixo. – A choradeira toda, a qualquer hora da noite! Que pesadelo.

Volto a pôr a mão na chave que ainda está pendurada na fechadura e rodo-a até sentir aquele clique satisfatório.

– Ouvi dizer que os bebés choram muito. É porque ainda não sabem falar.

– Ninguém vai conseguir dormir! – continua ela. – É muito egoísta da tua parte trazeres um recém-nascido para uma comunidade sobretudo de adultos.

– Bem, não foi propriamente planeado.

Franze os lábios.

– Pois, imagino que não.

Quero dizer à senhora Evangeline Walden que entendeu tudo mal. Fez muitas suposições sobre mim e estão todas completamente erradas. Não sou o tipo de rapariga que tem um caso de uma noite e engravida sem sequer saber quem é o pai, ainda que, agora que me aconteceu, me sinta culpada por todas as outras mulheres que julguei por isso. Tinha grandes planos para a vida e nenhum envolvia engravidar aos vinte e dois anos.

Mas a verdade é que foi isso que aconteceu — engravidei aos vinte e dois anos. Foi um caso de uma noite. E, até há pouco tempo, não sabia quem era o pai.

Por isso, na realidade, não há muito que lhe possa dizer sem mentir.

Em vez disso, abro a porta e esboço-lhe um sorriso.

– Boa noite, senhora Walden.

– Vou falar com a administração sobre…

Bato com a porta mesmo a meio da frase da senhora Walden. Se se quiser queixar ao administrador de que estou a povoar ilegalmente o apartamento com a minha progénie, pois muito bem, pode fazê-lo. Não lhe vou dar mais graxa. Já não.

Assim que receber o dinheiro, ponho-me a andar daqui.

Acendo as luzes do estúdio, que apenas revelam quão dolorosamente aborrecido é. A tinta branca não está rachada, mas tem um aspeto baço, apagado, como tudo no apartamento. É como se houvesse uma camada de sujidade em todos os móveis e eletrodomésticos que não consigo remover, por mais que esfregue.

Nada disto é o que tinha planeado. Andava a fazer turnos duplos no supermercado e a poupar desesperadamente para juntar dinheiro suficiente para tirar o curso de Enfermagem. No fim de cada turno, ainda podia afundar-me no sofá a ver tanta televisão quanto me apetecesse enquanto comia o meu jantar para um. Não tinha planeado engravidar.

Daqui a pouco mais de um mês, tudo irá mudar. Vou ter uma *bebé*. Um ser humano vivo à minha responsabilidade. Esta bebé não vai poder ficar sozinha e vai precisar de roupa, comida e, posteriormente, de ir à escola. Provavelmente,

vai manter-me acordada durante metade da noite e transformar-me numa morta-viva durante o dia.

Entro na minha pequena cozinha, onde mal caibo agora que entrei no terceiro trimestre. Pouso o saco de papel cheio de compras em cima da bancada. Todos os dias, antes de sair do supermercado, procuro um sortido de produtos que estejam perto ou para lá do prazo de validade, e hoje consegui um monte de enlatados e também pão e queijo. Trouxe ainda um pequeno pacote de leite que só passou um dia do prazo e que ainda deve saber bem. E cinco latas de atum.

Todas as mulheres têm os seus desejos estranhos durante a gravidez. O meu é o atum. Desde que entrei no segundo trimestre e os enjoos desapareceram, tenho desejos de atum. Não posso comer tanto quanto gostaria devido ao teor de mercúrio mas, se pudesse, comia atum a todas as refeições, incluindo ao pequeno-almoço. Por isso, informalmente, dei ao meu feto a alcunha de *Pequena Atum*.

Atum para o jantar, mamã?

Bem, essa é outra coisa estranha. Muitas vezes, imagino que a bebé fala comigo de dentro do meu útero. Juro que não estou a enlouquecer. Sei que um feto de oito meses não é capaz de falar. Mas, às vezes, a sua vozinha doce fala comigo, clara como a água. Apesar de ainda não lhe ter visto o rosto, já a amo. Quero que tenha uma vida melhor do que a minha e todas as possibilidades que eu nunca tive. E farei tudo o que for preciso para lhe dar isso.

É por isso que não sinto qualquer culpa pelo dinheiro que estou prestes a receber.

3

O Jackson aparece à minha porta menos de cinco minutos depois com um saco de papel pardo.

Ele teria todo o gosto em levar a comida para a cozinha, mas eu sou mais rápida. Tiro-lhe o saco de papel enquanto ele trota atrás de mim, ainda com as orelhas vermelhas devido ao frio. Abro-o, libertando uma explosão de aromas irresistíveis, e tiro uma das caixas brancas. Com a pressa, rasgo-lhe um pouco as abas.

Nem me dou ao trabalho de pegar num prato. Tiro um garfo da gaveta junto ao lava-loiça e como diretamente da embalagem. Não sei se *comer* é o termo certo. Talvez *aspirar* fosse mais preciso. Ultimamente, estou sempre esfomeada.

– Desculpa – digo entre garfadas. – Há algum tempo que não comia. Turno duplo.

Ele franze o sobrolho.

– Isso não é mau para a bebé?

– Vou reduzir em breve.

Apesar de estar demasiado impaciente para me preocupar com pratos, o Jackson tira dois do armário por cima do lava-loiça. Começa a tirar outra embalagem do saco, mas então pára.

– Ah, olha – diz. – Trouxe-te uma coisa.

Estava tão distraída com um pedaço de frango tenro que nem reparei no saquinho de presente que o Jackson tinha pousado na bancada da cozinha – deve tê-lo trazido do carro quando desceu para ir buscar a comida. É cor-de-rosa e brilhante, o que me faz rir, porque ele é o oposto. É difícil imaginá-lo a escolher algo assim.

Talvez lendo-me os pensamentos, sorri desajeitadamente.

– É para a bebé.

Por mais que adore comer massa *lo mein* às garfadas, fico ainda mais empolgada com a ideia de um presente. Ainda não tinha recebido nenhum

presente para a bebé. Bem, fora a cadeirinha automóvel que o meu irmão me enviou, que ainda está na caixa em que foi entregue.

Pego no saco cor-de-rosa brilhante e arquejo ao ver o que traz. É literalmente *a coisa mais fofa que alguma vez vi*. É um fatinho minúsculo, feito para um ser humano impossivelmente pequeno – soube que lhe chamam *babygrow*. E, estampadas a cor-de-rosa no peito, estão as palavras que me derretem o coração: *A Minha Mamã Ama-me.*

A *Pequena Atum* escolhe este momento para me dar um pontapé, como se concordasse. Apesar de só faltar pouco mais de um mês para o nascimento, ainda não comecei a acumular roupa de bebé, pelo que esta é a minha estreia. Olho para o fatinho e tento afastar as lágrimas. Apesar de a barriga estar a crescer e de sentir constantemente os pontapés nas costelas, há algo neste *babygrow* que faz com que, pela primeira vez, tudo pareça muito real. Vou ter uma bebé e ela vai usar isto.

Oh, meu Deus, vou chorar.

– Gostas? – pergunta ansiosamente o Jackson.

Se disser alguma coisa, incluindo «sim», vou descontrolar-me, por isso limito-me a assentir, e o seu rosto ilumina-se.

Nada disto faz parte do seu trabalho. Não faz parte do seu trabalho trazer-me comida chinesa ou roupa de bebé adorável. A razão pela qual aqui está não tem nada a ver com isso. Tem tudo a ver com o que está na pasta de cabedal que deixou junto à porta de casa. É essa a única razão para cá estar e a única que o traz cá *sempre*. Quando esse assunto estiver resolvido, não voltará. Não haverá mais *lo mein* nem crepes chineses nem visitas surpresa depois de um longo turno no trabalho.

O Jackson não vem cá por razões sociais. É este o seu *emprego*.

– Então – digo eu, enquanto pego na minha caixa de comida e a levo para o sofá reclinável, que me serve também de cama extremamente desconfortável. Ao deixar-me cair no sofá, apoio as pernas inchadas na mesinha de centro. O alívio é divino.

– O que precisavas de discutir comigo?

O Jackson pega na sua caixa de comida chinesa e vem ter comigo ao sofá.

– Só alguns pequenos pormenores do contrato que quero rever. Mas, da próxima vez que cá vier, estará pronto para assinares.

Sinto uma agitação que me enche a barriga e não sei se é dos nervos ou da bebé. Nem consigo acreditar que estou prestes a assinar um contrato que me vai

trazer tanto dinheiro. Que me vai deixar com a vida feita.

Tudo começou há quase oito meses.

Tinha ido com uma amiga visitar o meu irmão, o Dennis, à pista de *ski* onde trabalha como instrutor, o que nos permitia ter um belo desconto. Ele estava ocupado nessa noite, por isso acabámos por ir as duas a um bar na zona beber uns copos. Foi então que conheci um homem de fato escuro que se ofereceu para me pagar uma bebida. Tinha uma beleza aprumada, com um corte de cabelo caro e feições bem esculpidas, e o seu charme natural convenceu-me a aceitar a oferta. Disse-me que estava na cidade para um negócio importante – só por uma noite. Enquanto a minha amiga estava distraída com um homem com um corte de cabelo estilo *mullet*, dei por mim a namoriscar com aquele homem mais velho, atraente e confiante, tão diferente de todos os que conhecera até então.

Resumindo, devo ter bebido uns copos a mais. Não me lembro de grande coisa dessa noite, mas acordei com uma dor de cabeça lancinante e a boca a saber a cinzeiro. Tinha apenas uma vaga memória de regressar ao quarto de hotel com o empresário bonito, mas envergonhava-me admitir que nem sequer me conseguia lembrar do seu nome. Chamei-lhe experiência de vida e tentei esquecer o assunto.

Até que não me veio o período.

Nem era uma rapariga de festas – mal saía e focava a maior parte da minha energia em poupar dinheiro para o meu sonho de estudar Enfermagem – mas tinha-me tornado um *cliché*. Tinha engravidado enquanto estava bêbeda e nem sabia quem era o pai.

Não foi propriamente assim que havia planeado que a minha vida se desenrolasse, mas, após um longo exame de consciência, decidi ficar com a bebé e criá-la. Talvez o homem certo acabasse por aparecer, mas, se assim não fosse, fá-lo-ia sozinha. E o curso de Enfermagem – bem, se estivesse destinado, acabaria por lá chegar. De certeza.

Então, aconteceu algo inesperado.

Há três meses, estava a ver as notícias com um prato de comida equilibrado na minha barriga cada vez maior, quando vi um homem na televisão. A legenda por baixo do seu rosto bonito dizia que se chamava Simon Lamar. Era um empresário local especializado em construção imobiliária.

Era também o homem com quem tinha saído do bar na noite em que foi concebida a *Pequena Atum*.

O que aconteceu a seguir ficou um pouco aquém do típico final de conto de

fadas. Gostaria de poder dizer que localizei o Simon Lamar, que ele ficou exultante, ainda que um pouco surpreendido, com a gravidez e que insistiu em conquistar-me. Gostaria de poder dizer que, ao fim de alguns meses a cortejar-me, se ajoelhou para me pedir em casamento para podermos ser os três uma família feliz. Era esse o cenário que imaginava quando contactei o Simon para o informar da situação.

Não foi bem isso que aconteceu.

Apesar de não me lembrar de lhe ter visto uma aliança no dedo naquela noite, o Simon Lamar era casado. Não só isso, como também tinha dois filhos pequenos e não estava minimamente interessado em filhos ilegítimos. Nem queria que a sua amada esposa com quem estava há dez anos descobrisse a sua infidelidade – nem a imprensa, já agora. Recusou-se a encontrar-se sequer comigo, mesmo depois de o teste de paternidade que me exigira ter provado que era de facto o pai da minha filha.

Não obstante, mandou o Jackson contactar-me para me apresentar uma proposta muito intrigante. Uma batelada de dinheiro, mais do que suficiente para me sustentar a mim e à nossa filha. Não teria de me preocupar com a renda, com a creche, nem sequer com as propinas da universidade. O Simon pagaria tudo isso. A única coisa que teria de fazer seria assinar um acordo de confidencialidade, prometendo que ninguém além de mim e do Simon (e do Jackson) saberia que era ele o pai da minha filha.

Disse que sim.

Que mais podia fazer? *Tinha* de aceitar. O Simon estava a oferecer-se para garantir o meu futuro e o da *Atum* para a vida. Enquanto futura mãe solteira, teria sido estúpido recusar.

Graças à generosa oferta do Simon, poderei ir para a faculdade de Enfermagem conforme planeara, talvez até mais cedo do que esperava. Poderei mandar a minha filha para os melhores colégios privados. Não terei de a criar num estúdio minúsculo. Ele salvou-me.

– Obrigada por trabalhares tanto neste contrato – digo ao Jackson, com a boca cheia de massa.

Ele faz um gesto com a mão.

– É o meu trabalho.

Será que é? O Jackson chega a vir cá uma vez por semana para ajudar a mediar o acordo. Muitas coisas podiam ter sido tratadas por telefone, mas ele faz sempre questão de vir pessoalmente. O que é mais do que se pode dizer do

Simon, em quem não voltei a pôr a vista desde aquela fatídica noite.

Também acredito que o Jackson tem o meu interesse em vista. Havia cláusulas no contrato com as quais eu poderia ingenuamente ter concordado, mas que ele me aconselhou a não aceitar. *Isto não é um aumento suficientemente alto em função do custo de vida. Não é justo para ti.*

Levando a mão ao bolso interior do casaco do fato, o Jackson tira um envelope e pousa-o na mesinha de centro à nossa frente. Sei por experiência que está cheio de notas de vinte dólares – apenas suficiente para me ajudar com a comida, as compras e as despesas de saúde. Apesar de estar por vir um pagamento maior, estes envelopes de dinheiro aliviaram muita da minha tensão nos últimos meses.

– Obrigada – digo-lhe eu.

O Jackson ajusta os óculos grossos sobre a cana do nariz.

– Sem problemas. O banco ainda estava aberto quando me pus a caminho.

Nunca tinha mencionado a ida ao banco. Quando iniciámos as negociações, o Simon deixou muito claro que eu não receberia um cêntimo até os contratos estarem assinados, mas, depois, o Jackson começou a aparecer com envelopes com pequenas quantias em dinheiro. Parti do princípio de que o Simon tinha mudado de ideias. Mas agora pergunto-me se o Jackson não andou o tempo todo a dar-me dinheiro da sua própria conta.

– A propósito – diz, antes que eu possa perguntar –, o Simon vem cá daqui a alguns dias para assinar o contrato final e discutir algumas coisas contigo.

– Oh. – A ideia de o voltar a ver deixa-me nervosa, talvez devido à falta de entusiasmo desde que soube da minha gravidez. É um forte contraste com o charme desarmante com que me tratou na noite em que nos conhecemos. – Está bem, acho eu.

– Eu também cá estarei – acrescenta o Jackson.

Esboça-me um sorriso tranquilizador e não posso deixar de pensar quanto preferia que tivesse sido ele quem conheci naquela noite no bar, junto à pista de *ski*. Abdicaria de bom grado da oferta colossal do Simon por uma oportunidade de constituir família com um homem fantástico como o Jackson.

Mas não posso pensar dessa forma. Não posso mudar o passado. Devia sentir-me sortuda por ter uma oferta tão generosa do Simon, que sustentará a minha filha para o resto da vida.

4

Estou a dobrar a roupa lavada quando tenho uma contração.

Não das verdadeiras. Não do tipo que me tiraria o fôlego a cada cinco minutos e me faria ir a correr para as Urgências. Mas do tipo que é suficientemente irritante para me obrigar a parar o que estou a fazer durante um segundo e respirar fundo. Tenho tido umas quantas todos os dias. Contrações de treino, chamou-lhes o doutor Hanson.

O que significa que a bebé está a caminho. Em breve. Talvez não hoje, nem amanhã, talvez nem sequer este mês. Mas aproxima-se o dia em que chegará a *Pequena Atum*.

Não me sinto preparada. Antes de mais, estou exausta. Ainda não me despedi do meu emprego e tenho medo de o fazer até o contrato estar assinado, pois tenho a paranoia de que, de algum modo, ainda pode cair tudo por terra. Mas a principal causa do meu cansaço é quase não dormir.

Ando a ter pesadelos. Não me lembro ao certo do que acontece, mas acabam todos com o rosto bonito do Simon a pairar sobre o meu. Os seus olhos brilham de determinação enquanto olha diretamente para os meus. Acordo a tremer de um medo que me chega até ao âmago. (E depois tenho de me levantar para fazer chichi.) Portanto, sim, o meu sono não tem sido grande coisa.

Pouso a mão aberta na barriga. Ainda não escolhi um nome para a bebé. Como é óbvio, não lhe posso chamar *mesmo Atum*. Já ouvi falar de casais que discutem por causa dos nomes dos filhos, mas não terei esse problema. Posso dar o nome que quiser à minha bebé, porque sou só eu.

Ainda assim, não consigo pensar num nome. Por isso, continua a ser a *Atum* na minha cabeça.

Olá, mamã! Não te esqueças de me comprar um berço ou não terei onde dormir!

– Em breve. – Pouso uma mão nos músculos da zona do útero, que relaxam aos poucos. – Assim que receber o cheque do teu pai, compro-te um berço. E muito mais.

Assim que a contração passa, o telemóvel começa a tocar algures no apartamento. Tenho sorte em viver num estúdio, porque, caso contrário, nunca conseguiria encontrar nada. Será que toda a gente fica assim tão distraída quando está grávida? Ontem, andava à procura do livro que ando a ler para desanuviar de tudo e acabei por o encontrar no frigorífico.

Caminho (não, *bamboleio-me*) pelo estúdio em busca do telemóvel. Ao início, o toque dá-me pistas sobre onde pode estar, guiando-me na direção da cozinha. Depois, pára de tocar e já não sei onde procurar. Varro a cozinha com o olhar em busca do meu telemóvel pequenino.

Oh, meu Deus, se o encontrar na gaveta do queijo, vou ficar tão fula comigo mesma.

Mas não, está em cima do micro-ondas, quase camuflado pela superfície preta. Pego-lhe, perguntando-me se seria o Jackson a ligar para confirmar algum pormenor sobre o contrato final. Está previsto assinarmos amanhã e quero que corra tudo conforme o planeado. Acho que é bom sinal não ter recebido mais notícias, por isso não faço questão de as receber agora.

Mas a chamada não era do Jackson. Era do Dennis, o meu irmão. Os meus ombros relaxam de alívio enquanto carrego no botão para devolver a chamada.

– Tegan? – A sua voz retumbante enche-me o ouvido. – Estás bem?

Há algo quando falo com o meu irmão mais velho que me faz sempre sentir como se tivesse outra vez cinco anos.

– Sim, ótima.

O Dennis solta um longo suspiro.

– O que se passa, Teggie?

– É só que… – Olho para o pequeno espaço onde vivo. – Sinto-me sozinha.

– Quando vais assinar o contrato com o Lamar?

– Amanhã. – Mordo o lábio inferior. – Alguma hipótese de poderes vir cá?

– Oxalá pudesse – responde, com um suspiro. – Sabes que estou cheio de trabalho agora.

Sei que não consigo contestar isso. O Dennis trabalha como instrutor de *ski* no norte, numa estância com o nome muito apropriado Snow Mountain, monte nevado. Desde que me lembro que adora esquiar. Quase se tornou esquiador profissional – é realmente bom. Mas, aos vinte e poucos anos, partiu a perna e acabou por ter de se ficar por um emprego confortável como instrutor de *ski.* Infelizmente, dezembro é um dos seus meses mais atarefados, culminando nas férias de Natal. Mata-se a trabalhar no inverno e depois consegue descansar

durante o resto do ano.

– Vou tentar ir aí passar uns dias quando a bebé nascer – promete. – A não ser que queiras vir cá passar um tempo? Tenho um quarto a mais.

Não é má ideia.

– Deixa-me pensar nisso.

É um convite tentador. O Dennis cuida sempre bem de mim quando o vou visitar e já não o vejo desde que engravidei. O nosso pai era um empresário viciado em trabalho e teve um ataque cardíaco fulminante aos quarenta anos, quando a sua empresa foi à falência, por isso o Dennis, que tinha doze anos na altura, chegou-se à frente como homem da casa. Voltou a fazê-lo oito anos depois, quando a nossa mãe morreu de cancro do pâncreas.

Fez tudo o que se esperaria de um pai, incluindo aprovar ou desaprovar os meus namorados. Quando um deles apareceu à nossa porta a tresandar a álcool, o Dennis afugentou-o com um taco de basebol antes que eu pudesse entrar no carro com ele. Verdade seja dita, a maioria dos meus namorados não eram suficientemente bons segundo os seus padrões. Claramente, não aprova o Simon.

Pergunto-me o que acharia do Jackson.

5

Hoje, vamos assinar o contrato que será o alicerce do meu futuro.

Estou uma pilha de nervos, apesar de não ter de fazer nada além de assinar um papel. Dormi ainda pior do que o habitual e dei por mim a acordar dos pesadelos a cada hora que passava – parecia que sempre que adormecia, o rosto do Simon invadia os meus sonhos e obrigava-me a acordar. Simplesmente não o consigo tirar da cabeça. Por volta das quatro da manhã, desisti de tentar dormir.

Ontem, fui à loja de roupa em segunda mão e comprei um novo visual de maternidade – um vestido com um padrão floral. Infelizmente, a loja não tinha provadores, pelo que só o pude segurar à minha frente e, quando o vesti em casa, parecia um pouco uma baleia às flores. De qualquer modo, não deixa de ser melhor do que o resto da minha roupa.

Porém, não sei bem porque é que me aperaltei. Quem é que estou a tentar impressionar? O Simon? Será que acho mesmo que ele vai olhar para o meu vestido às flores e decidir deixar a família por mim? Será que é mesmo isso que quero?

Não, não quero. A verdade é que não quero ter nada a ver com o Simon Lamar. Só há uma pessoa para quem me aperaltei e não é o Simon. É o homem que tantas vezes tenho visto ultimamente e ao qual me afeiçoei bastante, e que temo nunca mais voltar a ver depois de rabiscar o meu nome na linha tracejada.

Tirei a tarde de folga do trabalho, o que me deixou bastante nervosa porque esse dinheiro me faz falta. Tenho de me relembrar constantemente de que, depois desta tarde, terei mais dinheiro do que saberei como gastar. É difícil conceber essa realidade, tendo em conta que… Bem, nunca tive dinheiro em toda a vida. A primeira coisa que vou fazer quando o receber é procurar um apartamento de dois quartos num bairro melhor. Ou talvez até uma casa.

São cinco horas quando o intercomunicador da entrada do prédio toca, avisando-me de que o Simon e o Jackson chegaram. Enquanto espero que subam as escadas, percorro o estúdio inteiro. Não demora muito.

Após o zumbido irritante da campainha encher o estúdio, abro a porta e vejo os dois homens de fato. O Jackson tem o seu habitual aspeto amarrotado e adorável, com os óculos grossos empoleirados no nariz. Depois, está o Simon, ao seu lado.

Não via o Simon Lamar desde… bem, desde a noite em que toda a minha vida mudou. É quase duas décadas mais velho do que eu, mas envelheceu muito bem. Já não me lembrava de como é classicamente belo, como se as suas feições tivessem sido talhadas em pedra por um escultor talentoso. Já tinha visto fotos dele depois daquela noite, mas é diferente em pessoa – também é mais atraente em pessoa. Ver o seu rosto desperta uma vaga memória dessa noite que continua tão confusa para mim. Tento agarrar-me a essa memória e a minha mente esforça-se por recordar algo da noite em que foi concebida a minha filha.

Mas não. Não há nada. É quase como se alguém me tivesse passado uma borracha pelo cérebro. A única coisa de que me consigo lembrar são os pesadelos com o rosto do Simon que me têm vindo a assombrar com cada vez mais frequência. Mas não o posso culpar pelos meus pesadelos, pois não?

Nessa noite no bar, o Simon parecia caloroso e cordial, com um sorriso descontraído. Hoje, parece irritado por cá estar. Assim que nos vemos, olha logo para o relógio e depois para a minha barriga, com uma expressão de nojo que não consegue disfarçar.

– Por amor de Deus – exclama. – Devia processar a empresa que fez aqueles preservativos.

O Jackson lança-lhe um olhar venenoso e sinto o rosto a arder. Fico aliviada ao saber que ao menos usámos preservativo. Fiz testes a todas as DST habituais, para jogar pelo seguro. Não tinha nada.

– Bem – digo alegremente. – Entrem.

A expressão de repulsa no rosto do Simon não muda ao entrar no meu apartamento monótono. Quando o guio até ao sofá, não parece querer sentar-se. Quase espero que peça uma toalha para não se sentar diretamente no sofá. Mas acaba por se empoleirar mesmo à beirinha, com ar de quem preferia estar em qualquer lugar exceto aqui. Sento-me na outra ponta, o mais longe possível sem cair do sofá.

– O contrato é tal qual discutimos – diz o Jackson, suavemente, sentando-se na única outra peça de mobiliário da sala, uma precária cadeira de madeira que encontrei na berma da estrada. – Como disse, estás à vontade para o analisar com o teu próprio advogado.

– Eu confio em ti – respondo.

Tenho de confiar, porque não me posso dar ao luxo de contratar um advogado neste momento. Mas a minha resposta faz o Simon esboçar um sorriso presunçoso, o que me leva a pensar que talvez *devesse* arranjar um. A expressão sarcástica no seu rosto aviva-me a memória outra vez. É tão frustrante tentar lembrar-me de algo e não conseguir. Deve ser terrível ter demência.

– Discutiram os termos exatos da confidencialidade, certo? – intervém o Simon.

– Sim – confirma o Jackson. – Discutimos, não discutimos, Tegan?

– Sim…

O acordo de confidencialidade é a parte deste contrato que me deixa mais nervosa. Se assinar, nunca poderei contar a ninguém que o pai da *Pequena Atum* é o Simon. Não estará na certidão de nascimento. Não posso dizer a ninguém – nunca. Nem sequer à minha filha, caso contrário, o Simon pode processar-me. Terei de lhe dizer… sei lá… que o pai morreu num acidente trágico.

– Compreendes, então? – insiste, com os olhos cinzentos fixos em mim. Sobressalto-me com a memória dissonante de ter achado os seus olhos tão cheios de alma naquela noite. – Não podes contar a ninguém. Nem a familiares, nem a amigos, nem à tua bebé.

A *minha* bebé. Já renunciou à responsabilidade.

– Compreendo.

– Rapariga esperta. – Pisca-me o olho. – Vamos assinar isto, então. Parece que te está mesmo a fazer falta o dinheiro.

Não gosto deste homem, mamã. Não quero que seja o meu papá.

O Simon inclina-se para a frente para ir buscar o contrato, levando a mão à pasta cara que trouxe consigo. Quando se aproxima de mim, consigo cheirar um pouco da sua água-de-colónia. É a mesma que usava naquela noite.

É uma fragrância invulgar. Baunilha. Carvalho. Com uma nota apimentada.

Fecho os olhos por um instante e vejo o seu rosto a pairar sobre mim como nos meus pesadelos. Mas desta vez é diferente. Em vez de ver apenas o seu rosto, vejo também o seu corpo nu. Em cima de mim. Há uma expressão faminta nos seus olhos que me aterroriza.

Não, consigo dizer, mas a minha língua parece um peso morto. *Não quero. Não. Não!*

O Simon revira os olhos. *Não acabaste a tua cerveja? Volta a dormir, Tegan.*

Não. Não quero…

E então…

Abro os olhos. A imagem na minha cabeça pareceu tão real, e, com uma certeza doentia, sei que é real. Acreditava que aquelas visões do Simon nos meus pesadelos eram só a minha imaginação a pregar-me partidas, mas não.

Eram uma memória.

De repente, tudo começa a fazer sentido de uma forma horrível. Sabia que não tinha bebido assim tanto naquela noite. Nunca bebi até desmaiar em toda a minha vida e certamente não com apenas duas cervejas.

O Simon pôs alguma coisa na minha bebida.

Depois, quando regressámos ao meu quarto de hotel, ele…

Oh, meu *Deus*.

6

Enquanto o Simon folheia as páginas do contrato, o meu coração bate tão depressa que parece que me vai sair disparado do peito. Há meses que me tentava agarrar a qualquer memória daquela noite. Agora, não consigo parar de a ver. Uma e outra e *outra* vez, sem parar.

O Simon em cima de mim enquanto a minha voz arrastada implora que pare.

– Tu *violaste-me*! – digo de repente.

Ele paralisa, apertando o contrato e o acordo de confidencialidade.

– Desculpa?

– Puseste alguma coisa na minha bebida! – exclamo. – Por isso é que não me lembrava de nada dessa noite. Mas agora lembro-me. Lembro-me de implorar que parasses mas tu não o fazias. Não paravas. – Retraio-me. – Disseste-me para voltar a dormir.

Os seus olhos brilham e dão ao rosto um ar aterrador.

– Isso é completamente absurdo! Como és capaz de me acusar de uma coisa dessas, sobretudo depois de eu ter sido tão generoso?

Sinto a têmpora a latejar.

– Queres dizer depois de me teres violado e engravidado?

Ele olha para o Jackson, que está boquiaberto a olhar para mim, e tenta pedir-lhe ajuda.

– Jackson – diz. – Estás a ouvir esta acusação ridícula?

– Sim – responde ele, enquanto passa a mão pelo cabelo e pára a meio, deixando-o espetado. – Tegan, de que é que estás a falar? Nunca tinhas dito nada disto.

– Acabei de me lembrar! Foi… foi a água-de-colónia dele. – Acho que vou vomitar.

Agora que está quebrada a barreira, as memórias regressam como uma torrente. Lembro-me de mais – o Simon a sussurrar-me ao ouvido que devíamos «sair daqui», a minha cabeça tombada no banco de trás do seu *Porsche* enquanto

regressávamos ao meu quarto de hotel, ele a levar-me, praticamente ao colo, até ao quarto. O que mais me assusta é que, se não me tivesse aproximado do Simon e sentido o cheiro enjoativo da sua água-de-colónia, poderia nunca me ter lembrado de nada.

Sinto-me tão repugnada. *Suja.*

Não vou ficar ao pé deste homem, isso de certeza. Salto do sofá e corro para o único local onde posso ter alguma privacidade neste estúdio minúsculo: a casa de banho.

Fecho a porta e encosto o meu peso sobre ela. Sinto uma contração a apoderar-se da minha barriga, como um punho gigante que me aperta o útero. Não quero entrar em trabalho de parto agora. Nem posso imaginar ter de lidar com isso enquanto o Simon ainda está no meu apartamento. *Por favor, Atum, não me faças isto. Não agora.*

O punho à volta do meu útero alivia. A contração passa.

Alguém bate suavemente à porta da casa de banho.

– Tegan?

É a voz do Jackson. Fecho os olhos com força e desejo que se vão os dois embora.

– Tegan? Deixas-me entrar? Por favor?

Não quero que entre, mas depois lembro-me de que não é o Simon. Não foi este o homem que me atacou. É o Jackson, o homem que tem lutado para que eu consiga um bom acordo e que me tem ajudado com o seu próprio dinheiro, que trouxe um presente para a *Atum* num saco cintilante cor-de-rosa.

Lentamente, afasto-me da porta da casa de banho e abro-a apenas o suficiente para o deixar entrar. A casa de banho é minúscula, tal como o resto do apartamento, e quase insuportavelmente apertada agora que estamos os dois cá dentro. Os olhos castanhos e calorosos do Jackson fitam-me através das lentes de fundo de garrafa.

– Tegan – diz ele. – De que é que estavas a falar?

– Desculpa – respondo, apesar de não saber porque haveria de ser eu quem pede desculpa quando é o chefe dele o culpado. Eu sou a *vítima*. – O Simon drogou-me e… Bem, eu disse-te o que ele fez.

Ele abana a cabeça, como se não entendesse o que estou a dizer.

– O Simon *drogou-te?*

– Sim.

– Não estou a perceber. – Há um tremor na sua voz. – Durante este tempo

todo, disseste que tinha sido um caso de uma noite. E agora… Quer dizer, achas mesmo que ele te drogou e *violou*?

– Sim! Não me lembrava até o ver. Até o *cheirar*.

O Jackson fica boquiaberto.

– Até o *cheirares*? Tegan, achas… será que há alguma possibilidade de estares só, bem, a *imaginar* isto?

– Não. Não estou a imaginar. – Engulo o nó na garganta. – É *verdade*, Jackson.

Ponho os braços à volta da barriga, como se a estivesse a proteger. Oxalá não me tivesse lembrado do que aconteceu. Era mais fácil pensar que a minha filha tinha sido concebida durante uma noite louca de sexo ébrio, mas consensual. Agora, terei de carregar *isto* comigo para o resto da vida. Nunca deixarei de ver a imagem do que o Simon me fez.

– Tegan – sussurra o Jackson com um tom de urgência –, tens de assinar aquele contrato. O que quer que aches que aconteceu, tens de o pôr para trás das costas e assinar o maldito contrato, para teu próprio bem.

– O que quer que *ache* que aconteceu? – repito eu. – Então não acreditas em mim?

– Estou a tentar ajudar-te. Aquele contrato vai deixar-te com a vida feita. Tens de o assinar.

– Responde. Acreditas em mim?

Fita-me durante o que me parece muito tempo. Pelo menos, suficiente para a sua verdadeira resposta ser óbvia mesmo quando se esquiva.

– O que estás a dizer é terrível, Tegan. Sei que não estás a inventar, mas… há muito tempo que conheço o Simon e… não sei. Tens de admitir que estás sob muita pressão neste momento…

– Ele violou-me, Jackson. – Falha-me a voz. – E se o fez a mim, aposto que também o fez a outras mulheres.

Ele baixa o olhar, incapaz de me encarar.

– Por favor, assina este contrato, Tegan. Imploro-te.

– E se não o fizer?

Não me responde, mas não é preciso. A resposta é óbvia. *Assina o contrato, ou tu e a tua bebé não recebem nada.*

Passo por ele e abro a porta da casa de banho. O Simon – esse sacana – está de pé na sala de estar, ainda com o contrato na mão direita.

– Não vou assinar um acordo de confidencialidade – anuncio. – Vou à polícia.

O olhar do Simon voa para o Jackson.

– Disseste-me que estavas a lidar com ela.

Sinto uma onda de repulsa por estes dois homens. Pelo Simon pelo que me fez. E pelo Jackson por o tentar encobrir. Pensava que pelo menos o Jackson era boa pessoa, mas estava tão enganada. Durante todo este tempo, estava só a «lidar» comigo.

Pergunto-me se saberia desde o início. Pergunto-me se sou apenas uma de uma longa série de raparigas com as quais ele fingiu ser simpático para as impedir de contarem a verdade.

– Saiam do meu apartamento – ordeno. – Já.

O Simon ergue o contrato com ambas as mãos.

– Vou dar-te uma última oportunidade, Tegan – declara. – Uma última oportunidade para aceitares esta oferta extremamente generosa, por ti e pela tua filha. Se não a aceitares, não terás outra.

Mentiria se dissesse que não hesito por um momento. A oferta é mais do que generosa. Se não a aceitar, é bem possível que viva o resto da vida com o dinheiro contado. Não poderei dar à *Pequena Atum* o futuro que sonhei para ela. O dinheiro mudaria tudo.

Mas então penso na minha filha em adulta. Com vinte e dois anos, a tomar uma bebida num bar com um desconhecido atraente. Imagino a mão dele a demorar-se um pouco mais sobre o copo dela…

Não, não posso permitir que ele se safe. Tenho de fazer alguma coisa. Por todas as outras mulheres a quem ele ainda pode vir a fazer mal.

Pela minha filha.

– Não vou assinar – repito.

Estremeço quando o Simon rasga o contrato mesmo à minha frente. Atira os pedaços de volta para a pasta.

– Ainda te vais arrepender muito, querida – diz ele. – Ainda mais se tentares ir à polícia. É a tua palavra contra a minha e ninguém vai acreditar em ti. Não tens qualquer prova e vou assegurar-me de que és *destruída* em tribunal. Quando tudo isto acabar, processo-te *a ti* por difamação.

Lanço um olhar ao Jackson, mas ele evita-me. Não me devia surpreender – deixou clara a sua posição.

Os dois homens pegam nas pastas e saem do meu apartamento sem sequer um adeus, levando consigo o futuro da minha pequena família.

7

Depois de o Jackson e o Simon saírem do meu apartamento, não consigo parar de chorar.

Estraguei tudo. Este dinheiro garantiria o meu futuro e o da minha filha. Bastava assinar na linha tracejada e teríamos a vida feita. Poderia ir para a faculdade de Enfermagem, poderia pagar uma creche para a *Pequena Atum* e poderíamos ter-nos mudado para uma boa casa, em vez de ficarmos neste mísero estúdio num bairro assustador.

Agora, estou de volta à estaca zero.

Ainda assim, sei no meu íntimo que não agi mal. Como podia deixar o Simon sair impune depois do que fez? Não podia. Sempre que gastasse o seu dinheiro, sentir-me-ia doente. Tinha de o recusar.

Cerca de uma hora depois de os dois partirem, o telemóvel começa a tocar. Por um momento, espero que seja o Jackson, a dizer-me que afinal acredita em mim, e que vai comigo à polícia. Que quer mostrar-me que é realmente um homem decente, como eu acreditava. Que não estou sozinha.

Parece que estou a ficar delirante. Em todo o caso, não é o Jackson. É o meu irmão.

– Teggie! – Diz num tom alegre. Não faz ideia do que acaba de acontecer. – Estou neste momento a abrir uma garrafa de champanhe em tua honra.

Estremeço.

– Não é preciso.

Ele ri-se.

– Sei que não vais beber champanhe enquanto estiveres grávida. Guardo um copo para ti para depois de a bebé chegar, está bem? Ou talvez prefiras uma sidra com gás?

– Não tenho dinheiro para isso.

– Oh, vá lá! És podre de rica agora! Está na hora de desapertar o cinto.

– Não, não está… – Fecho os olhos; não lhe quero contar tudo o que

aconteceu entre mim e o Simon. Céus, e se nem *ele* acreditar em mim? Não sei se aguentaria. – O acordo… não resultou. Não assinei o contrato.

– *O quê?* – É como se todo o ar lhe tivesse sido arrancado dos pulmões. – Porque não, raios?

– É… – Pressiono o espaço entre as sobrancelhas com dois dedos e tento combater a dor de cabeça iminente. – É complicado. Não quero falar sobre isso agora.

– Não entendo. O que é que aconteceu? O Lamar *deve-te* esse dinheiro. É ele o pai da bebé, não é?

Usar a palavra «pai» para descrever esse homem parece uma deturpação horrível do termo. Ele não é o pai da *Atum*. Não lhe é *nada*.

– Não consigo falar sobre isso agora.

– Mas, Tegan…

– Não consigo. – Falha-me a voz e é então que o Dennis se cala. Apercebe-se de que estou a falar a sério. – Oxalá pudesse estar contigo.

Isto não é algo que possa contar ao meu irmão pelo telefone. Tem de ser cara a cara.

– Também gostava de estar contigo, Tegan. – Por um momento, fica calado, provavelmente a tentar perceber que diabos se passa. Não o posso culpar. – Há alguma hipótese de poderes vir cá? Podias vir de carro amanhã e ficas no quarto de hóspedes o tempo que quiseres. Até a bebé chegar, se quiseres.

– Não sei – respondo, pensando nos quilómetros que separam o meu apartamento da casa do Dennis, no norte. – É uma longa viagem.

– Tens razão, claro – reconhece, no tom que utilizava sempre quando éramos miúdos e estava prestes a refutar o que eu julgava ser um argumento muito válido. – Mas valerá a pena. Assim que cá chegares, prometo que não terás de mexer um dedo. Assegurar--me-ei de que o frigorífico está abastecido e tenho uma televisão grande.

Sorrio.

– Fazes-me uma massagem nos pés?

– *Uma* massagem nos pés – assente ele, rindo. – Podes usufruir da oferta em qualquer altura.

Por mais que sempre tenha gostado de ter o meu próprio espaço, a ideia de passar algumas semanas com o meu irmão mais velho e de ter alguém que cuide de mim parece ser exatamente aquilo de que preciso. Sim, o médico está aqui, mas posso procurar outro. Preciso é do meu irmão. E possivelmente de uma

massagem nos pés.

– Na verdade – digo eu –, parece-me ótimo.

8

Vou visitar o Dennis hoje e não demoro muito a fazer as malas. Afinal, as minhas roupas de maternidade cabem todas num pequeno saco de viagem. Esperava conseguir comprar mais, e também roupa para a *Pequena Atum*, mas agora jamais conseguirei pagar isso.

Cruzo-me com a senhora Walden enquanto saio com o saco de viagem do apartamento. Lança-me o seu habitual olhar crítico.

– Ouvi gritos vindos do teu apartamento ontem – declara.

Fantástico. Ouviu a discussão com o Simon e o Jackson. Espero que não tenha percebido o que estávamos a dizer.

– Sabes – diz ela –, quando recebes a visita de um cavalheiro, o mais educado é tentares manter um tom de voz baixo.

– Desculpe – murmuro.

Pensava que não ia ter de continuar a viver ao lado desta mulher horrível. Agora, tudo mudou. Na verdade, terei sorte se puder continuar a viver ao lado dela. Pode fazer com que eu seja expulsa por causa da bebé.

Oxalá tivesse saído logo pela manhã, mas não me podia dar ao luxo de não fazer um último turno no supermercado – afinal, será o último até ter recuperado do parto e conseguir voltar ao trabalho. Agora, o sol já se aproxima do horizonte e o telemóvel diz que se porá daqui a menos de uma hora. Começaram a cair alguns flocos de neve e há uma tempestade no horizonte, mas tenho quase a certeza de que vou chegar antes dela.

O meu *Ford Fusion* cinzento tem mais de trezentos e vinte mil quilómetros em cima e teve pelo menos meia dúzia de proprietários antes de o ter comprado no *stand* de automóveis usados. Só tem tração dianteira mas estou habituada a conduzir na neve, pelo que há de correr tudo bem mesmo que a tempestade se agrave. Seja como for, tenho de sair daqui durante este fim de semana. Talvez decida ficar com o Dennis até a bebé chegar.

Entro para o lugar do condutor e atiro a mala e o saco de viagem para o banco

do passageiro. Cada vez que vou conduzir, tenho de ajustar o banco e o volante para acomodar a barriga, como se estivesse ficar maior a cada minuto que passa. Receio deixar de caber de todo no carro dentro do próximo mês e meio.

Ponho a morada do Dennis na aplicação do GPS e faço-me à estrada. Ainda só caem uns flocos de neve, mas parece estar a aproximar-se um nevão a sério. Contudo, agora já não há nada que possa fazer em relação a isso.

Quando vou a entrar na autoestrada, o telemóvel começa a tocar. Olho para o nome no ecrã – é o Dennis.

– Olá, Tegan – diz ele. – A que horas contas chegar?

– Estou mesmo a entrar na autoestrada. Eu… fiz um turno a mais hoje.

– A entrar na autoestrada? – Não parece muito satisfeito. – Bem, então não faças paragens. Já começou a nevar e tens de ser mais rápida do que a tempestade.

– Não te preocupes. Daqui a pouco estou aí.

– Tens tudo? Trazes a minha garrafa de bolso? – pergunta-me.

– Está na mala.

Quando o Dennis fez vinte e um anos, os amigos ofereceram-lhe uma garrafa de titânio, de que se esqueceu da última vez que me veio visitar. Quando a abanei ouvi o líquido lá dentro, mas, ultimamente, o cheiro a qualquer tipo de álcool deixa-me tão enjoada que não me consegui obrigar a esvaziá-la. Espero que não se entorne na mala.

– Olha, Tegan – graceja ele –, é bom que não a bebas toda.

Consigo esboçar um ligeiro sorriso, que ele não vê porque estamos ao telefone. O silêncio paira entre nós.

– Teggie, tens de me contar o que aconteceu ontem – diz por fim, quebrando-o.

– É… é uma longa história. Conto-te quando aí chegar.

– Seja o que for, aposto que ainda o consegues resolver. De certeza que não é demasiado tarde para assinares o contrato.

– Não – digo eu, com firmeza. – Nem pensar.

– Mas…

– *Nem pensar.*

Quase o consigo ouvir franzir o sobrolho do outro lado da linha.

– A sério… o que aconteceu?

Suspiro.

– Falamos quando eu chegar, está bem? Prometo.

– Estás a assustar-me, Teggie.

– Não tenhas medo. Adoro-te e daqui a umas horas estou aí.

O Dennis não me pressiona mais. Ainda bem, porque já é difícil que chegue conduzir um carro às trinta e cinco semanas de gravidez, mais ainda enquanto se confessa que essa gravidez resultou de uma violação. Não vai ser uma conversa fácil.

Ainda assim, recuso-me a guardar o que aconteceu para mim. Tenho de contar ao Dennis. Porque vou precisar do seu apoio quando for à polícia.

Ligo o rádio numa estação de música *pop* e, a cada quilómetro que passa, sinto-me melhor em relação à viagem. A neve está a cair mais depressa, mas parece continuar a não aderir ao chão. E, devido à tempestade, está muito menos trânsito do que o habitual a esta hora. A este ritmo, talvez consiga fazer a viagem de duas horas em apenas noventa minutos.

Olho para o relógio e dou-me conta de que estou na autoestrada há quase uma hora. O GPS manda-me sair para uma via mais pequena que parece um atalho para outra autoestrada. Oiço o estômago a roncar baixinho e pergunto-me se devia parar para comer. Graças à pressão exercida pelo útero, o meu estômago não tem mais do que o tamanho de uma ervilha, obrigando-me a fazer cerca de uma dúzia de pequenas refeições por dia. Porque é que não trouxe algumas barras energéticas do supermercado para a viagem? Estou esfomeada.

Mas não. Não me posso dar ao luxo de sair da estrada agora. Se o fizer, não terei qualquer hipótese de chegar a casa do meu irmão antes de a tempestade cair. Estou quase lá.

Quando saio da autoestrada, apercebo-me de que oficialmente já não tenho qualquer hipótese de me adiantar à tempestade. A neve cai agora em força e os limpa-pára-brisas trabalham a toda a velocidade para manter o vidro limpo. Começo a desejar não ter decidido fazer aquele último turno e ter começado mais cedo a viagem, logo de manhã, como tencionava. Uma coisa era arriscar a minha segurança quando era só eu, mas foi imprudente arriscar também a segurança da minha filha. Tenho de começar a pensar nas coisas de outra forma, agora que estou prestes a ser mãe.

A estrada está cheia de neve e gelo e tenho de pôr os limpa-pára-
-brisas no máximo para manter o vidro limpo. Tenho de voltar para a autoestrada. Olho para o GPS do telemóvel, montado no painel de instrumentos, mas parece ter empancado. Uma mensagem ao canto do ecrã diz «ligação perdida».

Raios.

Bem, tenho uma vaga noção de como voltar para a autoestrada. Quando conseguir, vou procurar a área de serviço mais próxima para parar. Semicerro os olhos, tentando ver através do pára-brisas mas, em vez de ver sinais para a autoestrada, só vejo árvores. Será que me desviei da estrada principal para uma zona florestal? Enquanto me oriento o melhor que posso, o toque do telemóvel começa a ecoar pelo carro. Estou sem *internet*, mas ao menos a rede ainda parece estar a funcionar. Olho para o ecrã e vejo um nome inesperado: *Jackson Bruckner.*

9

A *receber chamada*, Jackson Bruckner.

Devia concentrar-me só na estrada, mas, depois da conversa de ontem, é difícil não me distrair com a chamada do Jackson. Não sei o que poderá querer. Deixou a sua opinião muito clara: não acredita em mim.

Apesar de saber que não devia, atendo a chamada.

– Estou – grito para o sistema de altifalante.

– Tegan? – A voz familiar do Jackson enche o carro. – Onde estás?

– O que é que te interessa? – pergunto amargamente. Ainda não consigo acreditar na forma como me falou ontem. *O que quer que aches que aconteceu, tens de o pôr para trás das costas e assinar o maldito contrato, para teu próprio bem.* Pensava que o Jackson, de todas as pessoas, acreditaria em mim e me apoiaria. Pensava que era um homem decente.

Sinto-me tão estúpida.

– Precisamos de falar. Estás em casa?

– Não.

– Então, onde estás?

– Na verdade, não tens nada a ver com isso, Jackson.

– Tegan. – Ouve-se interferência do outro lado da linha. Questiono-me de onde poderá estar a ligar. – Preciso de…

Mas, antes que possa continuar, ouve-se mais interferência na linha e a frase seguinte é inaudível.

– Não te consigo ouvir – digo eu. – O que disseste?

– Tegan – responde. – O Simon está…

Mais interferência. Tento ver através do pára-brisas, que está agora coberto de neve branca ofuscante.

– O que disseste?

– O Simon disse… à polícia e…

Sinto o coração a acelerar. O que estará ele a tentar dizer-me? Porque haveria o

Simon de ir à polícia? O que se passa? Tenho de encontrar um lugar com rede decente.

Mas... onde raios estou eu?

Carrego no travão para encostar e me orientar, mas o pedal não responde. Carrego com mais força, mas não há qualquer tração na estrada e este carro só tem tração dianteira. Sou bastante boa a conduzir na neve, mas começo a aperceber-me de que estou no meio de uma tempestade de neve e ainda tenho uma barriga que quase me impede de chegar ao volante. Travo freneticamente, mas não serve de nada.

Estou a ir mesmo em direção a uma árvore. Depressa.

Viro o volante numa tentativa de a evitar, mas a estrada está demasiado escorregadia. Nada do que tento fazer altera a trajetória inevitável em direção à árvore. Num último esforço, apoio todo o peso do meu pé direito no travão. Sinto a dor elétrica habitual a disparar pela perna, mas nada acontece. Não estou a parar. Nem sequer estou a abrandar.

Então, passado um segundo, o capô do carro bate contra a árvore e amolga-se como se fosse uma lata.

10

Por um segundo, o tempo pára.

Tudo fica paralisado. O momento em que o pára-choques dianteiro embate na árvore parece durar uma eternidade e o capô do carro amolga-se em câmara lenta. Por uma fração de segundo, consigo ver através do pára-brisas cada um dos flocos de neve que pairam no ar gélido lá fora. O *airbag* insufla-se graciosamente, como um balão.

Então o tempo torna a passar normalmente e apercebo-me de que estou completamente lixada.

Na verdade, o *airbag* não se insuflou nada graciosamente. Disparou violentamente num milissegundo e atingiu-me no rosto. Acho que tenho o nariz a sangrar. Como a dianteira do carro ficou esmagada – já não era exatamente um carro grande – o painel de instrumentos está a prender-me as coxas contra o banco.

O acidente em si foi ensurdecedor, mas agora está tudo estranhamente calmo. O motor está silencioso. A chamada caiu e não há sinal da estação de música *pop* que tocava no fundo mesmo antes de a atender. Começa a subir fumo do capô, ainda que seja difícil de ver, com a quantidade de neve que se começa a acumular no pára-brisas. Os limpa-pára-brisas pararam a meio do movimento.

Paro um instante para fazer o ponto de situação. Olho para o espelho retrovisor, tentando ver o meu rosto no reflexo. Vejo a testa, com um grande galo a crescer por cima do olho direito. Devo ter batido com a cabeça antes de o *airbag* disparar ou então foi o *airbag* que me fez isto. Seja como for, levei uma bela pancada na cabeça.

Como te chamas?

Chamo-me Tegan Werner. Estou grávida de trinta e cinco semanas. Tenho vinte e três anos. O meu aniversário é no dia 20 de novembro.

Bem, ainda sei quem sou. Pelo menos, não devo ter nenhuma lesão grave na cabeça.

De seguida, verifico os braços. Cerro os dedos e torno a abri-los. Ainda os consigo mexer. Os braços estão bem.

Agora, a parte que realmente me assusta – as pernas.

O painel de instrumentos colapsou ligeiramente e tenho as pernas presas debaixo dele. Tento mexê-las para me libertar e…

Não.

A perna direita mexe-se bem, mas, quando tento mexer a esquerda, que está mais perto da porta do lado do condutor, sinto uma pontada incandescente de dor aguda disparar desde o tornozelo até à medula. A dor elétrica na perna direita de que tanto me queixava não parece mais do que um corte de papel em comparação com esta. Esta é *agonizante*.

Tudo isto é muito, muito mau. Tenho o tornozelo esquerdo ferido, talvez até partido. Além disso, tanto quanto consigo perceber, não há mais ninguém nesta estrada. Talvez nem sequer a quilómetros de distância. Mesmo que fosse possível ir a pé pedir ajuda no meio do nevão, não sou capaz. Não o consigo fazer com o tornozelo lesionado e a gravidez avançada.

Há vários anos, o meu irmão teve um acidente tal qual este – também numa estrada gelada. Partiu a perna em vários sítios, pelo que não conseguia sair do carro; quando fui ter com ele ao hospital, contou-me que tinha demorado uma hora até alguém o encontrar. *Foi a hora mais assustadora da minha vida, Teggie.*

Demorou uma hora até alguém o encontrar. E nem sequer foi durante uma tempestade. É muito menos provável que alguém me veja agora, com a neve a cair cada vez mais ferozmente lá fora. Posso ficar aqui presa a noite inteira.

Ocorre-me outro pensamento horrível. Desde o momento em que o carro colidiu com a árvore, não sinto nada dentro da barriga. Até agora, a *Pequena Atum* era ativa ao ponto de me manter acordada durante a noite, sempre a dar-me pontapés nas costelas. Mas agora não se mexe de todo.

Levo uma mão à protuberância no abdómen.

– *Atum*? – sussurro. – Estás bem?

Não sinto nenhum pontapé em resposta.

Oh, não. Não, não, não… Consigo lidar com um tornozelo partido. Mas, se tiver acontecido alguma coisa à minha bebé…

Então sinto-o, um movimento suave contra a pele esticada da barriga. Oiço a vozinha de bebé da *Pequena Atum* ao ouvido. *Estou aqui, mamã. Estou bem! Mas foi assustador, não foi?*

Correm-me lágrimas pelo rosto. A *Atum* está bem. Não a perdi neste acidente

terrível.

Pego no telemóvel, que ainda está preso ao painel de instrumentos. É difícil fazer grande coisa com as pernas presas e a dor aumenta a cada segundo que passa. Mas consigo pegar-lhe sem o deixar cair. Ligo para o 112.

A ligação falhou.

– Porra! – Apetece-me atirar com o telemóvel, mas isso não me ajudaria em nada, sobretudo porque não me consigo mexer nem um milímetro neste momento. Volto a marcar os três dígitos, mas é impossível fazer a chamada.

Certo. A situação é má, mas podia ser pior. O Dennis está à minha espera e, quando eu não aparecer, tentará contactar-me. Se me tentar ligar várias vezes e eu não atender, pedirá ajuda. Depois do que lhe aconteceu, de certeza que pensará logo que possa ter havido um acidente e agirá depressa.

Claro que pode não ser assim tão fácil encontrar-me. Tenho a certeza de que saí da estrada principal e as marcas dos meus pneus estão a ser rapidamente cobertas pela neve, que se acumula cada vez mais depressa. Na melhor das hipóteses, só daqui a várias horas é que me poderão encontrar.

Estava tão concentrada na dor na perna esquerda que não me apercebi de outra sensação. O frio. Está *muito* frio no carro. Antes do acidente, tinha o aquecimento ligado. Mas agora o motor está desligado. Nem me atrevo a tentar voltar a ligá-lo, porque, se se incendiar, vou desta para melhor.

Será possível morrer-se congelado dentro do carro? Tendo em conta o frio que está neste momento, talvez seja.

Faço os possíveis por apertar o casaco à volta da barriga. Arrependo-me tremendamente de não me ter dado ao trabalho de arranjar um casaco que apertasse completamente. Tenho um gorro e um cachecol, mas não me servem de nada neste momento, porque estão guardados na bagageira do carro. Tanto fazia se estivessem do outro lado do mundo.

Oh, meu Deus, vou morrer congelada.

Volto a pegar no telemóvel. Quase não sinto a ponta dos dedos, que tremem violentamente de frio e adrenalina, e mal consigo marcar os três dígitos do 112. Rezo para que consiga fazer a chamada.

A ligação falhou.

A neve cai cada vez mais ferozmente. Quanto tempo demorará até o carro ficar completamente soterrado? Duvido muito que alguém me consiga encontrar antes de amanhã, mesmo se o Dennis ligasse agora para a polícia. Se esperar muito mais, não conseguirei sair de todo do carro.

Não tenho outra escolha. Tenho de tentar procurar ajuda. Se conseguir ir a pé até à estrada principal, posso tentar pedir ajuda a algum carro que passe para me levar ao hospital. Neste momento, talvez seja a minha única esperança.

Sou capaz. Sou uma sobrevivente. Aguentei trinta e cinco semanas de gravidez sem ajuda de ninguém. Recusei uma fortuna para mim e para a minha filha porque era a decisão certa. Sou capaz de fazer isto.

Pela *Atum*.

Mexo-me no banco, tentando soltar as pernas. Tenho um pouco de folga na perna esquerda que talvez seja suficiente para me conseguir libertar. Mudo de posição e tento mexer a perna esquerda…

Oh, meu *Deus*.

A dor no tornozelo corta-me a respiração – *só pode* estar partido. É tão insuportável que me traz as lágrimas aos olhos. É a pior coisa que alguma vez senti – pior do que qualquer das contrações que tive. É então que me apercebo da realidade: Não consigo sair do carro.

Não consigo andar.

Não tenho comida nem água.

A temperatura desce cada vez mais, à medida que o carro vai ficando soterrado debaixo de um monte de neve.

Vou morrer aqui.

Não quero morrer. Quando for velha e estiver grisalha, sim, mas aqui não – nem agora. Ainda me resta tanto por que viver, incluindo a minha filha. Quero vê-la. Quero tê-la no meu colo. Não posso ir agora. Ainda não está na hora. Por favor, *não*.

Sinto um aperto no peito. Desde o início do terceiro trimestre que comecei a ter dificuldade a respirar, mas isto é muito pior. Isso não era nada de mais; neste momento, quase não consigo inspirar. Pode ser um ataque de pânico, mas também pode ser um pulmão perfurado devido ao acidente. Ou pior.

Fecho os olhos e tento acalmar-me. Em vez disso, só vejo o rosto do Simon. Os seus olhos cinzentos a olhar para os meus enquanto sobe para cima de mim. *Não, não. Por favor, pára, Simon.*

Vou morrer aqui e a minha última memória vai ser a imagem daquele homem.

Até que o vejo.

Um clarão de luz. Paira à frente dos meus olhos. Passa-me pela cabeça que talvez tenha mesmo um pulmão perfurado e esteja à beira da morte. Talvez seja

esta a luz que dizem que se tem de seguir.

Não. Não é. É um farol.

Oh, meu Deus, é outro carro! Estou salva! Começo a soluçar de alívio.

Invoco todas as minhas forças para bater com a palma da mão na buzina do carro e o som atravessa o da tempestade furiosa. Não vou deixar este carro passar, de maneira nenhuma. Volto a buzinar e a luz dos faróis fica mais forte. O carro está a aproximar-se. Está a ver-me.

Vejo pelo espelho retrovisor que é uma carrinha verde de caixa aberta. Ainda melhor, pois não me parece que vá ficar presa na neve, como o meu *Ford*. A carrinha pára mesmo atrás do carro.

Achava que o condutor ia desligar o motor, mas, em vez disso, liga os máximos. Uma luz intensa inunda o carro e sinto uma súbita inquietude no estômago. Mal consigo ver a carrinha devido à intensidade da luz, mas consigo ver uma sombra a sair do veículo.

É um homem. Um homem extremamente grande. E vem na minha direção, com um objeto apertado na mão direita.

11

Este homem é aterrador.

À medida que se aproxima do meu carro, as suas feições ficam mais nítidas. Tem mais de um metro e oitenta e, mesmo com o casaco a esconder-lhe o corpo, dá para ver que é forte. Tem um gorro preto enfiado na cabeça e o rosto quase completamente escondido pela barba cerrada. Se visse alguém com o seu aspeto a pedir boleia na berma da estrada, nunca o apanharia, *jamais*. Parece do tipo que mata pessoas e esconde os corpos no mato.

E está a vir direitinho a mim.

Bate na janela com os nós dos dedos, com os olhos negros a espreitar para dentro do carro. O meu coração bate com tanta força que parece que vou desmaiar. Sinto os pontapés da *Atum* com força nas costelas.

Mamã, tem cuidado! Não confio nesse homem!

Olho pela janela e o homem ergue o objeto na mão direita para mo mostrar. Vejo que é uma pá. Sem mais explicações, começa a limpar a neve que parece estar a impedir que a porta se abra.

Antes, sempre que tinha de desenterrar o carro depois de uma grande tempestade, demorava uma eternidade. Mas este homem limpa a lateral do carro em menos de um minuto. Pousa a pá e volta a bater na janela. Demoro um segundo a perceber o que me está a pedir.

Quer que eu destranque a porta.

Tem cuidado, mamã!

Não quero destrancar a porta. Estou completamente indefesa neste momento e, embora precise de ser salva, não quero ser salva por este homem. Mas, ao mesmo tempo, o que hei de fazer? Ficar no carro e morrer congelada?

Assim, pressiono o botão para destrancar a porta.

Ele abre-a. Assim que o faz, a temperatura no interior do carro desce pelo menos dez graus por causa do vento. Caem-me flocos de neve no rosto e no cabelo.

– Está bem? – pergunta-me. Tem uma voz grave, quase um rosnido.

Engulo em seco.

– Não. Não consigo sair. E… – Respiro fundo, sabendo que a próxima confissão revelará quão indefesa estou. – Acho que tenho o tornozelo partido.

O olhar do homem passa pelo interior do carro, avaliando a situação. Ao ver a minha barriga através do casaco aberto, arregala ligeiramente os olhos, mas não faz comentários. Estende a mão e prime um botão que faz o banco deslizar para trás. A pressão nas minhas pernas diminui.

Agora que estou livre, tento mover a perna esquerda novamente para sair do carro. Tal como antes, a dor é avassaladora. Os meus olhos começam a lacrimejar.

– Não consigo mexer a perna.

O homem parece estar a franzir o sobrolho, ainda que seja difícil ler as suas expressões faciais com aquela barba enorme que lhe cobre o rosto.

– Vou levá-la para a minha carrinha – diz roucamente.

Quero protestar, mas não há outra opção. Não consigo andar. Mal me consigo mexer. Se ele não me levar, não vou sair daqui.

– Como se chama? – pergunta ele.

Pondero dar-lhe um nome falso, mas para quê? Se decidir que me quer fazer mal, não interessa se sabe o meu nome ou não.

– Tegan.

– Hank – resmoneia, como se a tradição humana de dar nomes às pessoas e aos animais o irritasse um pouco.

Tendo em conta a tempestade de neve furiosa à nossa volta, o Hank está estranhamente calmo. Quando passa um dos seus braços carnudos por baixo das minhas pernas, quase grito de dor. Então, ele pára. Espera que a vaga de dor passe antes de voltar a tentar levantar-me. Finalmente, levanta uma sobrancelha enquanto olha para mim e eu aceno com a cabeça, dando-lhe autorização para continuar.

O bom de ser resgatada por um homem tão assustadoramente grande é que não tem quaisquer problemas a pegar-me, juntamente com os vinte litros de fluido retidos pelo meu corpo e a *Pequena Atum*. Nem sequer suspira do esforço. Sinto-me totalmente segura nos seus braços, como se fosse impossível deixar-me cair. Carrega-me através de um monte de neve que parece ter mais de um metro de altura e abre a porta do lado do passageiro da carrinha.

– Posso deitar-me no banco de trás? – pergunto.

– Não – responde, sem mais explicações.

Ajuda-me a entrar para o banco do passageiro e, por mais horrível que seja a dor no tornozelo, a pior parte é saber que ainda vou ter de sair da carrinha quando chegarmos ao hospital. Mas não posso pensar nisso. Já não vou morrer soterrada no carro durante uma tempestade de neve – consigo aguentar alguma dor.

– Pode ir buscar a minha mala? – peço ao Hank. – Está no banco da frente do carro.

Ele olha para o carro, que parece que levou com uma avalanche em cima. Não é de admirar que tenha levado uma pá para me tirar de lá.

– Sim, está bem.

– E o meu saco de viagem? – acrescento.

Tem todo o direito de me mandar para o diabo, de me dizer que não se vai arrastar outra vez até ao carro para ir buscar as minhas tralhas, mas limita-se a assentir.

A carrinha está ditosamente quente e recupero parte da sensação nos dedos. Os dedos dos pés começam a formigar e depois a arder, mas essa sensação é maioritariamente suplantada pelo latejar do tornozelo esquerdo. Vejo o Hank trazer o saco e a mala para a carrinha e largá-los bruscamente no banco de trás antes de entrar para o lugar do condutor, ao meu lado.

Dentro do veículo, o Hank tira as luvas impermeáveis e o gorro, que está molhado da neve. Tem o cabelo curto e muito menos desgrenhado do que a barba. Também é ligeiramente mais novo do que eu pensava – deve estar nos finais dos trinta. O seu rosto não tem qualquer expressão, o que me deixa muito nervosa.

– Apertou o cinto? – pergunta-me.

– Ahã.

Sem mais comentários, põe o carro em marcha. Avança lenta e cuidadosamente pela neve que se acumula na estrada. Pergunto-me a que distância estamos do hospital. Agora que o frio já não me distrai, a dor na perna está a ficar cada vez mais forte.

– Para que hospital me vai levar? – pergunto.

Ele não me responde. Apercebo-me agora de que as árvores que nos rodeiam se estão a tornar mais densas conforme avançamos. Não parece que estejamos a voltar à estrada principal. Parece que nos estamos a embrenhar mais ainda na floresta.

– Para que hospital me vai levar? – volto a perguntar, com mais insistência desta vez. Tento não deixar que a preocupação se infiltre na minha voz.

– Vou levá-la para minha casa.

Cai-me o coração aos pés.

– Desculpe?

– É já ao cimo da estrada. Já falta pouco.

– Mas… – Semicerro os olhos, tentando ver através do pára-brisas o troço cada vez mais escuro e desolado de estrada que estamos a atravessar. Já mal é uma estrada. – Estou ferida. E… estou grávida. Preciso de ir ao hospital.

Desta vez, não me responde. Continua apenas a entrar cada vez mais profundamente na floresta, a caminho de um local onde nunca ninguém me encontrará.

Sinto o pânico a crescer-me no peito. Nunca devia ter aberto a porta a este homem. Vai levar-me para a sua cabana deserta no meio de nenhures e a área circundante está agora soterrada debaixo de sessenta centímetros de neve. Com o tornozelo ferido e a barriga enorme, será praticamente impossível fugir. Serei sua prisioneira durante o tempo que ele quiser. Pensava que o que o Simon me fez era mau, mas o que está prestes a acontecer será muito pior.

Este homem vai matar-me.

Mas não antes de fazer o que quiser comigo.

12

Tenho de fugir deste homem.

A minha vida e a vida da minha filha dependem disso. Mas, como estou na sua carrinha, no meio de uma tempestade de neve e possivelmente com o tornozelo partido… Bem, estou completamente à sua mercê. Só me resta tentar implorar.

– Por favor, leve-me para o hospital. – A minha voz roça a histeria enquanto as lágrimas me inundam os olhos. – Eu… posso dar-lhe dinheiro…

Não tenho dinheiro. Bem, tenho alguns dólares, mas não acho que cheguem para o aliciar. Estou desesperada.

– Tente manter a calma. – Os olhos do Hank estão fixos na estrada, a sua expressão imperscrutável sob aquela barba enorme. – Já estamos quase a chegar.

– Por favor! – As lágrimas escorrem-me pelo rosto enquanto me agarro à barriga. – Dou-lhe tudo o que quiser. Juro. Tenho de ir para o hospital… – Olho para a minha mala, no banco de trás. Tenho a lata de gás-pimenta lá dentro, mas não serve de nada enquanto estiver no banco da frente. Aposto que ele sabia quando a atirou lá para trás. – Por favor. *Por favor*, não me faça mal.

Não me responde. Continua a conduzir e o seu rosto continua inquietantemente sem qualquer expressão.

Mudo de posição no banco, o que desencadeia outra vaga de dor no tornozelo, obrigando-me a respirar para a acalmar. Olho para o perfil do Hank, perguntando-me se tenho alguma hipótese de me defender dele. Se houvesse um momento certo para o fazer, seria este, enquanto está distraído com a estrada. Mas, se o atacar agora, teremos outro acidente e ficarei tão mal como antes de ele me tirar do meu carro.

Não, é inútil. Agarro-me à barriga, com a respiração cada vez mais acelerada. Este homem vai fazer-me mal, o que já é mau que chegue, mas e a minha filha? Só me tem a mim para a proteger e eu fiz asneira da grossa.

Só me apercebo de que estou a hiperventilar quando começo a sentir o

formigueiro nas pontas dos dedos. Oh, meu Deus, como é que vou conseguir fugir a este homem? Já ouvi *podcasts* sobre crimes reais que cheguem para saber no que isto vai dar. Em breve, estaremos na sua masmorra e então estarei verdadeiramente perdida.

A carrinha derrapa na neve escorregadia ao parar, apesar de eu não ver nada que se assemelhe a um abrigo. Porque parámos? Onde é o covil secreto que servirá de câmara de tortura? Onde quer que seja, está claramente bem escondido. Ninguém me encontrará lá.

Oh, meu Deus. Oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus, oh, meu Deus…

O Hank põe a carrinha em ponto morto. Lentamente, vira a cabeça para olhar para mim. Nas sombras do veículo, com a barba a cobrir-lhe metade do rosto, é absolutamente aterrador. Podia estrangular-me agora mesmo, largar o meu corpo na neve e ninguém saberia.

– Tegan – diz, com um tom de voz calmo. – O hospital mais próximo fica a dezasseis quilómetros. Se a tentar levar lá, a carrinha vai ficar presa e então ficaremos ambos em grandes apuros.

Olho para ele.

– Vou levá-la para minha casa – continua – e vamos ver se conseguimos usar o telefone fixo para chamar uma ambulância. – Fixa os olhos em mim. – Não lhe vou fazer mal.

Não sei se está a dizer a verdade ou se quer apenas incutir-me uma falsa sensação de conforto. Não posso exatamente confiar na palavra deste gigante que conheci na floresta. Mas tenho de alinhar – não tenho escolha.

– Está bem.

– Agora, posso concentrar-me em conduzir em segurança?

– Sim.

Sem mais discussão, o Hank volta a pôr a carrinha em andamento. Tem alguma razão: a estrada está de tal modo coberta de neve que até a sua grande carrinha de caixa aberta tem dificuldades em percorrê-la. É mesmo preciso um limpa-neves. Com sorte, talvez consigam enviar um com a ambulância.

Passados poucos minutos, avisto uma casa. Estava à espera de uma barraca minúscula só de um andar que mal chega para uma divisão, mas isto é uma casa a sério, com dois andares e uma chaminé a soprar fumo para o céu manchado de neve. Claramente, não é uma caverna onde ele me vai violar e deixar a morrer. Posto isto, não é uma *boa* casa. Parece velha, a madeira do lado de fora está

lascada e a precisar de uma pintura nova. Esta cabana parece já ter visto melhores dias, ainda que seja difícil dizer em que condição está com a quantidade de neve que a cobre quase completamente.

O Hank estaciona a carrinha mesmo em frente à porta e desliga o motor.

– Não sei se ainda temos luz, mas a minha mulher tem a lareira acesa, por isso está quente lá dentro.

Sinto uma súbita vaga de alívio.

– *Mulher*? É casado?

Pela primeira vez desde que o conheci, um pequeno sorriso esboça-se nos cantos da sua boca.

– Sou, sim. Antes, a Polly era enfermeira, por isso conseguirá ajudá-la a sentir-se confortável até a ambulância chegar. Agora, espere aqui só um minuto, vou contar-lhe o que se passa.

Desce da carrinha, sobe os cinco degraus da entrada até ao alpendre e põe a chave na porta. Espero um pouco enquanto ele desaparece para dentro de casa. Pergunto-me o que estará a dizer à mulher. Pergunto-me que tipo de mulher poderá ser casada com um homem assim e o que achará de ele trazer para casa uma desconhecida grávida que talvez tenha o tornozelo partido.

Passado um minuto, o Hank volta a sair de casa, mas desta vez com uma mulher ao lado. A sua mulher – a *Polly*. Traz vestido um casaco de lã verde-ervilha e um gorro branco com um pompom em cima. Anda pela neve com botas até ao joelho, e, quando se aproxima da janela da carrinha, vejo uma trança a balançar-lhe nas costas, os seus olhos verdes e as sardas que lhe polvilham a ponte do nariz. Tem o rosto muito pálido, o que presumo que seja por causa do frio.

Talvez vá correr tudo bem. Afinal, não vou ficar aqui muito tempo.

13

O Hank carrega-me até ao sofá da pequena sala de estar e pousa-me o mais cuidadosamente possível. Tenho de admitir; está a esforçar-se por ser delicado, ainda que a dor não deixe de ser horrível. É tão má que começo a sentir o suor na testa, apesar de a sala estar bastante fria.

A Polly agacha-se ao meu lado enquanto me retorço para me pôr confortável.

– Tegan, certo?

Engulo em seco.

– Sim.

– Sou a Polly. – Aponta com o braço para a sala, iluminada apenas pela lareira e pela luz trémula das velas. – Como vê, estamos sem luz.

Afasto uma madeixa de cabelo molhado do rosto.

– E o telefone?

– Lamento. – Abana a cabeça. – Também não está a funcionar.

Solto um gemido.

– Oh, meu Deus, o que é que hei de fazer? Preciso de ir para o hospital.

– A eletricidade e o telefone devem voltar a funcionar amanhã de manhã – diz a Polly. – As estradas também ficarão desimpedidas.

Sinto as lágrimas a formarem-se nos cantos dos meus olhos.

– Acho que tenho o tornozelo esquerdo partido. Tenho de ir ao hospital. *Por favor.*

– Não vamos a lado nenhum com esta tempestade – diz o Hank, com a sua voz rouca.

É claro que tem razão, mas a sua afirmação faz-me desatar a chorar. A expressão do Hank fica mais séria – está irritado com a minha reação, mas não a consigo evitar. A Polly fita-o, de lábios franzidos. Parece querer dizer-lhe algo, mas muda de ideias.

– Tegan, querida – diz antes, pousando a mão quente na minha gelada. – Sou enfermeira e vou assegurar-me de que fica bem durante esta noite. Depois, de

manhã, levamo-la logo para o hospital.

O seu tom é calmo e apaziguador. Imediatamente, as minhas lágrimas começam a parar, como se se tivesse fechado a torneira. Deve ser uma enfermeira incrível.

– Hank – diz–, vamos buscar cobertores para a Tegan.

O gigantesco homem das neves olha para mim e observa-me a mexer-me no sofá antes de falar.

– Devíamos levá-la para a cave.

Sinto todos os alarmes a dispararem na minha cabeça.

– Para a *cave*?

Talvez seja imaginação minha, mas parece-me ver uma expressão de medo atravessar-se no rosto de Polly, que desaparece rapidamente.

– Na verdade, nós… hã… convertemos a cave num quarto de hospital quando a minha mãe estava doente. Temos lá uma ótima cama de hospital, uma casa de banho e tudo o que pode precisar.

– Preferia ficar aqui – respondo debilmente.

O Hank solta um resmungo irritado. Olha para a Polly, que me sorri de forma pouco natural.

– O sofá não é muito confortável – diz ela. – Não conseguirá dormir aqui.

Ainda que até possa ser verdade, a ideia de ser levada para uma cave nesta cabana já remota faz-me sentir doente.

– Eu fico bem.

– Tegan, querida – insiste ela, com um tom de voz apaziguador. – Sei o que está a pensar. Mas garanto-lhe que, por volta da meia-noite, vai *odiar* este sofá. Tem altos e molas espetadas. Não vai conseguir ficar confortável, sobretudo com essa grande barriga. Na cave, temos uma cama de hospital cara que a seguradora pagou, e é lá que vai conseguir passar melhor a noite. Confie em mim. Logo de manhã, chamaremos uma ambulância para a levar para o hospital.

Mordo o lábio inferior já gretado. Só estou neste sofá há um minuto, mas já tenho uma mola a beliscar-me o fundo das costas. Sinto uma dor elétrica a disparar pela perna direita. Odeio admiti-lo, mas a Polly tem razão.

– Está bem, pronto – acedo.

O Hank tem de me carregar, porque andar tornou-se impossível. Resmunga algo baixinho antes de se voltar a aproximar de mim. Agora que não tem o casaco vestido, consigo ver quão grande e forte é. Quando me levanta sem dificuldade do sofá, consigo cheirar nele a neve molhada e algo mais. Óleo de

motor, acho eu.

Carrega-me pelo longo e íngreme lanço de escadas até à cave. Estou completamente indefesa nos seus braços, e, apesar de ter concordado, sinto-me mais condenada e perdida a cada degrau que descemos. Mesmo com um tornozelo partido e a tempestade lá fora, quando estava no andar de cima sentia que podia partir quando quisesse. Porém, agora que estou na cave, é muito mais difícil fugir – se não mesmo impossível.

Mas não me posso preocupar. A Polly garantiu-me que ligariam para o 112 de manhã. Vai correr tudo bem.

A Polly segue-nos até à cave com uma lanterna que me permite ver a divisão. Conforme prometido, há uma cama de hospital, um pouco reclinada, fazendo um ângulo de trinta graus. Junto à cama, está uma cadeira com um balde, que parece ter sido usado como sanita. Aponta a lanterna de forma a iluminar uma estante cheia de revistas e livros de capa mole – quem quer que tenha sido o último ocupante deste quarto devia gostar de ler. O cheiro a desinfetante alcoólico impregna o ar.

Apesar do conteúdo inócuo do quarto, há algo de perturbador nesta cave. Está tão silenciosa e parada. E *escura* – sem a lanterna da Polly, a escuridão seria total. Além do cheiro a químicos, há outro odor que persiste no quarto. Ao início, é difícil de identificar, mas acabo por reconhecê-lo. É o cheiro doentio a decomposição.

Como se tivesse morrido alguém aqui em baixo.

O Hank pousa-me suavemente na cama de hospital. Está muito mais frio aqui em baixo do que no andar de cima e sinto um arrepio que me chega aos ossos. Mesmo assim, não deixa de ser mais confortável do que o sofá.

– Está bem? – pergunta a Polly.

– Está muito frio. – Tenho os dentes a bater. – Não têm lareira aqui em baixo, pois não?

– Não, lamento. – Abana a cabeça. – Mas temos montes de cobertores.

Dirige-se ao armário no canto do quarto, tira dois cobertores pesados – um de penas e outro de lã – e manda o Hank ir buscar mais ao piso de cima.

– Posso tirar-lhe as botas? – pergunta.

Hesito.

– Sim. Mas com cuidado, por favor.

Descalça-me a bota direita sem grande dificuldade. Mas, assim que me tenta tirar a esquerda, a dor é mais forte do que qualquer outra que já alguma vez

tenha sentido. Solto um grito ensurdecedor que ecoa pelas paredes vazias.

– Oh, meu Deus – arquejo. – Isso *dói*.

– Temos de a tirar.

– Não. – Abano a cabeça com tanta força que a cama treme. – Deixe-a ficar.

A Polly aponta a lanterna à minha bota esquerda, de lábios apertados. Sinto-me doente só de pensar em voltar a tentar tirar a bota. Preferia ser apunhalada no olho com um picador de gelo.

– Sou enfermeira – relembra. – Temos de ver…

– *Deixe-a ficar.*

Não me interessa o que ela acha. Ninguém me vai tirar esta bota. Finalmente, a Polly vê nos meus olhos que estou a falar a sério e desiste. O seu olhar suaviza-se quando olha para a minha barriga.

– De quanto tempo está? – pergunta.

Num gesto protetor, pouso a mão na barriga. Sinto um pontapé, que me relembra de que, apesar do estado lamentável do tornozelo, ao menos a minha bebé está bem.

– Quase oito meses.

– Uau – diz ela, baixinho. – Quase na meta.

Sinto um aperto no peito ao lembrar-me de que o *stress* do acidente me pode fazer entrar em trabalho de parto prematuramente. O que hei de fazer se entrar em trabalho de parto aqui? Mesmo sendo enfermeira, a Polly pode não saber como fazer um parto – muito menos de um bebé prematuro. E mesmo que soubesse, a última coisa que quero é dar à luz *aqui*.

– Menino ou menina? – pergunta, distraindo-me do pânico que começo a sentir.

– Menina. É… é a primeira.

– Que maravilha. – O seu rosto enche-se de ternura. – Que bênção.

– Não foi… propriamente planeado.

– Ainda assim. De certeza que será muito amada.

Mudo de posição na cama. Primo um botão que deveria elevar a cabeceira, mas lembro-me de que não funciona sem eletricidade. Acho que estou o mais confortável possível por agora. Tento mudar outra vez de posição, o que desencadeia uma vaga de dor excruciante no tornozelo.

– Polly – arquejo. – Tem… tem alguma coisa para a dor?

Ela pestaneja.

– Posso dar-lhe paracetamol – diz. – Não tenho mais nada que seja seguro

durante a gravidez.

Paracetamol? Para um tornozelo partido? *Será que enlouqueceu?* Por outro lado, tem razão. Estou grávida – não me posso encher de comprimidos.

– Está bem – murmuro. – Aceito o paracetamol.

– Vou já buscá-lo.

– Obrigada, Polly. – Consigo esboçar um sorriso um pouco torto. – Podia trazer-me também a mala? O seu marido pô-la no banco de trás da carrinha.

– Claro. – Pisca-me o olho. – Volto num instantinho.

– Pode… pode deixar a lanterna aqui em baixo, por favor?

Por um momento, o sorriso no seu rosto vacila. Olha na direção da porta da cave, por onde o marido desapareceu há poucos minutos, e arqueia os lábios para baixo.

– Com certeza – responde, entregando-ma. – Volto já.

Então, sobe os degraus para o primeiro andar da casa, deixando-me sozinha na cave escura, apenas com o brilho da lanterna para me fazer companhia. Deitada na cama de hospital, rodeada pelo cheiro podre a decomposição, não posso deixar de me questionar se a história inocente da Polly sobre a sua mãe doente será verdade. Estremeço ao pensar em como o Hank insistiu em que me trouxessem cá para baixo e como a Polly aceitou relutantemente. De repente, arrependo-me e penso que preferiria ter recusado a oferta.

E se esta cave tiver sido usada para outro propósito? E se eu não for a primeira visita que acabou deitada nesta cama?

Pergunto-me se a última pessoa que aqui esteve conseguiu sair com vida.

14

É um alívio quando o Hank deixa os cobertores extra e desaparece no andar de cima. Pode ter-me salvado a vida, mas não me sinto confortável perto dele.

Há algo na forma como olha para mim – não confio nele. Ou talvez seja por ser tão *grande*. Ainda por cima, tem aquela barba assustadora a esconder metade do rosto. Se calhar, estou a ser injusta para as pessoas com barba, mas sinto sempre que estão a esconder qualquer coisa.

Estou a começar a duvidar de que haja qualquer homem bom no mundo além do meu irmão, mas, seja como for, é óbvio que o Hank não é um deles. Quanto mais cedo me puder afastar dele, melhor.

A Polly desce as escadas pouco depois, iluminando o pequeno quarto da cave com outra lanterna. Traz a minha mala ao ombro e um saco com alguma coisa na outra mão. Só consigo pensar em quanto espero que o saco tenha o paracetamol.

– Como é que está? – pergunta-me.

– Péssima – respondo com sinceridade.

Odeio estar nesta cave. As janelas estão quase completamente tapadas pela neve e parece que estou num túmulo. Este quarto pode até ser perfeitamente aceitável num dia luminoso e soalheiro, mas é completamente aterrador quando cada peça de mobiliário está mergulhada em sombras. Não consigo acreditar que vou ter de dormir aqui. Só quero ir para o hospital.

Pressiono as mãos contra o colchão, tentando desesperadamente pôr-me confortável, mas só consigo desencadear mais uma vaga de dor nauseante no tornozelo. Quais são as consequências de não reparar logo uma fratura? Será que nunca irá sarar bem? E se eu não conseguir voltar a andar normalmente depois disto? E se tiverem de *amputar*?

Não posso pensar nisso. Vou sobreviver a isto. Eu e a *Atum* vamos ficar bem.

A Polly remexe no saco que trouxe e tira um frasco de paracetamol.

– Vou dar-lhe dois destes. Deve aliviar a dor.

Duvido muito, mas é melhor do que nada.

Passa-me a minha mala enquanto vai à casa de banho encher o copo que trouxe para a água. Vasculho a mala e fico consternada ao ver que a garrafa de bolso do Dennis verteu um pouco e que tresanda tudo a *whisky*. Fico ainda mais desalentada por não conseguir encontrar o telemóvel. Devo ter-me esquecido de o pôr na mala depois de tentar pedir ajuda. Deve ter ficado no carro, que está soterrado sob pelo menos um metro de neve.

Não me sinto nada confortável em estar presa nesta cave sem acesso ao telemóvel. Sinto que estou completamente isolada. Mas não há nada que possa fazer. Ao menos, sairei daqui de manhã.

– Aqui tem! – cantarola a Polly, enquanto sai da casa de banho com um grande copo de água e dois comprimidos na palma da mão.

Embora não acredite realmente que vão ajudar, pego nos dois comprimidos de paracetamol e engulo-os com um grande gole de água. Os medicamentos podem não aliviar a dor, mas sabe bem sentir a água a deslizar-me pela garganta. Nem me tinha apercebido da sede que tinha. Acabo por beber o copo inteiro.

A Polly sorri-me.

– Céus, estava com sede, não estava?

– Suponho que sim.

– Melhor?

Não sei como poderia já estar melhor, se só engoli os comprimidos há dois segundos.

– O que me sabia bem era um *shot* de *whisky* – brinco.

A Polly nem sequer sorri com a minha pobre tentativa de piada. Quase me sinto tentada a beber da garrafa derramada que tenho na mala só para aliviar a dor.

Estende o braço para me tirar o copo e é então que a manga da sua camisola desliza para trás, revelando que tem um hematoma vermelho-vivo no pulso. Tem um aspeto chocante. É uma nódoa negra furiosa que parece ter sido feita pelo fechar de uma mão forte sobre o pulso, apertando o máximo possível. A Polly repara que estou a olhar para o hematoma e puxa apressadamente a manga para baixo, corando.

Raios. Eu *sabia* que o Hank era má pessoa e agora tenho provas. O sacana bate na mulher. Como é que foi capaz?

– Vou acender-lhe algumas velas aqui – diz a Polly, evitando o meu olhar

enquanto fala, claramente desconfortável. – Assim, não temos de gastar as pilhas da lanterna.

– Obrigada.

Tal como o Hank, a Polly parece rondar os trinta e muitos ou quarenta e poucos anos. É demasiado magra para a sua estatura e questiono-me se comerá o suficiente por aqui; vista de perto, a longa trança que lhe cai pelas costas parece seca e frouxa. Não obstante, quando se move pelo quarto com uma eficiência decidida a acender velas, lembra-me do tipo de enfermeira que gostaria de vir a ser um dia.

Como pôde o marido magoá-la? Tenho de a tentar ajudar quando sair daqui. Claro que neste momento não estou exatamente em condições de ajudar quem quer que seja. Mas talvez haja alguma forma de nos ajudarmos uma à outra.

Os meus pensamentos são interrompidos por um súbito pontapé nas costelas. A *Pequena Atum* acordou e tem o pé firmemente enfiado sob a minha caixa torácica. Pensava eu que não podia ficar mais desconfortável.

A Polly parece preocupada.

– Sente-se bem?

– Ótima… – Tento reposicionar a perna transviada da *Atum* com a mão. – É que a bebé gosta de me dar pontapés nas costelas.

– É sinal de que é saudável.

– Sim, mas às vezes preferia que não fosse assim *tão* saudável, sabe? – Rio-me debilmente, mas o som morre-me nos lábios quando vejo a expressão da Polly. Tomo nota de que é o tipo de enfermeira pragmática que não aprecia que se brinque com questões de saúde. É uma profissional. – O que queria dizer era… Esta gravidez tem sido tão desconfortável. Sabe o que quero dizer.

– Ahã – diz ela.

– Tem filhos?

– Oh, não – responde. – Estou demasiado ocupada para isso agora. Talvez um dia.

Penso nos enormes punhos do marido e nos hematomas que tem no pulso. Pergunto-me se alguma vez terá perdido uma gravidez. Ou mais do que uma.

– Compreendo a sua hesitação. – A *Atum* muda de posição na minha barriga, tirando finalmente a pressão das minhas costelas. – Como disse, esta gravidez não foi propriamente planeada. Suponho que sou ridiculamente fértil.

Oxalá não fosse tanto. Por mais que saiba que vou amar a minha bebé assim que a tiver nos braços, não era de todo assim que tencionava ser mãe pela

primeira vez.

– Imagino que o seu marido deve estar empolgado de qualquer forma– diz a Polly.

Quase lhe digo que não sou casada e que a *Atum* foi o resultado de um infeliz caso de uma noite. Ou pior, que o pai da criança me drogou e violou. Mas e se ela não acreditar em mim, como o Jackson? Não quero esta mulher a julgar-me, como todos os outros. Só por esta noite, vou fingir que sou como qualquer outra mulher grávida. Casada, com um marido afetuoso que está entusiasmado por irmos ter a nossa primeira filha juntos.

– Sim – digo apaticamente. – Está muito empolgado.

Ela sorri-me.

– Como se chama?

Fantástico. Agora, tenho de inventar um nome para o meu marido inventado.

– Jackson – respondo sem pensar.

Não sei porque o disse. Continuo furiosa com ele pela forma como me tratou. Pela forma como *lidou* comigo.

– Aposto que é muito bem-parecido – observa ela. – Afinal, a Tegan é tão bonita.

Consigo esboçar um sorriso desconfortável, porque, neste momento, sinto-me o oposto de bonita.

– Suponho que sim. Pelo menos, eu acho que sim.

– O que é que ele faz?

Hum, que tipo de emprego devo dar ao meu marido inventado? Talvez seja melhor ficar-me pela verdade.

– É advogado.

– Que maravilha! É uma carreira muito estável, ideal para sustentar uma família.

– Sim. É… Ele é ótimo.

Semicerrando os olhos no escuro, a Polly olha para as minhas pernas.

– Quer uma almofada para pôr por baixo das pernas? A cama costuma elevá-las, mas sem luz não vai dar.

– Hã… – Saberia bem ter as pernas mais altas, mas a ideia de as mexer quase me causa náuseas. – Não sei…

– Vão inchar bastante se não o fizer.

– Está bem. Sim.

A Polly é muito delicada a levantar-me as pernas sobre duas almofadas. É

intensamente doloroso, mas, depois, sinto-me um pouco melhor.

– Então – diz alegremente, enquanto me ajeita as almofadas –, para onde ia no meio desta tempestade?

Gemo, furiosa com a minha estupidez.

– Ia visitar o meu irmão. É instrutor de *ski* a norte. Devia ter saído mais cedo, antes de começar a nevar tanto. – Vasculho uma última vez na mala, na esperança de encontrar o telemóvel enfiado nalgum bolso que ainda não tenha visto. – Vai ficar tão preocupado quando eu não aparecer.

– De certeza que os telefones já estarão a funcionar amanhã.

Inspiro fundo, inalando o aroma a baunilha das velas. Lembra-me vagamente a água-de-colónia do Simon, o que me faz estremecer.

– Pois…

Ela franze o sobrolho.

– Comeu alguma coisa? Tem fome?

Há um minuto, teria decididamente respondido que não. Mas, agora que estou um pouco mais confortável na cama, a minha atenção é desviada por uma insistente sensação de vazio na boca do estômago. *Tenho fome, mamã! Quando vamos comer?*

– Bem, não a quero incomodar…

– Não incomoda nada! Não a vou deixar passar fome. – Tem uma expressão resoluta e pergunto-me se o marido não terá outra opinião sobre o assunto. – Posso preparar-lhe uma sanduíche.

– Isso seria ótimo. Obrigada.

– Claro. O que lhe apetece?

De repente, tenho tanta fome que era capaz de comer terra do chão.

– Qualquer coisa serve. Uma sanduíche, carnes frias, seja o que for.

A Polly fica séria.

– Não devia comer carnes frias durante a gravidez. Apanhar listeriose pode matar a bebé.

Sabia disso. Claro que sabia. Mas, com todo o horror das últimas horas, varreu-se-me simplesmente da memória.

– Certo. Claro. E que tal… atum? – Apesar de tudo, continuo a ter desejos de atum.

– O atum tem *mercúrio* – diz ela, franzindo o sobrolho.

– Sim, mas o médico disse que um bocadinho não faz mal…

– Está bem, creio que não – assente a Polly, mas parece um pouco desiludida,

o que me faz sentir uma pontada de culpa. Enquanto enfermeira, está a tentar dar-me conselhos para bem da minha bebé. Mas uma lata de atum não deve fazer mal. Foi o que o médico disse.

Hesito.

– Já agora…

A Polly arqueia as sobrancelhas.

– Sim?

– Podia ser a *Polly* a trazer-ma, em vez do Hank? – Esboço- -lhe um sorriso como pedido de desculpas. – Ele… deixa-me um pouco nervosa.

Por um momento, tenho receio de ter dito algo de mal. De certeza que a insultei. Por outro lado, certamente entende que o marido é aterrador. Além disso, a julgar pelo estado em que a Polly tem o pulso, também tem mau feitio. Não vou estar aqui durante muito tempo, mas prefiro passar o mínimo possível com aquele homem.

Felizmente, a Polly assente, compreensiva. Ela percebe.

– Sem problemas.

Solto um suspiro. Vai correr tudo bem. Vou passar aqui a noite e eles vão levar-me ao hospital. Os médicos vão tratar do meu tornozelo e vai ficar tudo bem.

Enquanto a Polly sobe os degraus para ir fazer a minha sanduíche, vasculho um pouco mais na mala. Pelo menos, a carteira ainda está lá dentro, bem como os cartões de crédito – apesar de terem todos saldo negativo, de qualquer forma. Mas, ao vasculhar nas profundezas da mala, noto que está a faltar mais uma coisa.

O meu gás-pimenta.

15

Enquanto espero que a Polly regresse com a minha sanduíche, tento ignorar as batidas que se fazem ouvir através do teto fino.

Parecem ser sobretudo pessoas a andar. Aprendo a distinguir os passos pesados do Hank dos da Polly, mais leves. De vez em quando, oiço vozes, mas estão extremamente abafadas. Não consigo distinguir nenhuma palavra, apenas que uma voz é masculina e a outra é feminina. Pelo que consigo ouvir, parecem estar tensas.

E então ouve-se um forte estrondo.

Não sei o que se passa lá em cima, mas de certeza que os gritos e palavrões abafados vêm do Hank. Preparo-me, à espera de ouvir um grito de mulher, mas não oiço nada. Talvez a Polly esteja habituada a que o Hank grite com ela. Céus, espero que preparar-me uma sanduíche não lhe tenha causado problemas.

Quando a Polly regressa com a sanduíche de atum, reparo que o seu sorriso parece forçado. Pousa o prato num tabuleiro junto à cama. Estou absolutamente esfomeada, mas, infelizmente, há uma necessidade muito mais premente neste momento.

– Polly? – digo mansamente.

– Sim?

– Eu… hã… – Desvio o olhar. – Tenho de fazer chichi.

A Polly recua e avalia a situação com o seu olhar perspicaz. Só precisa de meio segundo a reconhecer quão difícil seria para mim ir à casa de banho.

– Vou buscar uma arrastadeira.

É absolutamente humilhante ter a Polly a ajudar-me com a arrastadeira, mas mostra-se profissional, o que facilita as coisas. É óbvio que já fez isto antes. Pensava que seria difícil urinar sem a ajuda da gravidade, mas tenho a bexiga tão cheia que acaba por não ser problema.

– Muito obrigada – digo-lhe, depois de terminarmos. – Eu… peço desculpa.

– Não peça – responde ela, com firmeza. – A culpa não é sua.

Enquanto me ajuda a reposicionar-me, a familiar sensação de aperto apodera-se do meu útero. Mal estou nos oito meses de gravidez, mas ouvi dizer que o trauma pode desencadear o parto prematuro.

– Está a ter uma contração? – pergunta.

Contemplo a questão enquanto a contração passa. Não parece diferente das que tenho vindo a ter já há algum tempo.

– Não.

Relaxa os ombros de alívio. Provavelmente, sente-se melhor por não ter de me ajudar a dar à luz esta noite. *Somos duas, Polly.*

Reajusta-me as pernas na cama e não posso deixar de notar que o meu joelho também parece estar inchado. Quando me move o tornozelo esquerdo um só milímetro, cerro os maxilares para não gritar. É impossível que não esteja partido. Provavelmente, vou precisar de cirurgia para o reparar.

– Polly – arquejo. – Acha… Pode dar-me algo mais forte para a dor? O paracetamol… não vai ajudar. Não adianta mais do que tomar comprimidos de açúcar.

– Está grávida – diz-me, afavelmente.

– Eu sei, mas… – Cerro os olhos com força. – Não faz ideia de quanto me dói. – Engulo o nó na minha garganta. – Nem sei como vou conseguir dormir à noite. E este peso na barriga… Nem consigo *tentar* mudar de posição.

– Eu posso ajudá-la. Quer mais almofadas?

– Não. *Não.* – As palavras saem-me mais bruscas do que esperava e a Polly recua, surpreendida. – Desculpe, mas é a *minha* bebé e a escolha é *minha*. Se tem algo mais forte, quero tomá-lo. Vou enlouquecer se tiver de ficar a noite inteira aqui assim.

A Polly fica calada, a olhar-me pensativamente.

– Por favor, Polly. – Falha-me a voz ao imaginar a noite interminável que tenho pela frente, presa a esta cama, com a barriga enorme a pesar-me e o tornozelo a deixar-me em agonia. – Imploro-lhe. Só… só um comprimido. Tem qualquer coisa, não tem? Tem de…

– Sim – responde ela, por fim. – Tenho.

16

O quarto está muito escuro quando a Polly sai.

Há algumas janelas pequenas junto ao teto, mas estão todas tapadas por vários centímetros de neve. Aponto o feixe da lanterna que a Polly me deu à neve, aos montes, encostada ao vidro maciço, perguntando-me se as janelas abrem sequer. Ao chegar ao canto do quarto, o feixe de luz reflete a teia de uma aranha que aparentemente partilha este espaço comigo.

Adorável.

Não gosto desta cave nem do seu cheiro a antissético, que me faz cócegas no nariz. O quarto não está completamente acabado, o que significa que, apesar de o chão ter sido pavimentado, as paredes ainda são de tijolo exposto. Faz-me sentir como se estivesse presa numa masmorra.

O tornozelo esquerdo lateja dolorosamente e fecho os olhos, respirando fundo para aguentar a dor. A bota começa a parecer-me desconfortavelmente apertada, mas tenho pavor de a tirar. Não só porque será inimaginavelmente doloroso, mas também porque tenho medo do aspeto que terá o meu pé. Tendo em conta quão intensa é a dor, apavora-me que esteja um osso a projetar-se da pele.

Claro que, se assim for, é melhor tirar a bota e deixar a Polly tentar limpá-lo e desinfetá-lo, mas não suporto a ideia de o fazer. Seja como for, amanhã de manhã irei para o hospital.

Não ter o telemóvel comigo deixa-me ansiosa. Hoje em dia, nunca passo muito tempo sem ele. De certeza que tenho umas cem chamadas não atendidas do Dennis – desempenha muito bem o papel de instrutor de *ski* despreocupado, mas consegue ser uma verdadeira mãe-galinha às vezes. Porque é que decidi fazer aquele turno a mais no supermercado? Se não o tivesse feito, estaria agora sentada no apartamento do Dennis, a beber um copo de… Bem, não de vinho, obviamente. Talvez um chocolate quente.

Pergunto-me se o Jackson voltou a tentar ligar-me. Não que tenha qualquer desejo de ter notícias dele.

Pensava que tinha deixado o telemóvel no carro sem querer, mas já não tenho assim tanta certeza. Trago sempre a lata de gás-pimenta na mala e o facto de ter desaparecido significa que alguém a tirou. Enquanto a Polly estava cá em baixo a falar comigo, o Hank deve ter revistado a minha mala e tirado o telemóvel e o gás-pimenta. Não sei porque o fez, mas não pode haver *boas* razões para me ter roubado as únicas formas que tinha de comunicar e de me defender.

Ainda que não consiga ouvir o que se passa no andar de cima, consigo distinguir o som de passos sobre a minha cabeça. De cada vez que as botas pesadas do Hank pisam o chão, sobressalto-me.

Finalmente, a porta da cave abre-se e oiço passos a descer as escadas mesmo antes de a Polly aparecer. Mal a consigo ver à luz das velas, que torna o seu rosto ainda mais abatido e cansado.

– Tenho os seus comprimidos – diz-me ela.

Sinto uma pontada de culpa. Eu e a *Pequena Atum* estamos ligadas pela corrente sanguínea, pelo que ela receberá uma dose de tudo o que eu tomar. Há uma pequena lista de medicamentos que é seguro tomar durante a gravidez e estou certa de que o que quer que seja que a Polly tem na mão não está nessa lista.

Mas, por amor de Deus, posso ter o tornozelo partido. Sou humana.

– O que me trouxe? – pergunto.

– É hidromorfona.

Hidromorfona. Não sei exatamente o que é, mas parece forte. Imagino a dor aguda horrível no tornozelo a desvanecer até não passar de uma dor surda. Neste momento, uma dor surda seria divinal. Pergunto-me porque será que este casal tem analgésicos tão potentes guardados no armário dos medicamentos, mas o pensamento desaparece rapidamente.

– Vou buscar-lhe um pouco de água – diz a Polly.

Vai à casa de banho com o meu copo, com a trança a balançar atrás da sua cabeça. Sai com meio copo de água e dois pequenos comprimidos brancos na palma da mão direita. Tem a manga suficientemente arregaçada para conseguir ver o hematoma feio castanho-avermelhado a espreitar.

– Muito obrigada – digo, tirando-lhe os comprimidos da mão. – Fico mesmo muito agradecida.

– Não tem de quê. É óbvio que tem muitas dores, e não… não devia ter de sofrer.

Estava prestes a enfiar os dois comprimidos na boca, mas algo me impede.

Sim, tenho dores. Mas a *Atum* não tem. A *Atum* conta comigo para não pôr nada no meu corpo que lhe possa fazer mal e, no entanto, aqui estou eu, prestes a engolir analgésicos como se fossem rebuçados.

– O que se passa? – pergunta a Polly. – Não os quer?

Quero. Meu Deus, se quero. Se fosse só eu, estaria a engoli-los e a implorar por mais. Estou assim tão desesperada por alívio. Mas agora, já não sou só eu. Tenho de proteger a *Pequena Atum*.

Já é suficientemente mau que tenha sido ser drogada que me colocou nesta situação para começar. Como pude sequer contemplar pôr algo no meu corpo que alterará o meu estado mental? Tenho de me manter alerta – por ambas.

– Sabe que mais? – digo. – Acho que tem razão. Não vou tomar isto. Não é bom para a bebé.

– Não vai? Pensava que tinha dores. – Parece surpreendida.

– Sim, mas… – Aperto o cobertor de lã por cima de mim, os meus dedos a enterrar-se no tecido. – Eu aguento. Fico bem.

Por um longo momento, ela fita-me sem dizer nada. Finalmente, assente em aprovação.

– Está bem. Pode ficar com eles, caso volte a mudar de ideias.

– Não vou mudar – digo eu, largando os comprimidos na cómoda junto à cama.

– Precisa de mais alguma coisa? – pergunta ela.

Di-lo num tom tão suave. Com esforço, consigo ver as sardas sobre a ponte do seu nariz. Mais uma vez, ocorre-me o desagradável pensamento de aquele ogre lá em cima lhe ter agarrado o pulso com tanta força que deixou aquelas nódoas negras. Odiei a forma como lhe gritou tão alto que o ouvi através do teto. Tal como eu, a Polly é vítima de um homem terrível. Sinto uma súbita vaga de afinidade com esta mulher.

Ambas passámos por algo terrível. E, para ambas, está longe de ter acabado.

– Na verdade – pergunto –, não viu o meu telefone, pois não?

– O seu telefone? – Fita-me sem qualquer expressão no rosto.

– O meu telemóvel – esclareço. – Estava na mala, mas não o consigo encontrar.

– Oh. – Inclina a cabeça para o lado. – Talvez tenha caído no carro?

– Talvez…

Ou talvez o marido dela me tenha revistado a mala e o tenha tirado. Na altura em que tirou o gás-pimenta.

– Posso procurá-lo – oferece-se ela. – Vou ver se caiu na carrinha do Hank.

– Obrigada. Agradeço-lhe muito. – Hesito e quero partilhar com ela algo da minha vida que não seja mais uma mentira sobre o meu marido inventado. – A propósito, admiro muito o que faz. Tenho andado a poupar para o curso de Enfermagem.

Os seus olhos iluminam-se.

– A sério?

– Sim. Desde miúda que quero ser enfermeira, desde que apanhei varicela e passei semanas doente – digo, sabendo muito bem que muitas pessoas ainda veem uma miúda quando olham para mim. – Algumas crianças querem bonecas para fingir que são bebés, mas eu fingia que eram pacientes e cuidava delas até ficarem saudáveis novamente.

– Pois, também eu – diz, rindo.

– Continuo a querer fazê-lo, mas… – Cautelosamente, pouso uma mão na barriga. – É capaz de demorar mais tempo do que esperava.

É um eufemismo. Não consigo imaginar um momento no futuro em que poderei ir para a faculdade de Enfermagem. Mesmo antes de ter destruído o carro, não passava de uma quimera. E agora…

– É difícil estudar quando se tem um bebé – reconhece a Polly.

Baixo os olhos.

– Como disse, isto não fazia parte do plano. Infelizmente, os bebés acontecem. – E nem sempre os podemos evitar, mesmo que até o tentemos fazer, não que isso tenha sucedido no meu caso.

– Sim – diz ela, baixinho. – Compreendo.

Não posso deixar de me perguntar o que prendeu a Polly a este casamento. Disse que não tinha filhos, pelo que não pode ser isso. O Hank deve ter alguma espécie de poder sobre ela. Tem de haver alguma razão que a faz ficar, apesar de sofrer de maus-tratos.

Há sempre uma razão.

17

Não consigo dormir bem.

Não é de admirar. Seria bem mais surpreendente se tivesse dormido. Entre a bebé a fazer ginástica na minha barriga e o tornozelo esquerdo ferido, durmo uma hora de cada vez, acordando sempre em sobressalto e a contorcer-me de agonia. Quase consigo sentir os papos por baixo dos olhos.

Sempre que sonho, é com o Simon. Desde que recuperei essa memória, é a única coisa em que consigo pensar, sobretudo à noite. Sonho que estou deitada numa cama, tão indefesa como agora, a implorar-lhe que pare.

Por favor. Por favor, não. Por favor, sai de cima de mim. Por favor…

Mesmo assim, no sonho, ele nunca me ouve. Tal como não ouviu na vida real. Tenho a prova disso a crescer dentro de mim.

Oxalá não me tivesse lembrado. Era mais feliz antes de saber. Tinha pesadelos, sim, mas teriam desaparecido com o tempo. Agora, o que ele fez assombra-me. Ainda mais por o Jackson não ter acreditado.

Será que alguém acreditará em mim? Como o Simon fez questão de mencionar, não tenho qualquer prova de que não tenha sido sexo consensual.

Mas tenho de fazer alguma coisa. Não o posso deixar sair impune disto. Se tiver qualquer hipótese de o poder impedir, tenho de tentar; não posso deixar que faça isto a outra mulher.

Estive umas cem vezes à beira de tomar os dois comprimidos na mesa de cabeceira ontem à noite. Estava tão desesperada. Mas resisti. Os dois pequenos comprimidos brancos continuam lá. Sinto-me orgulhosa de mim mesma. Um dia, vou contar à *Atum* que passei uma noite inteira com o tornozelo partido e sem medicamentos para a dor nem luz de presença – só por ela.

Mas agora é de manhã – vejo-o pelo ínfimo lampejo de luz solar que espreita pelas janelas cobertas de neve junto ao teto. Ainda há outra boa notícia. Ao pressionar os comandos da cama, ela mexe-se. O que significa que a luz voltou. Significa também que vou sair daqui.

– Olá! – cantarola a Polly, acendendo as luzes da cave e descendo as escadas. Não sei porque está tão animada, mas já tanto me faz. – Como está?

– Já tive melhores dias – consigo responder. Sinto a boca dolorosamente seca, mas há uma necessidade fisiológica que suplanta todas as outras. – Pode dar-me a arrastadeira, por favor?

Tenho a bexiga quase a rebentar. Bem, talvez não a rebentar, mas tenho a certeza de que estou a um espirro de distância de me sujar.

A minha perna pulsa de dor enquanto a Polly me ajuda a mudar de posição para me pôr a arrastadeira por baixo. Da última vez que a usei, esperei até ela sair do quarto, mas desta vez começo assim que a tenho em posição. Não consigo aguentar nem mais um segundo.

A Polly desaparece na casa de banho para me dar alguma privacidade e volta para levar a arrastadeira e a esvaziar. Passa todo esse tempo a trautear para consigo. Quando leva a mão às costas para alisar a trança, vejo que o hematoma no seu pulso adquiriu agora um tom escarlate vívido.

– Podemos ligar para o 112, então? – pergunto-lhe eu.

Ontem, à luz das velas, não me tinha apercebido da quantidade de sardas que tem no rosto, mas agora estão mais visíveis sob as luzes do teto. Debaixo das sardas, é de uma palidez quase sepulcral.

– Para o 112?

Afasto uma madeixa de cabelo suado do rosto. O aquecimento deve ter-se ligado durante a noite e sinto o corpo inteiro coberto de uma camada húmida e oleosa.

– Tenho de ir para o hospital.

– Oh. – Franze o sobrolho, como que a pedir desculpa. – Bem, o telefone ainda não está a funcionar.

O quê? Não me tinha ocorrido que essa fosse sequer uma possi-bilidade.

– E os telemóveis?

– Não temos rede aqui! – Ri-se como se a ideia fosse absurda. – Lamento muito, mas temo que vá ficar mais algum tempo aqui presa.

– O Hank não me pode levar ao hospital, nesse caso? – Não me entusiasma nada a ideia de ficar a sós com esse homem, mas é melhor do que a alternativa.

– Temo que não. A neve está demasiado alta e estamos soterrados. Os limpa-neves só cá chegarão ao fim da tarde ou amanhã.

Oh, não. Não, não, *não*. Não vou ficar aqui mais um dia. Está *louca?* Olho para as janelas junto ao teto, que, de facto, continuam bloqueadas pela neve.

– É que tenho muitas dores – digo, com um tom mais frio do que tencionava. – Não pode agilizar as coisas?

A Polly pisca os olhos, surpreendida, e sinto uma pontada de culpa. Não lhe queria falar com tanta raiva. Já tem um marido que a maltrata – não precisa de outra pessoa em casa a dar-lhe ordens. Temos de ser aliadas.

– Desculpe… – apresso-me a dizer. – É só que parece muito tempo para esperar que o limpa-neves chegue. Não podem vir mais cedo?

– Eu… Quem me dera que pudesse ser diferente, Tegan. A sério.

– Não me quero queixar – volto a dizer. – É só que tenho muitas dores.

– Sim – murmura ela. – Bem vejo.

Abro a boca, sem saber muito bem o que dizer. Claramente, não há nada que a Polly possa fazer por mim neste momento. Não pode limpar os montes de neve lá fora. Mas sei que preciso que um médico me examine o tornozelo para ter qualquer oportunidade de que a fratura sare como deve ser, e preciso que confirmem que a *Pequena Atum* está em segurança. No mínimo dos mínimos, preciso que alguém me tire esta bota da perna esquerda.

– Olhe – diz ela. – Assim que o telefone voltar a funcionar, chamamos uma ambulância. Ou, se limparem a neve primeiro, o Hank leva-a diretamente para o hospital. Vou assegurar-me disso.

– Está bem. Obrigada – murmuro.

– Claro – acrescenta – que teremos o cuidado de dizer ao Jackson que está bem, se nos puder dar o número dele.

Fito-a inexpressivamente.

– O quê?

– Ao Jackson – repete. – O seu *marido*?

Ah, certo. Tinha-me esquecido completamente da minha história parva. O Jackson – o meu garboso marido advogado. Porque não lhe disse só que não havia marido nenhum? Agora tenho vergonha de o admitir, por isso tenho de continuar a mentir.

– Sim, desculpe. Obrigada.

– Agora… – Sorri-me, forçando uma máscara de jovialidade. – O que quer para o pequeno-almoço?

Por um momento, fico deitada, à espera de que a *Atum* fale comigo e me diga o que gostaria de comer. Mas ela mantém-se em silêncio.

– Talvez só umas torradas – murmuro.

– Vão já sair! – chilreia a Polly.

Corre pelas escadas acima, subindo-as dois degraus de cada vez. Só depois de desaparecer atrás da porta da cave é que me lembro do gás-pimenta que desapareceu da minha mala. E do telemóvel que não consegui encontrar, apesar de ter a certeza de que o voltei a pôr lá dentro.

E se a neve já foi limpa? E se o telefone já está a funcionar?

E se for o Hank que não quer que eu parta?

18

Passei a manhã quase toda a chorar.

Não foi incessantemente. Não comecei a soluçar e a chorar como uma cascata desde que a Polly me disse que ainda não podia ir para o hospital. Mas, a cada trinta minutos ou assim, sinto um nó a formar-se na garganta e, quando dou por mim, as lágrimas começam a cair-me dos olhos.

A última coisa que me fez chorar foi um jogo de paciência.

A Polly trouxe-me um baralho de cartas e montou um tabuleiro à minha frente. A televisão só dá estática, por isso precisava de algo para me ocupar em vez de me concentrar apenas no desconforto intenso que sinto. Dei as cartas para um jogo de paciência, mas logo me lembrei de como foi o Dennis que me ensinou a jogar paciência quando tinha perto de cinco anos. O Dennis adorava jogar às cartas e ensinou-me todos os jogos que existem. Do peixinho ao *poker*. Ainda me tentou ensinar a baralhar só com uma mão, mas nunca lhe apanhei o jeito, por muito que ele me mostrasse como o fazer.

Claro, tudo isto me fez lembrar dele. Como deve estar agora a deambular pelo apartamento, inconsolavelmente preocupado. Mais do que tudo, queria ter aqui o telemóvel. Mesmo que a rede seja instável, talvez conseguisse enviar uma só mensagem para que ele soubesse que estou bem.

Pergunto-me o que se passará com o Simon Lamar. Pergunto-me se se preocupa com a possibilidade de eu o denunciar à polícia. Oxalá tivesse conseguido ouvir o que o Jackson me estava a tentar dizer mesmo antes do acidente.

Por volta do meio-dia, a Polly desce as escadas com um prato de comida. Seja o que for, tem um cheiro incrível. Limpo as lágrimas dos olhos e junto as cartas numa pilha para poder comer.

– Hora de almoço! – exclama ela.

Pousa o prato no tabuleiro à minha frente. Parece ser uma sanduíche de frango com molho de churrasco, com o pão perfeitamente tostado e batatas

fritas a acompanhar. Até cortou a sanduíche em quartos.

– Obrigada – digo. – Cheira muito bem.

– Não tem de quê!

Olho da sanduíche para a janela coberta de neve.

– O limpa-neves ainda não chegou?

O sorriso desaparece-lhe do rosto.

– Lamento muito, mas não. Ainda não.

Pega no baralho de cartas para abrir espaço no tabuleiro, mas eu agarro-lhe no pulso para a impedir. É o pulso da nódoa negra roxa e a Polly estremece quando lhe toco.

– Desculpe – digo. – Posso ficar com as cartas? Estou um pouco aborrecida aqui, sabe?

– Sim, claro. – Hesita, ainda com o baralho na mão. – Quer jogar uma partida comigo enquanto come?

– Claro. – Tudo é melhor do que jogar mais paciências. – A que gosta de jogar?

A Polly toca com o dedo no queixo. Tem a unha roída até ao sabugo.

– Sei jogar *gin rummy*, *old maid*, *crazy eights*…

Apesar da dor, quase me rio. Parece um leque de jogos próprio de uma avó. Mas, na verdade, há algo de muito antiquado na Polly, com a sua camisola às flores e a sua longa trança.

– Vamos jogar *gin rummy*.

A Polly distribui dez cartas para cada enquanto dou uma dentada na sanduíche. Sabe tão bem quanto cheira. Costumava gostar de cozinhar e sempre imaginei que, quando casasse, faria refeições finas para mim e para o meu marido.

Claro que agora isso nunca vai acontecer. Provavelmente, nunca irei casar. Porque haveria de o fazer? De agora em diante, seremos só eu e a *Atum*.

– É uma cozinheira incrível – digo-lhe, enquanto pego nas cartas. É verdade: este molho de churrasco é capaz de ser o melhor que alguma vez provei.

A Polly senta-se numa pequena cadeira de madeira junto à cama.

– Tenho de ser. O Hank é um caso perdido na cozinha. Morre-ríamos à fome!

O som do nome do seu marido traz-me um sabor amargo à boca, apesar da comida deliciosa à minha frente. Como é capaz falar daquele monstro com um sorriso no rosto?

– Talvez o Hank devesse aprender a fazer a própria comida – observo, tirando

um ás do baralho. – Não tem de fazer tudo por ele.

– Mas eu gosto de cozinhar para o meu marido – apressa-se a dizer. – Trabalha muito e merece uma refeição grande e farta quando chega a casa. Não há nenhum mal nisso, pois não?

– Não. É só que… A Polly não tem já um emprego a tempo inteiro como enfermeira?

– Na verdade… – Olha para as mãos com as unhas roídas até ao sabugo. – Não trabalho a tempo inteiro. Nem… trabalho sequer. Seja como for, por agora não. O Hank… quis que eu ficasse em casa. Prefere assim.

Dispara um alarme na minha cabeça. Não é isso que os homens controladores e abusivos fazem às mulheres – obrigam-nas a desistir do emprego para não terem a sua própria fonte de rendimento? A julgar pela expressão triste no seu rosto, é óbvio que a Polly não queria deixar o emprego, mas de certeza que ele não ia querer que os colegas dela vissem as nódoas negras que ele lhe faz.

Em vez disso, está sozinha aqui, numa cabana delapidada no meio de nenhures. Nem sequer tem telemóvel para se ligar ao mundo exterior.

– Acho só que não se devia sentir obrigada a preparar-lhe todas as refeições – digo. A Polly olha-me fixamente, por isso gracejo. – É para isso que servem os micro-ondas.

– Micro-ondas! – Parece indignada enquanto pousa uma carta no monte à nossa frente. – Oh, não, o Hank jamais… Quer dizer, não acho que os micro-ondas sejam uma boa forma de preparar as refeições. Faz o jantar ao seu marido no micro-ondas?

Não, não faço. Mas, para ser honesta, não tenho marido.

– Estou a brincar – acabo por dizer, tirando outro ás da pilha. – Mas… o Hank é… Acho só que tem muita sorte em tê-la.

Estudo-lhe o rosto para ver como reage à minha afirmação. Parece-me evidente que a Polly sofreu uma lavagem cerebral que a fez crer que tem de agir como uma criada para o marido. Até abdicou do emprego que adora por ele. Surge-lhe outra vez a mesma expressão triste no rosto e, quando abre a boca, tenho a certeza de que se vai abrir comigo, mas então abana a cabeça, quase só para consigo mesma. Claramente, ainda não chegou o momento certo.

Quero ajudar a Polly. Ninguém esteve lá para mim, mas posso ao menos tentar estar lá para ela.

– Eu e o Hank temos sorte em termo-nos um ao outro – acaba por dizer, estudando as cartas que tem na mão. – E o seu marido? Deve estar empolgado

com a bebé.

Reprimo a vaga de ansiedade que me dá a volta ao estômago. Vai ser tão difícil fazer isto sozinha. Às vezes, parece-me absolutamente avassalador. Antes, achava ao menos que teria dinheiro para me ajudar. Mas agora vamos ser só eu e a *Atum* – falidas.

– Sim, claro que está empolgado.

As palavras saem-me com um tom um pouco mais defensivo do que pretendia.

– Isso é maravilhoso – diz ela. – Estão casados há muito tempo?

A *Pequena Atum* empurra o cotovelo ou o joelho contra a minha caixa torácica e faz-me retorcer, o que desperta a habitual dor elétrica na perna direita.

– Cerca de dois anos.

– E agora têm uma bebé a caminho. – Rejeita um rei, que eu agarro. – Parece perfeito.

Mais uma vez, apodera-se de mim a compulsão de lhe contar tudo. Tudo mesmo. Como conheci o Simon naquele bar, o teste de gravidez positivo e o murro no estômago quando me regressou a memória de ter sido drogada e violada. As únicas pessoas a quem contei foram o próprio Simon e o Jackson, que não acreditou em mim. Mas a Polly acreditaria de certeza. Ela compreenderia.

Talvez lhe diga no fim deste jogo.

– *Gin* – digo por fim, pondo as cartas na mesa.

A Polly franze o sobrolho. Olha para as minhas cartas e abana a cabeça.

– Isso não é um *gin*.

– É, sim.

– Não, não é. – Bate nas cartas. É como se estivesse a falar com uma criança. – O ás é sempre baixo. Rei, rainha, ás não é uma sequência.

– O ás tanto pode ser alto como baixo.

– Não. – Torce os lábios. – O ás é sempre baixo. Jogo isto desde sempre e nunca ouvi dizer que o ás pudesse ser alto.

– Lamento, mas não é assim que eu jogo.

– Bem, isso é batota. – Por um momento, os seus olhos fulguram. Parece bastante perturbada com o que é apenas um estúpido jogo de *gin*. Passado um segundo, porém, os seus ombros relaxam. – Mas tudo bem. É a convidada, por isso podemos jogar segundo as suas regras.

Assinto, perguntando-me se é com frequência que se vê forçada a fazer

cedências nesta casa. Parece muito habituada a isso.

O meu tornozelo esquerdo lateja dolorosamente dentro da bota, fazendo-me estremecer. A Polly vê a minha reação e segue o meu olhar até ao pé.

– Devíamos mesmo tirar essa bota – diz, num tom preocupado. – Se tiver uma lesão aí debaixo…

– Não – interrompo, antes que ela possa concluir o pensamento. Não quero ver o que está debaixo da bota. É como quando era miúda e largava um livro pesado em cima de uma aranha para a matar, mas depois passava dias com medo de mexer no livro. Acabava por pedir ao Dennis para o fazer por mim, porque ele não tinha problemas em matar insetos ou em limpar as tripas deles. Mas eu não o conseguia evitar. Sabia que o que estava debaixo daquele livro não ia ser bonito e tinha medo de ver.

Sinto exatamente o mesmo em relação ao meu tornozelo. Tendo em conta quão intensa é a dor, não pode haver nada de bom debaixo daquela bota. Acabarei por ter de a tirar, mas, por agora, quero adiar isso o máximo possível.

– A decisão é sua – diz delicadamente a Polly. – Mas preocupa-me. Tem a perna tão inchada que a bota está no mínimo a fazer pressão sobre os nervos e vasos sanguíneos. Se fosse a si, quereria tirá-la.

– Está bem assim. Irei para o hospital esta noite ou amanhã de manhã.

– Sim – diz ela lentamente. – Isso é verdade. – Pigarreia e assente. – Quer jogar outra vez?

– Deixe estar. – Bocejo de forma exagerada. – Estou bastante cansada, de qualquer forma. Acho que vou dormir uma sesta.

Na verdade, estava a tentar livrar-me da Polly. Mas, quando bocejo novamente, dou-me conta de que estou realmente muito cansada. Suponho que faz sentido, tendo em conta que mal dormi ontem à noite e que, além disso, tenho outra pessoa a crescer dentro de mim.

Ela lança-me um olhar compreensivo.

– É claro. Durma. Eu apago as luzes ao subir.

– Na verdade – digo –, preferia ficar com as luzes acesas.

– Claro. – Assente. – Como queira.

Então, pega no prato vazio e sobe as escadas. Mesmo antes de fechar a porta da cave, esquece-se do meu pedido e apaga as luzes. Volto a mergulhar na escuridão.

– Polly! – chamo. – Polly.

Mas ela não me ouve. Já partiu e receio que, se continuar a gritar, possa ser o

Hank a responder. A verdade é que é mais fácil dormir às escuras.

Assim, fecho os olhos e deixo-me adormecer.

19

Acordo com o som de um baque estrondoso vindo do andar de cima.

Algures entre a hora a que almocei e agora, o sol desceu no céu. Todas as janelas continuam completamente tapadas pela neve. Olho para o relógio e semicerro os olhos, tentando ler o mostrador no escuro. Mal consigo ver os números.

São oito horas. Oh, meu Deus. Como posso ter dormido durante tanto tempo?

É frequente ouvir vozes vindas do piso de cima, mas é raro estarem assim tão altas. O Hank está a gritar com a mulher e não é a primeira vez. Mesmo com uma parede entre nós, parece *furioso*.

A Polly diz qualquer coisa em resposta. Não consigo perceber, mas há um tremor de medo na sua voz que me faz encolher.

Então, oiço o bater das botas do Hank, que faz tremer a casa inteira até aos alicerces. Sustenho a respiração, à espera do som da porta da cave a abrir-se. Será que ele vem cá abaixo? Aquele homem apavora-me.

Se ele me tentasse magoar, o que poderia fazer? Não lhe consigo fugir. Facilmente poderia descarregar a sua raiva em mim. Estou encurralada. Mesmo que não estivesse grávida e com o tornozelo partido, o Hank conseguiria vencer-me sem qualquer dificuldade – sou um alvo fácil.

Mas não é isso que acontece. Os passos tornam-se mais distantes e depois desaparecem por completo.

Só depois de deixar de o ouvir é que sinto o ritmo cardíaco regressar ao normal. Esfrego os olhos, tentando dissipar a névoa no cérebro. Acho que não dormia tantas horas seguidas desde o início do terceiro trimestre. Mais até, continuo a sentir-me cansada. Sinto-me grogue, como se estivesse de ressaca, e tenho a boca seca e nojenta.

Penso no almoço que a Polly preparou para mim. Achei que o sabor amargo que senti na boca se devesse à nossa conversa, mas agora já não tenho assim tanta certeza. Será possível que ela tenha posto algo no meu almoço que me fez

dormir tanto? Será que seria capaz de fazer algo assim?

Não, duvido que a Polly o fizesse. Afinal, até estava relutante em dar-me comprimidos para a dor, com medo de que pudessem fazer mal à bebé.

Mas talvez o Hank fosse capaz.

Agora que os meus olhos se habituaram à escuridão, vejo um prato de comida no tabuleiro junto à cama. Parece esparguete com almôndegas, embora seja óbvio que ali está há algum tempo porque o molho parece ter coagulado. A Polly deve ter vindo cá abaixo deixá-lo para mim durante o meu sono comatoso. A carne parece já ter visto melhores dias, mas devorá-la-ia em segundos se a minha bexiga não fosse uma distração tão grande. Preciso da arrastadeira – tipo, para ontem.

– Polly! – chamo. – Polly!

Espero que me consiga ouvir. Não sei se consigo aguentar muito mais. Não sei o que seria pior – a humilhação de urinar na cama ou a agonia de ter de sair dela para limpar os lençóis. Por outro lado, em breve estarei a caminho do hospital.

– Polly! – grito uma vez mais. Estou preocupada.

Vinham muitos barulhos intensos do piso de cima e o Hank estava aos gritos. E se a Polly estiver ferida? E se não pode vir ter comigo porque está encolhida a um canto, magoada e a sangrar?

Finalmente, a porta da cave abre-se e a luz acende-se. Preparo-me para o som dos passos retumbantes do Hank, mas oiço antes o andar suave da Polly. Ela está bem.

– Boa noite! – cantarola num tom voz tenso, com a trança a balançar atrás da cabeça à medida que desce as escadas. Passado um segundo, pára aos pés da cama.

Eu arquejo.

A Polly tem nódoas negras debaixo dos dois olhos. O temperamento do Hank está verdadeiramente descontrolado.

Mas, então, aproxima-se um pouco mais e apercebo-me de que não tem afinal nódoas negras nenhumas. Foi só uma ilusão de ótica causada pelas sombras do quarto. Tem é olheiras que parecem ainda mais visíveis no seu rosto pálido. Parece exausta. Também não lhe vejo nenhuma nova nódoa negra no corpo, mas a roupa pode esconder muito.

– Descansou bem? – pergunta-me. – Vim trazer-lhe o jantar, mas estava a dormir como uma pedra!

– Sim, desculpe – murmuro. – E… hã… posso usar a arrastadeira? Já?

– Claro!

Estende os braços para me tirar o tabuleiro do caminho e talvez seja imaginação minha, mas parece estremecer com o movimento, como se estivesse magoada no braço ou nas costelas. Posso estar enganada, até porque cantarola alegremente para consigo enquanto vai à casa de banho buscar a arrastadeira. Enquanto anda a remexer por lá, sinto cócegas na garganta. Tusso ligeiramente e, sem o conseguir controlar, deixo sair um fio de urina de dentro de mim. Era inevitável, mas não deixa de ser humilhante.

– Polly – digo, quando ela sai da casa de banho com a arrastadeira. – Eu… hã… acho que molhei um bocadinho os lençóis.

– Oh! – Quase nem faz caso. – Não se preocupe. Tinha posto uma toalha de papel no lençol por baixo de si. Vou só trocá-la.

É isso mesmo que faz, sem dar grande importância ao assunto. É uma grande pena que o Hank a tenha feito deixar o emprego como enfermeira. Sinto-me culpada por ter de cuidar de mim, além de tudo o resto, e por ter tido o descaramento de gritar com ela por a neve não ter sido limpa suficientemente depressa. A pobre mulher já tem de lidar com problemas que cheguem.

– Muito obrigada, Polly – digo, depois de ela me ajudar a sair da arrastadeira.

A Polly pisca-me o olho enquanto tira os cobertores da cama, substituindo-os por outros lavados.

– Não tem de quê. Quer que lhe aqueça a comida?

– Não, deixe estar. – Espeto o garfo no esparguete frio. – Não a quero incomodar.

– Não incomoda nada.

– De certeza que já ouviu isto antes – digo-lhe –, mas é uma cuidadora inacreditável. Quando tiver filhos, será de certeza uma mãe incrível.

Ela pára a meio de dobrar um dos cobertores. O seu rosto fica sério, mas acaba por relaxar e sorrir.

– Obrigada. É muito simpático da sua parte dizer isso.

– Acho que vou ser uma mãe horrível. – Enfio uma grande garfada de esparguete na boca e preciso de um momento para mastigar. – Não faço ideia do que estou a fazer. Ainda nem sei cozinhar. Nem pôr uma fralda. Para ser sincera, estou apavorada. – E não terei um marido ou um namorado para me ajudar, embora não queira revelar que o que lhe contei antes era mentira.

– De certeza que lhe vai apanhar o jeito – murmura a Polly. – Toda a gente

apanha.

– Talvez… – Bocejo. Parece que fui atropelada por um camião. Para dizer a verdade, não anda muito longe da verdade. – Depois de acabar de comer, o Hank pode levar-me ao hospital?

– Receio que não. – Abana a cabeça. – O limpa-neves deve ter-se atrasado. Havia muita neve. Enfim, ainda estamos aqui presos, infelizmente.

Fico de boca aberta. Nem me passou pela cabeça que pudesse não poder partir esta noite.

– E o telefone?

– Continua em baixo.

Evita o meu olhar ao dizê-lo e não posso deixar de me perguntar se não estará a mentir. E se o telefone *estiver* a funcionar, na verdade? E se a área à volta da cabana já tiver sido limpa?

Ainda assim, recusam-se a deixar-me ir. *Ele* recusa-se a deixar-me ir.

– Lamento muito – diz ansiosamente. – De certeza que o limpa-neves estará cá amanhã bem cedo.

Tento ajeitar-me na cama, o que se revela um grande erro. Esse pequeno movimento é suficiente para desencadear uma dor aguda incandescente no tornozelo que me corta a respiração. Algo deve estar muito mal – pior ainda do que apenas uma fratura. Por um segundo, nem consigo pensar como deve ser.

– Tegan? – A voz da Polly parece distante. – Está bem?

– Por favor… – A voz sai-me rouca. – Tenho de ir para o hospital. Por favor. Tem de haver uma maneira.

– E há – diz ela. – Levamo-la lá amanhã bem cedo, juro.

– Por favor, não. – As lágrimas enchem-me os olhos. – Vou enlouquecer antes disso. Por favor.

Olha para mim de forma solidária.

– Eu sei. Eu sei como é… Eu sei. A sério. Juro que estamos a fazer todos os possíveis.

As lágrimas escorrem-me pelo rosto, que se contorce enquanto choro. Não consigo parar de fungar e soluçar. Em poucos segundos, o meu rosto cobre-se de ranho e os ombros sobem e descem rapidamente com a respiração. Tenho uma vaga ideia de a Polly me estender um lenço de papel, no qual pego para limpar os olhos e o pingo do nariz. Tem as sobrancelhas franzidas enquanto me fita.

– Vamos tirá-la daqui – assegura-me. – É só mais uma noite. Dou-lhe a minha palavra.

Mas isso foi o que disse ontem à noite.

– Não se preocupe – acrescenta. – O limpa-neves chegará em breve.

Treta.

– Estamos mesmo presos na neve? – Ergo os olhos inchados e o meu olhar vai de encontro ao dela. – Ou isso é o que o Hank a está a obrigar a dizer-me?

Abre a boca e, de início, tudo o que sai é um guincho de surpresa.

– É a verdade – diz por fim, ainda que falte convicção à sua voz.

Pergunto-me se valerá a pena apelar-lhe a ela. Afinal, parece estar em apuros, tal como eu. Será que conseguiríamos fugir daqui juntas? Será que o Hank deixaria que isso acontecesse? Afinal, está mais do que à altura da Polly, magricela e subnutrida, e à minha também, com a barriga desajeitada e o tornozelo partido. Podia prender-nos aqui até com uma mão atrás das costas.

– Olhe – diz. – Vamos tirá-la daqui em breve. Mas, entretanto, devíamos mesmo tirar essa bota do seu tornozelo.

– Não – arquejo. A ideia de extrair o tornozelo da bota é impensável. – Por favor, não lhe toque.

– Deixe-me ao menos ajudá-la a tirar as calças. Estão imundas.

Tem alguma razão. O fundo das minhas *leggings* apanhou uma boa dose de neve e lama, que endureceram ao secar. Mas não consigo sequer imaginar como conseguirá ela tirá-las.

– Não sei…

– Tenho uma tesoura na casa de banho – diz, naquele seu tom alegre. – É só cortá-las. Não custa nada.

– Está bem.

A Polly vai à casa de banho e volta com uma tesoura de pegas cor-de-rosa. Puxa os cobertores para trás para revelar as *leggings* cinzentas (*nada*) elegantes que trazia por baixo do vestido. Com uma eficiência que só vem da prática, corta o tecido com a tesoura, terminando no cós. Depois de abrir totalmente a frente, puxa-as delicadamente de debaixo de mim.

Grande parte da dor está concentrada no tornozelo esquerdo, mas toda a perna está inchada. Quer dizer, já tinha as duas pernas intumescidas antes do acidente, mas a esquerda está visivelmente maior e com um tom levemente rosa. Entre o peso da bota e o inchaço, é difícil mexer sequer a perna. Quando tento, a dor é excruciante.

Tenho a certeza de que o tornozelo está partido. Já não consigo mais fingir que pode não estar. E, em vez de estar no hospital, com o tornozelo a ser

engessado ou reparado cirurgicamente, estou deitada nesta cama enquanto sara de forma completamente errada. Este atraso no tratamento médico pode custar-me a capacidade de andar normalmente.

– Não está melhor agora? – pergunta a Polly, com um sorriso claramente forçado.

– Ahã – respondo apaticamente.

Talvez a Polly me esteja a dizer a verdade sobre tudo. Talvez o limpa-neves esteja a caminho e eu vá para o hospital amanhã e eles resolvam isto. A medicina moderna é uma coisa incrível. Ainda consigo sentir a *Atum* a mexer-se, por isso deve estar bem. Amanhã de manhã, vou direta para o hospital.

Afinal, o Hank não me pode manter aqui para sempre.

Pois não?

Ergo o rosto para olhar para a Polly, que me fita. Os seus olhos são de um verde intenso, mas, à luz ténue do teto, parecem muito mais escuros. Passa-me pela cabeça uma súbita e terrível certeza: *Vou morrer aqui.*

SEGUNDA PARTE

vÉSPERA DO ACIDENTE

20

POLLY

Enquanto corto cenouras na bancada da cozinha, sinto que estou a ser observada.

Não há muita gente por aqui. Eu e o Hank temos uma casa muito afastada do caminho mais movimentado – o vendedor anunciou-a como uma casa, mas eu descrevê-la-ia como uma cabana grande, na verdade. Vivemos numa zona rural do Maine e só há uma outra casa a menos de quilómetro e meio da nossa. Até as caixas do correio são ao fundo da rua, porque o carteiro se recusa a descer a estreita estrada de terra que vai até nossa casa, que costuma estar cheia de árvores e ramos que cresceram demasiado e que acabam por ter de ser cortados pelo Hank. Não recebemos muitas visitas – pelo menos não nos dias que correm.

Mais do que nunca, aprecio a solidão. Mas fico nervosa quando o Hank está na oficina. Este é o tipo de lugar onde ninguém nos ouviria gritar.

Pouso a faca na tábua de cozinha vermelha. Tenho três cenouras grandes descascadas e cortadas, que vou juntar ao estufado que vamos comer ao jantar. Viro-me e vejo dois olhos azuis, que me fitam através do vidro da porta das traseiras. Então, oiço uma sucessão de três batidas suaves.

Atravesso a divisão e corro o único trinco da porta das traseiras. Abro-a e deparo-me com uma menina de cabelo louro-escuro apanhado em duas tranças desgrenhadas. Fita-me com os olhos enormes.

– Sadie – digo. – O que fazes aqui?

Ela muda o seu peso de uma perna para a outra, entre os ténis cinzentos, que parecem em tempos ter sido brancos. Tem um pequeno buraco por cima do dedo grande no ténis direito, mas diga-se que, com este tempo, devia estar a usar botas.

– O meu pai ainda não está em casa. Posso ajudar-te a fazer o jantar?

Hesito, apesar de saber que vou acabar por a deixar entrar. O pai da Sadie avisou-me de que não queria que ela viesse cá depois das aulas, mas eu tenho-a recebido na mesma. A Sadie tem sete anos e, na minha opinião, é demasiado nova para fazer sozinha os oitocentos metros a pé desde a paragem do autocarro até casa, mas o pai dela não se parece importar e a mãe nem sequer vive cá. Disse ao Mitch que ia buscar a Sadie todos os dias – sabe Deus que não tenho nada melhor para fazer hoje em dia, desde o *Incidente* – mas ele não gostou da ideia. Na verdade, as palavras que usou foram: *Mete-te na tua vida, Polly.*

Nunca tive muito jeito para isso.

– Claro – respondo. – Entra!

Enquanto ela entra alegremente na minha cozinha, tento lembrar-me se tenho todos os ingredientes para fazer bolachas de aveia e pepitas de chocolate, que são as suas favoritas. Mas também vou tentar que ela coma um bocadinho de estufado antes de se ir embora. A miúda está demasiado magra. Quando despe o casaco de inverno, que está esgaçado nas mangas, reparo nos ossos dos seus braços, salientes através da pele. Esta miúda é só pele e osso.

– O que estás a fazer? – pergunta-me a Sadie.

– Estou a fazer estufado de vitela – respondo. – É a comida preferida do Hank.

O Hank adora o meu estufado de vitela, mas, para dizer a verdade, despacha qualquer coisa que lhe ponha à frente e quase lambe o prato. O meu marido é certamente um bom garfo.

Ponho a Sadie a deitar os ingredientes que corto na panela do estufado, que já ferve. Quando for um pouco mais velha, vou ensiná-la a cortar os vegetais, mas ainda não tem idade suficiente. Mesmo assim, gosta de me ver. Torce o narizinho quando acendo uma vela na mesa da cozinha.

– Porque é que estás a fazer isso? – pergunta.

– Vou cortar cebolas – explico eu. – Se acender uma vela antes de as cortar, queima as toxinas e os olhos não choram.

Foi a minha mãe que mo ensinou quando era pequena, e temos montes de velas espalhadas pela casa porque a luz falha sempre quando há uma tempestade. É bom estarmos preparados.

Tenho o rádio ligado nas notícias. Os dois grandes temas são a tempestade de neve prevista para amanhã – o que não é propriamente notícia, porque parece haver uma todas as semanas – e uma grande fusão de um empresário de quem nunca ouvi falar. Nenhum dos assuntos me interessa, mas gosto do ruído de

fundo.

Enquanto corto as cebolas, a chama da vela fica mais intensa, como costuma acontecer. Imagino sempre que as toxinas da cebola alimentam a chama. A Sadie vê o fogo crescer, de olhos arregalados e com o queixo apoiado na palma da mão. Não posso deixar de notar a sujidade que tem entranhada nas unhas.

Quando terá sido a última vez que esta menina tomou um banho? Se tivesse de adivinhar, diria que já passaram pelo menos alguns dias.

Digo à Sadie para pegar nas cebolas e as deitar na panela. Mordo o lábio, observando-a.

– Sadie?

– Sim?

– O que me dizes a um banho de espuma? Como se fosse um *spa*.

Os seus olhos azuis iluminam-se. O Hank vai matar-me, mas não posso deixar esta menina sair de minha casa sem lhe assegurar pelo menos um mínimo de higiene.

Baixo o lume para o estufado poder apurar e dirijo-me à casa de banho para preparar um banho para a Sadie. Não tenho espuma de banho a sério, mas tenho um frasco de champô para bebé que faz bastante espuma quando o verto em água quente. Enquanto a água enche a banheira, dou um pouco de privacidade à Sadie para se despir e entrar. Fico à porta, a ouvi-la debater-se para tirar a camisola e as calças.

– Já podes entrar, Polly! – chama ela.

Suavemente, abro a porta da casa de banho e vejo a Sadie na banheira, com espuma quase até ao pescoço. A água está à temperatura ideal e ela tem um sorriso de orelha a orelha. Pego nas roupas que deixou em cima da sanita; estão duras de sujidade velha. Vou pô-las a lavar na máquina com um ciclo rápido para que estejam limpas e quentes quando ela estiver pronta para ir para casa.

A banheira está quase cheia. Estendo a mão para fechar a torneira e é então que reparo no hematoma escuro e púrpura na parte superior do braço. Tem exatamente a forma e o tamanho de uma mão de homem.

Sinto o rosto a arder. Antes do *Incidente*, era enfermeira e consigo reconhecer logo do que se trata. O Mitch foi demasiado bruto com a filha. Não é a primeira vez que vejo uma marca destas na Sadie. Uma vez, cheguei mesmo a ligar para a Proteção de Menores, mas não deu em nada. Só que o Mitch suspeitou que tinha sido eu a fazê-lo, dando-lhe ainda mais razões para me odiar.

– Como aconteceu isto, Sadie? – pergunto-lhe.

Ela olha para a pisadura no braço.

– Caí.

Não posso imaginar que queda causaria uma contusão com este aspeto, mas não vou interrogar esta menina. Já fiz o que podia. Chamei a Proteção de Menores. Não posso propriamente pegar na Sadie e salvá-la daquele homem horrível sozinha.

Pois não?

Não, não posso.

A Sadie passa a meia hora seguinte na banheira. A água que antes estava limpa fica cinzenta e tenho de destapar o ralo e abrir a torneira para que saia da banheira. Depois, lavo-lhe o cabelo com champô, tentando desenlear os nós com os dedos. Trago um copo da cozinha e mando-a inclinar a cabeça para trás para poder enxaguar o champô sem lhe ir nenhum para os olhos. Era o que a minha mãe costumava fazer comigo.

– Entranças-me o cabelo como o teu, Polly? – pede-me a Sadie.

Toco na trança atrás da cabeça. Ao longo dos últimos anos, sobretudo desde que deixei de trabalhar, habituei-me a prender o cabelo numa longa trança que me cai pelas costas. Não é elegante, mas mantém-no fora do caminho.

– Claro. Até te posso fazer uma trança francesa.

– O que é uma trança francesa?

Não sei bem como responder.

– É como uma trança normal, mas chique.

Os olhos da Sadie iluminam-se. Quer sem dúvida uma trança francesa.

Quando me preparo para ajudar a Sadie a sair da banheira, um grande punho bate à porta da casa de banho. Sinto o coração na garganta enquanto me preparo para o que está prestes a acontecer. Entreabro a porta e vejo o meu marido corpulento com uma ruga profunda entre as sobrancelhas. Tenta abrir a porta da casa de banho, mas, desta vez, mantenho-me firme, deixando apenas uma fresta aberta.

Obrigo-me a sorrir.

– Chegaste cedo.

O Hank olha para mim com os lábios curvados para baixo. Sempre me senti demasiado alta e desajeitada por ter um metro e setenta e oito e costumava invejar as mulheres de estatura mais baixa. Mas tudo mudou quando conheci o meu marido, que tem a altura impressionante de um metro e noventa e três. Tem a constituição de um lenhador e metade do rosto escondida por uma barba

cerrada castanha que se tem vindo a tornar cada vez mais hirsuta ao longo da última década, apesar de ele jurar que a apara uma vez por semana.

O Hank é o tipo de homem que faria qualquer um fugir se o encontrasse num beco escuro.

– O que se passa aí dentro? – exige saber.

Saio pelo espaço pequeno entre a porta e a parede, mantendo-a ligeiramente entreaberta.

– Estou a dar um banho à Sadie.

O Hank não fala muito. Não gosta de dizer nada que não ache que valha a pena e, na sua opinião, não há muito que valha realmente a pena. Antes dele, namorei com vários homens que gostavam de falar só para ouvir a sua própria voz. O Hank não é assim. No nosso primeiro encontro, fartei-me de falar para preencher o silêncio e o Hank limitou-se a ficar sentado à minha frente no restaurante, a assentir como se escutasse atentamente cada palavra. Foi a primeira vez que me senti realmente ouvida.

Agora, diz apenas:

– *Polly.*

– Eu *sei* – silvo-lhe. – Mas ela estava imunda, Hank.

Desta vez, ele não diz nada. A camisa que tem por baixo do casaco está manchada de óleo. Tal como a Sadie, tem sujidade entranhada nas unhas, por causa do trabalho na nossa oficina de mecânica. Mas, agora, pode subir e ir tomar um duche, como faz todos os dias quando chega a casa do trabalho. A Sadie não pode fazer isso.

– Ela veio cá à minha procura. – Cruzo os braços sobre o peito. – Vou lavar-lhe a roupa e depois mando-a para casa. O Mitch nem vai saber.

O Hank solta um longo suspiro, mas não diz mais nada. Não precisa de o fazer, porque ao fim de dez anos de casamento sei exatamente o que está a pensar. *Estás a pedir sarilhos, Polly.*

E tem razão.

Mas não quero saber.

21

Quando passo pela porta da cave, sinto um calafrio.

Nunca fui uma pessoa supersticiosa. Sempre acreditei que todas essas histórias sobre fantasmas e a vida depois da morte não passavam de um monte de tretas. Mas tenho pelo menos noventa por cento de certeza de que o espírito da minha mãe está preso na nossa cave.

O único lado positivo do *Incidente* que me fez perder o emprego foi que, quando a minha mãe foi diagnosticada com um cancro da mama agressivo há dois anos, pude estar presente para ela. Quando piorou e ficou muito doente, perto do fim, eu e o Hank convertemos a cave num quarto de hospital. Pusemos lá uma cama de hospital, uma cadeira sanitária, um televisor e uma estante cheia de revistas e de todos os seus livros favoritos. Adorava acima de tudo romances de horror. *Não há nada como um bom susto*, costumava dizer.

Cuidei dela até ao fim e, quando morreu, estava a segurar-me na mão.

Não acho que o fantasma da minha mãe ande a flutuar pela cave. Não enlouqueci *completamente*. Mas sinto a sua presença sempre que passo junto à porta da cave. Quando encosto os dedos à porta, sou capaz de jurar que sinto as pontas dos dela.

Mas a minha crença espiritual não passa disso. Não faço sessões espíritas. Não tento comunicar com o seu espírito de forma alguma. Ainda assim, deixo a porta da cave fechada, pois sinto que talvez isso a mantenha connosco por mais tempo.

Tenho imensas saudades dela. Amo o Hank, mas não há ninguém como a nossa mãe. Era rececionista num consultório médico e foi ela quem me encorajou a candidatar-me ao curso de Enfermagem, mesmo quando eu ainda não tinha a certeza se seria capaz. Acreditava em mim incondicionalmente, como mais ninguém o fazia. Dizia-me que era capaz de tudo.

Enquanto me perco em pensamentos junto à porta da cave, oiço o toque do telemóvel ecoar pelo primeiro andar. Deixei-o na mesa de centro quando estava

a ver televisão, por isso corro para a sala de estar para ver quem me está a ligar. Sorrio ao ver o nome da Angela no ecrã. A Angela é a minha amiga mais próxima e a única enfermeira do hospital que ainda fala comigo regularmente.

– Olá, Angela – digo, grata por quebrar o silêncio perpétuo de nossa casa.

– Olá, Polly. Como estás?

A Angela costumava ser a única pessoa capaz de me perguntar como estou sem parecer que está a falar com uma doente mental. Mas há algo no seu tom de voz neste momento que me deixa inquieta.

– Estou bem – respondo. – Como vão as coisas no hospital?

Eu e a Angela trabalhávamos juntas no Roosevelt Memorial desde que terminámos a faculdade. Foi a primeira pessoa que conheci no primeiro dia como enfermeira em formação. No meu último dia no hospital, foi ela quem ligou ao Hank e lhe disse que tinha de me ir buscar o mais rapidamente possível.

– A Carol vai reformar-se – diz a Angela.

– Não pode!

– Sim. – Sinto-a sorrir do outro lado da linha. A Carol foi quem nos treinou e costumávamos brincar que ainda lá estaria a trabalhar quando nos reformássemos. Durou mais do que eu, pelo menos. – Nem consigo acreditar. Só tem para aí cem anos.

– Bem, bom para ela. – Pondero se devo perguntar se vai dar uma festa e se deveria ir, mas decido não o fazer. Quem estou a enganar? Não vou pôr os pés em nenhuma festa no hospital. Seria demasiado doloroso. – Estás pronta para a tempestade que aí vem?

A previsão meteorológica alerta para uma tempestade de neve, mas, por enquanto, apenas alguns flocos polvilham o chão. Mesmo assim, aproxima-se.

– Tenho o armário cheio de enlatados e de água – informa.

– Idem. E o Hank rachou uma grande pilha de lenha.

Por vezes, as tempestades de neve podem deixar-nos presos em casa durante dias, por isso aprendi a estar sempre preparada. A última coisa que queremos é lidar com idas ao supermercado quando há uma tempestade a caminho.

– Há outra coisa, Polly. – Quando a Angela baixa a voz, adivinho logo o que vai dizer. Só quero enfiar os dedos nos ouvidos. – Eu… estou grávida. Nasce em agosto.

Não devia ter atendido o telefone. Devia ter sabido que este momento ia chegar. Aconteceu tantas vezes que lhes perdi a conta – e nunca deixa de ser

doloroso. Mas a Angela é a única amiga que ainda resta da minha antiga vida e, de algum modo, não deixa de doer.

– Oh…

– Queria que soubesses por mim – diz.

Empurro todas as emoções sombrias para um fosso no estômago.

– Angela, isso é fantástico! – exclamo. – Parabéns! Fico tão feliz por ti!

– Bem… obrigada.

– Vais ter uma menina ou um menino?

– É uma menina.

– Que maravilha! – Não sei como consigo com que a minha voz soe tão alegre enquanto os olhos lacrimejam. – Parabéns! A sério!

– De… de certeza que estás bem?

– Claro! – Quase me falha a voz. Tenho de desligar depressa, porque não vou deixar que a Angela me oiça a chorar. – Estou mesmo muito feliz por ti! Que maravilha. Quer dizer, que bênção. Nem sabia que andavas a tentar…

– Bem, achei só que, com tudo o que estava a acontecer contigo, era melhor não te incomodar com…

Um punho bate três vezes à nossa porta da frente, desviando a minha atenção da Angela e das suas notícias. Ergo a cabeça, confusa. O sol já se pôs, o que significa que é demasiado tarde para ser a Sadie. E não costuma cá vir todos os dias, por isso, se veio ontem, não conto tornar a vê-la pelo menos até amanhã ou ao dia seguinte.

Mas não quero saber. É uma desculpa para largar o telefone.

– Angela – digo –, é melhor desligar. Está alguém à porta.

– Oh, sem problemas. Mas temos de voltar a falar em breve, está bem? Talvez possamos combinar um café?

– Sem dúvida! É só ligares.

Pressiono o botão vermelho do telemóvel para desligar a chamada. Olho para o ecrã e abro a lista de contactos. Carrego no nome da Angela – ao longo dos últimos treze anos, os seus contactos foram passando pelos vários telemóveis que tive. O meu indicador paira sobre as palavras «bloquear este contacto».

Então, primo-as. Não tenho qualquer interesse em voltar a falar com a Angela.

Truz, truz, truz.

Quem será? Não estou de todo à espera de visitas e estamos tão longe da cidade que é improvável que alguém cá tenha vindo dar por engano. *Nunca*

recebemos ninguém, nem sequer vendedores. O Hank ainda está na oficina, apesar de geralmente vir a casa por volta desta hora para jantar antes de regressar ao trabalho durante mais algumas horas. Costuma ficar até mais tarde quando se aproxima uma tempestade para ajudar os condutores perdidos que ficam presos na neve. Preocupa-me que conduza sob nevões tão fortes, mas tem a carrinha e é um condutor cuidadoso.

Em todo o caso, não é o Hank que está à porta. Ele não bateria.

Dirijo-me à porta da frente e espreito pelo óculo. É o Mitch Hambly, que mora ao cimo da rua – o pai da Sadie. Nunca me tinha aparecido à porta. Será que a Sadie está bem? Desde que a minha mãe morreu que não preciso de fazer uso dos conhecimentos de Enfermagem e peço a Deus que não tenha de o fazer hoje.

Destranco a porta e abro-a só um pouco. O vento gélido da rua atinge-me no rosto e, juntamente com o cheiro omnipresente a madeira húmida, sinto um cheiro intenso a *whisky*. A julgar pelos olhos raiados de sangue, o Mitch bebeu um copo ou dois antes de passar por cá. Tem o cabelo ralo despenteado, espetado em todas as direções.

– Olá, Mitch. – Esfrego as mãos, tanto por a entrada estar fria como por estar ansiosa. – Está tudo bem com a Sadie?

– *Não.* – Atira o seu peso contra a porta, abrindo-a por completo para poder entrar. Vejo a teia de veias azuis de cada lado das suas narinas. Já estão a cair alguns flocos de neve do céu e o Mitch tem o cabelo e os ombros pintalgados por pequenos pontos brancos, como se fossem caspa. – *Não* está tudo bem.

Percebo logo o meu erro. O Mitch não veio cá por estar preocupado com a Sadie nem para pedir provisões para a tempestade. Veio cá porque está *furioso*.

E bêbado.

Não lhe devia ter aberto a porta. Mas agora é demasiado tarde. Já atravessou a ombreira. Está dentro de minha casa.

– Mitch. – Sorrio-lhe o mais pacificadoramente que posso. – Qual é o problema?

– *Tu*, és tu o problema. – Dá um passo na minha direção. – Que direito tens de convidar a minha filha para tua casa? Avisei-te para te manteres longe dela!

– Então, Mitch. – Cruzo as mãos trémulas sobre o peito. – Não há razões para tanto alvoroço. A Sadie só parou cá um bocadinho depois da escola. Foi só isso.

– Deste-lhe banho! Lavaste-lhe a roupa! – Abre-me um sorriso de escárnio. – Estás a dizer que não cuido da minha filha?

Dou alguns passos atrás e o Mitch segue-me, fazendo-me recuar para a sala de estar. Quase tropeço nos meus próprios pés a tentar criar distância entre nós. O Mitch tem a mão direita cerrada num punho, fazendo sobressair os seus nós dos dedos brancos e hirsutos. Já tive oportunidade de ver o que fez a uma menina indefesa de sete anos. Não sei o que será capaz de me fazer a mim. É da mesma altura que eu, mas pesa pelo menos mais vinte quilos – ou mais, provavelmente – e é muito musculado.

– Não estou a dizer que não cuidas dela – apresso-me a dizer, apesar de ser mentira. – Ela queria só experimentar tomar um banho de espuma. Mais nada.

– És cá uma peça, Polly. – Torce os lábios num esgar. – Achas que não sei que foste para o manicómio há dois anos? Eu sei. *Toda a gente* sabe. És a última pessoa que quero perto da minha filha!

Estremeço.

– Mitch, por favor, tens de entender…

– Não quero ouvir as tuas malditas desculpas! – A sua voz áspera ecoa na casa vazia. – Disse-te mil vezes para ficares longe dela. Desta vez, vais aprender a lição.

Enquanto dou outro passo atrás, procuro desvairadamente uma arma. O Hank tem uma pistola no roupeiro do quarto, mas jamais conseguirei lá chegar e, seja como for, não está carregada – esconde as balas num sítio completamente diferente. Nem sequer consigo chegar à cozinha, onde tenho as facas todas. Acho que a melhor aposta é o pisa-papéis na mesa de centro. É surpreendentemente pesado e, se o usar para dar uma boa pancada na cabeça do Mitch, deverá abrandá-lo o suficiente para poder procurar uma arma melhor.

Antes que o possa alcançar, porém, ele agarra-me pelo pulso, e os seus dedos grossos beliscam-me a pele. Tento libertar-me, mas o seu aperto é como o de um torno.

Estou encurralada.

22

Larga-me!

Grito o mais alto que consigo, mas sei perfeitamente que a casa mais próxima além da do Mitch fica a quilómetros de distância. Ninguém me vai ouvir. Ninguém me vem salvar.

Como disse, aqui ninguém nos ouve gritar.

O Mitch ri-se. O seu hálito tresanda ainda mais a álcool do que as suas roupas. Nunca o devia ter deixado entrar. Em que é que eu estava a pensar? Pensava que não haveria problema porque é meu vizinho e estava preocupada com a Sadie. Mesmo agora, enquanto me aperta o braço com cada vez mais força, até sentir os meus ossos ranger uns contra os outros, continuo preocupada com ela. O que lhe terá feito quando descobriu que ela tinha vindo cá a casa? Tenho de me assegurar de que está bem.

Porém, não sei como vou conseguir fazer isso, quando este homem me está prestes a partir o braço ao meio. E será uma sorte se for só isso.

– Que diabos se passa aqui?

A pressão no meu pulso afrouxa num segundo. Nem me apercebi do som das botas pesadas do meu marido na alcatifa do *hall* de entrada. Deixou um rasto de lama, mas neste momento não me podia importar menos — nunca fiquei tão feliz por ver o Hank. Nota-se quão mais alto é do que o Mitch quando se aproxima dele, com ar de quem lhe quer partir a cara.

Mesmo com o julgamento toldado pela bebedeira, o Mitch sabe que deve ter medo do meu marido. Recua alguns passos.

– A tua mulher anda a intrometer-se nos meus assuntos. Vim só dizer-lhe para se afastar.

O Hank faz estalar os nós dos dedos e o som ecoa pela sala de estar. O Mitch parece estar à beira de fazer chichi nas calças e não posso negar que sinto alguma satisfação.

– Ouve bem – diz o Hank, no rosnido grave de um *pitbull* prestes a atacar. –

Nunca mais te quero voltar a ver em minha casa. *Nunca mais* te quero voltar a ver a menos de três metros de distância da minha mulher. Entendido?

O Mitch abre a boca, mas não consegue dizer nada.

Os olhos do Hank escurecem; põe-se à frente do Mitch, impedindo qualquer hipótese de fuga.

– *Entendido?* Porque, caso contrário, temos aqui um grande problema, Mitch.

Por natureza, o meu marido não é um homem violento, mas essa regra não se aplica no que toca a proteger-me. Pouco mais de um ano depois de nos casarmos, partiu o nariz a um homem num bar por se tentar meter comigo e acabou por passar dois meses na prisão por agressão. Foram dois meses miseráveis para ele – algo que não está ansioso por repetir – mas não deixa de estar a falar a sério neste momento. Não deixaria de partir todos os ossos do corpo ao Mitch se ele me tentasse magoar realmente.

– Sim. – A voz do Mitch é agora um arquejo. – Sim, entendido.

– Ótimo. Agora pede desculpa por teres assustado a Polly.

– Desculpa, Polly – balbucia. – Desculpa, Hank.

O Hank afasta-se da porta e deixa o Mitch sair. Duvido que nos volte a dar problemas. Infelizmente, não sei se o mesmo se aplica à Sadie. Como não me conseguiu magoar, será que vai descarregar nela? Tomo nota de que tenho de arranjar maneira de ver como está amanhã.

O Hank bate a porta atrás do Mitch. Corre o trinco e fica a olhar para mim. Como seria de imaginar, tem uma ruga profunda entre as bastas sobrancelhas castanhas.

– Polly – diz. – Não te disse para ficares longe deles?

– Sim. – Esfrego o pulso. Amanhã, estará negro, tão negro como o braço da Sadie. – Mas ela veio cá ter comigo. Que havia eu de fazer?

Lentamente, ele abana a cabeça.

– Dizer-lhe para ir para casa. Era isso que devias ter feito.

– Mas…

– Dizer-lhe para ir para casa, Polly. – O seu tom não deixa margem para discussão. – De agora em diante, é isso que vais fazer.

– Mas ele faz-lhe mal! – Chegam-me lágrimas aos olhos ao pensar no que ele faz àquela menina. Que tipo de justiça haverá no mundo se um homem daqueles tem uma filha linda e maravilhosa da qual nem sequer quer saber? – Faz-lhe mal e nós não vamos fazer nada em relação a isso?

O Hank fita-me durante muito tempo e dá para perceber que está a escolher

cuidadosamente as palavras.

– Polly, ligámos para a Proteção de Menores. Eles investigaram. Não temos nada a ver com isso.

– Mas…

– *Não temos nada a ver com isso.*

– Mas, Hank, como podes ser capaz de virar costas a uma menina que precisa da nossa ajuda?

Ele suspira. Passa por mim e deixa-se cair no sofá da sala de estar, que range sob o seu peso. Como se senta sempre no mesmo lugar, a almofada já afunda, em formato de Hank.

– Polly. – Olha para mim. – E se eu não tivesse vindo para casa agora? E se tivesse ficado a trabalhar até tarde? O que te teria acontecido?

Enquanto ele me olha fixamente, apercebo-me de que o meu marido de um metro e noventa e três e cento e treze quilos tem medo. Tem medo do que me poderia ter acontecido se ele não tivesse chegado a casa quando chegou. Tem medo do que pode acontecer da próxima vez.

– Está bem – digo por fim. – Eu fico longe deles.

O Hank estende os braços e deixo-me cair no seu colo, abraçando-me ao seu grosso pescoço. Tem boas intenções. É o melhor homem que alguma vez conheci – não há ninguém melhor. Teria dado um excelente pai. É por minha culpa que nunca poderá ter essa experiência.

– Desculpa – murmuro para o seu pescoço.

Ele aperta-me com força contra o seu corpo quente, que irradia mais calor do que qualquer fornalha.

– Fica longe deles. Só isso.

Nem sabe por que razão lhe estou a pedir desculpa.

23

Oxalá o meu marido não ficasse fora até tão tarde durante uma tempestade de neve.

Apesar de lhe ter implorado para não o fazer, o Hank voltou para a oficina depois do jantar. Costuma voltar à noite, porque nos faz falta o dinheiro do trabalho extra. Além disso, a oficina fica mesmo perto da saída da estrada principal, pelo que recebe muitos condutores que saem para encher o depósito quando a tempestade está prestes a começar.

Obriguei-o a prometer-me que voltava antes de a neve começar a cair em força, mas, ao espreitar pela janela, vejo que já se amontoaram quase trinta centímetros de neve no chão. A eletricidade foi abaixo há meia hora e ando pela casa a acender velas. Ainda assim, não há sinal da carrinha do Hank.

Onde estará ele? E se teve um acidente?

Ou pior, e se o Mitch foi atrás dele? Desarmado não é adversário à altura do meu marido. Mas parece ser o tipo de homem capaz de ter um arsenal de espingardas escondido algures. Se o Mitch foi atrás do Hank com uma arma…

Sinto um aperto no peito quando penso nisso. Sem o Hank, eu não teria qualquer razão para continuar.

Quando estou mesmo a entrar em pânico, vejo a carrinha verde do Hank surgir ao longe. Conduz lenta e cuidadosamente, como costuma fazer quando há uma tempestade, mas, mesmo assim, os pneus debatem-se. Pára em frente à casa, mas, em vez de sair de imediato, demora-se dentro da carrinha.

O que estará a fazer ali dentro?

Semicerro os olhos, tentando ver para dentro da carrinha através da escuridão. Quase parece…

Está alguém lá dentro com ele?

Ao fim de um bom minuto, o Hank sai. Enfia o gorro preto sobre o cabelo curto e atravessa os trinta centímetros de neve até à porta da frente. Antes de chegar, já lhe abri a porta.

– Onde é que estavas? – pergunto bruscamente.

O Hank olha para carrinha atrás dele.

– Encontrei uma mulher na estrada. Disse-me que se chama Megan… Não, espera, *Tegan*. Teve um acidente grave, bateu contra uma árvore. Tive de a tirar de lá e acho que está ferida. Qualquer coisa no tornozelo.

– Oh! – Agarro-me ao peito, mas não me devia surpreender. O Hank está sempre a parar quando há condutores presos na estrada, mesmo que não signifique ser pago. Sempre que faz uma viagem de carro, acaba sempre por ajudar algum estranho a mudar o pneu pelo menos uma vez. – Isso é terrível.

– O telefone está a funcionar? Podemos tentar chamar uma ambulância.

Abano a cabeça.

– Não há telefone nem luz. E não temos rede.

– Então vai ter de passar cá a noite. – Olha outra vez por cima do ombro. – Ajudas-me a tirá-la do carro?

Franzo o cenho aos trinta centímetros de neve que cobrem a entrada da casa.

– Precisas de mim para quê?

– Bem, está ferida e tu és enfermeira.

Não me dou ao trabalho de corrigir que *era* enfermeira. Duvido que alguma vez volte a ser contratada.

– Além disso… – Enfia as mãos nos bolsos do casaco. – Acho que ela tem medo de mim.

Quase me rio alto ao ouvir isso. Admito que deve ter sido assustador estar presa num carro avariado em plena tempestade de neve e depois ver este homem das neves a avançar na sua direção.

Obedientemente, enfio o casaco e o gorro branco com um pompom e sigo o Hank até à carrinha. A mulher no lugar do passageiro está em mau estado. Embora não seja bem uma mulher – é mais uma rapariga. Tem a pele perfeitamente lisa e sem rugas. Tem ar de quem podia andar no secundário.

O Hank carrega-a até ao sofá e pousa-a o mais cuidadosamente possível. Tem claramente muitas dores – tem o tornozelo ferido, disse ele, e um grande galo na testa. Mas ele esqueceu-se de me avisar de uma coisa — está grávida, no fim do termo. Só reparo quando o casaco se abre. A barriga espreita à luz trémula das velas que acendi na sala de estar.

Por muito que saiba quão horrível é, sinto uma pontada súbita de inveja.

Mas não posso deixar que isso me incomode. Esta rapariga está ferida, vai passar aqui a noite e eu vou ser sua anfitriã. Se não conseguir lidar com isso, é

sinal de que tenho problemas graves.

24

Entrar na cave provoca-me sempre uma vaga de *déjà vu*. Só vim cá abaixo uma vez desde que a minha mãe morreu e foi para mudar os lençóis da cama de hospital. Esperava que cheirasse a morte, mas só cheirava vagamente a desinfetante. Até o aroma do seu perfume abandonou o quarto.

Está tudo como ficou há um ano. A cama de hospital continua reclinada num ângulo de trinta graus. A cadeira sanitária continua junto à cama, apesar de que, no fim, ela já nem tivesse forças suficientes para a usar e eu tivesse de lhe levar a arrastadeira. Até a estante continua cheia das revistas da minha mãe e dos seus livros favoritos. O seu preferido era o *The Shining* e o exemplar está tão vincado e dobrado que temo que, se lhe pegasse, as folhas simplesmente cairiam.

Enquanto o Hank pousa a Tegan na cama de hospital, sinto uma pontada de tristeza no peito. A última vez que estive junto a esta cama foi a segurar na mão da minha mãe enquanto ela partia. Há meses que estava em cuidados paliativos, mas, de algum modo, ambas sabíamos que ia ser aquele o dia.

Nessa manhã, estávamos ambos sentados com ela, eu e o Hank. De olhos toldados, ela olhou para o meu marido e disse: *Vais cuidar bem da minha Polly, não vais?*

Para o resto da vida, prometeu ele. Tinha dito essas mesmas palavras quando nos casámos, mas, de algum modo, significaram ainda mais ali, no leito de morte da minha mãe.

Acabou por ter de sair para a oficina, porque não tínhamos condições financeiras para a manter fechada. Então, ficámos só eu e a minha mãe, que segurava a minha mão na sua, já fria e frágil.

Não te preocupes, Polly, disse-me ela. *Um dia, a tua família estará completa.*

Sabia dos meus problemas de infertilidade, claro. Além do Hank, era a única a saber todos os pormenores sórdidos. Mas, ao contrário do Hank, acreditava que um dia eu ia conseguir ter um bebé.

Só prova que não sabia tudo.

Enquanto instalo a Tegan na cama, vem à baila o tema da sua gravidez. Sou mestre em plasmar um sorriso no rosto e fingir que estou encantada por alguém ir ter um bebé, mas torna-se mais difícil de cada vez que o faço. Um dia destes, vou abrir a boca para felicitar alguém pela gravidez e não vou conseguir dizer nada.

Tem uma lesão grave no tornozelo. É difícil perceber quão grave é, uma vez que não me deixa tirar-lhe a bota, o que me frustra imenso. Imagine-se, uma mulher adulta, prestes a ser mãe, que nem sequer deixa uma enfermeira qualificada avaliar-lhe as lesões! Mas, mesmo não conseguindo examinar-lhe o tornozelo, percebo pela intensidade das dores que é provável que esteja fraturado. Até era capaz de apostar a casa nisso.

Então, a Tegan começa a implorar por medicamentos para a dor.

Ainda tenho todos os narcóticos da minha mãe no armário da casa de banho do andar de cima. Tenho comprimidos que cheguem para matar um cavalo. Ou, mais fácil ainda, uma mulher de um metro e setenta e oito com cerca de sessenta quilos cuja vida se desmoronou por completo.

Não que tenha pensado nisso. Pelo menos não *ultimamente*.

– Posso dar-lhe paracetamol – digo-lhe. – Não tenho mais nada que seja seguro durante a gravidez.

Não parece *nada* satisfeita com a situação. Eu era capaz de dar o meu braço direito para ter um bebé a caminho, mas ela não se podia importar menos com o que mete no corpo. Mas sei que não vale a pena repreendê-la. Só quero tentar mantê-la confortável por esta noite, por isso serei o mais simpática que conseguir.

– Está bem – resmunga. – Aceito o paracetamol.

– Vou já buscá-lo.

Pede-me que lhe deixe a lanterna e eu dou-lha, apesar de odiar abdicar da única fonte de luz que tenho comigo. Tenho de me agarrar ao corrimão da escadaria que sobe da cave para evitar tropeçar nos pés e subo os degraus com muito cuidado para chegar ao topo. O último terço está escuro como breu. Tenho de estender a mão à minha frente para evitar ir contra a porta.

Quando a abro a minha visão regressa, graças à luz de todas as velas no primeiro andar. Tenho outro momento de sorte: o Hank já tirou a mala e o saco de viagem da Tegan do carro e deixou-os junto à porta da cave.

Só pediu a mala, mas o saco também dará jeito. Os cobertores só ajudarão até

certo ponto e ficará grata por ter uma camisola extra em vez de ficar na cama com o casaco vestido. Decido começar por aí.

Infelizmente, não trouxe muita roupa. Só algumas camisolas, roupa interior, umas calças. Onde quer que fosse, não tencionava ficar muito tempo. Enquanto vasculho as roupas, estremeço ligeiramente com a dor no pulso direito. Como seria de esperar, ainda arde onde o Mitch me agarrou e já tenho uma mancha vermelho-escura a formar-se, que amanhã estará roxa. Tenho mantido as mangas puxadas para baixo porque sei que o Hank vai ficar furioso quando vir o hematoma.

Depois, foco a atenção na mala da Tegan. Devia provavelmente levar-lha, mas não resisto a abri-la e espreitar para o interior. Assim que a abro, sou atingida por um fedor a *whisky* que quase me obriga a fechá-la novamente. Em vez disso, respiro pela boca e prossigo.

A sua carta de condução indica que se chama Tegan Werner. Tenho uma surpresa ao ver a data de nascimento. Pensava que não teria certamente mais de vinte anos, mas, na verdade, tem vinte e três.

O Hank desce para lhe ir levar mais cobertores enquanto eu continuo a revistar-lhe a mala. Volto a pôr a carteira, que tem apenas duas notas de um dólar, na mala. Quem é que anda por aí com apenas dois dólares? Pergunto-me qual será a sua história. O Hank vai gritar comigo outra vez por não me meter na minha vida, mas tenho um pressentimento de que a Tegan Werner tem uma história interessante.

A seguir, encontro o seu telemóvel. Toco no ecrã, mas está bloqueado. Começo a pôr o aparelho novamente na mala, mas, no último segundo, por razões que não compreendo muito bem, desligo-o e meto-o antes no bolso.

Depois, retiro uma garrafa de bolso. Abro a tampa e cheiro-a, como se houvesse alguma dúvida da origem do cheiro a *whisky*. E parece ser do forte – com um alto teor de álcool.

Anda a emborcar *whisky*. Durante uma gravidez avançada. Não é de admirar que tenha pedido logo analgésicos – está-se nitidamente a borrifar para o que mete no corpo. Parece que temos a mãe do ano na cave.

Volto a pôr a garrafa na mala e sinto o rosto a arder de raiva. Algumas pessoas dariam qualquer coisa para engravidar. Outras mulheres engravidam quase sem tentar e depois envenenam o bebé antes de ele ter sequer hipótese de viver.

Deixa-me furiosa.

A seguir, encontro um isqueiro dourado. Não vejo nenhum maço de tabaco

amarrotado no fundo da mala, mas de certeza que é apenas porque acabou. Se não vai deixar de beber enquanto está grávida, porque haveria de deixar de fumar?

Vasculho a mala uma última vez. Encontro outro objeto que me faz sentir muito grata por ter dado uma última olhadela.

É gás-pimenta.

Guardo-o também no bolso, junto ao telemóvel. Não que ache que aquela rapariga nos vai fazer mal, mas não me agrada a ideia de ter uma hóspede em casa com uma arma.

25

A Tegan pediu uma sanduíche de atum para comer.

À luz das velas, misturo o atum enlatado com um pouco de maionese. O atum tem mercúrio, o que pode ser prejudicial a um feto em desenvolvimento, mas creio que uma pequena quantidade não fará mal. Não que ela se importe muito com isso, se anda a beber *whisky* enquanto conduz.

A Tegan Werner disse que era casada, mas desconfio que mentiu. Não tem aliança. E hesitou durante demasiado tempo quando lhe perguntei. E é tão *nova*.

Não acho que seja casada. Acho que está a um mês de se tornar mãe solteira. Uma mãe solteira que traz uma garrafa de bolso cheia na mala. Que conduz imprudentemente durante uma tempestade de neve. Uma mentirosa.

Estremeço ao lembrar-me da sua queixa de ser «ridiculamente fértil». Sempre que oiço uma mulher a queixar-se de quão fértil é, o vaso sanguíneo que me atravessa a têmpora fica mais perto de rebentar. *Pobre de mim – sou demasiado fértil, tenho demasiado dinheiro no banco e, sempre que como uma fatia de bolo de chocolate, perco um quilo!*

Que sorte a minha – não tenho o problema de ser demasiado fértil. Na verdade, eu e o Hank gastámos cada cêntimo que tínhamos para ter um filho, e o com o que é que ficámos? Com absolutamente nada.

Foi tudo uma surpresa para mim. A minha mãe avisou-me de que tinha demorado muito tempo a conceber-me. Mais de dez anos e não conseguiu voltar a engravidar depois disso. Mas, mesmo com os períodos irregulares, não podia imaginar que fosse ter dificuldades. Tanto que fiquei chocada quando o meu primeiro teste de gravidez deu negativo.

Agora, passaram oito anos, três ciclos de fertilização *in vitro* que nos deram cabo das contas bancárias e uma adoção falhada. Continuamos a ser só eu, o Hank e o quarto de hóspedes vazio no andar de cima.

Volto à despensa, de vela na mão, para ir buscar umas bolachas para acompanhar a sanduíche, e encontro algo que enfiei mesmo ao fundo, atrás das

latas de carne e de milho e de um frasco inútil de vitaminas pré-natais. Algo de que já não me lembrava há muito tempo – desde que o decidi enfiar lá atrás.

É um ursinho de peluche.

É um urso castanho, com os lábios cosidos num sorriso perpétuo e um coração nas mãos. Foi o Hank que mo comprou. Ou talvez devesse dizer que o comprou para o nosso bebé. Houve um mês, logo no início, em que o meu período estava atrasado e pensei que estava grávida, e o entusiasmo fez com que ele se precipitasse. Deixei-o na estante da sala de estar, mas, quando se começou a tornar cada vez mais claro que não ia haver bebé nenhum no nosso futuro, enfiei-o no fundo da despensa. Não consegui obrigar-me a deitá-lo fora.

Por um momento, olho para o urso, com o coração a palpitar. Depois, abano a cabeça para me distrair. É inútil pensar nisso agora.

Quando acabo de preparar a mistura de atum e maionese, barro-a sobre as duas fatias de pão integral e junto-as para formar uma sanduíche. Quase sem pensar, pego numa faca e corto a sanduíche ao meio.

Oiço um estrondo vindo da sala de estar, seguido do som do Hank a praguejar. Deve ter tropeçado numa mesa ou numa cadeira, como já é habitual quando falta a luz. É demasiado grande para a maioria dos espaços e a sala de estar já é pequena que chegue. Continuo a agarrar distraidamente o cabo da faca, ainda a pensar naquele ursinho de peluche na despensa que o Hank me comprou há tantos anos. Um dia, a Tegan dará provavelmente um ursinho parecido à sua bebé. E a bebé sorrirá alegremente. Talvez chuche numa das orelhas macias do urso. Como sempre imaginei que o meu filho faria.

– Polly?

Viro-me, erguendo instintivamente a faca. O meu marido está atrás de mim e, ao ver a faca na minha mão, dá um passo atrás e ergue as duas mãos.

– Eia, Polly! Credo.

Baixo a faca e pouso-a na mesa da cozinha. Felizmente, está demasiado escuro para ele ver como me tremem as mãos.

– Assustaste-me.

– Desculpa.

– Ouvi um estrondo na sala de estar.

– Oh. – Esfrega o cotovelo e estremece. – Bati contra a mesa de apoio. Dói muito.

– Queres um pouco de gelo?

– A casa toda parece feita de gelo – salienta. Olha para a sanduíche em cima

da bancada. – O que estás a fazer?

– Uma sanduíche para a Tegan.

– Está bem. – Tem outra vez aquela ruga entre as sobrancelhas. Preocupa-o que eu esteja perto de uma mulher grávida. Não o diz, mas desde o *Incidente* que está à espera que eu volte a ir-me abaixo. – Queres que lha leve?

Abano a cabeça.

– Não, tinhas razão. Tem medo de ti.

O Hank leva a mão ao peito, como se estivesse ofendido, mas, se tivesse algum interesse em ser menos assustador, podia começar por fazer a barba – ou, pelo menos, apará-la. Não era nem de longe tão assustador quando o conheci, com vinte e poucos anos e uma barba curta e impecavelmente arranjada. Ele trabalhava numa oficina de mecânica e eu era uma estudante de Enfermagem com a caixa das mudanças avariada e sem dinheiro no banco.

Freneticamente, expliquei a situação do carro ao Hank e pedi-lhe para ver se me podia fazer algum tipo de plano de pagamento, apesar de ainda não ser dono da oficina nessa altura. Ele disse-me que ia ver o que podia fazer e, passados uns dias, quando voltei para ir buscar o carro, disse que o tinha reparado de graça. Tentei pagar-lhe pelo menos pelas peças, mas ele recusou-se a aceitar.

Quando o conheci, achei que era giro e contava que me pedisse o número de telefone, mas não o fez. Não sabia então como era tímido com as mulheres – não podia imaginar que um homem tão grande se pudesse sentir intimidado por alguém como *eu*. Mas não podia sair dali sem lhe mostrar quão agradecida estava, por isso ofereci-me para lhe pagar um jantar como agradecimento. Ainda me lembro de como os seus olhos se iluminaram.

Há muitas coisas de que me arrependo na vida. Mas não me arrependo de ter convidado o Hank para jantar nessa noite.

Ainda que às vezes me pergunte se ele se arrepende de ter aceitado.

26

A Tegan recusou os dois comprimidos para as dores que lhe ofereci.

Na verdade, *não* eram hidromorfona, como lhe disse. Não eram sequer analgésicos. Procurei no armário dos medicamentos algo que fosse seguro tomar durante a gravidez e acabei por tirar dois comprimidos anti-histamínicos. Calculei que, pelo menos, lhe dariam uma boa noite de sono. De certeza que teriam algum tipo de efeito placebo em relação à dor.

Ela acabou por nem os tomar. Alegro-me por ter tomado a decisão certa para a sua bebé – mesmo que não tenha sido logo. Com ou sem tornozelo partido, não devia tomar narcóticos.

Quando regresso ao quarto, o Hank já está na cama. Tem o cabelo curto escuro molhado e a barba também.

– Tomaste duche? – pergunto-lhe. – Às escuras?

– Levei uma lanterna. Sabes que não consigo adormecer se estiver coberto de óleo.

Olho para a casa de banho.

– Há água quente?

– Não. Tomei um duche frio.

Enfio-me na cama junto ao meu marido e pouso-lhe uma mão na barriga. Tem os músculos dos braços e ombros duros por causa do trabalho na oficina, mas a barriga é mole.

– Um duche frio, foi? Que pena.

O Hank arqueia as sobrancelhas.

– Polly?

Parece estupefacto, o que me faz sentir um pouco culpada. Eu e o Hank já não fazemos muito sexo e, quando o fazemos, é raro ser eu a iniciá-lo. Aliás, *nunca* sou eu a iniciá-lo. Desde o *Incidente* que me trata como se fosse feita de vidro e é tão delicado quanto pode a maior parte do tempo. Demasiado. Estamos basicamente em abstinência.

Nem sempre foi assim. Quando começámos a namorar, parecia que estávamos a tentar bater algum tipo de recorde mundial. A nossa vida sexual abrandou um pouco ao fim de alguns anos juntos, mas, depois de nos casarmos e decidirmos tentar ter um bebé, regressámos à corrida para ver se batíamos o tal recorde.

Na altura, era *divertido*. Mas «tentar ter um bebé» acabou por se transformar em «luta contra a infertilidade». O sexo tornou-se algo que tínhamos de planear na perfeição para quando o *kit* de ovulação dizia que estava na altura.

De qualquer modo, acabou por ser tudo em vão.

– Está tanto frio aqui. – Arrasto os dedos pelo peito do Hank. – Apetece-te fazer qualquer coisa que nos aqueça?

– Claro que sim. – Di-lo como se fosse uma pergunta estúpida e, realmente, suponho que o é.

Inclina-se para me beijar. O Hank sempre foi muito bom a beijar – é muito delicado para um homem do seu tamanho. Tento perder-me no sexo à luz das velas, grata por termos sobrevivido àquele período difícil. Ainda bem que não destruí por completo a nossa relação, apesar de parecer que dei o meu melhor para o fazer.

Nunca esquecerei a expressão no rosto do meu marido quando me foi buscar ao trabalho há dois anos. Foi depois dos tratamentos de fertilidade sem sucesso que nos esvaziaram as contas bancárias. Depois também da adoção falhada, quando a mãe adolescente mudou de ideias depois de segurar a sua menina nos braços e decidir que, afinal, não era capaz de a dar.

O Hank foi um rochedo durante toda a situação. *Voltaremos a tentar, Polly. O nosso filho ainda está por aí algures.*

Não, disse-lhe, a soluçar. *Não consigo passar por isto outra vez. Não sou capaz.*

Então seremos só tu e eu. Não há nada de errado nisso.

No dia seguinte, tinha as suas palavras a ecoar-me nos ouvidos quando tive de fazer o turno da noite no Serviço de Neonatalogia do hospital. Devia ter recusado, tendo em conta tudo o que sentia. Mas pensei que era mais forte do que os meus sentimentos. Pensei que talvez me pudesse animar estar perto daqueles recém-nascidos todos.

Estava errada.

Depois do que aconteceu nesse dia, perdi o emprego no hospital. Tive sorte de não ter sido presa. Adorava o meu emprego e, por mais difícil que tenha sido partir, foi ainda mais difícil admitir *o motivo* de o ter feito. Geralmente, digo às pessoas que o Hank quis que eu ficasse em casa para me focar na nossa família.

Infelizmente, o *Incidente* significou que não haveria família – tivemos de retirar o nosso nome das listas de espera para adoções e famílias de acolhimento. Nunca seríamos pais.

Não precisamos de um filho, Polly, dizia-me constantemente o Hank. *Temo-nos um ao outro.*

Depois, a minha mãe adoeceu e dediquei-me a cuidar dela, o que me deu um propósito e uma nova razão de viver. Porém, desde que ela morreu, pouco tenho com que ocupar o tempo. Tratar da contabilidade da oficina não é propriamente um emprego a tempo inteiro. O Hank pode estar satisfeito sem um filho, mas eu não estou.

Nunca estarei.

Há muito tempo que não fazíamos sexo, e há ainda mais tempo que não fazíamos sexo tão bom. Esta noite, é realmente bom. Quando terminamos e me deixo cair contra ele, o Hank sussurra-me ao ouvido: – Amo-te tanto, Polly.

Lembro-me dele ajoelhado junto à minha cama no internamento psiquiátrico, enquanto segurava a minha mão débil na sua, muito maior. Recordo-me da expressão desesperada nos seus olhos. *Por favor, fala comigo, Polly. Por favor. Amo-te tanto.*

– Eu também te amo – digo.

Aperta-me ainda mais e os nossos corpos parecem colados pelo suor.

– Foi tão bom. Não contava… quer dizer, pensei que pudesses estar perturbada esta noite… com aquela mulher lá em baixo que está…

– Não estou perturbada.

Ele sorri-me.

– Fico feliz por estares melhor.

–Também eu.

Beija-me outra vez.

– E por seres minha mulher. Fico feliz por sermos só nós dois.

Desta vez, não lhe respondo. Não lhe vou mentir. *Não* me alegro por sermos só nós dois. *Nunca* me contentarei com a situação da forma como ele aparentemente consegue.

Mas não faz mal. Porque tomei uma decisão esta noite. Muito em breve, teremos um filho nosso. Poderemos finalmente usar aquele ursinho de peluche com o coração que guardei na despensa durante todos estes anos. Ele é que ainda não sabe.

Afinal, a minha mãe tinha razão. Muito em breve, a nossa família estará

completa.

27

Sinto-me bem esta manhã.

Cantarolo baixinho enquanto espalho manteiga nas torradas da Tegan. Nem sei ao certo o que estou a cantarolar. É apenas música *pop* qualquer. Mas parece um dia *tão* bonito. Apesar de toda a neve no chão, o sol brilha e alegro-me por já termos eletricidade de novo.

A Tegan estava a mentir sobre ter marido. Vi-o na expressão no seu rosto quando repeti o nome que me tinha dado. Não sei se existe algum Jackson, mas não é certamente marido dela. Não há marido nenhum. Provavelmente, nem sequer há namorado.

É só ela, sozinha. Em breve, será ela com uma bebé que nem sequer *queria*, para a qual mal olhará quando nascer.

Os meus ombros são abraçados por braços musculados e o calor do corpo do Hank irradia contra o meu.

– Olá – murmura-me ao ouvido.

Inclino-me e encosto a cabeça ao seu peito.

– Olá para ti também.

Aperta-me contra ele. Não tem nada vestido sem ser uns boxers e uma camisola interior branca.

– A noite de ontem foi ótima.

Sinto uma pontada de culpa por o meu marido estar tão empolgado por termos feito sexo ontem à noite. Tem sido inacreditavelmente paciente comigo – sei que não tenho sido propriamente fácil de gerir nos últimos anos.

– Foi *mesmo*. – Escapo do seu abraço para me poder virar e dar-lhe um beijo nos lábios. Tenho de erguer a cabeça e de me pôr em bicos de pés para o fazer. – *Tu* és ótimo.

Ele sorri-me, o que me lembra aquele dia na oficina, há tantos anos – antes de nos casarmos, antes de namorarmos sequer – em que o convidei para jantar e ele pareceu ficar tão feliz. Passa levemente os dedos pelo meu rosto.

– Talvez possa deixar a oficina fechada hoje para fazermos algo juntos. O que quiseres.

Rio-me.

– Não sei o que me sinto confortável a fazer com aquela mulher na cave.

– Bem, depois de ela ir para o hospital, quero dizer.

O sorriso que tinha nos lábios desde o início da manhã desaparece-me do rosto.

– Como é que ela pode ir para o hospital? Não há telefone.

Ele encolhe os ombros.

– Não faz mal. Eu levo-a.

– Não vais fazer nada disso! As estradas ainda estão cobertas de neve!

– Sim, mas tenho aquele limpa-neves para a carrinha na garagem – relembra-me. – Tenho só de o montar e devemos conseguir chegar à estrada principal.

Ah, certo. Tinha-me esquecido do limpa-neves da carrinha que comprou no inverno passado. Disse que estava farto de esperar que viessem limpar a neve e que pouparíamos dinheiro a longo prazo. O que significa que ninguém vem limpar a nossa estrada de terra.

– É só que… – Torço as mãos. – Não acho que seja boa ideia movê-la agora. Tem muitas dores. É melhor esperar até voltarmos a ter telefone e podermos chamar os paramédicos.

– Mas de certeza que ela quer ir.

– Oh, não. – Abano a cabeça. – Disse-lhe que podia demorar um pouco mais e ela não se importou. Está receosa com a ideia de ir para o hospital.

O Hank coça a barba e eu sustenho a respiração enquanto espero para ver se ele acredita. Finalmente, encolhe os ombros.

– Se ela não se importar.

Assinto avidamente.

– Oh, não. De certeza que o telefone voltará a funcionar não tarda. Devias ir para a oficina e deixar-me tratar de tudo.

Parece hesitante, mas volta a subir para se vestir. Por agora, aceitou a situação, mas, quando a noite chegar e a Tegan ainda estiver na cave, vai começar a fazer mais perguntas. Quando isso acontecer, pode não gostar tanto das respostas, mas, em última instância, vai fazer exatamente o que eu lhe disser.

Não tem escolha.

28

A Tegan dorme a tarde inteira.

Não é de admirar, uma vez que juntei vinte e cinco miligramas de anti-histamínicos ao molho do frango que lhe preparei ao almoço. Os anti-histamínicos são completamente seguros para tomar durante a gravidez. De certeza que estava a precisar de descansar e é melhor do que passar a tarde inteira acordada, a perguntar-se quando a vamos levar para o hospital. É mais fácil se estiver grogue e obediente.

Sobretudo porque não tenho intenção de a levar para o hospital nem hoje nem amanhã.

Nem nunca.

Agora que a *internet* voltou, faço uma pesquisa por Tegan Werner. Encontro uma página nas redes sociais e está cheia de fotos da rapariga na cave. Não está grávida em nenhuma delas. Não há referência a nenhum marido, isso de certeza. Parece bonita, de uma forma jovem e fresca, com o rosto em forma de coração e o cabelo louro sedoso. Em todas as fotos, segura algum tipo de bebida alcoólica, o que não é de admirar, tendo em conta que a sua mala tresandava a álcool.

Sim, de certeza que será uma excelente mãe.

Contou-me aquela história sobre querer ser enfermeira, que tenho a certeza que também era um monte de mentiras. Está a tentar dar-me graxa. Mesmo que seja verdade, não muda nada. Não deixa de ser uma rapariga que tomou uma decisão irresponsável e que agora se verá presa com uma bebé da qual não conseguirá cuidar. A Tegan não dará a essa bebé a vida que merece.

Eu sim.

Depois de ver demasiadas fotos da Tegan com um ar jovem e irresponsável, levanto-me e dirijo-me à cozinha para planear o jantar. Consigo ver vagamente a casa dos Hambly da janela da minha cozinha. Antes de sair, o Hank limpou um caminho à volta da nossa casa e limpou também um caminho até à do nosso vizinho. Apesar de nenhum de nós gostar do Mitch Hambly, o Hank fá-lo para

ser bom vizinho e permitir que a Sadie consiga ir para a escola.

A carrinha do Mitch não está na entrada, o que significa que deve ter ido trabalhar hoje. Uma vez que quase de certeza que as escolas estão fechadas por causa da neve, a Sadie deve estar sozinha em casa.

Espero que esteja bem. Espero não lhe ter causado problemas.

Olho para o meu pulso, que adquiriu um tom roxo-escuro, como previa. O Mitch Hambly *não* é um homem bom. Não me interessa o que decidiu a Proteção de Menores – não devia estar a tomar conta daquela menina. Sempre que ela cá veio, nunca a vi bem arranjada. A pobrezinha parece decididamente subnutrida – não é normal que as clavículas sobressaiam tanto.

Se eu tivesse um filho, ele não faria ideia do que é passar fome. De certeza que ia ser gordinho.

Questiono-me se o Mitch deixou sequer comida à Sadie antes de ir trabalhar. Imagino-a a abrir o frigorífico e a encontrar apenas meia dúzia de latas de cerveja, cinco das quais quase vazias.

Por impulso, abro o frigorífico e tiro pão e peru. Vou fazer uma sanduíche para a Sadie. Começo a juntar-lhe ingredientes e barro o pão com muita maionese, como a minha mãe costumava fazer. Embrulho-a cuidadosamente em papel de alumínio e vou buscar bolachas *oreo* à despensa, que coloco num saco de plástico com fecho.

Calço as botas, visto o casaco verde-ervilha e dirijo-me a casa dos Hambly para ver como está a Sadie. A nossa casa não é nada de especial, mas o Hank tem jeito para consertar o que precisa de ser reparado e damos-lhe uma nova demão de tinta a cada poucos anos. Mas a casa dos Hambly parece estar a uma telha partida de ser declarada inabitável. Quando pouso o pé no primeiro degrau do alpendre, a madeira cede ligeiramente sob o meu peso. A porta de rede está pendurada apenas pela dobradiça de cima. Espanta-me que não tenha sido arrancada pela tempestade.

Delicadamente, abro a porta de rede, esperando não ficar com ela na mão. Bato à porta e espero.

Por favor, que estejas bem, Sadie. Por favor.

Parece passar uma eternidade até ouvir passinhos a aproximarem-se da porta. Espero que a fechadura rode, mas nada acontece.

– Sadie? – digo eu.

Outro longo silêncio.

– O pai diz que não devo deixar entrar ninguém.

– Não faz mal. Referia-se a estranhos. Não a mim.

– Ele *falou* em ti.

Sinto uma dor no peito. Se a Sadie não puder passar em nossa casa depois das aulas, então terá de ficar todos os dias sozinha em casa. O Mitch só volta tarde do trabalho.

– Já almoçaste? – pergunto-lhe.

– Sim. Comi bolachas de água e sal.

Bolachas de água e sal *não são* uma refeição equilibrada para uma menina de sete anos.

– Sadie, fiz-te uma sanduíche. Vou deixá-la à porta. Não tens de me deixar entrar, mas, se tiveres fome, come a sanduíche. Também trouxe umas bolachas para ti – acrescento, ao ver a sua hesitação.

A Sadie não diz nada. Baixo-me e deixo as bolachas e a sanduíche no tapete da entrada. Afasto-me da porta e, quando verifico que, mesmo assim, ela não a abre, começo a regressar a casa.

Quando vou sensivelmente a meio do caminho, oiço um barulho atrás de mim. Viro-me precisamente quando a porta da casa dos Hambly se abre. Uma mãozinha estende-se e agarra na sanduíche e nas bolachas que lá deixei. Então, antes que eu possa sequer erguer a mão para acenar, a porta volta a fechar-se.

29

A Tegan ainda está a dormir quando o sol se põe.

Abro a porta da cave para ver como está e oiço a sua respiração pesada. Na verdade, mais parece que está a ressonar. Seja como for, está completamente apagada. Os anti-
-histamínicos resultaram mesmo.

Quando a minha mãe ainda era viva e estava na cave, costumava abrir a porta, de vez em quando, e ficar a ouvir o som da sua respiração. Sabia que não nos restava muito tempo juntas, pelo que cada inspiração e expiração me pareciam uma dádiva. Era uma excelente mãe. Ensinou-me tudo: a apertar os atacadores, a ler, a cozinhar um peru perfeito para as festas, com todos os acompanhamentos. Sempre que penso nessas memórias, não posso deixar de sorrir. Sempre sonhei transmitir esse conhecimento a um filho meu, um dia.

Há uma certa ironia em ser a mulher que ocupa o leito de morte da minha mãe que tornará o meu sonho realidade.

Um dia, a tua família estará completa.

O Hank chega a casa às sete horas, engordurado e faminto, como é habitual ao fim de cada dia de trabalho. Apanha-me junto do fogão a fazer almôndegas. O Hank adora as minhas almôndegas. Uso oitenta por cento de carne picada magra, com muitos temperos, pão ralado e uma pitada de queijo parmesão, e deixo-as apurar em molho de tomate durante cerca de meia hora. O Hank era capaz de devorar uma panela inteira delas sozinho.

– Cheira-me a almôndegas – observa, enquanto se inclina para me dar um beijo e me afasta suavemente o cabelo do rosto, como faz sempre ao cumprimentar-me na cozinha depois do trabalho. – O meu prato favorito.

Rio-me.

– Que prato é que *não* é o teu favorito?

– Ei, não tenho culpa de a minha mulher ser tão boa cozinheira. – Tenta tirar uma mancha de óleo que tem na testa com a mão, mas acaba por só a espalhar. –

Parece que o telefone já está a funcionar. A mulher já foi levada pelos paramédicos?

– Sim – minto, mexendo o molho.

– Ótimo. Espero que esteja bem.

Vai descobrir em breve que a Tegan ainda está na cave. Não é o tipo de coisa que lhe possa esconder. Mas será mais fácil falar com ele sobre isso depois de ter tomado um duche e de ter comida na barriga.

Enquanto o Hank sobe para ir tomar duche, deito algum esparguete numa panela de água a ferver. Sempre sonhei ter uma máquina de massas e fazer massa fresca, mas não parecia valer a pena só para nós os dois. Sempre achei que, quando tivéssemos filhos, seria algo que podia fazer com eles. Podia ensiná-los a fazer massa e ver as suas mãozinhas gorduchas cobertas de farinha. Cozinharíamos juntos todas as noites.

O Hank começou a assobiar no duche e continua quando desce, já com uma *T-shirt* lavada e calças de ganga, mas ainda com o cabelo húmido. Esboça-me um sorriso, maior do que qualquer um dos que vi nos últimos anos – até as rugas finas à volta dos seus olhos se franzem. Quando me sorri assim, dou-me subitamente conta de quão infelizes temos sido. Costumava passar a vida a sorrir, mas agora é um acontecimento raro. Quase me tinha esquecido de como é.

Sirvo-lhe um prato de esparguete com almôndegas quase com o triplo da altura do meu. Ele abre-me outra vez aquele sorriso e ataca a comida. Enrolo algum esparguete no meu garfo, cheia de borboletas no estômago. Esta não vai ser uma conversa fácil.

– Hank – digo.

– Hã?

– Preciso de te contar uma coisa.

Ele pára de mastigar, arregalando os olhos castanhos.

– Estás grávida?

Como é sequer capaz de me perguntar isso? Como é que pode achar que é *possível* eu estar grávida? Porque é que o *disse* sequer? A pior parte é a esperança nos seus olhos. Mesmo ao fim de tantos anos, continua a ter esperança.

– *Não* – respondo rigidamente. – Não estou grávida.

– Oh. – Esforça-se ao máximo para disfarçar a deceção. – Desculpa, eu…

– Esquece. – Sacudo a mão. – Enfim, o que te queria contar é que… a Tegan ainda cá está. Está a dormir na cave.

Uma expressão de confusão inunda as suas feições.

– O quê? Porquê?

– Porque está cansada. Não a quis fazer ir a correr para o hospital agora.

– Está bem, é justo – responde lentamente. – Podemos chamar os paramédicos assim que ela acordar, então.

Esta é a parte difícil. Tenho de fazer isto exatamente da forma certa.

– É essa a questão. Não acho que devêssemos. É melhor para ela recuperar aqui.

O Hank limpa uma gota de molho de tomate do canto da boca com as costas da mão, apesar de ter um guardanapo limpo mesmo à frente.

– Está ferida, Polly. Tem de ir para o hospital.

– Tem? – Ergo o guardanapo e limpo os lábios, que ainda têm um pouco de molho colado. – Ela está bem. Só precisa de alguns dias de cuidados e depois podemos mandá-la à vida dela. Os hospitais nem sempre são a melhor opção. Sei do que falo, depois de tantos anos a trabalhar num. Não te lembras de quando levámos a minha mãe ao hospital por causa de uma infeção urinária e ela apanhou pneumonia?

– A Tegan está ferida. Precisa de ir ao hospital.

A lógica do Hank é tão linear às vezes. É desesperante.

– Eu *sou* enfermeira, sabias? Posso cuidar dela.

– Com um tornozelo partido?

Desvalorizo a pergunta com um gesto de mão.

– Não está partido – minto. – Mal tem uma entorse.

– Parecia bastante mau.

– Nem sequer viste bem – saliento eu. – E ela não tem seguro. Não consegue pagar a conta do hospital. Levá-la-ia à falência.

A ruga entre as suas sobrancelhas volta a surgir. O sorriso parece agora uma memória distante.

– E a Tegan quer ficar aqui?

– Ela… Sim, mais ou menos.

O Hank inspira bruscamente.

– Polly…

– Olha, é só uma rapariga. Não está em condições mentais de saber o que é melhor para ela. Está confusa e conta comigo para lhe dizer o que fazer.

Ele afasta o prato de esparguete com almôndegas, apesar de só ter comido metade.

– Vou ligar para o 112. Agora.

– Hank, não. – Empurro a cadeira para trás, o que a faz cair ao chão. – Não percebes. Estou a tentar fazer a coisa certa.

– Polly, não vou manter uma mulher grávida refém na cave, está bem?

– Não estamos a mantê-la *refém*, por amor de Deus. Não sejas tão *dramático*.

Mas ele já não me está a ouvir. Levanta-se da cadeira e dirige-se ao telefone junto ao sofá. Tento agarrar-lhe no braço, mas ele sacode-me facilmente. Corro atrás dele e, antes que ele consiga marcar o número, puxo o fio do telefone da parede. O aparelho cai ao chão com um forte baque que o parte em quatro e ecoa por toda a sala.

– Polly! – É raro ele erguer a voz, mas soa agora mais alta do que alguma vez a ouvi. – Que raio é que julgas que estás a fazer?

Levo as mãos ao peito.

– Espera. Espera, está bem? – peço-lhe.

– Tenho o telemóvel a carregar lá em cima. Vou ligar de lá.

Pondero correr escadas acima e atirar o telemóvel pela janela antes que ele lhe possa chegar. Mas jamais conseguirei. Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

– Podes só ouvir-me durante cinco segundos, por favor?

O Hank vira-se para mim, deixando descair os ombros.

– Olha, Polly, sei que te tens sentido um pouco perdida desde que a tua mãe morreu. E toda esta situação com o bebé… também foi difícil para mim. Eu percebo. Mas nada disto me parece certo. Vou lá acima ligar para o 112 para a Tegan e depois vamos falar sobre… Talvez precises de ajuda outra vez. Devíamos ligar à doutora Salinsky. Está bem, Polly?

Olha para mim à espera que eu concorde, que lhe diga que é uma ótima ideia chamar uma ambulância e depois dar um toque à minha antiga psiquiatra. Quando não o faço, suspira.

– Muito bem, então – diz.

Vira costas, dirigindo-se à escadaria.

– Hank! – grito, quando pousa a mão grande no corrimão.

Sobe o primeiro degrau, sem dar sinais de parar.

– Hank, espera! Podes esperar, por favor?

Não me ouve. Não quer falar mais sobre isto. Só quer chamar a polícia e tirar a Tegan cá de casa.

Não posso permitir que o faça. Não o posso deixar estragar tudo.

– Hank! – Atravesso a sala até chegar ao fundo da escadaria, de onde tenho a

certeza que ouve. – Hank, se fizeres isso, chamo a polícia.

Ele paralisa a meio dos degraus e a sua figura corpulenta fica completamente rígida.

– E – acrescento – vou contar-lhes o que fizeste.

30

Agora consegui a atenção do Hank.

Vira-se tão lentamente que é como ver um rochedo mover-se. A expressão triste que tinha há poucos instantes foi substituída por um olhar receoso.

– Não serias capaz – declara.

– Não? – Arqueio a sobrancelha.

A sua respiração torna-se rápida e irregular enquanto os seus ombros sobem e descem rapidamente.

– A culpa não foi minha.

– Oh, e de certeza que é isso que a polícia vai achar. – Cruzo os braços e olho para ele, ainda a meio dos degraus. – Lembras-te daqueles dois meses que passaste na prisão por teres partido o nariz àquele tipo? Lembras-te de como foi divertido? Do que disseste quando voltaste para casa? – Não responde, por isso avivo-lhe a memória. – «Preferia meter-me numa banheira cheia de ácido de bateria do que voltar para lá» foi o que disseste.

O pouco do rosto do Hank que consigo ver acima da sua barba cora.

– Foi tudo ideia tua!

– Sim, mas é a *tua* assinatura.

– E a tua também, Polly.

– Bem sei.

A cautela nos seus olhos começa a transformar-se em raiva. Tem razão – *foi* ideia minha. Mas ele alinhou e é isso que importa agora.

Desce as escadas e os seus passos são tão pesados que temo que possa rachar um dos degraus. Quando chega ao fundo, fulmina-me com o olhar.

– O que é que queres?

– Só quero deixá-la ficar cá mais alguns dias. Mais nada. Quero assegurar-me de que está bem e mandá-la para casa. Estou a tentar *ajudá-la* a evitar ir ao hospital.

– Alguns dias – repete.

– Sim.

– Dois dias, então?

– Alguns significa *três*, Hank.

– E se ela disser que quer ir embora?

– Não a vamos prender aqui contra a sua vontade, claro. Se disser que quer ir, deixamo-la. – Para dizer a verdade, ela não está propriamente capaz de chegar a qualquer lado sem ajuda, mas o Hank não sabe disso.

– Juras que a deixas ir?

– Claro. Não sou doente mental.

O Hank fita-me. Talvez alguns psiquiatras por aí possam discordar dessa afirmação. Vários membros do pessoal que estava a trabalhar no Serviço de Neonatalogia naquela manhã de há dois anos também discordariam.

– Três dias – diz, erguendo três dedos, num dos quais tem a aliança de ouro. – Três dias, e ou ela vai para casa ou vai para o hospital. Estou a falar a sério, Polly.

– Claro.

Só que nada terá mudado daqui a três dias. O Hank continuará a não querer ir parar à prisão. A Tegan continuará a ser uma criança irresponsável que não merece criar uma filha linda. E eu continuarei a ser estéril.

Dentro de três dias, farei o Hank ver a razão. Tenho a certeza.

TERCEIRA PARTE

DOIS DIAS DEPOIS DO ACIDENTE

31

POLLY

Na manhã seguinte, o Hank já está no duche quando acordo. Ontem, acordou-me com um beijo no pescoço e senti os pelos da sua barba a fazerem-me cócegas. Esta manhã, não se sente tão afetuoso, o que suponho que não seja de admirar.

Enquanto toma duche, calço os chinelos, visto o roupão e desço para ir ver como está a Tegan. Hoje vai ser um dia difícil. Parecia frenética quando lhe disse que ia ter de ficar mais um dia e, se não lhe disser que finalmente chegou o limpa-neves muito em breve, vai ficar agitada. Pode até começar a suspeitar que não estou a ser completamente honesta com ela.

Tal como com o Hank, tenho de fazer isto com cuidado e da forma certa. A Tegan não pode sair daqui até ter tido aquela bebé.

Quando desço à cave, as luzes estão apagadas, mas a Tegan tem os olhos entreabertos. Por um segundo aterrador, temo que esteja morta. Que tenha morrido durante a noite e que agora vou ter de a abrir para tirar a bebé e depois livrar-me do cadáver. Mas, então, mexe-se e suspiro de alívio.

– Bom dia! – digo, com o tom mais alegre que consigo. – Como está?

A Tegan abre a boca e, por um momento, não lhe sai nenhum som. Parece péssima – ainda pior do que na noite em que chegou. Tem círculos negros em redor de ambos os olhos e o cabelo empastado. Parece extremamente idosa e, ao mesmo tempo, dolorosamente jovem.

– Arrastadeira – crocita.

Vou buscá-la e ajudo-a a esvaziar a bexiga. Parece ter a urina um pouco escura, o que não me surpreende, pois não tem bebido tanta água quanto devia. Está mais suscetível a infeções urinárias, uma vez que os lençóis em que está deitada estão sujos e por estar grávida, pelo que terei de me assegurar de que bebe água suficiente hoje. Certamente, não o fará para bem da bebé. Não sei se

se importará realmente com a filha nem se sequer a quererá.

Quando saio da casa de banho, depois de despejar a arrastadeira, levo-lhe um copo de água. Pouso-o no tabuleiro diante dela.

– Beba.

Ela fita-o por um momento, sem se mexer.

– O limpa-neves já chegou?

– Sim, já.

A expressão apática desaparece-lhe dos olhos e surge uma centelha da rapariga que costumava ser.

– A sério?

– Sim, a sério. Precisam de algum tempo para limpar a neve toda, mas devemos conseguir pô-la a caminho ao final da manhã.

– Oh, graças a Deus. – Os seus olhos enchem-se de lágrimas. – Desculpe. Tem sido muito boa para mim, mas…

– Eu entendo. – Pigarreio. – O que quer para o pequeno-almoço?

Um ligeiro sorriso aflora-lhe os lábios.

– Apetece-me ovos e *bacon*. Pode ser?

– Claro. – É o pequeno-almoço favorito do Hank. Não dará trabalho nenhum fazer mais para a Tegan. Além disso, neste momento faria qualquer coisa para a manter feliz. – Vou prepará-los num instantinho.

– Obrigada, Polly. – O seu sorriso é torto, mas genuíno. – Quero que saiba que estou muito grata por tudo o que fez por mim nos últimos dois dias. Os últimos tempos têm sido muito difíceis… Não quero entrar em pormenores, mas a minha vida descambou completamente nos últimos meses. Enfim, ajuda saber que ainda existe gente boa no mundo, como a Polly.

Sinto o rosto a arder. De certeza que considera uma gravidez fora do casamento um exemplo de como a sua vida descambou completamente. Provavelmente, todas as noites deseja não ter engravidado. Será o tipo de mãe que deixa a sua bebé chorar a noite inteira em vez de lhe dar colo.

Volto a subir as escadas para fazer o pequeno-almoço. Tenho de comprar duas dúzias de ovos por semana só para preparar os ovos para o meu marido de manhã. Devia tentar convencê-lo a fazer uma alimentação mais saudável, mas ele está em boa forma física e ainda só tem trinta e nove anos. Algures nos próximos cinco anos vou tentar convencê-lo a passar para papas de aveia e fruta de manhã, mas ainda não chegou a altura de o privar do seu pequeno-almoço favorito.

Deixo um prato cheio de ovos e *bacon* na mesa da cozinha e levo outro à Tegan. Nunca fui capaz de tomar um grande pequeno-almoço – geralmente, como apenas uma torrada pequena. Na verdade, às vezes só o cheiro a ovos de manhã já é suficiente para me deixar enjoada. Nunca fui capaz de confessar isso ao Hank porque, se ele soubesse, diria certamente para deixar de os fazer, e merece comer ovos e *bacon* ao pequeno-almoço.

Estou sentada à mesa da cozinha a mordiscar a minha torrada quando oiço os passos barulhentos do Hank nas escadas a ecoar pela casa. Passado um momento, aparece à porta da cozinha.

– Bom dia – digo.

Ele diz algo inaudível entredentes e deixa-se cair na cadeira em frente ao grande pequeno-almoço que lhe preparei.

– Dormiste bem? – pergunto.

Ele limita-se a olhar para mim, o que creio que é merecido, pois sei muito bem que passou a noite inteira às voltas. Passámos os dois.

Enquanto estou a tentar pensar em algo para dizer que o faça parar de me fulminar com o olhar, sou interrompida pelo som da campainha.

– Eu abro – digo eu.

Estou tão grata pela interrupção que nem me passa pela cabeça quão estranho é ter alguém a bater à porta a esta hora da manhã. Nem me passa pela cabeça perguntar-me quem será até que espreito pelo óculo e me cai o coração aos pés.

É a polícia.

32

POLLY

Está um polícia à nossa porta e eu estou-me a passar.

Devia ter-me ocorrido que isto iria acabar por acontecer. Afinal de contas, tenho uma mulher desaparecida presa contra a sua vontade na cave. Não é de admirar que a polícia cá tenha vindo. Tenho apenas de lidar com isto da forma certa, como tenho feito com tudo o resto. Não posso entrar em pânico.

É só um agente. Se achassem realmente que ela estava aqui, não teriam enviado só um. Estaria a cavalaria toda à porta.

– Só um momento! – grito. – Não estou decente!

Apresso-me a regressar à cozinha, quase tropeçando nos chinelos felpudos que tenho calçados. O Hank ainda está sentado à mesa, a empurrar os ovos de um lado para o outro no prato com o garfo. Mal lhes tocou.

– Hank – digo –, está um polícia à porta.

Ele arregala os olhos.

– O quê?

– De certeza que não é nada de especial – apresso-me a acrescentar. – Fica aqui e toma o pequeno-almoço…

O Hank ergue-se da cadeira.

– Ficar aqui? Mas…

– Fica aqui a menos que ele peça para falar contigo. – O meu tom de voz é firme. – E, se pedir, não lhe podes dizer que ela está aqui.

O pânico inunda-lhe o rosto.

– O quê? Porque não? Disseste que ela não se importava de cá estar.

– Bem, é *praticamente* verdade.

– Polly…

– Olha – silvo-lhe. – Se encontrarem a rapariga na nossa cave, vamos sair os dois daqui algemados, está bem? Por isso, faz o favor de manter essa boca parva

fechada. És bom nisso.

O Hank lança-me um olhar fulminante. O meu marido é a pessoa mais honesta que alguma vez conheci. É algo de que sempre se orgulhou. Só por minha causa é que houve uma vez em que desrespeitou as regras, quando estava à beira de perder a oficina.

Isso também foi culpa minha, claro. Teve de fechar a oficina por algum tempo depois do *Incidente* e não ajudou que tivéssemos enterrado o nosso dinheiro todo em tratamentos de fertilidade e na adoção falhada. Íamos perder a oficina e, se isso acontecesse, ficaríamos os dois sem qualquer fonte de rendimento estável, e acabaríamos por perder também a casa. Num piscar de olhos, estávamos prestes a perder tudo aquilo por que ele tinha trabalhado. Por minha causa.

Uma vez que já não podia trabalhar como enfermeira, estava a tratar da contabilidade da oficina e fui eu que me deparei com a solução simples para os nossos problemas.

Assim, falsifiquei – um bocadinho – a declaração de rendimentos. Fui cuidadosa. Não fiz nada que fosse chamar a atenção. Não contei ao Hank, porque sabia que ele se recusaria a fazê-lo e preferiria perder a oficina a correr o risco de fazer algo que o mandasse de volta para a prisão. Limitei-me a entregar-lhe a declaração e ele assinou-a porque confiava em mim. Calculei que, se alguma vez fôssemos apanhados, seria eu a assumir as consequências.

Mas ele acabou por descobrir. Entrou em pânico quando viu o que eu tinha feito, mas já era demasiado tarde e, se tentasse retificar o erro, estaria a admitir a transgressão. Além disso, continuávamos sem dinheiro suficiente para fazer as coisas da forma certa. Assim, guardou o segredo.

Já passou quase um ano desde que entreguei os documentos. Ninguém veio bater à nossa porta. Saímos impunes.

Nunca pensei usar nada disto contra o meu marido. Para o chantagear. Na verdade, tencionava sacrificar-me se alguma vez fôssemos apanhados. Mas nunca terei de o denunciar. O Hank fará o que eu quero. Fará tudo por mim.

Tenho a certeza.

Finalmente, deixa-se cair de novo na cadeira, com tanta força que temo que a parta.

– Está bem – diz.

Eu sabia.

Aperto mais o roupão cor-de-rosa à volta do corpo e volto a correr para a porta. Rodo o trinco e abro-a um pouco.

– Ora viva, senhor agente – digo. – Em que posso ajudar? Está tudo bem?

O polícia à porta tem vestido um uniforme azul-marinho. Tal como a Tegan, é dolorosamente jovem – parece ter acabado de sair da escola secundária. Sorri-me educadamente.

– Olá, senhora Thompson. Sou o agente Malloy. Queria saber se lhe podia fazer algumas perguntas.

– Com certeza. – Abro um pouco mais a porta. Não me agrada que me tenha tratado pelo nome, mas julgo que as informações sobre os proprietários desta casa sejam do domínio público. – O que se passa?

– Será que me poderia deixar entrar? Não quero fazê-la desperdiçar o seu aquecimento e deixar o frio entrar pela porta.

Uma vez li que os polícias não podem entrar em casa sem um mandado a não ser que os convidemos. Depois de estarem dentro de casa, têm muito mais margem quanto ao que podem fazer. E se a Tegan me chamar da cave? Não o vou deixar entrar, nem pensar.

– Acabei de limpar a alcatifa. – Faço questão de olhar para as suas botas cobertas de neve. – Agradecia se ficasse no alpendre.

– Sem problemas, minha senhora. – Acena-me com a cabeça. – De qualquer modo, isto não deve demorar muito. Andamos à procura de uma mulher que desapareceu há duas noites. Chama-se Tegan Werner.

Bato com o dedo no queixo.

– O nome soa-me vagamente familiar.

– Poderá ter ouvido falar no desaparecimento nas notícias desta manhã – diz. – Vinha a viajar nesta direção para ir visitar um familiar e encontrámos o carro dela aqui perto. Parece ter tido algum acidente, mas não está no veículo.

– Oh, céus! – Tapo a boca com a mão. – Acha que foi projetada do carro durante o acidente?

– Não, senhora. – Abana a cabeça. – A mala e o saco de viagem que trazia não estavam no carro e não a conseguimos localizar. Achamos que saiu a pé, mas a neve cobriu-lhe o rasto. Andamos a fazer buscas na zona e queria saber se a teria visto.

– Lamento, senhor agente. Não vi ninguém por aqui nos últimos dois dias. Ficámos praticamente soterrados por causa da tempestade.

Não parece surpreendido, mas, mesmo assim, tira uma fotografia do bolso.

– Pode dar uma olhadela? É esta a rapariga.

Olho para a fotografia a cores da Tegan Werner – é uma das fotos da sua

página nas redes sociais em que parece muito jovem e bonita, com a face redonda corada devido ao álcool. Se ele a visse agora, mal a reconheceria. Devolvo-lhe a foto.

– Lamento, não a vi.

Começa a metê-la ao bolso. Será que me consegui safar? Será que se vai simplesmente afastar? Mas acaba por hesitar.

– Vive mais alguém aqui?

Quero dizer que não e pôr termo a isto, mas não posso mentir sobre algo tão fácil de refutar.

– O meu marido. Mas ele também não a viu.

– Importa-se que lhe pergunte pessoalmente?

Espreito por cima do ombro.

– Está a tomar o pequeno-almoço. É mesmo necessário?

– Não pediria se não fosse importante, minha senhora. Andamos a correr tudo à procura desta mulher.

O Hank é um péssimo mentiroso. Não quero nada ter de o arrastar cá para fora e obrigá-lo a falar com o polícia. Mas não posso propriamente recusar. Seria demasiado suspeito.

– Com certeza – digo. – Deixe-me ir chamá-lo.

Peço desculpa e fecho a porta na cara do agente, explicando-lhe que é para conservar o calor. Tenho de voltar à cozinha e de ir chamar o Hank. Não vai ficar nada satisfeito.

Como seria de esperar, quando chego à cozinha, o Hank continua sentado à mesa, a olhar apaticamente para o prato. Já nem finge que está a comer. Isto não é nada bom. Quando o Hank perde o apetite, significa essencialmente que o mundo está perto de acabar.

– Hank – digo. – O polícia quer falar contigo.

Ele não diz nada. Continua a olhar para os ovos.

– Não é nada de especial – continuo. – Só quer saber se viste a Tegan. Só tens de lhe dizer que não e está feito.

Ergue a cabeça e olha fixamente para mim. As olheiras que tem sob os olhos assemelham-se muito às da Tegan.

– Ah, sim? É só isso que tenho de fazer?

– Hank…

Arrasta a cadeira, que range contra o chão, para se levantar. Muito lentamente, dirige-se à porta da frente, como se estivesse a caminhar para a sua

execução. Leva a mão ao trinco e, antes de o rodar, lança-me um último olhar angustiado.

Por cima do seu ombro, vejo o agente esboçar-lhe o mesmo sorriso cordial de quem não quer incomodar com que me cumprimentou.

– Olá, senhor. Não sei se a sua mulher lhe disse, mas andamos à procura de uma desaparecida.

O Hank limita-se a resmonear.

O agente leva a mão ao bolso e tira a mesma fotografia que me mostrou.

– Viu esta mulher nos últimos dois dias? Chama-se Tegan Werner.

O Hank fica muito tempo a olhar para a foto. Demasiado. Oh, *não*, ele vai ceder. Vai contar tudo ao polícia. Vai levá-lo direitinho à Tegan na cave. O meu marido não foi feito para isto. Porque achei que seria capaz?

– Não – responde finalmente. – Não a vi.

– De certeza?

– De certeza.

Os meus ombros relaxam. Sabia que o Hank faria tudo por mim. Afinal, partiu a cara a um homem por minha causa. Em comparação, isto não é nada.

Observo o rosto do agente, mas não parece suspeitar de nada. Volta a guardar a fotografia no bolso e acena-nos com a cabeça.

– Bem, obrigado aos dois pelo vosso tempo. Por favor, não hesitem em contactar a polícia se a virem.

– Assim faremos, senhor agente! – digo.

Começa a virar-se. Os meus joelhos quase cedem de alívio. Será que me consegui mesmo safar? Mas, mesmo antes de chegar à porta do carro, ele pára.

– Senhora Thompson – diz. – Importa-se que dê uma olhadela à volta da sua casa? Só para garantir que não está escondida algures no seu quintal ou algo do género?

Apesar de ter direito a recusar, que razão é que poderia ter para lhe dizer que não pode dar uma volta à casa?

– À vontade! – respondo. – Céus, espero que a encontrem e que esteja bem.

– Também eu, minha senhora – responde, num tom contido que indica que não lhe parece provável que a vão encontrar sã e salva.

Só depois de a porta estar outra vez trancada e de o polícia descer os degraus da entrada é que arrisco olhar para o meu marido.

– Obrigada – digo-lhe.

Ele olha para mim de uma forma que não consigo propriamente decifrar.

Estou habituada a que me olhe como se tivesse enlouquecido ou como se estivesse preocupado comigo. Quando ainda namorávamos e logo depois de casarmos, costumava olhar para mim como se eu fosse a estrela mais brilhante no céu. Mas este olhar é diferente. Algo pior, mas que não consigo perceber. Estamos juntos há tanto tempo que achava que conseguia sempre adivinhar no que é que ele estava a pensar, mas talvez não.

Contudo, não é altura de me preocupar com ele.

Corro para a cozinha para ver o que o polícia está a fazer no quintal. Da cozinha, tenho vista para lá a partir do vidro da porta das traseiras. O agente está a dar a volta, com neve até aos joelhos, contornando o enorme carvalho que o Hank disse em tempos que seria «perfeito» para pendurar um baloiço para um futuro filho. Não sei exatamente de que estará à procura, mas certamente não o encontrará no nosso quintal.

Pelo menos, acho que não.

Está apenas ali parado. Parece estar a olhar para qualquer coisa no chão, mas não consigo perceber o que é. Quando o vejo tirar o rádio do bolso e começar a falar para ele, começo a sentir o coração a palpitar violentamente no peito.

Não há nada no quintal, claro, mas ocorre-me que há uma janela para a cave que é visível de onde ele está. Ainda assim, a neve deve estar suficientemente alta para a tapar. Não deve conseguir ver a cave através dessa janela.

Pois não?

De repente, levanta os olhos do chão e o seu olhar cruza-se com o meu através do vidro. Sabe que o estava a observar. Paraliso, à espera de que regresse e exija revistar a cave.

Em vez disso, levanta a mão. Acena-me.

Levanto também a mão. E forço um sorriso.

Ocupo-me a limpar a cozinha, mas mantenho sempre o polícia no quintal debaixo de olho. Passados mais alguns minutos, guarda o rádio e desaparece. Corro para a sala de estar, mesmo a tempo de o ver entrar no carro-patrulha e partir.

Solto um suspiro de alívio. O polícia foi-se embora e não há razões para pensar que voltará. Conseguimos safar-nos.

A bebé da Tegan será minha.

33

TEGAN

Há algum tempo que a *Pequena Atum* não se mexe.

Geralmente, é uma bebé muito ativa. Por isso, ter passado uma hora em que ela não se mexeu, nem sequer uma vez, já é motivo de preocupação. Pode ser de não beber água suficiente. A Polly referiu esta manhã que era importante eu beber mais água. Sei que tem razão, mas, se beber muita água, vou precisar da arrastadeira mais vezes. Não é uma experiência agradável.

Além disso, pergunto-me se é possível que o Hank possa pôr algo na minha bebida antes de a Polly ma trazer. Não seria a primeira vez que aconteceria.

Massajo a barriga, tentando acordá-la.

– Vá lá, *Atum*. Dá um pontapé à mamã.

Finalmente, sinto uma pequena ferroada na caixa torácica. *Ainda estou aqui, mamã. Mas não me sinto muito bem.*

– Nem eu, *Atum* – sussurro.

Quando a Polly volta a descer à cave, por volta do meio-dia, estou pronta para saltar da cama, ou estaria, se conseguisse. Tenho de aceitar que o Hank vai ter de me ajudar a sair da cama e a entrar no carro, mesmo que a última coisa que queira seja que aquele homem terrível me volte a tocar, mas é a minha única opção, se o telefone continuar realmente em baixo.

– A estrada já está limpa? – pergunto à Polly.

Ela hesita, com uma tigela de comida na mão direita – presumo que seja o meu almoço.

– Sim. Já está quase.

Mal posso acreditar que o limpa-neves estúpido limpou finalmente a estrada e que vou poder sair daqui. Parece bom de mais para ser verdade.

– Muito bem. – Endireito-me na cama, desencadeando outra pontada de dor incandescente no tornozelo esquerdo. – Quando podemos ir?

– Bem, o Hank teve de ir trabalhar – explica. – E eu não consigo ajudá-la a subir as escadas sozinha.

– Eu consigo subir as escadas – protesto. – Tenho só de me agarrar ao corrimão.

Ela arqueia as sobrancelhas.

– Consegue? De cada vez que se mexe um bocadinho, grita de dor.

Não é mentira. Esperava que a dor no tornozelo já tivesse amainado por esta altura, mas, quando muito, parece piorar a cada dia que passa. Mesmo com a ajuda da Polly, seria um desafio subir aquelas escadas. Mas estou tão ansiosa por sair daqui que estou disposta a tentar.

Quando estou prestes a sugerir isso, um forte ranger ecoa no teto acima de nós.

– O que foi aquilo?

– Aquilo? – diz a Polly, ajeitando uma almofada aos pés da cama. – Ah, não foi nada. São só os sons da madeira.

Os sons da madeira? A sério?

– Pareciam passos.

– Não pode ser! Não está ninguém lá em cima.

Será que isso é verdade? Ocorre-me que o Hank poderia não ter ido realmente trabalhar e que obrigou a Polly a mentir-me. E se estiver lá em cima e simplesmente não me quiser deixar ir embora?

Sabia que era demasiado fácil.

– Quero tentar subir as escadas – insisto.

– Não consigo carregar o seu peso pelas escadas acima – retorque, num tom frustrantemente calmo. – E o corrimão também não é muito estável. Se caísse daquelas escadas… Bem, não quer arriscar a vida da sua bebé. – Faz uma pausa dramática. – Pois não?

Por cima do seu ombro, olho para a íngreme escadaria que dá para o piso principal da casa. Se caísse daquelas escadas, podia ser o meu fim e também o fim da *Atum*. Continuo em pulgas por tentar, mas admito relutantemente que ela tem razão.

– E o telefone? – pergunto desesperadamente.

– Lamento. O serviço de telefone nunca é muito bom por aqui e continuamos sem sinal.

Pois, claro que não.

– Não se preocupe – diz ela. – Saímos assim que o Hank voltar.

– Quando é que isso será?

A Polly pousa a tigela do que parece ser arroz com vegetais no tabuleiro.

– Lá para as seis ou sete?

– *Seis ou sete?* – Apetece-me gritar outra vez. – Ainda vai demorar *horas*!

– Bem, já passou cá duas noites. Que diferença fazem mais algumas horas?

– Não. – Cerro a mão direita num punho. – Se a estrada está limpa, talvez a Polly possa ir a uma loja que tenha um telefone a funcionar. Não consigo ficar aqui mais seis ou sete horas. Simplesmente não consigo.

Por um momento, fica calada, como se estivesse a ponderar o que lhe propus.

– Não sei se é boa ideia. É melhor ficar onde está, por agora.

Está a gozar comigo?

– Desculpe, mas preciso mesmo de ir ao hospital. Agradeço tudo o que fez por mim, mas preciso de cuidados hospitalares e é já.

– Se bebesse mais um pouco de água, ficaria bem.

– Não me diga o que fazer! – replico. – Preciso de ir ao hospital! *Agora.* É enfermeira, por amor de Deus. Não devia saber?

A Polly fica parada rigidamente. Lamento ter gritado com ela, mas, ao mesmo tempo, nem por isso. Tem de perceber que não vou simplesmente ficar aqui deitada na cave, sem fazer nada.

– Pode sair da cama, se quiser – sugere ela. – Temos uma cadeira de rodas que a minha mãe costumava usar. Tenho todo o gosto em ajudá-la a sentar-se nela.

Aponta para o canto do quarto, onde está efetivamente uma cadeira de rodas escondida nas sombras. Parece estar ali há muito tempo. O espaço entre o braço da cadeira e a parede está decorado por uma série de teias de aranha. Os apoios para os pés estão castanhos da ferrugem.

Não me quero sentar naquela cadeira. A Polly alega que está a tentar fazer os possíveis para me ajudar, visto que o Hank não me deixa partir, mas não é suficiente – só quero sair desta casa.

– Só quero ir para o hospital.

– Mas sabe o que lhe vão fazer lá, não sabe? – diz. – Vão enchê-la de drogas, sobretudo se a forem operar. É o pior que pode fazer à bebé.

Está sempre a dizer isso. Mas sou eu quem tem as dores. Não faz ideia de quão horríveis são. Seja como for, não lhe cabe a ela decidir.

– O que é que hei de fazer então? Deixar-me estar com o tornozelo partido?

– O que é mais importante para si? Andar ou a sua própria filha?

Di-lo como se fosse egoísta contemplar sequer a primeira opção. Mas está

errada. O hospital não vai fazer nada que me faça mal a mim nem à *Atum*. Importo-me mais com a minha bebé do que com qualquer outra coisa no mundo, mas não posso acreditar que ir a um hospital seja a opção errada. É difícil imaginar que, enquanto enfermeira, ela possa pensar o contrário.

Acho que me está a dizer exatamente o que o Hank lhe mandou.

– Quero ir para o hospital – declaro com firmeza.

– Está bem – responde, assentindo lentamente. – Acho que está a tomar a decisão errada, mas compreendo o seu ponto de vista. Porque não acaba de almoçar e depois falamos melhor sobre isso? Mas acho sinceramente que é melhor para si ficar onde está até o Hank voltar.

Começo a protestar, mas a Polly já virou costas e começou a subir as escadas.

Assim que desaparece, pego na mala. Revisto-a uma vez mais, para confirmar que o telemóvel não está mesmo lá. Não está. Tenho a certeza absoluta.

Até consigo aceitar que me tenha esquecido de voltar a pôr o telemóvel na mala. Mas inquieta-me que não esteja lá o gás-pimenta. Tenho a certeza de que estava na mala quando saí de casa. E agora já não está.

Onde poderá estar?

A única coisa que encontro na mala é um isqueiro dourado. Foi um presente de aniversário que o Jackson me deu no mês passado, apesar de nem lhe ter dito que fazia anos. Deve ter visto algures na documentação.

Foi na altura em que o Dennis estava a começar a entrar no período concorrido da estância de *ski* e eu tinha-me distanciado dos meus amigos, pois passava a vida a trabalhar para poupar para quando a bebé chegasse. Tinha-me resignado a passar o meu vigésimo terceiro aniversário sozinha. Então, o Jackson apareceu com um bolo de chocolate – o meu favorito. *Disse-me um passarinho que fazias anos hoje.*

Deixámos o bolo em casa e ele levou-me a jantar fora, em vez de comermos comida chinesa da embalagem na minha sala de estar. Fomos a um bom restaurante a meia hora de carro e divertimo-nos imenso. A empregada do restaurante não me olhou de lado por ser uma rapariga grávida sem aliança. Na verdade, quando falou com o Jackson, referiu-se a mim como «a sua mulher» e ele não a corrigiu. Por um momento, senti-me como se estivesse num universo paralelo em que o Jackson era mesmo o pai da minha filha, em que íamos os dois criá-la juntos e viver felizes para sempre.

Quando regressámos ao meu apartamento, o Jackson trouxe velas para pôr no bolo, apesar de não serem vinte e três, felizmente. Meteu-se comigo por eu não

ter isqueiro para acender as velas.

Como é que é possível não teres um isqueiro?

Bem, não fumo, expliquei.

Toda a gente devia ter um isqueiro. Nunca se sabe quando vai ser preciso.

Quando se despediu de mim, demorámo-nos à porta de casa e, por uma fração de segundo, tive a certeza de que me ia beijar. Mas o momento passou e, em vez disso, estendeu a mão para apertar a minha. *Feliz aniversário, Tegan. Para o ano por esta altura, estarás a celebrar com a tua filha.*

Pensei que tínhamos encerrado esse assunto. Mas, duas semanas depois, apareceu com um queque, uma única vela e um isqueiro com o meu nome gravado. *Agora, podemos fazer isto como deve ser*, disse. Ri-me enquanto ele acendia a vela no bolo e me dizia para pedir um desejo e soprar.

O meu desejo foi que, quando se despedisse de mim nessa noite, me beijasse.

Não se realizou.

O isqueiro é lindo. Mandou-o gravar. Não se compra um isqueiro gravado a caminho de casa depois do trabalho. Encomendou-o com antecedência, especialmente para mim.

Sinto os olhos encherem-se de lágrimas ao recordar tudo isso. Acho que, até agora, não me tinha apercebido de quão profundamente me estava a apaixonar pelo Jackson. Fui tão idiota. Não fazia ideia de quem ele realmente era. Não me apercebi de que, na verdade, estava só a «lidar comigo» para proteger o chefe. Fiquei magoada por não acreditar em mim quando lhe contei o que o Simon realmente me tinha feito, mas talvez ele soubesse de tudo desde o início. Talvez o Simon lhe tenha dito o que aconteceu e ele andasse a fingir ser meu amigo apenas para evitar que eu fosse à polícia.

Não faço ideia de qual será a verdade. Só sei que o Simon me violou e que o Jackson me traiu.

Independentemente dos seus motivos, graças ao Jackson, apesar de não ter o gás-pimenta, tenho um isqueiro. Ainda me resta alguma esperança.

34

POLLY

A conversa com a Tegan não correu como esperava. É tão nova que pensava que seria fácil coagi-la a ficar connosco. Mas é mais teimosa do que eu pensava.

Claro que a escolha mais acertada seria que entregasse a bebé a alguém capaz de cuidar dela. Alguém como eu. Em troca, eu ajudá-la-ia com as despesas de saúde. Não temos muito dinheiro, mas pouparia ao máximo para lhe dar tudo o que precisasse, se estivesse disposta a dar-me aquilo por que anseio há anos.

Talvez pudesse ficar aqui. Podia ficar para sempre na nossa cave e podíamos criar a bebé juntas – maioritariamente eu. Não precisa sequer de fármacos nem de cirurgia para o tornozelo. Sim, é quase certo que está partido, mas eu podia imobilizá-lo e ainda deve ser suficientemente nova para o tornozelo acabar por sarar sozinho – mais ou menos. Até podia comprar material para fazer gesso. E temos aquela cadeira de rodas – podia ficar com ela. Mesmo que nunca mais conseguisse voltar a andar sem muletas, há coisas piores. Alguém que nem sequer tem maturidade suficiente para me deixar tirar-lhe a bota e administrar-lhe os primeiros socorros não se deve importar assim tanto com a saúde, e certamente não tem maturidade para ser mãe solteira.

Também terei de comprar algumas provisões para o parto. Já lá vai algum tempo desde que ajudei num, mas de certeza que me voltará tudo à memória no momento certo.

Antes de descer para voltar a falar com a Tegan, faço uma sanduíche e embrulho-a em papel de alumínio. Vou também buscar mais algumas bolachas *oreo* e enfio-as num saco de plástico com fecho. Tal como ontem, dirijo-me à casa dos Hambly, do outro lado da estrada. A carrinha do Mitch não está na entrada, mas há uma luz acesa lá dentro. O que quer dizer que a Sadie está em casa.

Desta vez, depois de tocar à campainha, afasto-me sem esperar resposta. Não lhe quero arranjar problemas, mas a rapariga precisa de comer.

Depois de ter tratado de alimentar a Sadie, vou até à cave. Quando chego ao fundo dos degraus, a Tegan já quase limpou o prato. Geralmente, só come metade do que lhe dou. Agora que sei que não quer ficar aqui, arrependo-me de não lhe ter posto anti-histamínicos na comida. Fica para a próxima.

– Parece que alguém está a recuperar o apetite! – digo.

Ela esboça-me um sorriso dissimulado.

– Tenho de comer. Pela bebé.

– Claro que sim. A partir de agora, tudo o que fizer será por ela.

A Tegan assente, hesitante.

– Sim, eu sei. Por isso, tomei uma decisão. Tenho de ir ao hospital. Agora. Não me vai dissuadir.

Arqueio as sobrancelhas.

– Acha mesmo que é isso o melhor para a sua bebé?

– Sim. – A sua voz não vacila. – É.

– Sabe que a primeira coisa que vão fazer quando entrar pela porta será espetar-lhe um cateter e enchê-la de fármacos.

Os seus olhos brilham com lágrimas.

– Por favor, Polly.

É tal como suspeitava. Não se importa minimamente com a bebé.

– Muito bem, então – respondo. – O Hank ainda não voltou, mas vou procurar um telefone funcional e chamar uma ambulância.

Relaxa os ombros.

– Obrigada, Polly.

Claro que não tenciono chamar ambulância nenhuma. Ela não vai sair da cave nos próximos tempos. Mas, quanto mais tempo a conseguir manter feliz, mais fácil tudo isto será.

35

POLLY

Para o jantar, estou a preparar o prato preferido do Hank: bife à milanesa.

Mostrem-me um homem que não goste de bife à milanesa e mostrar-vos-ei alguém que não sabe o que anda a perder. Uso a receita da minha mãe, que lhe foi ensinada pela mãe dela. A minha mãe convenceu-me a fazê-la da primeira vez que recebi o Hank para jantar, quando ainda namorávamos. *Pelo que me contaste sobre o Hank, deve ser um homem que aprecia um bom bife à milanesa.* Tinha razão. Acho que o Hank se apaixonou por mim no dia em que provou o meu bife.

Também tinha razão sobre o Hank. Quando o conheceu, disse-me que era com ele que eu ia casar. Já tinha pensado nisso, mas confiava mais na opinião dela do que na minha. Desde que morreu, tenho-me sentido um pouco perdida. Como é que sabemos o que é certo ou errado sem que a nossa mãe nos diga?

Quando estou mais em baixo, ainda procuro conforto nas últimas palavras que me disse.

Um dia, a tua família estará completa.

Agora, vou tornar essas palavras realidade.

Envolvo os bifes em ovo e passo-os por uma mistura de farinha com bolachas de água e sal e muitos temperos. De seguida, frito-os na frigideira até a cobertura estar dourada e estaladiça. Já fiz tantas vezes bife à milanesa que era capaz de o fazer a dormir.

Para me entreter, ligo a televisão pequena que temos na cozinha. O ecrã é mais ou menos do tamanho da minha mão e não a usamos muito, mas tenho curiosidade em saber se há mais notícias sobre o desaparecimento da Tegan, por isso ponho no noticiário local. Falam brevemente sobre ela, mas noto que não mencionam nenhum marido. Não me surpreende que estivesse a mentir.

Enquanto o bife crepita na frigideira, esmago batatas numa tigela. Junto muita manteiga, natas e sal. O puré de batata está mesmo a atingir a consistência certa quando oiço a porta da entrada bater – o Hank chegou.

Por um momento, fica tudo em silêncio enquanto tira as botas; depois, os seus passos pesados ecoam pelo corredor e param à porta da cozinha. Sorrio-lhe do fogão.

– Estou a fazer o teu prato favorito – digo. – Sentes o cheiro?

O Hank olha-me fixamente.

– Ela ainda cá está?

– Claro que está. Disse-te que ia ficar alguns dias. Ela não se importa.

Não diz nada. Limita-se a virar costas e a sair da cozinha, e oiço os seus passos pesados a forçar a madeira das escadas. Poucos minutos depois, o duche liga-se.

O Hank continua nitidamente descontente por a Tegan ficar connosco. Tudo bem. Há de se habituar à ideia. É um meio para um fim.

O bife já está suficientemente dourado, por isso tiro-o do lume. O Hank ainda vai passar mais alguns minutos no duche, então preparo um prato para a Tegan. Fui uma vez à cave desde o almoço, para a ajudar com a arrastadeira, e assegurei-lhe que a ambulância estava a caminho. Isso pareceu acalmá-la, mas não resultará por muito tempo. Assim, trituro um anti-histamínico e misturo-o no puré de batata. Deverá mantê-la tranquila durante a noite.

Também lhe corto o bife aos pedaços. Não vejo nada de bom a acontecer se lhe der uma faca.

Quando abro a porta da cave, a Tegan está calada. Sei que ainda está lá em baixo, afinal, onde mais haveria de ter ido? Mesmo assim, sinto-me inquieta quando fica tão silenciosa.

– Trouxe-lhe o jantar! – anuncio.

Os seus olhos parecem quase vazios enquanto me fitam. Não está bem. Mesmo que não tivesse o tornozelo partido, teria dificuldade em sair da cama.

– Onde está a ambulância? Porque é que ainda não chegou?

Encolho um ombro.

– Quem sabe? Não estamos numa cidade grande, como está habituada. As pessoas andam num ritmo mais lento aqui. Pode demorar algum tempo até que as coisas aconteçam.

– Passaram *horas*.

Pouso o prato no tabuleiro diante dela. Mal olha para ele. Está zangada comigo.

– Se calhar foram parar à morada errada? – sugiro.

Olha para mim com os olhos raiados de sangue.

– Chamou sequer uma ambulância?

Pode ser jovem, mas não é idiota.

– Claro que chamei.

– É que acho que se a tivesse chamado – diz – a ambulância já teria chegado de certeza. Não me parece que ainda continuássemos à espera.

– Como disse, se calhar foram parar à morada errada.

– Então talvez devesse voltar a ligar.

Lentamente, anuo.

– Posso fazer isso. Mas vamos jantar primeiro.

Olho para o monte de puré de batata que tem no prato. Se o comer, deixará de pensar em partir. Mas a Tegan não parece estar interessada no puré. Continua apenas a fitar-me com os olhos orlados de vermelho.

– Não acho que tenha chamado de todo a ambulância – declara.

– Não seja tola.

– Não chamou, pois não?

Ponho as mãos nas ancas.

– Se não chamei, foi para o seu próprio bem. Acha que ficaria melhor sob a faca de um cirurgião do que aqui?

– Não é uma decisão sua! É *minha*!

Aproximo o prato mais um pouco dela, sobre o tabuleiro.

– Talvez devesse tomar decisões melhores, nesse caso.

O que acontece a seguir é tão rápido que, se tivesse pestanejado, nem sequer o teria visto. Ergue o garfo do prato que eu lhe trouxe e, por um momento, fico aliviada. Vai largar o assunto e jantar. Mas não é de todo isso que faz. Ergue o garfo acima da cabeça e, antes que eu consiga entender o que está a acontecer, crava-o bem fundo na carne da minha mão.

36

GPOLLY RITO.

Claro que grito. A mulher *apunhalou-me com um garfo.* Ainda bem que não lhe dei uma faca!

Com força, levanto a mão do tabuleiro, ainda com o garfo espetado na pele entre o polegar e o indicador. Felizmente, cai passado um segundo, porque não teria sido nada agradável ter de o arrancar da pele.

– Qual é o seu problema? – grito.

– Tem de chamar a ambulância – diz a Tegan entredentes. – Tem de a chamar e é *já*.

Estou farta deste disparate. Subo os degraus da cave a correr, agarrada à mão direita, que já começou a sangrar bastante. Será que se pode apanhar tétano de um garfo? Preciso de investigar, mas acho que tenho a vacina do tétano em dia.

– Polly! – grita a Tegan, nas minhas costas. – Chame uma ambulância!

Fecho a porta da cave atrás de mim, com a respiração pesada. Não era preciso ter fugido assim, visto que seria impossível ela seguir-me. Mas pareceu-me que havia alguma hipótese de conseguir invocar forças sobre-humanas para me perseguir apesar do tornozelo partido. Afinal, nunca pensei que me fosse apunhalar com um garfo, por amor de Deus. Aquela rapariga tem mais garra do que eu pensava.

O Hank vem a descer as escadas. Passa por mim a caminho da cozinha, mas pára e fica a olhar na minha direção.

– Polly?

É então que me apercebo de que tenho a camisola coberta de sangue.

– Polly – arqueja. – O que é que lhe fizeste?

Fulmino-o com o olhar.

– Não fiz nada. O sangue é *meu*. Ela apunhalou-me com um garfo.

Mostro-lhe a mão ferida como prova. Ele estremece.

– Credo.

– Está tudo bem. Podes só… Podes trazer-me o *kit* de primeiros socorros?

Preciso de desinfetar isto.

Obedientemente, o Hank dirige-se ao armário do corredor onde guardamos o *kit* de primeiros socorros. Sigo-o até à sala de estar e ele abre-o na mesa de centro. Sento-me no sofá e vasculho-o com a mão esquerda, procurando as compressas de *Betadine* enquanto ele me observa.

– Porque é que ela te apunhalou? – pergunta.

– Está um pouco confusa.

– Se calhar está na altura de se ir embora.

– Hank…

– Não percebo o que estás a tentar fazer. – Fita-me do outro lado do sofá. – As estradas já estão limpas. Ela tem de ir para o hospital.

– Nunca confias em mim – resmungo. – Estou a fazer isto para o bem dela.

Por um momento, o Hank fica calado, a ver-me lutar com o penso. Finalmente, aproxima-se e ajuda-me a pô-lo na mão.

– Da próxima vez, vou eu lá abaixo – diz.

Abano enfaticamente a cabeça.

– Não acho que seja boa ideia. Ela não gosta de ti.

– Bem, não me pode fazer pior do que te fez a ti. – Arqueia as sobrancelhas. – Seja como for, se está zangada contigo, devias dar-lhe tempo para se acalmar.

Não adoro esta ideia, mas então lembro-me dos anti-histamínicos no puré de batata. Se o comer, já estará grogue quando o Hank descer para ir buscar a loiça suja. Não vão propriamente conseguir ter uma grande conversa, que é algo que preferia evitar.

Neste momento, também não me entusiasma nada a ideia de voltar lá abaixo.

– Está bem – aquiesço.

Espero que não seja um erro.

37

TEGAN

Não me arrependo de ter apunhalado a Polly com um garfo.

Estava a pedi-las. Disse-me que tinha chamado uma ambulância, mas não o fez. Está a mentir pelo Hank. Até consigo aceitar que não seja capaz de lhe fazer frente, mas não pode achar mesmo que eu vou engolir essas tretas. Assim que vi a sua mão tão vulnerável em cima do tabuleiro, mesmo ao meu alcance, não consegui evitar. Estava tão zangada.

Mesmo assim, depois de ela gritar e fugir para o piso de cima a sangrar para a camisola, senti uma pontada de arrependimento. Ainda tem aquela nódoa negra no pulso e, apesar de ser sempre ela quem desce à cave, não creio que seja ela a mover os cordelinhos.

É o Hank que quer que eu fique aqui. De certeza. É ele que me está a manter prisioneira e ela limita-se a cumprir as suas ordens. Se assim for, não era ela quem merecia ser apunhalada com um garfo. Também é uma vítima.

Pergunto-me o que tencionará o Hank fazer comigo. Sinto um arrepio na espinha só de pensar nisso.

Como a refeição que a Polly me trouxe, apesar da falta de apetite. O bife à milanesa está incrível, apesar de ter de o comer com as mãos, uma vez que o meu garfo continua no chão. O puré de batata também está bom, mas pouco depois começo a sentir o travo a giz que tinha sentido no frango, por isso ponho-o de parte.

Tenho quase a certeza de que foi o que estava no molho do frango que me fez dormir metade do dia. O Hank tem andado a drogar-me para me conseguir subjugar e não vou alinhar mais nisso.

Por volta das oito horas, a porta da cave abre-se com um rangido. Espero ouvir os passos leves da Polly nos degraus, mas cai-me o coração aos pés quando oiço passos muito mais altos e pesados. Não é a Polly que está a descer as

escadas.

É o Hank.

Sinto o coração bater dolorosamente à medida que os passos se aproximam. Por um momento, quando chega ao fundo das escadas, fica apenas ali parado. Mesmo que me conseguisse levantar, ele ficaria sempre bastante acima de mim – parece ser trinta centímetros mais alto do que eu e ter pelo menos o dobro do peso. Enquanto estiver prisioneira nesta cama de hospital, tem-me completamente à sua mercê. Traz umas calças de ganga azul gastas e uma camisa aos quadrados vermelhos e pretos e, tal como na primeira noite em que o vi, a barba cerrada esconde-lhe metade do rosto.

É ainda maior e mais assustador do que me lembrava. Sobretudo quando se limita a ficar ali parado, ao fundo das escadas, a observar-me em silêncio. Não consigo parar de tremer.

Este homem é o motivo pelo qual ainda aqui estou. Bate na mulher e agora não me deixa ir embora.

– Vim buscar o prato – diz baixinho.

– Está bem – murmuro.

– Não me vai tentar apunhalar, pois não?

Aponto com a cabeça para o chão, onde ainda está o garfo ligeiramente ensanguentado.

– Não consigo.

O Hank apanha-o do chão, examinando os dentes, e guarda-o no bolso da camisa. Dá um passo na minha direção e encolho-me.

– Por favor – sussurro. – Por favor, não…

Suspira e pega no prato. Retorço-me, tentando afastar-me o mais possível dele, apesar de ser óbvio que não vou a lado nenhum, tanto por causa da barriga como do tornozelo. Mas ele não faz nada de assustador, como agarrar-me ou tentar acariciar-me o cabelo ou o rosto. Limita-se a pegar no prato, como se fosse um empregado de mesa.

– Boa noite – murmura e vira-se para se ir embora.

– Espere! – grito. Talvez não possa confiar nele, mas não posso deixar de tentar sair. – Por favor! Não vá! Faço tudo o que quiser. Mas chame uma ambulância, por favor. Por favor!

O Hank não diz nada e dirige-se às escadas.

– Por favor! – volto a gritar. – Faço tudo o que quiser! Tudo! Só, por favor… Deixe-me ir…

Agora, começa a subir as escadas como se nem sequer me tivesse ouvido.

Bem, implorar não me levou a lado nenhum. Ele é o tipo de pessoa que gosta de ver os outros sofrer. Provavelmente, está a adorar ver-me implorar.

Não, a primeira coisa que realmente lhe chamou a atenção foi ter apunhalado a Polly com aquele garfo. Talvez seja esse o caminho certo. Talvez decidam que dou demasiado trabalho se tentar resistir. Ouvi dizer que os homens tentam ir atrás de mulheres que parecem submissas, como a Polly – mulheres que não dão luta.

Tenho de lhe mostrar que não sou fraca.

– Ei! – chamo. – Ei, Hank?

Continua a subir os degraus, ignorando-me.

– Ei! – volto a chamar. – Diga à Polly que, da próxima vez que vier cá abaixo, a vou apunhalar no *olho*.

O Hank paralisa. Vira a cabeça e olha para mim.

– Desculpe?

Bem, consegui finalmente chamar-lhe a atenção.

– Ouviu o que eu disse. Se não me derem um garfo, arranjarei outra coisa qualquer. Talvez até as unhas.

Uma expressão sombria apodera-se do rosto do Hank. Pareceu-me boa ideia dizer estas coisas todas, mas já não tenho assim tanta certeza. Desce as escadas e atira o meu prato para os pés da cama, acertando-me na perna, o que desencadeia uma vaga de dor que me faz lacrimejar. Não consigo perceber se era ou não essa a intenção, mas resulta.

Então, vem direito a mim, até o conseguir olhar nos olhos castanho-escuros.

– Oiça bem. – Inclina-se tanto para mim que sinto o cheiro a bife frito e cerveja azeda no seu hálito. – Vamos tirá-la daqui dentro de poucos dias, menina Werner. Prometo. – A sua voz torna-se um rosnido grave. – Mas, se voltar a tocar na minha mulher, nem que seja só um dedinho, vai arrepender-se.

Há algumas horas que não usava a arrastadeira e a minha bexiga cede espontaneamente para a folha de papel que tenho debaixo de mim. Acho que nunca tinha sentido tanto pavor na vida. Julgava a Polly por não lhe fazer frente, mas agora que vejo aquilo que tem de enfrentar, compreendo-a. Este homem tem ar de ser capaz de me desmembrar, e de o fazer com um sorriso.

– *Entendido?* – pergunta, naquele rosnido horrível.

Assinto, porque não consigo que saia qualquer som da minha boca.

Deixa-se ficar por um momento, enquanto ainda sinto todo o corpo a tremer.

Finalmente, endireita-se. Volta a recolher o prato da cama e sacode-o. De seguida, sem dizer mais nada, volta a subir as escadas e bate com a porta da cave atrás de si.

38

POLLY

O Hank está deitado na cama ao meu lado, acordado.

Sei que está acordado porque não o oiço a ressonar. Parece uma motosserra quando ressona, mas consigo sempre dormir com o barulho. Porém, neste momento, é uma da manhã e ele não está a ressonar. Tem os olhos bem abertos e olha fixamente para o teto. Sinto a mão a latejar por baixo do penso.

Eu e o Hank já passámos por muito juntos. Ele passou por muito por minha causa. E esta é mais uma coisa.

Espero não ter ultrapassado o seu limite.

Não o obriguei a voltar à cave depois de ir buscar o prato. A Tegan precisava de usar a arrastadeira e não lhe podia pedir para a ajudar. Não seria correto. Quando desci, tinha o cabelo empastado e colado ao couro cabeludo e parecia precisar de um bom duche. Mal conseguia olhar para mim e não respondeu quando lhe perguntei como estava. *Confie em mim*, disse-lhe. *Isto não será a pior coisa que lhe acontecerá na vida.*

Na verdade, estou a fazer-lhe um favor enorme. Estou a dar-lhe a sua antiga vida de volta. Não terá de ser mãe de uma bebé carente que nem sequer quer. E estou a dar-nos, a mim e ao Hank, uma oportunidade de sermos felizes.

Um dia, a tua família estará completa.

Antes, costumava ter esperança e rezar para que a minha mãe estivesse certa. Mas cansei-me de esperar que o universo me dê o que quero. Vou *assegurar-me* de que as palavras da minha mãe se tornam realidade.

– Então. – Passo uma mão pelo peito nu do Hank, que está coberto por uma boa camada de pelo escuro. – Estás bem?

Ele vira a cabeça na minha direção.

– Precisamos de falar.

Oh, não. Nunca nenhuma conversa agradável começou com essas três palavras.

– Está bem…

Vira o resto do corpo para mim. É difícil ver-lhe bem os olhos no quarto escuro.

– Porque é que estás a fazer isto?

– O quê?

– Pára com isso, Polly – resmunga ele. – Diz-me só porquê.

– Já te disse. Estou a tentar ajudá-la. Não vão cuidar bem dela no hospital.

– Treta. Diz-me a verdade.

Conhece-me demasiado bem. Vê para lá de todas as minhas mentiras – bem, quase todas.

– A Tegan é tão nova e nem é casada. Nem sei se sabe quem é o pai do bebé. Seríamos muito melhores pais para aquela criança.

– Oh, Polly. – Coloca-me uma madeixa de cabelo atrás da orelha. Tiro a trança quando me vou deitar. O Hank é a única pessoa que ainda me vê com o cabelo solto. – Sabes que isso não vai acontecer, certo?

– Não sabes – respondo obstinadamente. – Se me deres tempo suficiente, posso convencê-la. Posso chegar a algum entendimento com ela. Podemos ajudá-la.

– Polly, ela apunhalou-te com um garfo hoje. Não te vai dar a sua bebé.

É certo que a Tegan me apunhalou com um garfo. É verdade. Mas foi muito mais simpática quando voltei a descer para a ajudar com a arrastadeira. Ou seja, não me tentou atacar.

Até murmurou um pedido de desculpas envergonhado por ter sujado os lençóis.

– Quero tentar convencê-la – digo. – Aceitaste dar-me três dias. E sabes que, se não deres…

– Não me ameaces. – Cerra os dentes. – Disse que te dava três dias e não vou voltar atrás. Além disso, já mentimos à polícia. Se não te entenderes com aquela mulher, ela vai fazer com que sejamos os dois presos por rapto.

– Eu vou resolver isto. Tens de confiar em mim.

– Como é que achas que isto vai resultar? Achas que vais fazer o parto na cave? Julgas que podes aparecer simplesmente na pediatra para uma consulta de rotina com uma bebé qualquer?

Posso fazer o parto do bebé – tenho a certeza. Quanto à pediatra, hei de inventar alguma história para lhe contar.

– Deixa que seja eu a preocupar-me com isso.

Mesmo no escuro, consigo ver a dúvida no rosto do Hank. Não confia em mim. Não acha que isto vá resultar.

– Escuta – diz. – Acho que devias ligar à doutora Salinsky.

Odeio quando diz isso. Porque haveria eu de ligar à psiquiatra? Pela primeira vez em muito tempo, estou *feliz*. Estou empolgada com o nosso futuro juntos. Os três.

– Não preciso da doutora Salinsky – digo entredentes.

– Não tens de lhe contar o que se passa. Acho… acho só que lhe devias ligar.

– Hank. – Percorro-lhe a curva da clavícula com a ponta do dedo. – Não percebes? Esta rapariga pode dar-nos tudo o que sempre quisemos. Esta rapariga pode completar as nossas vidas. Não vale a pena correr um risco por isso?

– Mas eu já tenho tudo o que sempre quis.

Às vezes, o meu marido consegue ser tão enervante.

– Certo, mas eu não. Se não achas que vale a pena tentar completar a nossa família, então não sei o que havemos de fazer.

– Polly…

Estou farta desta conversa. Se o Hank quer fingir que não quer tanto um filho como eu, então nem adianta falar com ele. Agarro nos cobertores, puxo-os até ao queixo e viro-lhe costas. Pousa os dedos no meu ombro, mas não me viro.

– Preciso que resolvas isto, Polly – diz.

Não lhe respondo. Vou resolver, mas não será da forma que ele quer.

De uma maneira ou de outra, vou ficar com a bebé da Tegan.

39

TEGAN

Implorar não resultou.
Tentar criar laços com a Polly não resultou.
Apunhalá-la com um garfo não resultou.

Se quero sair daqui, tenho de fazer algo diferente. Tenho de me levantar, porque é obviamente a única forma de me conseguir ir embora.

Espero até a casa estar completamente silenciosa. Apesar de não conseguir ouvir nenhuma conversa, oiço o som dos passos no piso acima. Consigo reconhecer particularmente bem as botas do Hank – parecem trovões. Quando deixo de ouvir o seu som, deduzo que o Hank e a Polly tenham subido. Espero mais uma hora, pelo sim, pelo não.

Estou a correr um risco enorme, mas tenho de o fazer para me salvar a mim e à minha filha. Tenho de ser extremamente silenciosa. Mesmo que a Polly e o Hank estejam a dormir, qualquer som no primeiro andar pode acordá-los. A ideia de o Hank me apanhar no primeiro andar da casa a tentar fugir é absolutamente aterradora. E não estou em condições de fugir dele. Nem quero imaginar o que faria se me apanhasse.

Se me apanhasse.

Os meus olhos habituaram-se à escuridão, e ainda bem, pois tenho demasiado medo de acender as luzes. Nas sombras, consigo distinguir as escadas que dão para o primeiro andar. Tentei ouvir atentamente quando a Polly voltou para cima e não ouvi nenhuma fechadura a rodar, mas isso não significa que não haja uma. Mesmo que consiga chegar ao cimo das escadas, posso não conseguir sair.

Mas pode ser que não tenham trancado a porta da cave por acharem que não sou capaz de subir as escadas. Se conseguir sair desta cave, vou direta às chaves da carrinha do Hank. Ainda tenho a perna direita boa, mais ou menos, por isso devo conseguir conduzir. Não vou parar até chegar ao hospital.

Muito bem, cá vou eu.

Estou deitada mesmo ao meio da cama. Uso os comandos para levantar a cabeceira o máximo possível, para tentar que seja mais fácil levantar-me. E…

Porque é que me sinto tão tonta?

Mamã, não me sinto muito bem.

É a primeira vez que estou numa posição tão direita desde que cá cheguei. Sinto suores frios a escorrerem-me pela testa e, por uma fração de segundo, quase me parece que vou desmaiar. Respiro fundo algumas vezes e a sensação de vertigem acaba por passar.

Estou bem. Sou capaz. Estou bem.

Agora que já não tenho a cabeça à roda, olho para o quarto, mal iluminado e quase todo envolto em sombras. Semicerro os olhos e tento avaliar o tamanho da cave através da escuridão.

É relativamente pequena, como o resto da casa, e a distância entre os pés da cama e o fundo das escadas não é mais de três metros. Não é nada longe.

Enquanto contemplo o que fazer a seguir, algo no canto do quarto me capta o olhar. No canto mais afastado do lado direito, que está mais longe das janelas e é mais escuro do que todos os outros. Quase parece…

Vejo algo a mexer-se.

Fico com a respiração presa na garganta quando vejo o movimento. Está algo aqui – tenho a certeza. Pensava que estava sozinha aqui na cave. E se não estiver? E se o Hank tiver estado aqui o tempo todo, a observar-me? A ver-me dormir. A ver-me entrar em pânico. E a ver-me sofrer. E se ouviu todas as conversas que tive com a Polly e se está a assegurar de que ela não me dá qualquer hipótese de fuga? E se…

Calma.

Oh, graças a Deus. É só um rato.

Não posso dizer que não me enoje um pouco pensar que estou a partilhar o espaço com um roedor que provavelmente se esgueirou cá para dentro para fugir do frio, mas não deixa de ser muito melhor que a alternativa. Um rato não vai fazer nada para me magoar. É só nojento.

Faço força com a base das mãos contra a cama para virar o considerável peso do meu corpo para a direita, porque calculo que seja mais fácil se sair da cama pelo lado direito, com a perna ilesa. Sinto uma súbita dor elétrica descer-me pela perna direita, o que não é agradável, mas consigo respirar e aguentá-la.

Tu consegues, Tegan.

Consigo tirar parte da perna direita da cama. A dor é má, mas não é nada com que nunca tenha lidado. Agora, está na altura de mover a perna esquerda. Respiro fundo e agarro-me à coxa esquerda com as mãos para a mover.

Assim que a perna esquerda se mexe no colchão, sinto um choque de dor trespassar-me o corpo inteiro, que faz a ciática parecer uma brincadeira em comparação. Traz-me as lágrimas aos olhos. Faz-me arquejar e obriga-me a parar bruscamente.

Oh. Meu. Deus.

Não pensava que a dor fosse tão má. Ainda não lhe tentei apoiar o meu peso em cima. Ainda nem sequer tirei a perna da cama, mas a dor é avassaladora. É impossível aguentá-la – consome-me completamente.

E está a piorar.

Olho para a bota que ainda tenho calçada no pé esquerdo. Recusei-me a deixar a Polly tirá-la porque doía demasiado e achava que em breve estaria num hospital, mas agora arrependo-me. Não há nada de bom debaixo daquela bota. A pior parte é que, apesar da intensidade da dor, mal consigo sentir o pé. Toda a perna é apenas dor, mas sem qualquer sensação perto do pé.

Mexe os dedos.

Tento mexer os dedos do pé esquerdo. Nem consigo perceber se se mexem, por ter esta bota parva calçada, mas tenho a certeza de que não os sinto. Não é bom sinal.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas de frustração. Não consigo sair desta cama. Não me posso salvar a mim nem à *Atum*. Estamos ambas à mercê daquele homem terrível.

40

TEGAN TRÊS DIAS DEPOIS DO ACIDENTE

Depois da minha tentativa falhada de sair da cama, passo o resto da noite a dar voltas à cabeça para tentar perceber o que devo fazer a seguir. Infelizmente, quando a Polly desce as escadas de manhã, continuo a não ter nenhuma ideia brilhante. Tem outra vez o cabelo preso numa trança perfeita atrás da cabeça, mas não posso deixar de notar que tem olheiras e que a sua pele parece manchada.

– Bom dia! – A sua voz alegre parece mais tensa do que é habitual. – Quer a arrastadeira?

– Sim – respondo.

Enquanto a Polly me ajuda, vejo que tem a mão direita ligada onde a apunhalei e sinto uma pontada de culpa. É o Hank quem a obriga a manter-me aqui presa. Sabe Deus o que lhe faz quando estão no andar de cima. Às vezes, oiço baques ou estrondos lá em cima e assusto-me sempre. O Hank é um homem incrivelmente aterrador; eu própria já o testemunhei. Não posso imaginar o que aconteceria se ela alguma vez o desafiasse.

Mas talvez seja essa a solução. Talvez eu e a Polly nos possamos ajudar uma à outra.

– Há quanto tempo é casada com o Hank? – pergunto quando a Polly sai da casa de banho, depois de esvaziar a arrastadeira.

Ela paralisa e parece ter sido apanhada de surpresa pela minha pergunta.

– Há pouco mais de dez anos.

– Como se conheceram?

– Ele arranjou-me o carro. – Costuma parecer tão conversadora e simpática, mas parece haver agora alguma desconfiança no seu tom. – E depois fomos jantar fora.

– Dez anos é muito tempo – observo. – E o casamento nem sempre é fácil.

A Polly fita-me durante algum tempo antes de finalmente responder.

– Não, não é fácil.

É a minha oportunidade. Não está feliz com o casamento. Posso ajudá-la. Apesar de ser mais velha do que eu, talvez lhe possa dar conselhos. Talvez consigamos até ter as duas um final feliz.

– Às vezes, os maridos fazem coisas que nos magoam.

– Sim… – diz, assentindo lentamente.

– Mas isso nunca é correto, Polly.

– Não – concorda. – Nunca é correto. Um marido nunca nos deve magoar.

Fico satisfeita comigo mesma. Estou realmente a conseguir chegar a algum tipo de entendimento com ela. Consigo fazê-la mudar de ideias. Posso até convencê-la a chamar a polícia quando o marido for para o trabalho. Talvez já hoje.

– Polly – digo lentamente. – Não tem de fazer o que o Hank lhe diz só porque tem medo de que ele lhe faça mal.

A Polly ergue bruscamente a cabeça. Não devia ter dito aquilo – foi demasiado cedo. Quase consigo ver as muralhas a erguerem-se.

– De que é que está a falar? Como se atreve? O Hank jamais me faria mal. *Jamais*. É um bom homem.

– Sim, mas… – Aponto para o hematoma desbotado no seu pulso. – É óbvio que às vezes se descontrola.

Olha para o pulso e o seu rosto cora. Tapa-o rapidamente com a manga da camisola.

– Não foi o Hank quem fez isto. Foi… foi um acidente.

– Um acidente?

– Isso mesmo – retorque, mas não desenvolve e não consigo imaginar um «acidente» que causasse um hematoma assim. – De qualquer forma, devia preocupar-se consigo. Vai ficar com escaras se continuar deitada na cama. E não deve querer que os seus músculos atrofiem.

Não é uma ameaça vazia. Sinto uma dor surda no rabo de estar há tanto tempo deitada na cama e fico mais fraca a cada dia que passa. Quero desesperadamente mexer-me mais, mas o tornozelo não está nem um bocadinho melhor. Nem consigo imaginar tentar andar.

– O que posso fazer?

– Deixe-me levantá-la. – Aponta para a cadeira de rodas ao canto. – É melhor do que ficar na cama o dia inteiro.

Por mais que odeie estar deitada nesta cama, a ideia de mexer o tornozelo esquerdo dá-me náuseas. Mesmo assim, sei que a Polly tem alguma razão. Não parece que vá sair daqui ainda hoje e seria boa ideia mexer-me um pouco.

Talvez possa procurar uma forma de sair daqui.

– Talvez depois do almoço – digo.

A Polly anima-se.

– Que ótima ideia. Acho que lhe vai fazer muito bem.

Enquanto volta a subir os degraus para me ir buscar o pequeno-almoço, passo a mão pela barriga. Sinto um pontapé da *Pequena Atum* que me tranquiliza. Está bem. E é só isso que importa.

Não te preocupes, Atum. A mamã vai tirar-te daqui, de uma maneira ou de outra.

41

POLLY

Não sei de que raio estava a Tegan a falar.

Começou a balbuciar uns disparates quaisquer sobre o Hank, que não seria capaz de me magoar nem com uma arma apontada à cabeça. Mas, claro, viu as pisaduras que o Mitch me fez e tirou as suas conclusões.

Não é propriamente uma santa. Mentiu sobre ser casada e é óbvio que engravidou por acidente. Não quer aquela bebé nem se importa sequer o suficiente com ela para não beber *whisky* durante a gravidez – e enquanto conduz, ainda por cima! Não me surpreende que tenha batido com o carro contra uma árvore. Tem sorte em não ter perdido a bebé.

Quero que admita que mentiu sobre ser casada. Quero que admita que está sozinha e não quer a bebé. Se o fizer, então terei a certeza de que esta é realmente a decisão certa.

Seja como for, tem de ter a bebé o mais rapidamente possível. Disse-me que estava de oito meses, o que significa que pode demorar algum tempo a entrar em trabalho de parto naturalmente. Não duvido de que o acidente vá acelerar as coisas, mas não o suficiente.

Passei algum tempo a trabalhar como enfermeira na Maternidade do hospital e sinto-me confiante de que sou capaz de fazer o parto. Lembro-me de que os médicos costumavam receitar magnésio para acelerar o parto, mas não tenho essa possibilidade à minha disposição aqui. Por isso, começo a pesquisar formas de induzir o parto em casa.

Muitos *sites* sugerem sexo e longas caminhadas. Bem, ela não vai fazer nenhuma *dessas* coisas. Não pode dar longas caminhadas. Quanto ao sexo, talvez pudesse pedir ao Hank para…

Não. Nem pensar. Ele jamais concordaria.

Tenho tentado encorajá-la a sair da cama e a entrar no duche, porque talvez

ajude. Mas continua a não ser um grande desafio físico. Não, não há nenhuma atividade física que ela consiga fazer agora. Tem de ser algo que possa tomar oralmente.

Depois de vasculhar a *internet*, acabo por encontrar uma receita de algo a que chamam *Poção das Parteiras*. O *site* anuncia uma taxa de sucesso de oitenta e cinco por cento na indução do parto em menos de vinte e quatro horas. Os ingredientes incluem óleo de rícino, sumo de alperce, chá de limão e manteiga de amêndoa.

Verifico os armários para ver o que tenho. Tenho chá, mas não de limão. Tenho manteiga de amendoim, mas não tenho de amêndoa. Sumo de laranja, mas não de alperce. Parece que vou ter de ir até ao supermercado. O que significa que terei de sair de casa e deixar a Tegan sozinha na cave.

É arriscado. Mas, se esta bebida induzir o parto como prometido, valerá a pena. O Hank não me vai deixar mantê-la presa na cave por muito mais tempo.

Quando desço para servir o pequeno-almoço à Tegan, ela está deitada na cama, em silêncio. Parece estranhamente mais dócil do que da última vez que cá vim. Talvez tenha perdido a garra.

– Aqui tem. – Pouso o prato de ovos e *bacon* no tabuleiro à sua frente, juntamente com um grande copo de sumo de laranja. Tive o cuidado de não incluir um garfo. Pode comer com as mãos. – Um pequeno-almoço nutritivo.

– Obrigada.

– Sabe? – digo. – Quando tiver uma filha, terá de lhe preparar três refeições por dia todos os dias.

– Eu sei. – Olha para mim, irritada.

– Não se pode baldar só porque está cansada, com dores ou de ressaca.

Torna a olhar para mim, mas não diz nada. Pega num pedaço de *bacon* crocante e dá-lhe uma dentada.

– Estou só a dizer – continuo – que ser mãe é uma carga de trabalhos. E é tão nova. Deve haver muitas outras coisas que preferiria fazer com o seu tempo.

– Consigo lidar com isso – insiste, apesar de haver um tremor na sua voz.

– Bem, espero que sim. Mas ser mãe não é para todas.

Espero que confesse que receia ter de tomar conta de uma bebé que passe a vida a chorar. Consigo vê-lo nos seus olhos. Mas é teimosa e é óbvio que se recusa a admitir a verdade.

Tudo bem.

Quando volto a subir, o Hank já saiu para a oficina, sem se despedir. Costuma

despedir-se sempre de mim de manhã. Dá-me um beijo, diz-me que oxalá não tivesse de me deixar e envolve-me num abraço que me relembra de quanto me ama. Hoje não fez nada disso.

Na verdade, estou feliz por ter saído. Tenho de ir ao supermercado e não quero que ele saiba o que vou comprar.

Entro no meu *Ford Bronco* e vou ao centro comercial, onde há um supermercado. Faço muitas das minhas compras na pequena mercearia a cinco minutos daqui, mas não sei se terá todos os ingredientes de que preciso. Além disso, a operadora de caixa da mercearia conhece-me e pode ficar a questionar-se porque estarei a comprar ingredientes tão estranhos. É melhor comprá-los num supermercado onde possa permanecer anónima.

Encontro os quatro ingredientes com bastante facilidade e junto alguns outros artigos ao carrinho para disfarçar. Um pacote de leite. Alguma carne picada. Quase pego numa lata de leite em pó, mas então pergunto-me se não seria suspeito e decido não o fazer. Posso pedir ao Hank para comprar algum quando chegar a altura.

Tenho cerca de uma dúzia de artigos quando chego à caixa, onde uma mulher de cabelo grisalho demora algum tempo a passar as compras todas. Olho para o relógio. Ainda não passou meia hora desde que saí de casa. Não é assim tanto tempo, mas parece uma eternidade sabendo que tenho uma bomba-relógio na cave.

Da fila da caixa, olho para o parque de estacionamento pelas portas de correr. Vejo um carro-patrulha no parque e cai-me o coração aos pés. Será que é o mesmo agente que esteve lá em casa ontem? Tal como no outro dia, está a falar para um rádio. Obrigo-me a desviar o olhar.

Será possível que esteja aqui por minha causa? Será que a Tegan se conseguiu libertar, de algum modo, durante o curto período em que estive ausente, e alertou a polícia? Não, não pode ser. Como saberiam que estou no supermercado? Tem de ser coincidência.

Seja como for, tenho de voltar para casa o mais rapidamente possível. Tenho de ir ver a Tegan.

– Bem, olá, querida – diz-me a operadora de caixa, quando chega finalmente a minha vez. – Está um dia frio lá fora, não está?

– Sim – respondo. Geralmente, gosto de fazer conversa com as funcionárias. Ultimamente, o que mais tenho é tempo livre. Mas hoje esta tagarela irrita-me.

Pega na garrafa de óleo de rícino e olha para o sumo de alperce.

– Já passou da data, querida?

– Perdão?

A operadora de caixa lança um olhar incisivo à minha barriga. Tenho vestido um casaco de inverno muito volumoso, pelo que não dá para perceber o que está por baixo. Tanto quanto sabe, posso estar grávida de quarenta semanas.

– Tem aqui todos os ingredientes para um *cocktail* de parto alemão. Pensei que talvez estivesse a tentar acelerar as coisas em relação ao bebé. De quantas semanas está?

Levo a mão à barriga. Pondero negar, mas talvez não seja boa ideia. Afinal, se voltar aqui com um bebé, fará sentido que as pessoas pensem que estive grávida.

– Quarenta e uma.

– Ui. – Estremece. – Bem, de certeza que está ansiosa por tirar esse pequenote aí de dentro. Boa sorte com o *cocktail*! Resulta mesmo.

Estou a contar com isso.

Quando saio para o parque de estacionamento com o saco de papel pardo cheio de compras, quase espero que o polícia que vi me aponte a arma e me diga que estou presa. Mas isso não acontece. Na verdade, o carro-patrulha desapareceu completamente. Estou só a ser paranoica.

Durante o regresso a casa, sinto-me cada vez mais inquieta com a interação que tive com a operadora de caixa. Devia ter-lhe dito só que eram ingredientes ao acaso. Agora, ela vai lembrar-se de mim. E se a polícia começar a perguntar por uma mulher grávida? Talvez se lembre de mim e lhes conte que me viu a comprar ingredientes para induzir o parto. A caixa não conseguiu perceber que eu não estava grávida, mas bastará a polícia olhar para mim para o perceber.

Porque é que não fiquei só de boca fechada?

Assim que chego ao fim da estrada sem saída onde fica a minha casa, esqueço-me completamente da operadora de caixa. Tenho outra coisa com que me preocupar.

Está um carro desconhecido perto da entrada. E um homem no alpendre, à porta.

Está à minha espera.

42

NEGAN ÃO TENHO O GÁS-PIMENTA. MAS TENHO O ISQUEIRO QUE O JACKSON ME DEU.

Não sei muito bem o que fazer, mas não consigo sair daqui a pé – isso é óbvio. Se me quero ir embora deste sítio, preciso que seja a ajuda a vir cá ter. Posso não ter uma arma, mas tenho forma de fazer fogo.

De certeza que, quando me comprou este isqueiro, o Jackson não fazia ideia de que me iria salvar a vida.

Há um detetor de fumo ao canto do quarto, não muito longe da cama. A luz vermelha indica que está a funcionar. Assim, se houver fogo aqui em baixo, disparará.

Mesmo assim, tenho de ter muito cuidado. A última coisa que quero é pegar fogo à cave e acabar por morrer carbonizada. Mas, se houver um pequeno incêndio, os alarmes dispararão e a Polly terá de ligar para o 112 para pedir ajuda.

Admito que tenho algum receio de que não seja suficiente. A Polly pode achar que é capaz de apagar o incêndio sozinha. Mas é a única hipótese que me resta.

Primeiro, preciso de encontrar algo para queimar.

Essa é a parte fácil. Há imensas revistas empilhadas na mesa de cabeceira junto à cama. Pego numa e arranco uma fotografia da Jennifer Aniston. Nada contra a Jennifer Aniston. Mas vou ter de queimar alguma coisa.

Treme-me ligeiramente a mão ao encostar o polegar à roda do isqueiro e pressionar o botão de ignição. Surge uma pequena faísca, mas nenhuma chama. Volto a tentar e desta vez acende-se. Uma chama laranja e firme ergue-se do isqueiro. É um isqueiro de alta qualidade.

Obrigada, Jackson.

Porque tinhas de acabar por ser tão estúpido?

Pego nas páginas da revista e encosto a chama à orla. Começam a arder quase instantaneamente.

Bingo.

Enquanto a chama cresce, levanto os papéis no ar e abano-os. Mantenho os olhos fixos no detetor de fumo.

Começa a tocar.

Por favor, por amor de Deus, começa a tocar.

43

POLLY

Não reconheço este homem.

Parte de mim quer sair daqui, mas seria a pior decisão que podia tomar, tendo em conta o que tenho escondido na cave. Seja como for, ele já me viu. Ao ouvir o som do motor do *Ford Bronco*, vira a cabeça e semicerra os olhos, tentando ver melhor o carro, e fazemos contacto visual.

O lado positivo é que não parece zangado. Não parece bêbedo. E não traz vestido um uniforme da polícia. Traz um gorro de lã, um blusão de *ski*, calças de ganga azuis e umas botas. Não parece certamente um detetive. Talvez seja apenas um vendedor. Talvez não haja razões para me preocupar.

Assim, desligo o motor e saio do carro, apertando o saco com os ingredientes no braço direito. Pelo menos *ele* não reconhecerá certamente o que pretendo fazer com eles.

– Olá – digo, com um falso tom de simpatia. – Em que posso ajudá-lo?

Quando me aproximo dele no alpendre, fixa em mim os olhos azuis, raiados de sangue. Tira uma mão do bolso do casaco e levanta-a na minha direção.

– Olá. Chamo-me Dennis Werner. Posso falar consigo por um momento?

Werner. Não é um nome que queira ouvir neste momento.

– Sim… – Deixo-me ficar no alpendre, com o ar frio a morder-me o rosto. Não o vou deixar entrar. – De que se trata?

O Dennis Werner volta a enfiar as mãos nos bolsos do casaco.

– Na verdade… É sobre a minha irmã, a Tegan. Está desaparecida há três dias.

– Oh. – Levanto as sobrancelhas com um ar confuso. – Eu… lamento…

– Ia… ia a caminho para me ir visitar. – A sua maçã-de-adão agita-se ligeiramente. – Mas deve ter ficado presa no meio da tempestade. Enfim, encontraram o carro dela estampado contra uma árvore aqui perto. Mas a polícia

não a conseguiu encontrar. Têm-se fartado de procurar.

– Céus – digo. – Que terrível. Sim, vieram cá perguntar por ela ontem, agora que fala nisso. Mas não a vi.

– Certo… – Por cima do ombro, o Dennis olha para a paisagem branca, com árvores cobertas de neve até onde a vista alcança. – Mas não foi projetada do veículo. Não havia janelas partidas e todas as portas estavam fechadas. A mala e a bagagem dela não estavam no carro, e… A minha irmã não sairia em viagem sem essas coisas, pelo que tenho a certeza que as tinha consigo quando saiu.

– Que estranho!

Pressiona os lábios um contra o outro.

– A minha irmã é uma lutadora. Está grávida de oito meses e teria feito tudo o que conseguisse para procurar ajuda. Estas casas aqui… são as mais próximas de onde o carro foi encontrado.

Encolho um ombro.

– Gostaria muito de poder ajudar, mas, como disse, não a vi.

– Foi há algumas noites, na noite da tempestade. De certeza que não ouviu nenhum som? Algum som à sua porta, ao qual não ligou na altura? Se soubermos se passou por aqui, talvez a consigamos encontrar…

Consigo ver o desespero nos seus olhos. Podia dizer-lhe que a irmã dele está mesmo aqui, na nossa cave. Podia acabar com isto agora.

– Receio que não.

– Compreendo. – Deixa descair os ombros. – E quanto à outra casa? Bati à porta, mas ninguém abriu.

– O Mitch Hambly vive lá com a filha – digo. – Geralmente, está fora durante o dia. – Baixo um pouco a voz. – É um bêbedo, por isso duvido que visse com bons olhos que uma mulher aparecesse a pedir ajuda. Mas nunca se sabe.

O Dennis Werner assente lentamente. Inspira de forma irregular e pestaneja rapidamente. Está a conter as lágrimas.

– Desculpe – consegue dizer. – Eu… estou tão preocupado com a minha irmã. Não consigo parar de imaginar todas as coisas terríveis que lhe podem ter acontecido e…

Manda-o à vida dele, Polly. Diz a este homem simpático que não o consegues ajudar mais e manda-o ir à *sua vida.*

– Quer entrar para tomar um café? – opto antes por dizer. – Pode aquecer-se por um minuto.

Ele hesita por um instante e anui.

– Obrigado. Só por um minuto.

Enquanto o Dennis me segue para dentro de casa, apercebo-me da estupidez épica do que estou a fazer, e é como um murro no estômago. Consegue-se ouvir no andar de cima tudo o que se passa na cave. Se a Tegan me chamar ou fizer algum barulho mais alto, acabou-se a brincadeira. Eu e o Hank receberemos um bilhete só de ida para a prisão. Pior ainda, não teremos o nosso bebé.

– Tem uma casa acolhedora – diz o Dennis, tirando o gorro e revelando uma basta cabeleira castanho-clara, que parece clareada pelo sol. Parece-se um pouco com a Tegan. – Muito bonita.

– Obrigada. A cozinha é por aqui.

Sustenho a respiração quando passamos pela porta da cave. Ocorre-me também a possibilidade, bastante grande, de a Tegan conseguir ouvir a voz do irmão lá de baixo. Apresso-me a conduzi-lo até à cozinha.

– Sente-se, por favor. – Aponto para a mesa. – Como bebe o café? Leite? Açúcar?

– Só um pouco de cada. – Despe o blusão de *ski* e pendura-o nas costas da cadeira. É magro e musculado, mas não estaria à altura do meu marido. Infelizmente, o Hank não está aqui para me proteger neste momento. – Muito obrigado…

– Polly.

– Polly. – Consegue esboçar um sorriso. – Prazer em conhecê-la. Desculpe ter-me descontrolado um pouco lá fora.

Ponho o café a fazer e espero conseguir mandá-lo embora daqui o mais depressa possível. Tremem-me um pouco as mãos enquanto ponho o café moído na cafeteira.

– É completamente compreensível.

– E não consigo deixar de me culpar – continua. – Ia visitar-me. Pensava que tinha tempo antes da tempestade, mas não saiu quando eu lhe disse. Devia ter ido eu vê-la. Não queria faltar ao trabalho, mas… Meu Deus, é minha irmã e está grávida. Devia ter…

– Não pode pensar assim. – Lanço um olhar nervoso à cafeteira, implorando que se despache. – Se não a encontraram no carro, certamente que encontrou ajuda algures. Aposto que está bem.

– Porque não contactou ninguém, então?

– Talvez tenha perdido a memória?

– Sim, mas tem a mala. – Lança-me um olhar perplexo. – Tem lá a carteira com todos os seus dados.

Não tenho nenhuma resposta para isso que não envolva confessar-lhe que tenho a sua irmã presa na cave, sem acesso a um telefone.

– Geralmente, tento manter o pensamento positivo. De certeza que vai aparecer sã e salva.

Consegue esboçar um ligeiro sorriso.

– Parece a Tegan a falar. Tenta sempre ser otimista em relação às coisas.

– É a chave para a felicidade.

– É só que… – Abana a cabeça. – Tenho medo de que a encontrem enterrada debaixo de um monte de neve, morta de frio.

A máquina de café emite um som, indicando que o café está pronto. Graças a Deus. Tiro uma caneca branca do armário por cima do lava-loiça e encho-a até cerca de três quartos. Junto um pouco de leite e uma pitada de açúcar e estendo-lhe o café fumegante.

– Muito obrigado – diz. – Não vai tomar um?

Se beber café agora, acho que tenho um ataque cardíaco.

– Não, estou bem. Tomei um mais cedo.

O Dennis está a beber o café da caneca em pequenos goles enquanto me sento com ele à mesa da cozinha, desejando que bebesse mais depressa. Começo a bater distraidamente com os dedos no tampo.

– Desculpe – diz. – Deve estar ocupada. Devia ir andando.

– É só que tenho alguns recados para fazer. – Forço um sorriso. – Mas desejo-lhe toda a sorte a encontrar a sua irmã.

Empurra a caneca meio bebida sobre a mesa e começa a vestir o casaco. Suspiro de alívio. Vai-se embora. Cometi um erro estúpido, mas não resultará em nada de terrível.

Então, ouve-se um estrondo vindo do andar de baixo.

O Dennis ergue bruscamente a cabeça.

– Que som foi este?

– Oh, aquilo? – O meu riso soa-me horrivelmente falso. – É a nossa gata. Passa a vida a deitar coisas ao chão. Já acordei a meio da noite a pensar que tínhamos um assaltante em casa!

– Oh.

Por um momento, o Dennis Werner estuda-me o rosto. Sinto o rosto aquecer – vai conseguir ler-me como se fosse um livro aberto. Vai começar a correr para

a cave e encontrar a irmã lá em baixo e estará tudo acabado.

Claro que, se for muito rápida, talvez o consiga empurrar das escadas da cave. Uma queda dessas deixá-lo-ia decerto inconsciente. Posso amarrá-lo antes que consiga recuperar os sentidos – *se* os recuperar. Mas depois há a questão do carro. Teria de arranjar também uma forma de me livrar dele. Ele tem as chaves no bolso…

Consigo livrar-me deste homem, se for preciso.

– Costumava ter uma gata quando era pequeno – diz o Dennis. – Passava a vida a derrubar coisas. Não podíamos deixar um copo de água em cima da mesa.

– Sabe como é, então!

Sorri-me. Aleluia, safei-me! Não vou ter de o empurrar das escadas e de me livrar do corpo, afinal. Ainda bem, porque, sinceramente, não sei se seria capaz de o fazer.

Acompanho-o até à porta. Agradece-me uma última vez pela hospitalidade e rabisca o seu número de telefone num papel. Diz-me para lhe ligar se souber de alguma coisa. Prometo que o farei. E, sem mais nada, vai-se embora.

Mal a porta da frente se fecha, corro para a cave.

– Tegan? – chamo, abrindo a porta. – Está tudo bem?

Não obtenho resposta.

Abro a boca para a voltar a chamar, mas, antes que consiga dizer a palavra, sinto um cheiro intoxicante a fumo. Não é só um bocadinho – é suficientemente forte para ficar chocada por não o ter sentido no andar de cima.

A casa está a arder.

44

TEGAN

Peguei fogo a três molhos de páginas de revistas, mas não deu resultado.

Finalmente, peguei na revista inteira – tenho de correr o risco de atear realmente um fogo. Com a pressa, deixei cair várias revistas ao chão e o tabuleiro também, o que temo que possa ter alertado a Polly de que algo se passa aqui em baixo. Por isso, posso não ter muito tempo.

No momento em que a ponta da revista pega fogo, oiço uma voz ecoar pelas escadas.

– Tegan? Está tudo bem?

A Polly vem aí. É a minha última hipótese.

Ergo a revista em chamas na direção do detetor do fumo. Abano-a, na esperança de que faça disparar o alarme. Nada acontece. Não tenho muito tempo e o fogo está a começar a queimar-me as pontas dos dedos, por isso opto antes por atirar a revista para a pilha que deitei ao chão. Mais depressa do que pensava, todo o monte irrompe em chamas.

Assim, sim.

Sustenho a respiração, esperando que o alarme dispare. Mas, antes que isso possa acontecer, a Polly entra na cave. Deve ter visto o fumo ao cimo das escadas e desce o mais rapidamente que pode.

– Tegan! – exclama. – Que diabos está a fazer?

A pilha de revistas ao lado da cama desaparece rapidamente nas chamas crescentes. Num instante, a Polly puxa um dos cobertores da cama e atira-o para cima do fogo para o abafar. Então, antes que me aperceba, pega no isqueiro dourado que tinha deixado na mesa de cabeceira.

– Qual é o seu problema? – grita. – Podia ter queimado a casa inteira consigo dentro!

– Desculpe. Pensei que o alarme de incêndio ia…

– Não há alarme de incêndio na cave – diz.

Foi tudo em vão, então. Mesmo que houvesse alarme, sabe-se lá se alguém o ouviria.

– Como pôde ser tão estúpida? – Abana-me a cabeça. – Se não consegue sequer ser responsável pelo seu próprio bem, pense pelo menos na bebé!

Apercebo-me de que tem razão. Tanto quanto sei, a Polly não tentou fazer nada para me fazer mal a mim nem à *Pequena Atum*. Mas, se tivesse conseguido pegar fogo ao quarto, podia ter morrido aqui. A Polly não me consegue levar escadas acima. Tendo em conta a distância a que estamos da civilização, os bombeiros ainda demorariam algum tempo a chegar. A casa podia ter ardido completamente comigo cá dentro.

Não o teria feito se não estivesse desesperada.

Os meus olhos enchem-se de lágrimas.

– Só quero ir para o hospital. Não pode ligar para o 112, por favor?

Por um momento, a Polly fica calada, a observar-me.

– Temo que não. Certamente, não agora. – Cerra o punho sobre o isqueiro. – Mas vou guardar isto por agora para que não faça mais nenhuma estupidez.

– Foi um presente…

– Não lho vou *roubar*. – Parece ofendida. – Devolvo-lho quando se for embora. E acredite que se irá embora. – Lança-me um olhar contundente. – Assegure-se só de que sai com vida.

Guarda o isqueiro no bolso das calças de ganga. Pronto – perdi a única arma que tinha.

Receio que, seja de que maneira for, não vou mesmo conseguir sair daqui com vida.

45

POLLY

Por volta da uma da tarde, enquanto estou a lavar a loiça do almoço, oiço bater à porta da frente.

Ainda estou tensa do fogo na cave. Nem me apercebi de que ela tinha um isqueiro. Lembro-me vagamente de o ter visto na mala, mas fui demasiado estúpida para lho tirar, como fiz com o telemóvel e o gás-pimenta. Podia ter-nos matado às duas com aquela brincadeira. Bem, eu ficaria bem. Mas ela e a bebé provavelmente não.

E se tivesse conseguido acionar o alarme de incêndio enquanto o irmão dela cá estava? Isso teria sido muito mau. Não sabe quão perto esteve de me arranjar problemas graves.

Tenho de manter a Tegan mais sob controlo. É óbvio que não a posso deixar sozinha durante muito tempo. Mesmo presa à cama, é uma arruaceira.

E agora está outra vez alguém à porta.

Sinto imediatamente o coração a saltar no peito. Não pode ser nada de bom. Será que o Dennis Werner regressou para investigar os barulhos da cave? Será o polícia de ontem de volta?

Gostaria de fingir que não estou em casa, mas tenho o *Ford* estacionado na entrada. Seja como for, quem quer que seja voltará certamente mais logo.

Limpo as mãos às calças de ganga e corro para a porta da frente. Não vejo luzes vermelhas e azuis a piscar pela janela, o que é bom sinal. Não está aqui ninguém para me prender por rapto. Espreito pelo óculo e o meu coração abranda.

É a Sadie.

Abro a porta e aqui está ela, com o casaco puído, o cabelo louro-escuro ainda nas tranças que lhe fiz há alguns dias, apesar de já se estar a soltar. Quero mais

do que tudo dar um casaco decente a esta rapariga. E umas botas. E lavar-lhe a cara.

– Olá, Sadie – digo. – O que se passa, querida?

– Olá, Polly. – Coça as calças elásticas que tem vestidas, que têm um buraco no joelho esquerdo. – Hã, acabaram-se as bolachas de água e sal.

Tardo um segundo a perceber o que me está a dizer. Há dois dias, disse-me que tinha comido bolachas de água e sal ao almoço. Hoje já não há bolachas. O que significa que a única coisa que comeu nos últimos dois dias, fora as sanduíches que lhe levei, foram bolachas de água e sal, e agora acabaram.

– Entra – digo. Tinha jurado que não ia deixar entrar mais ninguém em nossa casa, mas a Sadie não entra nessa categoria. Nem pensar que a vou proibir de entrar.

A Sadie segue-me até à sala de estar, com as bochechas ruborizadas.

– Está tão quentinho aqui dentro!

Não está assim *tão* quente cá em casa. Só está suficientemente quente para ser confortável, o que me faz questionar se o Mitch Hambly tem pagado a conta do aquecimento.

Levo-a diretamente para a cozinha, onde lhe sirvo um copo cheio de sumo de laranja e me dedico a fazer-lhe o almoço. Adoraria preparar-lhe uma boa refeição caseira, mas a pobrezinha deve estar esfomeada, por isso é melhor fazer algo rapidamente. Pego outra vez nas carnes frias. A Sadie gosta de mortadela.

– A escola ainda está fechada por causa da neve? – pergunto.

– Não – responde. – Mas, quando há demasiada neve acumulada na paragem, o autocarro escolar não passa.

Sinto a fúria a crescer-me no peito. O autocarro escolar tem a obrigação de a vir buscar seja de que maneira for – não se podem esquecer dela só porque há um pouco de neve na paragem. Seja como for, o Mitch podia ter limpado a área à volta da paragem do autocarro. Terei de pedir ao Hank para o fazer quando chegar a casa. Até eu própria o faria, mas sinto-me relutante em deixar a Tegan sozinha novamente.

Pouso a sanduíche à frente da Sadie e, antes de me poder sequer sentar à mesa da cozinha, já a despachou em três dentadas. Observo-a, perguntando-me quando foi a última vez que comeu alguma coisa de jeito. Nem lhe dou oportunidade de pedir – pego no prato e começo a preparar-lhe mais uma sanduíche.

– Tens mais bolachas *oreo*? – pergunta, esperançosa.

– Claro que sim! – respondo.

Costumo guardar as bolachas na despensa para não me sentir demasiado tentada a comê-las durante o dia. É difícil estar em casa o dia inteiro e é grande a tentação de comer para matar o tédio. Acabo de fazer a segunda sanduíche para a Sadie e saio da cozinha para ir ver o armário da despensa.

Nem gosto assim tanto de *oreos*, mas a Sadie gosta, por isso faço questão de as ter sempre em casa. Encontro um pacote quase cheio na terceira prateleira e, mesmo antes de fechar a porta da despensa, avisto novamente aquele ursinho de peluche castanho. O que tem agarrado ao peito um coração vermelho.

O Hank estava tão entusiasmado quando trouxe esse ursinho. Tinha o rosto praticamente a brilhar quando o pousou no meu colo. *É para as duas*. Eu ri-me. *É o primeiro presente dela…*
ou dele.

Então, no dia seguinte, veio-me o período.

Estendo a mão e afago o pelo suave do urso. Ainda está em perfeitas condições – nunca ninguém brincou com ele, nunca ninguém o babou, nunca nenhuma criança lhe mordeu a orelha. Começava a acreditar que nunca íamos ter a oportunidade de dar esse ursinho a um filho nosso.

Mas agora está tão perto que já o consigo imaginar.

Fecho a porta da despensa e trago o pacote das *oreos*. Regresso à cozinha para ver se a Sadie acabou a segunda sanduíche. Sinto-me tentada a deixá-la comer as bolachas que quiser, mas provavelmente não devia. Duas ou três chegam.

Só que, quando volto a entrar na cozinha, a cadeira da Sadie está vazia.

– Sadie? – chamo.

Saio da cozinha, calculando que foi à casa de banho. E é aí que reparo...

A porta da cave está escancarada.

46

POLLY

A Sadie entrou na cave.

Isto não é nada bom.

Se vir a Tegan lá em baixo… Bem, não sei o que fará. Pode ter sete anos, mas é uma rapariga esperta. De certeza que vai perceber o que se passa.

Tenho de arranjar forma de lidar com esta situação.

Aproximo-me da porta da cave com o coração a palpitar. As luzes estão acesas e, quando me aproximo, vejo a Sadie parada no terceiro degrau a contar de cima. Parece que está petrificada com medo de se embrenhar mais na cave.

– Olá? – chama a voz da Tegan. – Polly?

Oh, não.

– Sadie! – grito à menina. – Sadie, não vás aí abaixo!

A Sadie vira a cabeça para olhar para mim com os seus grandes olhos azuis a brilhar. Tem a boca aberta, mas não lhe sai nenhuma palavra.

– Quem está aí? – grita a Tegan, da cama de hospital. Falha-lhe a voz. – Está aí alguém? Preciso de ajuda! Por favor, ajudem-me!

Tomo uma decisão instantânea. Agarro com força o pulso magro da Sadie e puxo-a em direção à porta da cave. Obedientemente, ela segue-me, tropeçando no degrau de cima. Quando saímos da cave, fecho a porta atrás de nós. A Sadie está a olhar para mim fixamente.

– O que é que foste fazer lá abaixo? – pergunto-lhe bruscamente.

– Ouvi um barulho – responde, com uma voz suave, o que me faz arrepender imediatamente do meu tom bruto. – Pensava que estavas lá em baixo à procura das bolachas e queria dizer-te que não me importava se fossem bolachas com pepitas. Se não tivesses *oreos*.

Não consigo fazer com que o meu coração abrande. Tenho as mãos a tremer com tanta intensidade que as tenho de fechar sobre o peito.

– Não devias ter ido lá abaixo.

– Desculpa – diz a Sadie. Treme-lhe o queixo.

– Aquela mulher lá em baixo – digo – é… é minha prima. Está muito doente. Mesmo muito. Eu tenho estado a cuidar dela. – Hesito. – Ninguém pode ir lá abaixo porque senão apanha a doença dela. – Volto a parar. – Compreendes?

– Estás a cuidar dela? – pergunta lentamente a Sadie.

– Isso mesmo.

– Porque és enfermeira?

– Certo. – Consigo esboçar um ligeiro sorriso. – Vai ficar bem, mas não quero que tu nem mais ninguém fiquem doentes como ela. Compreendes? – volto a perguntar.

Ela assente solenemente.

– Além disso – acrescento –, não fales a ninguém sobre isto. Porque, se as pessoas soubessem, iam querer visitá-la e podiam ficar doentes. Por isso, isto fica só entre nós. Está bem?

– Está bem – diz a Sadie, baixinho. E acredito nela. Vai guardar o meu segredo.

– Linda menina. – Pouso a mão no seu ombro delicado. – Agora, vou embalar-te umas *oreos* para levares para casa. Se alguma vez quiseres mais comida, é só passares por cá e preparo-te o que te apetecer. Não tens de esperar até teres muita fome.

Só que, da próxima vez, terei alguma comida preparada com antecedência, para poder dar-lha e mandá-la logo à sua vida. Não posso correr o risco de ter alguém em casa enquanto a Tegan estiver na cave. Nem sequer a Sadie.

47

TEGAN

Estou a enlouquecer de tédio.

Não há muito para fazer aqui em baixo. Tenho preenchido os livros de quebra-cabeças que a Polly me deu e folheado revistas, que já estão bastante desatualizadas. Tentei ler alguns livros, mas não me conseguia concentrar. Na verdade, começo a ter saudades do emprego no supermercado.

Perto da hora de almoço, tenho a certeza de que ouvi alguém entrar na cave. Não percebi quem era, mas não parecia a Polly. Os passos eram diferentes dos dela – mais suaves e hesitantes. Quase conseguia ouvir o som de uma respiração, seguido – quase de certeza – por uma ligeira fungadela. Mas quando pedi ajuda não obtive resposta.

Depois, fiquei a questionar-me se não terei imaginado tudo.

Assim, quando a Polly desce a meio da tarde e me oferece a oportunidade de sair da cama, decido aceitá-la.

– Acha que me consegue levantar sozinha? – pergunto, enquanto ela empurra a cadeira para junto da cama e trava as rodas.

– Claro – responde.

Não duvido. A Polly é vários centímetros mais alta do que eu seria se me conseguisse levantar e, apesar de ser magra, parece ser rija. Não duvido, atendendo aos seus conhecimentos e à eficiência com que opera os equipamentos deste quarto, de que é realmente enfermeira, e estou certa de que, durante a sua carreira, terá transferido bastantes pacientes de camas para cadeiras de rodas. Ao mesmo tempo, apavora-me a ideia de alguém sequer tocar na minha perna.

Limpa a cadeira antes de me tentar passar para ela. Há uma camada fina de pó sobre o assento e, quando termina, o metal da cadeira reflete a luz do teto.

– Está pronta? – pergunta.

Não. Mas tenho de o fazer. Se quero ter alguma esperança de sair desta cave,

tenho de começar por sair da cama.

A Polly é muito delicada e parece estar confiante naquilo que faz, pelo que acho que não me vai deixar cair. Não posso deixar de pensar que, se alguma vez tiver oportunidade de realizar o meu sonho de ir para a faculdade de Enfermagem, é exatamente este tipo de enfermeira competente que gostaria de ser. Fazemos tudo extremamente devagar e, quando ela me move as pernas, a dor não é tão excruciante como ontem à noite, quando tentei fazê-lo sozinha. Quando me senta, sinto uma vaga de vertigens que demora ainda mais tempo a passar do que ontem à noite.

– Está bem? – pergunta-me.

– Ahã – consigo responder.

Espera quase um minuto até eu lhe dar autorização para continuarmos. Então, muito, muito devagar, tira-me as pernas da cama. Está a correr bem, mas, assim que a bota esquerda toca no chão, grito de dor.

– Tegan – diz, endireitando-se para me olhar nos olhos. – Estou muito preocupada com essa perna. Deixa-me tirar a bota, por favor?

Tem razão. De certeza que tem razão e a bota tem de sair. Só que agora já passou tanto tempo que sinto um medo avassalador do que poderá estar por baixo. Na minha cabeça, tenho alimentado a ideia de que é a bota que me mantém a perna inteira, como uma tala. E de que, se a tirar, o meu pé se irá simplesmente desintegrar.

– Não – respondo. – Deixe-a estar.

Ela lança-me um olhar, mas não me pressiona mais.

Trouxe um cinto, provavelmente do seu próprio roupeiro. Ata-o à minha cintura, logo abaixo da protuberância da barriga, e agarra-se a ele enquanto me transfere da cama para a cadeira num movimento controlado. Apesar de ser cuidadosa, a dor que o movimento causa na minha perna esquerda é suficiente para me fazer lacrimejar. Mas já está. Estou na cadeira.

– Olhe só para si! – exclama, em tom alegre. – Saiu da cama!

Objetivamente, não é um feito assim tão impressionante, mas é o que parece neste momento. A Polly ajeita-me as pernas nos apoios, outra aventura incrivelmente dolorosa, mas depois fico bem. Estou segura na cadeira e, pela primeira vez, consigo circular pelo quarto.

– Obrigada – digo. – Isto é ótimo.

Ela sorri-me.

– Não tem de quê!

– Como se usa, então?

– Ah, não tem dificuldade nenhuma. – Agarra nos aros da roda da cadeira. – Empurra-os para a frente para ir para a frente e para trás para ir para trás. Se quiser virar à direita, vira a roda direita… Está a perceber a ideia.

Experimento, empurrando a cadeira pela extensão do quarto. É mais difícil do que pensava, dado o meu perímetro abdominal. Mas a Polly encoraja-me.

– É um excelente exercício – diz-me. – Devia dar algumas voltas à cave.

– Sim. – Arrasto os dedos pelo aro. – Eu… só queria sair deste quarto.

Instantaneamente, o sorriso desaparece-lhe do rosto. Não devia ter dito isso. Estávamos a criar laços e talvez pudesse ser uma oportunidade para falar com ela sobre os maus-tratos do marido. Mas, mais uma vez, vejo as muralhas erguerem-se.

– Vou dar-lhe um pouco de privacidade – diz ela. – De qualquer modo, tenho de começar a tratar do jantar.

Desaparece escadas acima, mas isso não é mau. Afinal, não podia realmente explorar o quarto com ela aqui. Enquanto aqui estiver, não tenho hipótese de tentar sair.

Quando oiço a porta da cave bater lá em cima, começo a explorar o quarto. Felizmente, a Polly manteve o chão relativamente limpo. Tirando os poucos móveis, tenho o caminho livre para a cadeira passar.

Algumas caves têm portas que dão diretamente para o exterior. Presumo que a Polly não me deixaria sozinha se eu conseguisse sair pela cave, mas talvez não saiba da porta. É uma hipótese remota, mas pode ser a minha única esperança.

Dou uma volta à cave, mas não há qualquer sinal de uma porta secreta. Era de prever. Quanto às janelas, são demasiado altas para lhes chegar mesmo que me conseguisse levantar, e não consigo. Mesmo assim, se me conseguisse pôr de pé, podia empilhar algumas caixas ao canto e subi-las…

É estúpido sequer pensar nisso. Não me consigo levantar. Mal consegui passar da cama para a cadeira com a Polly a fazer o trabalho todo. Mesmo que conseguisse chegar lá acima, duvido que a minha barriga passasse pela janela.

Sim, a principal prioridade é sobreviver. Tenho de sair daqui e tenho de salvar a *Pequena Atum*. Mas tenho sido demasiado egoísta e só me tenho preocupado com os estragos que a falta de tratamento médico pode estar a provocar ao meu tornozelo.

Se estiver partido, os ossos provavelmente estão a consolidar-se na posição errada. E continuo a não saber ao certo se consigo mexer os dedos dos pés,

porque não os consigo ver.

E se tiver danos permanentes na perna? E se, de algum modo, até me conseguir libertar, mas for demasiado tarde para os médicos corrigirem os danos? E se precisar de muletas para o resto da vida? E se a dor nunca melhorar?

Bem, há coisas piores. Seja como for, não posso pensar nisso agora. Tenho de me concentrar em sair deste quarto. Tenho de fazer isto pela minha filha.

Por favor, salva-nos, mamã! Conto contigo!

Não a posso desiludir.

Dirijo-me à escadaria. As rodas da frente da cadeira ressaltam contra o primeiro degrau, incapazes de o subir. Não vou subir este lanço de escadas com a cadeira de rodas, isso é certo. Mas, agora que estou na vertical, talvez haja alguma forma de as subir.

Se conseguir sair da cadeira, podia subir os degraus um a um com a força dos braços. E talvez até conseguisse estender um deles o suficiente para abrir a porta lá de cima.

Agarro-me aos aros da cadeira, testando o meu peso. Serei capaz?

Não. Não, não sou. É tão inútil como ontem à noite.

Não consigo descer da cadeira para as escadas em segurança. Mesmo que o conseguisse fazer noutras circunstâncias, é impossível enquanto tiver a barriga do tamanho de uma bola de basquetebol. Estou demasiado pesada. Vou cair ao chão, o que pode fazer mal à bebé, e a Polly vai aperceber-se do que estava a tentar fazer. Nunca mais me deixará sair da cama.

Se não consigo sair daqui sozinha, só me resta uma solução.

Tenho de procurar uma arma.

48

TEGAN

Tem de haver alguma coisa nesta cave que possa usar como arma.

Infelizmente, a cave era usada como quarto de hospital para a mãe da Polly e está limpa e higienizada para o efeito. Não será fácil encontrar algo que possa servir de arma. Mas tem de haver *alguma coisa*.

Vou até à cama de hospital. Tateio o plástico da lateral para ver se há algo que possa soltar e que tenha um rebordo afiado. Mas a cama foi bem fabricada. Não tem nada de perigoso.

A Polly deixou-me um copo de água em cima da mesa de cabeceira. Se o partir, os estilhaços de vidro serão extremamente afiados. Mas então pego-lhe e apercebo-me logo de que é feito de plástico. Não é uma arma.

Isto é mais difícil do que eu pensava.

Vasculho as gavetas da mesa de cabeceira. Tem de haver algo lá dentro. Até um clipe pode ser transformado numa arma. Mas a única coisa na mesa de cabeceira que se aproxima sequer de uma arma é um par de lápis. E até os lápis têm as pontas frustrantemente rombas.

Raios.

Mesmo assim, não posso desistir. Tenho de fazer isto pela *Atum*. Tenho de a tirar daqui. Tenho um mau pressentimento de que, se não fizer alguma coisa, nenhuma de nós vai sair daqui com vida.

A minha próxima paragem é a casa de banho, que, felizmente, tem uma porta suficientemente larga para a cadeira de rodas passar. Tem de haver *algo* aqui dentro que possa usar como arma. Até uma pinça serve.

O armário dos medicamentos está fora do meu alcance. Nem mesmo se me agarrar ao braço da cadeira e esticar o mais que consigo lhe consigo chegar. O que talvez seja bom, porque, se encontrasse analgésicos, quase de certeza que me sentiria tentada a tomar demasiados. Também há algumas prateleiras

montadas na parede que estão bem além do meu alcance.

Torno a encostar-me na cadeira a arfar. O lavatório tem uma gaveta pequena por baixo. Já procurei por todo o lado nesta cave, pelo que esta gaveta é a minha última hipótese de encontrar algo que possa usar para tentar sair daqui. Abro-a, esticando o pescoço para ver o que tem dentro.

Não há nada de interessante na gaveta. Uma escova de cabelo com alguns fios grisalhos enredados nas cerdas. Um pente. Um tubo de pasta de dentes que anuncia um sorriso mais branco. Fio dental.

Cada vez mais frustrada, enfio a mão na gaveta, tateando, na esperança de que os meus dedos toquem em algo afiado. Mas não tocam. Só mais algumas escovas de dentes, mais fio dental e um saco de plástico que parece um pouco pegajoso. Puxo o saco e é aí que o meu coração pára.

Contém duas seringas. E uma agulha.

Tendo em conta que tencionava usar um lápis como arma, a agulha parece uma dádiva de Deus. Vou conseguir sair daqui.

Abro o saco de plástico. Tiro a seringa e abro o invólucro. É óbvio que já está na gaveta há algum tempo, mas ainda parece funcional. De qualquer forma, não preciso dela para administrar medicamentos. Só para segurar a agulha.

Pego na agulha e abro o invólucro de plástico. Parece encaixar na seringa. Pego na seringa, preparando-me para a atarraxar, e…

Deixo cair a agulha.

Oh, não.

Em circunstâncias normais, não seria nada de grave. Ainda há uma semana, poderia ter demorado algum tempo, mas conseguia baixar-me para a apanhar. Contudo, neste momento, é como se a agulha no chão estivesse a quilómetros de distância. É como se tivesse de correr toda uma maratona para a alcançar. E de certeza que, a qualquer instante, a Polly vai descer para ver como estou. Como posso chegar-lhe a tempo?

Tu consegues, mamã!

Tenho de tentar. Pela minha filha.

Posiciono a cadeira mesmo ao lado da agulha. Calculo que não haja forma de me debruçar por cima da bola de basquetebol que tenho na barriga, mas talvez lhe consiga chegar de lado. Baixo-me o mais que posso e sinto um espasmo nas costas, seguido de um rasgo de dor furiosa no tornozelo. Mesmo assim, ainda estou a vários centímetros.

Raios.

Tenho de arranjar uma forma de me aproximar. Olho para o pé direito, pousado no apoio. Se não estivesse no apoio, conseguia chegar-me mais perto da agulha.

Respiro fundo. Cuidadosamente, tiro a perna direita do apoio, ignorando a vaga de dor excruciante que o movimento desencadeia na outra perna. De seguida, baixo-me e levanto o apoio. Já consigo chegar alguns centímetros mais baixo. Quando sinto os dedos fechar-se em torno da agulha, toda a dor vale a pena.

Quando a Polly voltar a descer, estarei pronta para a enfrentar.

49

POLLY

Enquanto a Tegan anda de um lado para o outro na cave com a cadeira de rodas, preparo-lhe uma dose da *Poção das Parteiras*.

Ainda me sinto abalada por o irmão dela ter aparecido esta manhã, por a Sadie quase ter descoberto o nosso segredo e, sobretudo, por a Tegan quase ter pegado fogo à cave enquanto estava lá dentro. Tudo isto reforça que não a posso manter aqui para sempre. É demasiado arriscado. Tenho de acelerar o processo, o que significa acelerar-lhe o parto.

Começo por ferver água para fazer o chá. Deixo a saqueta na caneca de cerâmica durante dez minutos, porque as instruções diziam que tem de ser «bastante forte». Depois de o chá adquirir uma cor castanho-escura, verto-o para a liquidificadora. Depois, junto duas colheres de sopa de óleo de rícino, duas de manteiga de amêndoa e meia chávena de sumo de alperce. E carrego no botão.

Vejo o líquido adquirir uma cor de café homogénea. Não parece apetitoso, é certo. Vai ser um desafio convencer a Tegan a bebê-lo.

Mas talvez o faça. Parece mais disposta a cooperar, sobretudo agora que a ajudei a sair da cama. Foi um risco dar-lhe mais mobilidade na cave, mas preocupa-me a possibilidade de desenvolver um coágulo por passar tanto tempo deitada. Ainda que não seja o mesmo que andar, é melhor do que nada.

A cadeira de rodas era da minha mãe. Comprámo-la quando ficou demasiado fraca para andar e eu costumava encorajá-la a usá-la pelo menos uma vez por dia. Lembro-me de a transferir com o mesmo cuidado com que movi a Tegan e o seu tornozelo partido. A minha mãe estava tão frágil perto do fim que parecia que lhe podia partir os ossos se lhe pegasse com demasiada brusquidão. Mas confiava sempre em mim.

A Tegan tem de confiar em mim da mesma forma. Parece ter ao menos

aceitado que não vai sair daqui nos próximos tempos, e o Hank… bem, não parece estar a fazer nada no sentido de a tirar daqui. Com sorte, se esta bebida funcionar conforme previsto, não terá de cá ficar durante muito mais tempo.

Verto a mistura na caneca. Mergulho uma colher nela e provo-a. Sabe a manteiga de amêndoa. Não é tão má como parece, mas não é algo que bebesse de livre vontade.

– O que é isso?

Assusto-me tanto que quase deixo cair a caneca. O Hank está à porta da cozinha, com aquela ruga profunda entre as sobrancelhas. Depois dos últimos dias, não se vai livrar dela nunca mais.

– É para a Tegan – digo eu. – Para ajudar com as náuseas.

– Ah – responde ele.

– O que fazes em casa tão cedo?

– Queria só ver como vão as coisas. – Franze o sobrolho. – Ela está bem?

– Está ótima – garanto-lhe. – Está a dar-se muito bem. Pu-la na cadeira de rodas da minha mãe e move-se lindamente. Está muito grata.

– De certeza que sim – murmura.

– Disse-me que acha que daríamos um bom lar à bebé dela – continuo. – Está a ponderar essa possibilidade.

O Hank limita-se a fitar-me.

– Talvez amanhã já tenha decidido – acrescento.

Mais uma vez, o Hank fica calado. Coça a parte de trás do pescoço com os dedos manchados de óleo.

– Vou tomar um duche.

Não acredita em mim. Não acha que isto vá correr como eu quero. Oxalá confiasse em mim como costumava confiar.

Mal desaparece no andar de cima, desço os degraus da cave com a caneca de *Poção das Parteiras*. Encontro a Tegan na cadeira de rodas da minha mãe, sentada junto à estante, a inspecionar a seleção.

– Olá – digo.

Ela olha para mim.

– Olá.

– Esses livros eram da minha mãe.

Assente. Parece querer dizer mais qualquer coisa, mas desvia o olhar para a caneca que trago na mão direita.

– O que é isso?

– Oh. – Agito a mistura na caneca. – É um remédio natural para as dores. Procurei-o na *internet*. Achei que seria melhor do que os analgésicos.

– O que tem?

– Chá de limão – digo. – E sumo de alperce e manteiga de amêndoa. – Não refiro o óleo de rícino. Temo que isso a possa dissuadir de o beber.

Torce o nariz.

– De que forma é que isso alivia a dor?

– A combinação do limão e do alperce entorpece as fibras nervosas – explico, inventando à medida que falo. – E a manteiga de amêndoa faz com que fique mais tempo no sistema digestivo, para que o efeito dure mais.

Até podia ser verdade, não podia?

– Experimente – encorajo.

– Beba a Polly primeiro – retorque, semicerrando os olhos.

Ah, parece que descobriu que lhe tenho andado a temperar a comida com anti-histamínicos. Felizmente, não há nada nesta mistura que me sinta relutante em ingerir. Obedientemente, bebo um gole, deixando-a ver o movimento da minha garganta à medida que o líquido me desce pelo esófago.

– É bom! – observo.

A Tegan lança-me um olhar de soslaio ao aceitar a caneca. Cheira-a, como se ainda não tivesse a certeza de que não tem veneno. Deve estar cheia de dores, porque acaba por beber um gole. Mal consigo conter o sorriso no meu rosto.

Em breve, a nossa família estará completa.

– Uau – comenta. – Sinto o sabor da manteiga de amêndoa.

– Não sei se vai resultar, mas mal não faz, certo?

– Suponho que não. – Hesita e bebe outro gole. – Não sabe assim tão mal, na verdade.

– Ainda bem – digo. – Espero que resulte.

Espero mesmo, mesmo muito que sim.

Bebe outro longo gole.

– Quero que saiba que, se for para o hospital, não vou deixar que me deem medicação para a dor. Tem razão, não é bom para a bebé.

– Acho que não é assim que funciona. Não vão conseguir reparar as suas fraturas sem medicação.

– Então espero até dar à luz para os deixar corrigir a fratura.

Franzo o sobrolho.

– Pensava que estava preocupada que a perna não sarasse bem.

– E estava. – Bebe outro gole. Já ingeriu quase metade da bebida. Oitenta e cinco por cento de probabilidade de trabalho de parto nas próximas vinte e quatro horas. – Mas a Polly tem razão. Ela é mais importante. Mesmo que não consiga voltar a andar, o mais importante é ter uma bebé saudável.

– Sim – digo. – Ainda bem que concorda.

– Então… – Bebe outro gole. – Acha que pode ligar para o hospital?

Ah, então é disso que se trata. Toda esta conversa sobre não deixar os médicos darem-lhe medicação para as dores é um monte de mentiras. Está só a tentar convencer-me a levá-la ao hospital.

– Tegan…

– Por favor, Polly. – Os seus olhos azuis imploram-me. – Tenho de ir para o hospital. Sabe que sim.

– Tegan…

– Conheço um abrigo para mulheres. – Os seus olhos enchem-se de lágrimas. Já não está a beber da caneca. – Se precisa de fugir do Hank, eu ajudo-a.

Olho para ela.

– Posso ajudá-la a fugir dele, Polly – continua. – Pode começar uma vida nova. E nunca mais terá de se preocupar que ele a magoe. Ficará segura. Juro.

– É melhor ir-me embora – murmuro.

– Polly, não! – O pânico inunda-lhe as feições. – Isto não pode continuar assim. Sabe disso. Mais cedo ou mais tarde, alguém vai perceber que me está a manter refém aqui.

– Não necessariamente. O seu irmão veio cá procurá-la esta manhã e não percebeu que aqui estava.

Não lhe devia ter dito isso. Estava a tentar marcar algum tipo de posição, mas parece enfurecê-la. Quando dou por mim, está a atirar-me a bebida para cima. O líquido castanho mancha-me a camisola e a caneca cai ao chão e parte-se. Depois, com uma força surpreendente, agarra-me o braço e puxa-me.

– Se se mexer, espeto-lhe isto no pescoço – declara.

Tardo um segundo a perceber a que se refere. Depois vejo.

Tem uma seringa com agulha na mão direita e segura-a a milímetros do meu pescoço.

50

POLLY

Como pude ser tão estúpida?

No final da sua vida, a minha mãe precisava de cada vez mais medicamentos para as dores só para aguentar o dia. Na altura, estava constantemente a correr para a farmácia para comprar mais comprimidos. Mas, às vezes, os comprimidos não chegavam e, outras vezes, custava-lhe a engolir, por isso também tinha analgésicos injetáveis para as alturas mesmo más. Felizmente, como sou enfermeira, não era nada de especial injetar-lhos. Costumava guardar as seringas e as agulhas na casa de banho.

Aparentemente, nunca as deitei fora.

– Tegan – consigo dizer. – Não faça isto. Está a cometer um erro terrível.

Ela ri-se de forma sarcástica.

– Está a gozar, certo? Agora que estou realmente a fazer algo para sair daqui, diz-me que é um erro? Não me parece.

Olho para a seringa que tem na mão direita. Tem o meu pulso direito bem seguro, mas ainda tenho a mão esquerda livre. Podia tentar atacá-la ou agarrar na seringa. Numa luta, é difícil imaginar que eu não ganhasse. Tem muito contra ela neste momento.

Por outro lado, a Tegan está desesperada. Sabe-se lá do que é capaz. Não quero ser apunhalada na jugular com uma agulha.

– O que quer? – pergunto, o mais calmamente possível.

Ela cerra os dentes.

– Quero que ligue para o 112 e lhes diga que estou aqui. Quero que o faça agora mesmo.

Apalpo ostensivamente o bolso.

– Tegan, eu ajudava-a, mas deixei o meu telemóvel lá em cima. Não posso

ligar a ninguém.

– Não acredito em si.

– Lamento, mas é a verdade.

Está mortinha por me revistar ela mesma os bolsos, mas, com a seringa numa mão e a outra a segurar-me, não consegue.

– Esperamos, então – diz decididamente. – Quando o seu marido chegar a casa, digo-lhe que tem de ligar para o 112 ou espeto-lhe isto.

– Só chega daqui a uma hora ou duas – minto. – Acha mesmo que me consegue segurar pelo pulso durante horas a fio?

– Consigo, pois.

– A sério?

Treme-lhe o queixo. Sabe que não consegue. Arriscou e perdeu. Ainda bem que deixei mesmo o telemóvel lá em cima. E que sorte que ela não tenha ouvido a voz do Hank há pouco.

– Largue-me o pulso, Tegan – digo, o mais calmamente que consigo. Felizmente, tenho muita experiência a falar com mulheres grávidas nas agonias do parto, pelo que sei exatamente o que dizer para acalmar alguém.

Abana a cabeça, mas o aperto no meu pulso afrouxa ligeiramente.

– Vai sair daqui – continuo. – Mas não será bom para nenhuma de nós se me tentar fazer mal. Não é a maneira certa.

– É a única maneira – diz ela, com a voz fraca.

Afrouxa um pouco mais o aperto no meu braço e isso basta. Solto-me e dou vários passos para trás, afastando-me da seringa que ela continua a segurar. O seu rosto desaba.

– Devia largar a seringa – digo-lhe – antes que se magoe com ela.

Mas ela não o faz. Segura-a com ainda mais força e os nós dos seus dedos embranquecem.

– Não.

– Tegan – insisto pacientemente. – Vou sair agora e, a menos que largue essa seringa, não vou voltar. Se não for eu a vir cá abaixo, será o Hank. Não quer isso, pois não?

Posso não ser a pessoa favorita da Tegan neste momento, mas o medo no seu rosto ao ouvir-me dizer o nome do meu marido é inconfundível. Tem pavor dele, o que é um pouco irónico, pois é ele quem a quer levar para o hospital. Mas ela não sabe isso.

Fulmina-me com o olhar, cheio de ódio. Por um momento, ficamos assim, a

olhar uma para a outra, antes de a seringa cair ao chão com um tinido.

Não perco um segundo antes de a apanhar. Logo a seguir, entro na casa de banho, para garantir que não está lá mais nenhuma seringa e não encontro nada. Procuro rapidamente nas outras cómodas para me assegurar de que ela não escondeu mais nenhuma seringa. Não encontro nada.

Isto está a tornar-se uma maçada. Espero que a *Poção das Parteiras* funcione e que amanhã ela entre em trabalho de parto. Aí, poderei finalmente acabar com isto.

– É melhor que não volte a tentar fazer nada disto – advirto-a.

Ela desvia o olhar, com a face corada. Neste momento, odeia-me, mas não posso deixar que isso me incomode. Muito em breve, vai dar-me exatamente o que quero. Não posso permitir que nada se intrometa no meu caminho.

51

POLLY

O Hank regressou ao trabalho pouco depois de tomar duche, mas não antes de me apanhar coberta da bebida que a Tegan me atirou. Felizmente, não armou muito alvoroço e deixou-me mudar de roupa em paz. Depois, voltou a sair sem dizer mais nada.

Agora, são quase sete horas e voltou a casa para jantar. Parece exausto. Apesar de a barba lhe esconder grande parte do rosto, vejo-o nos olhos raiados de sangue. Parece dez anos mais velho do que há poucos dias. Quando tira o gorro preto, não diz «Olá, Polly» nem «Como foi o teu dia?».

– Ainda cá está? – É essa a primeira coisa que lhe sai da boca.

– Olá para ti também – replico, limpando as mãos, ainda húmidas de as lavar no lava-loiça da cozinha, às calças de ganga. – Tiveste um bom dia no trabalho?

O Hank olha-me fixamente.

– A Tegan está ótima – digo-lhe. – Está a dormir, por isso não a incomodes.

Não é verdade. Continua naquela cadeira de rodas que lhe dei, pois tive medo de me aproximar o suficiente para a ajudar a voltar para a cama. Deixa-me inquieta saber que pode circular pela cave, mas não valia o risco de me chegar suficientemente perto para aquela rapariga me poder morder ou arranhar.

– Chamaste o 112 para a vir buscar? – pergunta-me.

– Porque haveria de o fazer? Como disse, ela está bem.

– Não está nada bem – insiste com teimosia. – Vi como tinha a perna inchada ontem à noite. Não é só uma entorse, pois não?

– É possível que tenha uma pequena fratura.

Cerra o maxilar.

– Tem de ir para o hospital, Polly.

– Que disparate.

Tira o telemóvel do bolso.

– Vou ligar para o 112. Agora.

– Porque é que estás a fazer isto? – O meu peito enche-se de pânico. – Hank, prometeste que me davas três dias.

– Isso foi antes de ela te apunhalar com um garfo e te atirar com a bebida para cima. É óbvio que quer ir embora. Isto não está certo. Vou ligar para o 112.

A rede aqui pode não ser a melhor, mas é suficiente para ligar para o 112. Horrorizada, vejo-o introduzir o primeiro algarismo no ecrã e, antes que possa terminar, arranco-lhe o telemóvel da mão e atiro-o ao chão com todas as minhas forças.

O ecrã parte-se e apaga-se. O Hank fica boquiaberto, a olhar para os restos do seu telemóvel. E não pode ligar a partir do telefone fixo porque o parti no outro dia.

– Tudo bem – diz rigidamente. – Levo-a eu mesmo ao hospital.

Resoluto, marcha em direção à porta da cave. Corro atrás dele e tropeço no tapete da sala de estar. Fecha os dedos sobre a porta e abre-a, mas chego lá mesmo a tempo de me pôr à sua frente e a voltar a fechar.

– Polly. – Fixa agora em mim um olhar fulminante. – Sai-me da frente.

Bloqueio a porta da cave com o corpo para ele não conseguir passar por mim. Ele fita-me, calculando se me consegue tirar do caminho. O Hank jamais me faria mal – seria capaz de pegar no Mitch e de o atirar para o outro lado da sala, mas não há nada que eu seja capaz de fazer ou de dizer que o levasse a encostar-me um dedo. Não é esse tipo de homem.

– Tens de sair daí – diz. – Isto vai acontecer quer queiras, quer não.

– Não vou sair. – Cruzo os braços sobre o peito.

– Vou levá-la ao hospital – diz, entredentes. – Não dificultes as coisas, Polly.

– Não a vais levar a lado nenhum. Está a recuperar.

– *Deves* estar a gozar comigo.

– Vamos para a prisão, sabes? – relembro-o. – É garantido. É isso que queres?

– Quero que aquela rapariga receba os cuidados médicos de que precisa.

Por um momento, ficamos os dois parados, de olhos fixos um no outro. O Hank conhece-me o suficiente para saber que não sou o tipo de pessoa que recua facilmente. Quando quero algo o suficiente, consigo-o.

Mais cedo ou mais tarde.

– Não podes ficar aqui a noite inteira – diz.

Tem razão. Não posso ficar o tempo todo de guarda à porta da cave. A dada altura, terei de comer, dormir e ir à casa de banho. Ou então ele voltará para o

trabalho e usará o telefone de lá para pedir ajuda. Quando a Tegan cá chegou, bastou a ameaça da prisão para manter o Hank sob controlo, mas já não é suficiente. Tenho de me assegurar de que age da forma certa mesmo quando eu não estiver por perto. Tem de perceber quão sério isto realmente é.

– Se a levares para o hospital, eu mato-me – digo baixinho.

No momento em que as palavras me saem da boca, dou-me conta de que não é uma ameaça vazia. Estou a falar a sério. Quero tanto isto que, se ele mo tirar quando estou tão perto de o conseguir, não serei capaz de continuar. Afinal, já tentei uma vez.

Tudo começou quando estava a fazer um turno no Serviço de Neonatalogia. Foi na altura em que me debatia com a infertilidade e não havia perspetivas de adoção. Por outras palavras, era o sítio mais doloroso para estar. Mas achava que era capaz de lidar com isso. Correu tudo bem durante a maior parte do turno. Afinal de contas, era uma profissional.

Na manhã seguinte, quando o turno acabou, estava sentada numa cadeira de baloiço, com um dos recém-nascidos ao colo. E simplesmente… não o queria devolver. Lembro-me de uma das outras enfermeiras me abanar o ombro e me dizer que estava na hora de ir para casa. Mas eu continuei só a olhar para aquele rostinho doce. Não o queria entregar – nem quando me pediram com jeitinho, nem quando os pedidos se tornaram mais sérios. Mesmo quando o segurança apareceu, recusei-me a ceder.

O meu supervisor ligou para o Hank, que estava em casa. Ele foi a correr para o hospital, sentou-se comigo e convenceu-me a devolver o bebé. Felizmente, os pais nunca souberam do que fiz. Caso contrário, poderia ter havido uma queixa-crime. Assim sendo, o hospital aceitou lidar com a situação de forma discreta. Pedi a demissão e, nessa noite, fui à casa de banho e tomei todos os comprimidos que estavam no armário dos medicamentos.

Lembro-me do Hank a gritar o meu nome, a tentar desesperadamente acordar-me. Nunca o tinha visto tão assustado. Deve ter chamado uma ambulância, porque, quando dei por mim, estava numa cama de hospital, com um cateter no braço, desiludida por ainda estar viva. Seguiu-se uma estadia obrigatória num hospital psiquiátrico, que arruinou de vez as minhas hipóteses de adotar ou acolher uma criança.

Houve alturas em que me senti grata por o Hank me ter impedido de pôr termo à minha própria vida. Esta é uma delas – quando a possibilidade de vir a ser mãe é tão real que já a consigo imaginar mesmo ao virar da esquina. Mas se

ele me tirar isso, sei o que tenho de fazer.

E, desta vez, vou fazê-lo bem.

O Hank arregala os olhos e dá um passo atrás. Estava preocupado com a ideia de ir para a prisão, mas isto assusta-o muito mais.

– Não estás a falar a sério.

– Estou, pois. Juro.

– Polly…

– Leva-a para o hospital – digo – e, quando voltares, estarei morta.

Ele abre a boca, mas não lhe sai qualquer palavra.

– E não vou falhar, como da última vez – acrescento. – Aprendi a lição.

Vem-me à memória a expressão aterrorizada no seu rosto enquanto me abanava para me acordar depois de ter tomado aqueles comprimidos todos. Nunca vi o Hank tão assustado como nesse dia. Fará seja o que for para evitar que se repita.

Pelo menos, é com isso que conto.

– Então vens comigo – diz.

– Oh, a sério? – Arqueio a sobrancelha direita. – Vais amarrar-me e obrigar-me?

Não me pode obrigar a ir com ele às Urgências e sabe disso. Se trair a minha confiança, assegurar-me-ei de que estou morta quando ele voltar e de que, desta vez, não haverá como me salvar.

– Por favor, não sejas assim, Polly – consegue ele dizer. – Eu… Eu amo-te.

– Eu também te amo. – Ergo o queixo. – Mas isso não muda nada.

Estuda-me o rosto, tentando perceber se estou a falar a sério. O que quer que veja fá-lo dar outro passo atrás, de mãos no ar.

– Falamos sobre isto depois.

– Podemos falar sobre tudo o que quiseres – respondo.

Não acrescento o óbvio: *Mas nada me fará mudar de ideias.*

52

TEGAN

As botas do Hank parecem tiros no soalho acima de mim.

Se alguma vez tive qualquer hipótese de convencer a Polly a pedir ajuda, essa hipótese desapareceu por completo agora que o Hank está em casa. Ele jamais o permitirá.

Sinto a bebida que a Polly me deu às voltas no estômago. De início, pensei que, se pudesse cair nas suas boas graças, talvez ela tivesse pena de mim e me deixasse ir. Talvez lhe pudesse mostrar que não precisava de fazer o que ele mandava – não tinha de ter medo dele. Só precisava de pegar no telefone e ligar para o 112. O Hank nunca sequer saberia.

Mas, quando me disse que o Dennis veio cá à minha procura, passei-me. Por esta altura, já deve estar desesperado, a pensar que estou morta ou pior, e eles mentiram-lhe. Depois de saber disso, estava disposta a fazer o que fosse preciso para sair daqui. Tinha de passar ao ataque.

Mas isso também não resultou.

Não sei o que levou aquela bebida, mas sinto-me péssima. Será que tinha algum tipo de droga? A Polly provou-a, por isso parece-me improvável, mas talvez seja possível que se tenha limitado a fingir que bebia. Não paro de sentir cólicas e vagas de náuseas atravessam-me o corpo. Ao menos agora estou na cadeira, pelo que consigo ir até à casa de banho e debruçar-me sobre a sanita para vomitar o que resta do almoço.

Bem, o que quer que ela possa ter usado para me drogar acabou de ir parar à sanita. E atirei-lhe o resto para cima da camisola.

Os meus pensamentos são interrompidos por um barulho forte mesmo por cima de mim. Reconheço imediatamente o som – é o ranger das dobradiças da porta da cave ao abrir-se. Passado um segundo, volta a fechar-se com estrondo. Oiço a voz do Hank, que é um rugido grave que ressoa através do teto.

Polly, sai-me da frente.

Não tardo a deduzir o que deve estar a acontecer lá em cima. O Hank quer vir cá abaixo, mas a Polly está a impedi-lo. Não faço ideia de quais são as suas intenções, mas ela está a detê-lo – talvez fisicamente. Está a arriscar a sua segurança ao desafiar a sua ira para me proteger.

Se alguma vez duvidei de que estivesse do meu lado, essas dúvidas dissiparam-se. Pode não ser perfeita, mas está a dar o seu melhor. A Polly pode ser a única coisa que me mantém a salvo do que quer que seja que o Hank quer fazer comigo.

Esforço-me para tentar captar fragmentos da conversa de ambos. É difícil distinguir as palavras, mas o Hank parece furioso. Sustenho a respiração enquanto aguardo que a porta se volte a abrir, e que aquele homem gigantesco desça à cave com as suas grandes e assustadoras botas e aquela expressão ameaçadora nos olhos.

Mas não acontece. A porta mantém-se fechada.

Não faço ideia do que o Hank quererá fazer comigo. Tencionará violar-me a dada altura como o Simon fez? Ou bastar-lhe-á saber que estou presa na cave, à sua mercê? Será isso que o excita?

Gostaria de sair daqui antes de descobrir.

Já passa das nove horas quando a porta da cave se volta a abrir. Consigo perceber pelos passos mais leves que é a Polly e suspiro de alívio. Não a vou voltar a atacar. A Polly é a única pessoa nesta casa que está do meu lado e preciso que saiba que me pode ajudar. De certeza que tem pavor do temperamento do Hank, mas parte da sua hesitação deve ser por saber que, se eu sair daqui, a irei denunciar e ao marido por rapto e vão ambos para a prisão. É uma situação impossível.

– Vou ajudá-la a voltar para a cama – diz suavemente a Polly. – De certeza que está cansada.

Tem razão. Por mais que me tenha alegrado sair da cama, já estou desesperada por voltar para lá. Estou cansada, doem-me as costas e o tornozelo grita de dor de cada vez que faço o mais ínfimo movimento. As minhas pernas parecem dois blocos enormes de cimento depois de terem passado o dia inteiro para baixo.

Repetimos o mesmo processo que seguimos para me passar para a cadeira, só que desta vez ao contrário. É tão doloroso para o tornozelo como da primeira vez, mas a situação agora é ainda pior porque, mal chego à cama, uma contração monstruosa aperta-me toda a barriga. A dor é suficiente para me provocar

suores frios nas axilas.

– Sente-se bem? – pergunta a Polly.

– Sim – arquejo, apesar de não ter a certeza de que estou bem. Esta não foi apenas uma contração de Braxton-Hicks. Foi das verdadeiras.

E se estiver a entrar em trabalho de parto?

Meu Deus, tenho de sair daqui. Não vou dar à luz nesta cave.

– Por favor, deixe-me ir – peço pela que parece ser a centésima vez.

– Vai ficar bem – tranquiliza-me a Polly. – De certeza que o seu marido vai ficar feliz por estar a ter cuidado com a bebé.

Basta de mentiras. Não vou sair daqui a menos que lhe conte a verdade.

– Eu não sou casada, está bem?

– Oh? – Arqueia a sobrancelha.

– Não, eu… nem sequer tenho namorado. – Limpo gotas de suor da testa. – Somos só eu e a bebé. Estou a fazer isto sozinha.

– O pai sabe?

– Eu… – Não quero decididamente contar à Polly o que aquele sacana me fez. – Não sei quem é o pai. Foi um caso de uma noite. Não sei como se chama.

– Compreendo…

– Por isso, tem de entender… – Afasto uma madeixa de cabelo suada que me caiu para o rosto. – Não vou arranjar problemas a nenhum dos dois. Só quero sair daqui.

– Problemas? – repete apaticamente.

– Sim – assinto. – Não me podem deixar ir porque, se o fizerem, vou contar à polícia e vão prender-vos aos dois. Estão encurralados.

A Polly fica calada, a brincar com a ponta da sua longa trança. Sabe que tenho razão.

– Mas não vou contar a ninguém. Juro. E… e não tenho um namorado ou um marido que fique incomodado. Os meus pais já morreram. Ninguém quer saber de mim.

– E quanto ao seu irmão?

Raios, porque é que o Dennis teve de cá vir?

– Não somos assim tão próximos. Só se sente culpado por não ter ido visitar-me. Não nos víamos há anos.

Vejo as engrenagens a rodar na sua cabeça. Sustenho a respiração, esperando que ela acredite em mim. Não é completamente mentira. O Dennis importa-se comigo, mas é o único. O pai da bebé não quer saber, certamente. Nem tão-

pouco o Jackson – a pessoa que me tem posto um sorriso no rosto ao longo destes últimos meses difíceis. O Simon e o Jackson provavelmente estão encantados por eu ter desaparecido sem deixar rasto.

– Deixe-me ir – imploro – e vai correr tudo bem. Eu não conto a ninguém.

Um baque ruidoso vindo de cima sobressalta-a. Afasta-se da cama.

– Tenho de ir.

Inspiro fundo.

– Mas… vai ajudar-me?

– Sim – diz ela. – Vou ajudá-la. Prometo.

Antes que eu possa dizer mais uma palavra, a Polly vira-se e sobe as escadas. A última coisa que oiço é a porta da cave a fechar-se.

53

POLLY

O Hank e eu mal trocámos duas palavras durante toda a noite.

Está perturbado com o que se passa. Está perturbado por eu ter ameaçado suicidar-me se ele tentasse levar a Tegan ao hospital. Não sabe ao certo o que tenciono fazer, mas não é nada em que queira participar. Infelizmente, não é assim que o casamento funciona.

Já está deitado na cama quando acabo de arrumar a cozinha e vou ter com ele. Dispo-me e enfio-me debaixo dos cobertores ao seu lado. Espero que se incline para mim e me dê um beijo, como faz todas as noites. Mas não o faz. Limita-se a ficar deitado, a olhar para o teto.

– Hank? – digo.

Ele não responde.

– Hank – volto a dizer. – Estás bem?

Não se vira para olhar para mim.

– Temos uma mulher prisioneira na cave. *Achas* que estou bem?

Sinto o rosto a arder.

– Já te disse para não te preocupares com isso. Vamos acabar por a libertar. Vai correr tudo bem.

– Vai correr bem como? – levanta-se um pouco e apoia-se no cotovelo. – Explica-me.

– Já te disse que a estou a ajudar. Ela está grata.

– Não me mintas, Polly. – Tem o rosto vermelho. – Apunhalou-te com um garfo. Atirou-te aquela bebida para cima, que sabe Deus o que tinha. Não está nada grata.

– Confia em mim. Vai correr tudo bem.

– Estás sempre a dizer isso. – Desta vez, a ruga entre as suas sobrancelhas chega-lhe até à testa. – Mas eis a questão. Não paro de pensar nisto, de todas as

formas possíveis. E, sempre que penso no assunto, não consigo pensar em nenhuma forma de isto acabar sem irmos para a prisão, a não ser que…

– Hank?

Ao luar, os seus olhos parecem vidrados.

– A não ser que a matemos. – Falha-lhe a voz. – Polly, eu não quero matá-la.

– Hank…

– É isso que tens em mente, não é? – A voz treme-lhe. – Era essa a tua intenção desde o início. Livrares-te dela e ficares com a bebé. – Fecha os olhos com força. – Sou tão estúpido.

– Percebeste mal, Hank.

– Não me parece que tenha percebido.

– Bem… – Mudo de posição na cama, que range sob o meu peso. – Digamos que a matávamos…

– Polly!

– Só, tipo, hipoteticamente…

– Não. *Não.* – Abana firmemente a cabeça. – Nem sequer hipoteticamente. Essa hipótese não está em aberto, Polly.

A sério.

– Está completamente sozinha, Hank – digo-lhe. – Foi ela que mo disse. Nem sabe quem é o pai daquela criança. Anda a beber *whisky* de uma garrafa que traz na mala. Achas que está apta para ser mãe?

– Isso não nos cabe a nós decidir.

– E ninguém se vai sequer importar assim tanto se ela desaparecer. – Bem, talvez o irmão. Não sei se acreditei nela quando disse que mal tinham contacto, tendo em conta quão perturbado parecia. Mas de certeza que acabará por seguir em frente. – Ninguém se importaria se ela desaparecesse por completo.

– *Eu* importar-me-ia.

Estou tão frustrada com ele que me apetece gritar. A Tegan disse várias vezes que não queria ser mãe, que nada daquilo tinha sido planeado. Quando me disse que ninguém sentiria a sua falta se desaparecesse, foi como se nos estivesse a dar autorização para… bem, enfim. Seria tão fácil livrarmo-nos dela. Aposto que não pesará quase nada depois de lhe tirarmos a bebé.

Nunca imaginei que o Hank fosse o meu maior obstáculo. Não compreende que é esta a nossa oportunidade de termos tudo o que sempre quisemos?

– Tens de confiar em mim – digo-lhe. – Podes confiar em mim, só desta vez, por favor?

Olho para o seu rosto nas sombras. Costumava confiar em mim. Antes do *Incidente*, estava no meu melhor. O Hank orgulhava-se de que a sua esposa fosse enfermeira no hospital – costumava gabar-se disso a quem o quisesse ouvir. Se tivesse sequer um corte de papel, vinha ter comigo. *O que devo fazer, enfermeira Polly?*

Já não me vê assim. Desde esse dia, acha que sou emocionalmente frágil. Não sei se alguma vez voltará a confiar em mim.

– Se a levares, eu faço-o mesmo – digo. – Mato-me. Juro que sim.

– Sim – responde , inflexível. – Já me disseste.

Ficamos ambos calados, deitados no escuro, a olhar para o teto.

– Polly – diz, em voz baixa –, não podes fazer mal àquela mulher.

– Não vou fazer.

– A sério. – Vira a cabeça para me fitar. – Não quero que lhe faças nada de mal.

A ruga profunda entre as sobrancelhas do meu marido parece agora uma cratera. Está realmente perturbado e a única forma de acabar com esta discussão é dizer-lhe o que quer ouvir.

– Entendo, Hank – respondo. – Não lhe vou fazer mal.

Se essa garantia o ajudar a conseguir dormir à noite, eu dou-lha. Mas, em última instância, estou a fazer isto por ele. Por *nós*.

Ele sabe disso e nunca agirá nas minhas costas. Sou tudo o que tem e o Hank jamais me faria isso. Jamais. Tem demasiado medo de me perder.

Sabe como isto vai acabar. Quando chegar o momento, aposto que também me vai ajudar a livrar-me do cadáver.

Em breve, a nossa família estará completa, tal como a minha mãe previu.

POLLY

Não consigo parar de pensar na conversa com o Hank.

Ao fim de uma hora às voltas na cama, ele acaba por adormecer, mas eu continuo acordada. Não me preocupa que o Hank me denuncie – ele nunca seria capaz de o fazer – mas as possibilidades de todas as formas como isto pode correr mal rodopiam-me pela cabeça. O problema mais grave é cada vez mais claro: A Tegan pode libertar-se.

Pô-la naquela cadeira de rodas foi um erro – apercebo-me disso agora. Pensei que ia conseguir fazer algum exercício e que isso seria bom para a sua circulação, mas, quando me atacou com aquela seringa, compreendi que dá mais luta do que eu julgava. Não a vou deixar voltar para a cadeira de rodas, para jogar pelo seguro, mas isso pode não bastar. Pode ter um tornozelo partido e uma gravidez avançada, mas também é muito nova e tem uma perna boa e dois braços funcionais. E está desesperada. Se estiver suficientemente assustada, pode invocar força de vontade suficiente para subir aquelas escadas e fugir.

Se a porta da cave tivesse uma trava, sentir-me-ia melhor. Mas não tem e não me parece que o Hank queira instalar uma agora. Nem o faria se eu lhe pedisse. Enquanto a porta estiver destrancada, a Tegan pode fugir a qualquer instante. Pode estar a escapulir-se pela porta de entrada neste preciso momento.

Basta esse pensamento para me fazer sentar bruscamente na cama.

O Hank geme durante o sono e vira-se. Não sei se está a ter um pesadelo, mas continua a dormir. Perturba-o menos do que a mim a ideia de a Tegan poder fugir mesmo debaixo do nosso nariz. De podermos perder a nossa família assim, sem mais nem menos.

A menos que eu faça algo para evitar que isso aconteça.

Saio da cama com o cuidado de ser tão silenciosa quanto possível para não acordar o meu marido. Começo a calçar os chinelos, mas, no último instante, decido ir descalça. Saio do quarto, fechando a porta atrás de mim.

Naturalmente, quase todos os degraus emitem um sonoro rangido quando os piso. A nossa casa é tão velha como o mundo, mas adoramo-la. Um dia destes, quando tiver tempo e mais algum dinheiro, o Hank vai repará-la, como

prometeu. Mas talvez não tenha muito tempo no futuro próximo, visto que temos uma bebé a caminho.

O primeiro andar da casa está silencioso, graças a Deus. Esgueiro-me para a porta da cave e continua fechada. Não há qualquer sinal de que a Tegan tenha escapado. Nenhum desastre iminente.

Estou segura. Por agora.

Sinto o chão gelado contra as solas dos pés descalços enquanto atravesso a sala de estar até ao armário onde o Hank guarda a caixa de ferramentas. O meu marido adora ferramentas e a caixa pesa quase tanto como eu, mas consigo tirá-la do armário e pousá-la no chão. Abro-a e examino o conteúdo, em busca de um objeto em particular.

Um martelo.

Não demoro muito a encontrá-lo, pois é o maior objeto na caixa de ferramentas. É um martelo comum, mas sou capaz de jurar que é maior do que os martelos normais. Ainda consigo ver os dedos carnudos do Hank fechados à volta do cabo enquanto cravava os pregos deste mesmo armário, que construiu com as próprias mãos.

Pego no martelo, testando o seu peso. Sim, servirá muito bem.

As dobradiças da porta da cave chiam ligeiramente quando a abro o suficiente para entrar. Sustenho a respiração, à escuta dos sons da Tegan a mexer-se lá em baixo. Mas não oiço nada. Mal consigo ouvir o inspirar e expirar da sua respiração.

A cave está muito escura, por isso agarro-me ao corrimão enquanto desço. Não me atrevo a acender as luzes – pus-lhe uma pequena quantidade de anti-histamínicos no jantar, mas ela mal lhe tocou, por isso duvido que não acorde. Tento ser o mais silenciosa possível ao descer as escadas, mesmo quando tenho quase a certeza de que uma pequena farpa das escadas se cravou no calcanhar direito.

Então chego ao fundo das escadas.

A Tegan dorme profundamente. Apesar de não ter ingerido os anti-histamínicos, o som da sua respiração profunda enche o quarto. Entra um pouco de luz do luar, que é quanto basta para os meus olhos conseguirem distinguir a protuberância na sua barriga e os contornos suaves do seu rosto. Apesar de o quarto estar com uma temperatura agradável, tem uma camada de suor na testa.

Olho para as suas pernas. Ainda tem a bota a tapar-lhe o tornozelo esquerdo, que quase de certeza está partido. Não consegue apoiar-se na perna esquerda –

isso é garantido. Mas a direita está perfeitamente funcional, ainda que inchada da gravidez. Se se conseguisse arrastar até aos degraus, consigo imaginá-la a subi-los usando o corrimão para se apoiar. O período depois de a bebé chegar será particularmente problemático porque já não terá o peso enorme da barriga a prendê-la.

Aí estaremos em grandes apuros.

Mas se a outra perna estivesse fora de serviço… Bem, isso garantiria que não conseguiria sair daqui até estarmos prontos para a deixar ir.

Não lhe vou propriamente partir a perna. Quer dizer, não sou completamente psicopata. Além disso, não sei se um martelo seria suficiente para partir os dois ossos que sustentam a perna – a tíbia e o perónio. Provavelmente, só conseguiria lascá-los ou pisá-los e ela acabaria por ficar irritada o suficiente para fazer de tudo para sair daqui. Não, tenho de agir de forma estratégica.

Quanto mais penso no assunto, mais me parece que o melhor a fazer seria partir-lhe a rótula direita.

A rótula é um osso delicado e o martelo parti-lo-á facilmente – por alguma razão os mafiosos são infames por esse tipo de coisa. Se a partir, a Tegan não conseguirá mexer a perna direita. Será praticamente impossível que a use para andar, sobretudo sem a perna esquerda para ajudar.

Com as duas pernas partidas, a Tegan ficará verdadeiramente à nossa mercê.

Tenho de fazer isto. Sei que parece cruel, mas não tenho alternativa. A Tegan está em posição de nos dar tudo aquilo com que sonhámos ou, se correr mal, de destruir a minha família e me mandar para a prisão. Esta é a única forma de me proteger. Lamento que tenha de sofrer, mas já tem dores de qualquer forma. O que custará mais algumas?

Na verdade, este é um caso em que os fins justificam os meios. A Tegan será uma mãe terrível para aquela menina, a julgar por tudo o que descobri sobre ela. E se decidir conduzir embriagada e as matar às duas da próxima vez?

Ergo o martelo acima da cabeça de modo a, quando descer, lhe acertar em cheio na rótula direita. De certeza que vai acordar com o impacto, mas, por essa altura, já será demasiado tarde – a rótula estará partida. Tremem-me as mãos e respiro fundo. Três…

Dois…

Um…

A Tegan agita-se na cama, gemendo baixinho. Vira-se nos lençóis, contorcendo o rosto por um momento. Já parecia jovem antes, mas parece-o

ainda mais ao luar. Como se ainda fosse uma adolescente. Uma criança. As suas pestanas tremulam e suspira suavemente.

Oh, meu Deus, que estou eu a *fazer*?

Relaxo as mãos sobre o martelo, baixando os braços junto ao corpo. Não consigo acreditar no que estive quase a fazer. Quase parti a perna a outro ser humano com um martelo – de propósito! A minha mãe, que esteve deitada nesta cama antes da Tegan, teria vergonha de mim. Sou *enfermeira*, por amor de Deus! É suposto ajudar as pessoas a ficarem melhor, não…

Afasto-me da cama, com um aperto no peito. Talvez o Hank tivesse alguma razão – talvez tenhamos ido longe de mais. Mas não há outra saída desta situação. Não quero fazer mal à Tegan, mas que mais posso fazer? Não há nenhuma realidade em que ela fique viva e nós possamos ficar com a bebé.

Engulo o nó de bílis na minha garganta. Posso não ser capaz de partir a rótula à Tegan, mas, no futuro próximo, vou ter de tomar algumas decisões difíceis. Não vou deixar que esta rapariga me impeça de ter tudo com que alguma vez sonhei.

QUARTA PARTE

QUATRO DIAS DEPOIS DO ACIDENTE

55

TEGAN

Não me sinto bem.

É o primeiro pensamento que tenho quando acordo de manhã. Não me sinto bem. Algo está muito errado.

Sinto a cabeça estranha. É como se estivesse num aquário, a olhar para o mundo através de vários metros de água. Não consigo parar de tremer. Todo o corpo treme. Não me sinto bem desde o momento em que o carro bateu contra a árvore, mas isto é todo um outro nível de horrível. Apesar disso, o lado positivo é que a dor na minha perna esquerda parece ter-se atenuado.

Levo a mão à barriga, tentando sentir a *Pequena Atum*. De início, não sinto nada. Depois, sinto um pontapé leve. Mas é bastante fraco. Não é como os pontapés de estrela do futebol que me dava há uma ou duas semanas. É óbvio que o que quer que se passe comigo também está a afetar a bebé.

O que se passará comigo?

Viro a cabeça para o lado e, para meu horror, o Simon Lamar está junto à cama. Salto de surpresa. O que faz ele aqui? Traz vestido um fato e tem os braços cruzados sobre o peito, enquanto abre um sorriso presunçoso nos lábios. Segura uma pasta de cabedal e, enquanto se debruça sobre mim, abre-a e tira um maço de papéis.

Devias ter aceitado a minha oferta enquanto podias. Agora, estás lixada. Outra vez.

Tira então um isqueiro do bolso – o que o Jackson me deu – e aproxima a chama dos papéis que tem na mão. Começam imediatamente a arder, irrompendo em labaredas e fumo.

Abro a boca para gritar, mas, antes que o consiga fazer, ele desaparece. Em vez do Simon, está apenas uma sombra negra à beira da cama.

Oh, meu Deus, estou a alucinar.

Tento mudar de posição na cama, para ficar mais confortável, o que é difícil,

tendo em conta que não consigo parar de tremer. Tenho frio e calor ao mesmo tempo. É uma sensação muito estranha. Quero beber algo, mas, simultaneamente, sinto que vomitaria se o tentasse fazer.

Ao mudar de posição, noto que a dor no meu tornozelo esquerdo não é nem de longe tão má como antes. Então, apercebo-me de que não sinto praticamente *nada* nessa perna, nem dor nem o que quer que seja.

Isto não é bom.

Olho para o pé esquerdo, que ainda está dentro da bota, visto que não deixei a Polly tirá-la. Agora, arrependo-me dessa decisão. Tento mexer os dedos desse pé. Será que se mexem? Não me parece.

Passa-se algo de *muito* errado.

– Polly! – tento gritar, mas a voz sai-me num sussurro rouco.

Puxo os cobertores até ao pescoço, mas fico com demasiado calor e volto a pô-los para baixo. Não me consigo pôr confortável. Tenho a temperatura corporal toda avariada. Algures no meu pensamento reconheço que estou muito doente, mas não consigo dissipar suficientemente a névoa para ficar tão em pânico como provavelmente devia.

Após o que parece uma eternidade, a porta da cave abre-se com um rangido. A voz exuberante da Polly ecoa escadas abaixo.

– Bom dia!

Por entre a névoa que paira na minha cabeça, lembro-me da conversa de ontem à noite. Fiz uma última tentativa de negociar com ela para que me levasse ao hospital. Disse-me que o faria. Espero que estivesse a falar a sério.

– Tegan? – Pára aos pés da minha cama de hospital, a olhar para mim. – Está bem?

Abro a boca, mas não sai nenhum som. Em vez disso, limito-me a abanar a cabeça.

Ela contorna a cama e põe-me a mão gelada na testa. Arregala os olhos.

– Está a arder em febre.

– Eu… estou? – crocito.

Varre a cama com os olhos e pára ao chegar ao fundo, onde a minha bota é visível através dos cobertores. Vai direita a ela enquanto tento debilmente protestar. Põe uma mão de cada lado da bota preta forrada a pelo. E puxa – *com força* – até sair.

Esperava que doesse e, quando não acontece, é ainda mais aterrador.

Vejo imediatamente quão inchada e vermelha está a barriga da perna

esquerda. Então ela tira-me a meia e deixo escapar um arquejo. O pé está extremamente inchado e vermelho-escuro, praticamente púrpura. Está torcido para a direita num ângulo assustador e tem uma ferida aberta do lado que está à vista. Mesmo do outro lado da cama, consigo ver um fluido amarelo espesso a escorrer da ferida.

– Isto está infetado – diz a Polly, num tom seco de choque.

Pois, não me diga.

– Hospital – consigo dizer. – A Polly… prometeu.

Franzindo os lábios, ela olha para o pé.

– Precisa de antibióticos.

Certo. Sim. Preciso de ir para o hospital e de tomar antibióticos.

– Hospital. – Não consigo dizer mais nada.

Por um momento, ela fica calada.

– Certo. Hospital.

Ah, graças a Deus.

A Polly fica mais um minuto a olhar para o meu pé; depois, vira-se e volta a subir sem dizer mais nada. Espero que esteja agora mesmo a ligar para o 112. Porque, se não estiver, não vou sair daqui viva. Nem a minha bebé.

56

POLLY

Isto é tudo culpa da Tegan.

Se me tivesse deixado tirar logo a maldita bota, podia ter limpado e desinfetado a ferida. Assim não teria apanhado aquela infeção. Mas, em vez disso, recusou-se teimosamente a deixar-me vê-la – como uma *criança*. Ainda se acha suficientemente responsável para ser mãe? Que piada. Aquela bebé não duraria uma semana.

Claro que isto me deixa num dilema. A Tegan está doente. Devia ter percebido quando a vi coberta de uma camada de suor ontem à noite, mas não estava propriamente a pensar com clareza nesse momento. No mínimo dos mínimos, tem uma infeção ativa no pé. Também me preocupa que possa ter desenvolvido um coágulo naquela perna devido à falta de movimento associada à fratura. Não tenho dúvidas de que, se não fizer alguma coisa, ela vai morrer. Se isso acontecer, a nossa bebé morre também. Posso tentar fazer algum tipo de cesariana para salvar a bebé, mas esse será um último recurso.

Tenho de lhe arranjar medicação. *E depressa.*

O Hank mal me fala ao pequeno-almoço. Preparo-lhe um prato de ovos e *bacon*, como costumo fazer, e ele come-o sem dizer nada. Limita-se a olhar para mim com uma expressão imperscrutável no rosto. Só depois de ter o prato quase limpo é que pergunta: – Não vais levar comida à Tegan?

– Já lhe levei um prato – digo.

Começa a limpar a boca às costas da mão, mas pára, pega no guardanapo e usa-o antes. Ao menos, nunca deixa comida na barba. As pessoas olham para o Hank e acham que é uma espécie de ogre bárbaro, mas não é nada disso.

– Ela está bem?

Não posso dizer ao Hank que a Tegan tem uma infeção. Se o fizer, insistirá em que tem de ir ao hospital. É como se já nem lhe *importasse* o facto de podermos

ir os dois para a prisão por isto durante muito tempo. A única coisa que o impede de ligar agora mesmo é a minha ameaça de me suicidar.

– Está ótima – respondo. – Feliz da vida.

Ele resmunga, como se não acreditasse em mim, mas também não sabe a dimensão do que se passa. Sabe que a Tegan não quer estar na nossa cave, mas não sabe quão doente está. Mas vou resolver isto. Não vou deixar a minha bebé morrer.

O Hank empurra a cadeira para trás quando se levanta, arrastando-a no chão. Dirige-se à sala de estar e tira o casaco do bengaleiro. Sigo-o até à porta da entrada só para me assegurar de que parte antes de fazer o que tenho de fazer a seguir.

– Tem um bom dia no trabalho – digo. – Vemo-nos logo à noite.

Ergue o olhar ao ouvir as minhas palavras. Fita-me durante muito tempo, como se lhe custasse a decidir o que dizer.

– Amo-te, Polly – declara.

Não sei porque me disse isso. Durante toda a manhã, parecia estar furioso comigo. Deixa-me um pouco inquieta, mas afasto a sensação.

– Bem, eu também te amo. – Lambo os lábios. – Sabes que é por ti que estou a fazer tudo isto. Por nós.

– Eu sei – responde baixinho.

Então vira-se e sai de casa sem dizer mais nada. Talvez finalmente tenha percebido. Mas continuo a não confiar nele.

Dirijo-me à janela e vejo-o subir para a sua carrinha e arrancar. Continuo parada, ainda a vigiar, quando a carrinha desaparece ao longe. Tenho de me certificar de que ele partiu. Porque não pode estar aqui para assistir ao que tenciono fazer a seguir.

57

POLLY

Temos outro quarto no andar de cima. Em tempos, imaginámos que viria a servir de quarto de bebé para o nosso primeiro filho e o Hank chegou mesmo a falar em aumentar a casa se tivéssemos mais filhos, mas não foi assim que as coisas se passaram. Em vez disso, é um escritório.

Não que eu e o Hank precisemos realmente de um escritório. O Hank é mecânico. E eu sou… bem, neste momento, não sou nada. Também não precisava muito de um escritório quando era enfermeira. Mas usava a secretária quando fazia a contabilidade da oficina. Ou para guardar declarações fiscais e documentos importantes.

É isso que procuro agora.

Sento-me à secretária do escritório e vasculho os papéis na gaveta de cima. Há algum tempo que não uso esta gaveta, por isso não demoro muito a encontrar o que preciso. Tiro um papel e pouso-o à minha frente. Em seguida, marco um número no meu telemóvel.

– Farmácia Walgreens – diz a voz feminina seca que atende a chamada.

– Olá. – Seguro o papel à minha frente. – Sou a doutora Chloe Passaro. Queria pedir uma receita para uma paciente.

– Claro. Como se chama a paciente?

– Polly Thompson. – Recito-lhe também a minha data de nascimento.

– Muito bem – diz a farmacêutica. – O que queria pedir?

– Cefalexina – respondo. – Quinhentos miligramas, duas vezes por dia. Dispense catorze comprimidos. Sem recargas.

– É tudo?

Hesito. A minha outra preocupação é a possibilidade de um coágulo na perna, mas, sem uma ecografia para o diagnosticar, não me sentiria confortável a dar-lhe uma dose terapêutica de anticoagulante. Mesmo assim, devia receber pelo

menos uma dose profilática.

– Têm seringas previamente preparadas de enoxaparina? – pergunto.

– Temos, sim, doutora.

Peço que chegue para a aguentar até ao fim do próximo mês. Por essa altura, isto já terá terminado, de uma maneira ou de outra.

– Obrigada, doutora – diz a farmacêutica. – Pode dar-me o número da sua cédula profissional?

Olho para o papel à minha frente, que contém todos os números de identificação da doutora Passaro, ainda do tempo em que costumava pedir receitas em seu nome. Claro que na altura me identificava sempre como «Polly, a enfermeira que trabalha com a doutora Passaro». Mas isso não resultaria agora.

A farmacêutica anota os dados da doutora Passaro, e suspeito que, durante a tarde, receberei uma chamada a dizer que a receita está pronta. Mas o antibiótico não é para mim. É para a Tegan. Verifiquei qual é o antibiótico mais seguro para uma paciente grávida com uma infeção cutânea e foi esse que pedi. Dado quão doente está, temo que a infeção tenha alastrado para o sangue, o que significa que, se estivéssemos em ambiente hospitalar, precisaria certamente de antibióticos intravenosos. Mas isto é o melhor que consigo fazer.

É arriscado fazer-me passar por uma médica para a qual já nem trabalho há vários anos. Por outro lado, não é assim tanto. Não estou a pedir narcóticos nem nada que chame à atenção. A única coisa que fiz foi pedir antibióticos para uma semana e uma dose baixa de um anticoagulante. A doutora Passaro nunca vai saber.

Agora que os antibióticos estão prestes a ser dispensados, volto a descer à cave para ver como está a Tegan. Tentei oferecer-lhe algo para o pequeno-almoço, mas estava tão apagada que temi que se pudesse engasgar. Pelo menos, consegui que bebesse alguma água.

Neste momento, dorme profundamente. As suas pestanas tremulam um pouco a cada respiração e tem a face corada. Tenho um termómetro no armário dos medicamentos, mas tenho medo de lhe medir a temperatura. Só pelo toque, é evidente que está com uma febre alta.

– Tegan. – Toco-lhe ao de leve. – Tegan?

Ela murmura algo, mas não abre os olhos.

Afasto os lençóis do seu tornozelo esquerdo. Tentei esconder-lhe a minha reação da primeira vez que o vi, mas está horrível. A pele está brilhante e vermelho-vivo, e, quando encosto os dedos à parte de cima do pé, não sinto a

pulsação. A ferida do acidente tem um aspeto terrível. Tem bastante pus a exsudar dela e não sei quão profunda será a infeção – talvez chegue até ao osso. Se a levasse ao hospital, seria bastante provável que ficasse sem o pé.

Tiro o *kit* de primeiros socorros do armário do lavatório da casa de banho e dou o meu melhor para limpar a ferida aberta. Lavo-a com água quente e tento desinfetá-la com *Betadine*, apesar de reconhecer que é demasiado tarde. Quando termino, embrulho-lhe cuidadosamente o pé em gaze.

O mais perturbador de tudo é que ela mal se mexe durante todo o processo.

Mordo o lábio, tentando decidir o que fazer a seguir. Finalmente, contorno a cama até à mesa de cabeceira e vasculho a gaveta do fundo. Tiro um estetoscópio e enfio as pontas nos ouvidos. Encosto o diafragma à protuberância da barriga da Tegan e fecho os olhos, à escuta.

Há um batimento cardíaco. É fraco, mas oiço-o.

A bebé está bem.

Mas não por muito tempo. Tenho de ir já buscar aquele antibiótico e de tirar esta bebé de dentro da Tegan antes que seja demasiado tarde.

58

TEGAN

Passei a manhã inteira a dormitar.

Apercebi-me vagamente de a Polly entrar para me fazer qualquer coisa ao tornozelo esquerdo. Doeu o suficiente para me acordar, mas fiquei apenas deitada a deixá-la fazê-lo. Não tinha forças para falar com ela. Não adiantava resistir. A dada altura, tentou oferecer-me comida, mas não tinha apetite nenhum. Persuadiu-me a beber alguns goles de água e foi só isso que consegui manter no estômago.

Espero que chame uma ambulância. Tenho de acreditar que não me vai simplesmente deixar morrer aqui.

Mas já não tenho a certeza.

Abro os olhos quando finalmente oiço o som da porta da cave a abrir-se e passos pesados a pousarem no degrau de cima. Passei a manhã inteira apagada, mas esse som é a primeira coisa a chamar-me a atenção. Sei a quem pertencem esses passos.

É o Hank.

Não, agora não. Por favor, agora não …

Fecho os olhos, fingindo estar a dormir. Já era suficientemente difícil lidar com ele quando me sentia minimamente bem. Não o quero perto de mim neste momento.

Mas não importa o que quero. Ele vem aí. O som dos seus passos torna-se cada vez mais alto à medida que desce as escadas.

– Menina Werner?

Está aos pés da cama. Oh, meu Deus, o que quer de mim? Não vê que estou gravemente doente? Mas talvez seja este o momento pelo qual esperava. Talvez seja só esta a minha sina. O Simon Lamar já se aproveitou de mim e agora este homem gigantesco quer fazê-lo também. E eu estou demasiado fraca para lhe

resistir. Nem precisa de me drogar.

Contorna a cama até ficar mesmo ao meu lado. Pousa a sua grande mão no meu braço e sacode-me.

– Menina Werner! Consegue ouvir-me?

Não respondo.

Por um momento, fica parado, como que a pairar sobre mim. Espero que parta quando se aperceber de quão doente estou. Mas – para meu horror – passa um braço por baixo dos meus joelhos e o outro sob as minhas costas. Ergue-me no ar.

– Pare! – arquejo. – O que está a fazer?

Ele pestaneja, surpreendido por estar acordada. Por um segundo, ficamos frente a frente.

– Está bem?

– Não, não estou bem. – A minha boca parece feita de lixa e dói-me a cabeça só de dizer as palavras. – Por favor, pouse-me já.

Ele franze o sobrolho.

– Tem de ir ao hospital. Temos de ir já, antes que ela volte.

Está a mentir. Tem de estar. Mas estou demasiado fraca para lhe resistir. Deixo-o carregar-me escadas acima, sem saber ao certo para onde me leva, mas tudo é melhor do que continuar na cave.

– Para onde me leva? – murmuro.

– Para o hospital – responde pacientemente.

– Pare de me mentir – crocito. – Por favor, diga-me…

O Hank atrapalha-se um pouco a abrir a porta ainda comigo nos braços. Está frio lá fora, mas sabe bem contra a minha pele quente. A carrinha que me trouxe até aqui está parada na entrada, com a porta do lado do passageiro já aberta. Mas, ao que parece, não vamos fazer esta viagem sozinhos. Está outro homem ao lado da carrinha e demoro um segundo a reconhecer quem é. Quando finalmente o reconheço, o meu corpo sobressalta-se com um calafrio violento.

É o Simon Lamar.

Está à minha espera junto à carrinha.

– O que faz *ele* aqui? – grito.

O Simon e o Hank estão nisto juntos – a conspirar para me fazer mal. Embora não confiasse no Hank, não estava de todo à espera disto. Partia do princípio de que tinha sido uma coincidência o Hank ter-se deparado comigo naquela noite,

no meio da neve, mas não foi. O Simon enviou-o para me encontrar e prender para que não pudesse contar a ninguém o que me fez.

Debato-me nos braços do Hank, que consegue manter-me sob controlo. Quase nem precisa de se esforçar.

– Por favor, não faça isto! – imploro-lhe. – Ele é um homem terrível. Quer fazer-me mal.

– Quem? – pergunta o Hank.

– O Simon!

– Quem é o Simon?

A sua voz é persuasivamente neutra. Olho para a carrinha para apontar para o seu aliado no crime, mas, para minha surpresa, não está lá ninguém. O Simon evaporou-se. À minha frente, só vejo a carrinha amolgada com a porta aberta. O Simon desapareceu simplesmente, como se nunca sequer lá tivesse estado.

Uma vaga de tonturas apodera-se de mim. Oh, meu Deus, será que o *imaginei*? Só pode ser.

Estou mesmo doente.

O Hank carrega-me até à carrinha. É surpreendentemente delicado ao ajudar-me a subir para o banco do passageiro. Debruça-se sobre mim para me apertar o cinto de segurança e, de seguida, senta-se no banco ao meu lado e liga o motor. Lanço um último olhar pela janela, em busca de qualquer sinal do Simon, mas só vejo pontos a dançar diante dos meus olhos.

– Para onde me leva? – crocito.

– Para o hospital Roosevelt Memorial.

– Não leva nada.

– Juro que sim.

– Onde está a Polly?

Não responde a essa pergunta. Mantém os olhos fixos na estrada enquanto me leva sabe Deus para onde. Diz que vai para o hospital, mas não sei porque haveria de o fazer. Porquê levar-me ao hospital quando sabe que o vou denunciar e que acabará na prisão?

Levo a mão à barriga. Não sinto qualquer movimento da *Pequena Atum*. Ainda ao início desta manhã a senti mexer-se. Mas agora não sinto nada. Já nem oiço a sua voz ao ouvido. Pode ser demasiado tarde.

– Passa-se algo de errado com a bebé – digo. Mesmo por entre a minha névoa febril, sinto o pânico a crescer dentro de mim. – Tenho de ir para o hospital.

– Eu vou levá-la ao hospital – repete o Hank, apesar de ser mentira. Tem de

ser. – Estaremos lá não tarda.

Não sei para onde me leva. É possível que tenha alucinado com o Simon junto à carrinha, mas este homem não me manteve prisioneira na cave durante quatro dias só para me levar ao maldito hospital. Vai levar-me para algum lugar onde possa fazer o que quiser comigo e a Polly já não o conseguirá deter.

– Por favor – imploro-lhe. – Por favor, não faça isto…

Desta vez, ele ignora-me por completo. Só me resta observá-lo a conduzir enquanto o meu corpo é acordado repetidamente por calafrios.

Olho pelo pára-brisas, perguntando-me para onde vamos. O mais estranho é que não parecemos estar a embrenhar-nos mais nos bosques. Na verdade, estamos a entrar numa estrada movimentada, com muitos carros à nossa volta.

Será que consigo chamar a atenção dos outros condutores? Alertá-los para o facto de que estou refém?

O Hank pára num sinal vermelho. Bato na janela do meu lado, tentando chamar a atenção do carro ao lado do nosso. O condutor é um homem de meia-idade que abana a cabeça ao som de música que não consigo ouvir.

– Socorro! – grito, em voz rouca. – Por favor, ajude-me!

Primo o botão para abrir a janela do lado do passageiro e o Hank arregala os olhos, alarmado.

– Tegan! – Mexe nos botões da porta ao seu lado e a janela volta a fechar-se. – Tem de se acalmar antes que tenhamos um acidente. Estamos quase a chegar.

Começo a bater na janela, mas ele está outra vez em movimento, a arrancar na estrada movimentada. Terei perdido a oportunidade para pedir ajuda? Pergunto-me se poderei fugir, de algum modo, da próxima vez que ele parar. Parece improvável, com o tornozelo partido, mas tenho de tentar. Invoco cada resquício das forças que me restam, mas não são muitas. Respiro fundo e, por um momento, fica tudo negro.

Quando a minha visão clareia, um hospital surge ao longe.

Olho pelo pára-brisas para o grande edifício à nossa frente, incapaz de me convencer de que não é uma miragem. Pestanejo e esfrego os olhos, certa de que, quando os abrir, vai desaparecer e estaremos diante de uma masmorra remota qualquer onde o Hank vai acabar comigo.

Mas não. É real. O Hank trouxe-me mesmo ao hospital e agora está a encostar junto à entrada.

Pára o carro e, por um momento, fica apenas sentado, a respirar fundo.

– Tegan – diz baixinho. – Tem de saber que a Polly é boa pessoa. Só fez o que

fez porque… Bem, não há uma desculpa para o que fez. Mas, se alguma vez tivesse estado no hospital e a minha mulher fosse a sua enfermeira, saberia que ela é uma excelente pessoa. Era uma ótima enfermeira e é uma ótima mulher. Não há ninguém melhor, na verdade. Só estou a tentar dizer que ela não é assim. – Tem os olhos vidrados enquanto olha pelo pára-brisas. – É só que… foram duros, os últimos anos. Mas vou procurar ajuda para ela. Juro.

Tenho o cérebro mergulhado na névoa e é difícil compreender as suas palavras. O que é que ele quer dizer? Estará a tentar dizer-me que foi a *Polly* a responsável por me aprisionar na cave?

Será possível?

Tem de ir para o hospital. Temos de ir já, antes que ela volte.

– Enfim, o que estou a dizer… – Treme-lhe o queixo sob a barba cerrada. – O que estou a dizer é só, por favor, não lhe arruíne a vida. Por favor.

Não sei o que dizer.

Felizmente, o Hank não espera por uma resposta. Sai da carrinha e faz sinal a um homem à entrada do hospital. Quando dou por mim, estão a carregar-me para uma maca. Encostam-me uma máscara de oxigénio ao rosto e é essa a última coisa de que me lembro durante muito tempo.

59

POLLY

Sinto-me muito mais otimista quando regresso a casa da farmácia ao início da tarde, com um saco de papel branco com catorze comprimidos de cefalexina e trinta seringas de enoxaparina. Espero que resulte. Se não resultar, ela pode precisar de antibióticos intravenosos, o que será uma chatice muito maior. Não sei o que farei se isso acontecer, mas pensarei nisso quando lá chegarmos.

Quando chego a casa, vejo que a porta da frente não está trancada. Mas tenho a certeza de que a tranquei. Lembro-me de o ter feito. Quer dizer, não é como se fosse deixar a porta da entrada destrancada sabendo que a Tegan está na cave. Sou demasiado cuidadosa para o fazer.

Então, porque é que a porta está destrancada?

A única possibilidade de que me consigo lembrar é o Hank ter vindo cedo para casa. Mas porque haveria ele de fazer isso?

Entro em casa, sentindo ligeiramente o estômago às voltas. Olho em redor e não vejo ninguém. A casa está tranquila.

– Hank? – chamo.

Silêncio.

Sinto o coração a acelerar no peito. Dou passadas longas em direção à porta da cave. Fico boquiaberta ao descobrir que está aberta.

Não. *Não.*

Desço as escadas o mais rapidamente que consigo.

– Tegan? – chamo. Mas não obtenho resposta, claro. Porque ela já não está na cama.

Desapareceu.

– Tegan! – grito.

Por razões que não consigo bem explicar, corro para a cama e vasculho os lençóis, como se a pudesse encontrar escondida no meio. Não encontro. Não

está na cave. Já não está aqui.

Volto a correr escadas acima, com o coração a palpitar com tanta força que dói. A polícia deve ter vindo aqui enquanto estava fora. Resgataram-na e agora estão à espera para me prender. Só pode ser isso. Não há outra explicação. Afinal, a Tegan não estava em condições de partir sozinha.

Saio pela porta da cave, preparando-me para correr para o *Ford Bronco*. Tenho de ir à oficina e contar ao Hank o que aconteceu. Ele saberá o que fazer nesta situação. É um homem tão capaz. Sabe sempre exatamente qual é a decisão certa a tomar.

Só que, quando chego à sala de estar, o Hank está lá parado. Tem o casaco de inverno vestido e o cabelo empastado do gorro. Deve ter acabado de chegar.

– Hank – digo, sem fôlego. – Eu… acabei de ir à cave. A Tegan… desapareceu.

Espero que reaja com pânico, como o que estou a sentir. Afinal, a polícia vai prender-nos aos dois, não apenas a mim. Em vez disso, fica apenas rigidamente parado.

– Eu sei.

– Sabes? – Semicerro os olhos na sua direção.

– Levei-a ao hospital.

As suas palavras são como um murro no estômago. Olho-o fixamente, incapaz de acreditar no que oiço.

– Como é que foste capaz de fazer isso?

– Estava doente. Tinha de ir para o hospital.

– Mas… – Torço as mãos. – Trouxe antibióticos para ela. Ia ficar bem.

– Tinha de ir para o hospital – repete com firmeza.

Apaixonei-me pelo Hank no nosso primeiro encontro. Era um homem grande, mas tão encantadoramente tímido, tão divertido, atencioso e de uma beleza rude, e nunca tinha visto um homem a olhar assim para mim – como se me achasse o ser humano mais maravilhoso que alguma vez conhecera. Soube nesse primeiro encontro – mesmo antes de a minha mãe mo dizer – que era o homem com quem iria casar um dia. Nunca lho disse, mas, enquanto pedíamos a sobremesa, já estava a planear a nossa vida juntos – uma cabana pequena e acolhedora com dois filhos que seriam uma mistura perfeita dele e de mim, e talvez um cão. Já o amava, mesmo então.

Nos doze anos desde que nos conhecemos, hoje é a primeira vez que o odeio.

– Como foste capaz de fazer isso? – grito-lhe. – Apercebes-te do que *fizeste*?

O Hank abana a cabeça.

– Tive de o fazer, Polly.

– Ela vai dizer à polícia o que fizemos! – berro. – Vamos os dois para a prisão.

– Tive de o fazer. Lamento.

Sinto lágrimas a picar-me os olhos. Como pode olhar assim para mim? Como será possível que nem sequer se *importe*?

– Era a nossa bebé, sabes? Era a nossa única hipótese. Era a minha única hipótese de ser mãe e tu… *arruinaste-a*! Arruinaste a nossa vida!

A minha mãe disse que, um dia, a nossa família estaria completa. Mas estava *errada*. Oxalá, em vez de me ter dito que o Hank era um bom homem, me tivesse dito para fugir dele e procurar alguém com um mínimo de bom senso.

O Hank tenta abraçar-me, mas eu empurro-o. Sempre me conseguiu consolar no passado, mas desta vez não. Sempre senti que estávamos nisto juntos, mas já não é isso que sinto. Tínhamos uma oportunidade de ser felizes juntos e ele arruinou-a. Estragou *tudo*.

– Polly – murmura.

– Não. – Recuo, afastando-me dele. – Fica longe de mim.

– Olha, vou ligar à doutora Salinsky…

– *Eu não preciso de uma psiquiatra!*

O Hank paralisa. Não está habituado a ouvir-me levantar a voz desta maneira. Parece um veado encandeado pelos faróis de um carro.

– Polly, podemos falar sobre isto, por favor?

– Falar? – Resfolego. – Não falámos *antes* de decidires trair-me. Eu só… Não quero falar mais contigo. Estou farta de falar.

Dito isto, viro-me e subo apressadamente os degraus até ao quarto. Bato a porta atrás de mim e tranco-a, por precaução. Oiço os passos pesados do Hank nas escadas, seguidos por um bater à porta do quarto.

– Polly?

Deixo-me cair na cama, com as mãos a tremer.

– Vai-te embora!

– Vá lá. Deixa-me entrar. Não faças nada de estúpido.

O mais desesperante é quão calmo parece. É tão típico do meu marido. Nunca se enerva com nada. Nem se importou assim tanto de não conseguirmos ter filhos juntos. Não é de admirar que tenha achado tão fácil levar a Tegan ao hospital e desistir da nossa última hipótese de termos um bebé.

– Quero ficar sozinha! – digo.

– Polly…

– Disse para te ires embora!

Mas não oiço os seus passos a afastarem-se. E continuo a ver a sombra do seu corpo por debaixo da porta.

– Polly, estou muito preocupado contigo. Deixas-me entrar, por favor?

Tem medo de que eu me mate. Agora, já é tarde demais. Devia ter pensado nisso *antes* de levar a Tegan ao hospital. Sente-se obrigado a garantir que estou bem, mas, na realidade, ficaria melhor se me suicidasse. Sabe disso, ainda que não o queira admitir. Durante todos os tratamentos de fertilidade, todos os médicos disseram que a contagem de esperma do Hank era perfeita. O problema era *eu*.

Claro que agora é demasiado tarde. Depois do que fiz, estamos ambos lixados. A polícia estará a bater-nos à porta a qualquer instante, mal a Tegan estiver suficientemente bem para lhes contar a história toda.

– Estou bem. – Obrigo a minha voz a manter-se a um volume normal. – A sério. Só não quero falar agora. Está bem? Juro que estou bem – acrescento, quando ele não diz nada. – Só quero estar sozinha.

– Preciso que abras a porta, Polly.

– Já te disse que estou bem.

– Se não abrires a porta, ligo para o 112. Comprei um telemóvel novo.

Tenho a certeza de que está a falar a sério. Se achar que sou um perigo para mim mesma, vai chamar uma ambulância e provavelmente acabar por fazer com que me levem embora. Se o conseguir fazer, não vou conseguir fazer o que preciso.

Finalmente, destranco a porta do quarto e abro-a. O Hank está ali, ainda com o casaco vestido, a torcer as mãos.

– Vês? – digo. – Disse-te que estava bem.

Inspeciona-me da cabeça aos pés. Torce o rosto, como se não tivesse a certeza de que acredita em mim.

– Disseste que, se levasse a Tegan ao hospital, te…

Sacudo uma mão.

– Estava só a ser dramática.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– A sério, Hank. – Esforço-me por evitar que me trema a voz. – Estou bem. Podes voltar para o trabalho.

– Não – diz. – Não te vou deixar sozinha.

Porque está a ser tão teimoso? Não nos podemos dar ao luxo de fechar a oficina por um dia sequer e ele sabe-o.

Mantenho-me firme, bloqueando-lhe a passagem.

– Não podes entrar no quarto.

– Tudo bem – diz ele. – Estarei lá em baixo. Não vou ligar para o 112, mas vou ligar à doutora Salinsky. E… e talvez a um advogado.

– Tudo bem. Força.

Ele demora-se à porta e franze o sobrolho.

– Eu amo-te, Polly.

Será que isso ainda é sequer verdade? Antes, amava-me. Antes de eu enlouquecer. Desde então, não olha para mim da mesma forma. Não olha para mim como se eu fosse o ser humano mais maravilhoso que alguma vez conheceu, seguramente. Agora, continuamos juntos por hábito. Competia-me a mim completar a nossa família e falhei redondamente.

– Eu também te amo – digo, porque não se irá embora enquanto não o fizer.

O Hank decide confiar em mim. Os seus passos desaparecem ao fundo do corredor. Por enquanto, tem medo de me deixar sozinha, mas não pode ficar aqui para sempre. Acabará por ter de sair de casa. E é disso que estou à espera.

Prometi-lhe que ia resolver isto. E vou cumprir essa promessa.

60

PTEGAN -ODIA TER MORRIDO.

A cirurgiã ortopédica, a doutora Tewari, é incrivelmente direta. Passou os últimos minutos junto à minha cama, com a sua bata cirúrgica verde amarrotada, a explicar o que já fez e o que ainda falta fazer e a encher-me de medo. Mas vejo nos seus olhos castanhos que está a falar a sério.

– Sim – murmuro. – Eu sei.

Cuidadosamente, ajeito o monitor preso à barriga para garantir que a *Pequena Atum* está bem lá dentro. Alguém lá fora, na Maternidade, está a monitorizar a sua frequência cardíaca e consigo ver no ecrã junto à cama que estabilizou nos 120 batimentos por minuto. Depois de me terem dado soro por via intravenosa, tanto eu como a *Atum* sentimo-nos muito melhor. Neste momento, também tenho antibióticos intravenosos a entrar-me pelo outro braço. Deram-me ainda uma dose de morfina leve para aliviar as dores. Sinto-me um pouco como uma almofada de alfinetes, mas estou profundamente agradecida por todos os cuidados que me prestaram desde que aqui estou.

Acho que vamos ficar bem, mamã.

– Lavámos-lhe a ferida no pé – explica a doutora Tewari. – Estava gravemente infetada e tem também uma fratura trimaleolar no tornozelo…

Fala durante algum tempo sobre a fratura no tornozelo, mas o que não sei ao certo e tenho demasiado medo de perguntar é se acha que vou perder o pé. Tinha um aspeto tão horrível esta manhã e, apesar de estar agora embrulhado numa espessa camada de gaze, de certeza que ainda está parecido, e continuo quase sem o sentir. Pior, *ouvi* alguém à porta do meu quarto de hospital dizer algo do género de «pode perder aquele pé». Por isso, não me estou propriamente a preocupar sem razão.

Oxalá ela me dissesse, mas também tenho demasiado medo de ouvir a resposta. Em todo o caso, tenho de me focar na *Pequena Atum* agora. Desde que ela esteja bem, nada mais importa.

– Além disso – diz a doutora Tewari, em voz baixa –, a polícia quer falar consigo.

A afirmação desperta-me do meu torpor. Olho para a médica.

– Quer?

Devem ter descoberto que a Polly e o Hank me tinham refém. Mal posso esperar para lhes contar tudo o que aqueles dois me fizeram. Sinceramente,

sinto-me doente só de pensar nisso. Se me tivessem trazido ao hospital logo no início, nunca teria ficado tão doente. Se perder o pé, será culpa deles. Se algo acontecer à *Atum*, também será culpa deles.

– Sim – diz a médica. – O agente disse que alguém sabotou o seu carro antes do acidente.

O quê?

Pensava que não me podia sentir pior do que neste momento, mas cá estamos. Alguém *sabotou o meu carro* e provocou o acidente? Como pode ser? Quem haveria de fazer algo assim?

É uma pergunta estúpida, claro. Sei exatamente quem faria algo assim. Um homem que não queria que eu fosse à polícia. Um homem que teria ficado feliz se eu tivesse morrido naquele acidente. Se a minha bebé tivesse morrido.

– Disse-lhes que não está em condições neste momento, ainda assim – continua a doutora Tewari. – Mandei-os embora por agora, mas pode falar com eles quando se sentir pronta.

Tenho a certeza de que preciso de falar com a polícia. Depois de falarmos do carro, contar-lhes-ei tudo sobre o casal que me manteve refém durante quatro noites. Apesar de ter tido pena do Hank quando me falou dos problemas de saúde mental da mulher, isso não importa. Ela quase me matou, a mim e à minha bebé. Devia ser presa para sempre. E o marido também, por a ter permitido fazê-lo.

– Mas tem cá um familiar a pedir para a ver – diz-me a doutora Tewari. – Se se sentir capaz. Diz que é seu irmão.

Não vejo nenhum rosto conhecido desde que cheguei ao hospital e o meu coração dá um salto quando imagino o Dennis lá fora, a pedir para me ver.

– Mande-o entrar, por favor.

Quando o meu irmão espreita com a cabeça para dentro do quarto e bate suavemente à porta aberta, quase desato a chorar.

– Teggie?

– Dennis! – E agora choro mesmo. O que aconteceu nos últimos dias foi simplesmente demasiado. Demasiado horrível para descrever. – Estás aqui!

– É claro que estou. – Está com péssimo aspeto. Tem sombras negras debaixo dos olhos e uma barba cor de areia de alguns dias no queixo. Tem as unhas roídas até ao sabugo, como é costume quando fica ansioso com alguma coisa. – Vim cá todos os dias desde que encontraram o teu carro, para te procurar e importunar a polícia para se despacharem e te encontrarem.

– Sim. – Limpo as lágrimas dos olhos. – Foram uns dias difíceis.

Ele deixa-se cair na cadeira junto à minha cama.

– Onde é que *estavas*?

– Eu…

Quero contar-lhe a história toda, mas não consigo. É demasiado horrível e humilhante. *Um casal prendeu-me numa cama de hospital na sua cave e não me deixava ir embora.* Mesmo depois do trauma do que o Simon Lamar me fez, quando fecho os olhos, é esse quarto na cave que vejo. Tenho medo de adormecer porque sei que vou ter pesadelos com ele.

Vou guardar isso tudo para a polícia.

– Teggie? – Pega-me na mão e dou-me conta de que devo estar gelada, porque ele está muito mais quente. – Estás bem?

Só consigo abanar a cabeça em negação.

– Falamos sobre isso quando estiveres pronta. – Aperta-me a mão. – Além disso, devias saber que está um homem chamado Jackson Bruckner na sala de espera a pedir para falar contigo. Diz que é teu amigo.

Surpreende-me ouvir isso.

– O Jackson está aqui?

O Dennis assente.

– Chegou logo a seguir a mim. É teu… namorado?

Estremeço ao recordar as minhas fantasias completamente inapropriadas com o Jackson antes de saber quem ele realmente era.

– De todo. Estava a ajudar-me com o contrato com o Simon Lamar. E não o quero ver.

Subitamente, sinto-me completamente exausta. O Dennis não faz ideia de que o Simon me violou. Tenho de lhe contar tudo, mas não é este o momento. Emocionalmente, estou demasiado esgotada e ainda me sinto péssima a nível físico. Daqui a alguns dias, talvez nos possamos sentar os dois e lhe possa explicar porque recusei todo aquele dinheiro. De certeza que ainda estarei no hospital por essa altura.

Oh, meu Deus, como vou conseguir pagar a hospitalização? E o parto? E o resto da minha vida?

Uma súbita contração aperta-me a barriga e traz-me as lágrimas aos olhos. Pela primeira vez, arrependo-me de não ter simplesmente mentido e fingido que o Simon nunca me fez o que fez.

61

POLLY

O Hank esvaziou o armário dos medicamentos enquanto fui à farmácia. Desapareceu tudo. Todos os frascos de comprimidos foram retirados, guardados em parte incerta. Até a lâmina que uso para depilar as pernas levou, bem como a tesoura que costumava utilizar para aparar a barba antes de a deixar crescer à vontade.

É óbvio que levou a minha ameaça de suicídio a sério.

Porém, neste momento, o verdadeiro perigo não é a possibilidade de eu pôr termo à minha vida. Raptámos uma mulher. Se ainda estiver viva, o que não é um dado adquirido, vai seguramente contar à polícia tudo o que lhe fizemos, se é que já não o fez. Quase de certeza que iremos os dois para a prisão por isto.

A menos que faça algo em relação a isso.

Como prometido, o Hank não sai de casa. Não só isso como, de hora a hora, vem ao andar de cima bater à porta do quarto. Quando não respondo de imediato, chama o meu nome. Aí tenho mesmo de responder, porque, caso contrário, ele deita a porta abaixo.

A minha oportunidade surge ao início da noite, quando o Hank sai para o quintal para rachar mais lenha.

Sabia que o ia fazer. Gastámos a maior parte da nossa lenha durante a tempestade e usamos a lareira à noite, em vez do aquecimento, para poupar dinheiro. Presume que vou descer para jantar e quer ter a lareira acesa.

Mal sabe ele que já não estarei aqui quando me vier buscar para jantar.

Tenho um intervalo de tempo muito curto para fazer isto. Costumava trabalhar no hospital Roosevelt Memorial, por isso sei que a mudança de turno é às sete. A mudança de turno é quando a equipa de Enfermagem do turno do dia transfere toda a informação dos pacientes para os enfermeiros que chegam para o turno da noite. Quando isso acontece, há cerca de trinta minutos de caos.

Os enfermeiros estão absortos na conversa e não há medicação para distribuir. É uma curta janela de tempo em que quase tudo pode acontecer.

Essa janela será a minha oportunidade.

Vasculho a gaveta do fundo da cómoda do quarto, onde guardo as batas cirúrgicas. Costumava vesti-las todos os dias para ir para o trabalho, mas agora estão apenas no fundo da gaveta, cuidadosamente dobradas, a gozar comigo. Escolho um conjunto às flores desinteressante do cimo da gaveta e visto-o. Enrolo a trança sobre si mesma até formar um puxo impecável. Então olho para o meu reflexo no espelho do quarto.

Estou tal qual com o aspeto com que costumava ir para o trabalho todos os dias. Antes de ter ido tudo pelo cano abaixo.

Desço os degraus até à cozinha, pisando-os o mais silenciosamente possível para que o Hank não dê por mim. Mas não – está distraído a rachar lenha no quintal. Vejo-o vagamente pela janela das traseiras, só em camisa de flanela, apesar do frio, porque transpira sempre ao rachar lenha. A visão do meu marido grande e forte a rachar lenha no quintal é-me tão familiar como o meu próprio rosto – fez isto todos os invernos desde que nos casámos. Sempre se assegurou de que não ficávamos sem lenha para a lareira. De que nos mantínhamos sempre quentes.

Viro costas à janela. Está na altura de ir.

Ocorre-me que não cheguei a levar o almoço à Sadie hoje. Começo a pegar no papel de alumínio para lhe fazer uma sanduíche rápida para deixar à sua porta ao sair, mas depois vejo pela janela que a carrinha do Mitch está na entrada da casa deles. Se ele está em casa, tenho de me manter afastada.

Demoro-me mais alguns segundos junto à bancada da cozinha. O Hank pilhou a casa de banho, mas estupidamente deixou para trás todas as facas de cozinha. Pouso o olhar numa tesoura de cozinha que temos no bloco de facas. Tiro-a do bloco, testando o seu peso. De seguida, meto-a no bolso das calças da bata cirúrgica.

Espero que a Sadie fique bem sem mim. Porque, depois disto, não sei se alguma vez vou voltar para casa.

62

TEGAN

O Dennis ausenta-se para ir buscar qualquer coisa para comer à cafetaria antes que feche. Não quero que vá, mas, ao mesmo tempo, estou exausta. Posso dormir uma sesta enquanto ele vai comer.

Quando os meus olhos se começam a fechar, a porta do quarto de hospital entreabre-se. Subitamente, estou de novo completamente alerta.

– Olá? – digo. Pergunto-me se é a enfermeira com mais analgésicos. Não que possa tomar muitos enquanto estiver grávida.

Mas não é a enfermeira. É o *Jackson*.

Ao contrário do meu irmão, que tem ar de quem dormiu os últimos três dias com a roupa que traz vestida, o Jackson está de camisa branca lavada e gravata e tem o cabelo preto relativamente arranjado, tendo em conta que já estamos no fim de um longo dia. Só os seus olhos parecem ligeiramente raiados de sangue atrás dos óculos grossos. Varre-me com o olhar, da barriga intumescida até ao pé e ao tornozelo cobertos de gaze, e os seus olhos arregalam-se um pouco, apesar de dar para ver que está a tentar disfarçar a sua reação. Deve ser chocante quão horrível estou.

– Como estás? – pergunta rigidamente.

A pergunta mexe-me com os nervos. Não posso acreditar que a enfermeira o deixou entrar.

– Estou absolutamente maravilhosa.

Tem o bom senso de parecer envergonhado.

– Eu sei. Desculpa. Mas fico feliz por estares bem.

Será que fica? *O agente disse que alguém sabotou o seu carro antes do acidente.* Quem teria motivos para sabotar o meu carro? O Simon, claro. Mas jamais o faria pessoalmente. Arranjaria alguém para o fazer. Um lacaio que passou os últimos meses a viajar para *lidar* com a rapariga que o chefe dele engravidou.

– Escuta. – Deixa-se cair na cadeira junto à minha cama. – Precisamos de falar.

Está desconfortavelmente perto da minha cama. Será que a enfermeira o deixou mesmo entrar? Fui clara quando disse que não queria outras visitas além do meu irmão. Mas tive oportunidade de conhecer bastante bem o Jackson nos últimos tempos. É um sacana por não ter acreditado no que lhe contei sobre o Simon, mas não consigo genuinamente imaginá-lo a fazer mal a alguém.

O agente disse que alguém sabotou o seu carro antes do acidente.

– Estou demasiado cansada para falar – digo. – Eu… preferia que saísses.

– Eu sou rápido – promete.

– Jackson…

– Não, deixa-me dizer isto. – Fixa o olhar em mim. – No outro dia, quando disseste aquelas coisas sobre o Simon e o que ele te fez, fiquei muito surpreendido. O meu trabalho é protegê-lo, sabes?

– Ahã…

– E lidei pessimamente com isso. – Franze as sobrancelhas castanho-claras. – Sempre ouvi histórias sobre mulheres que tiveram a coragem de ser sinceras sobre o que lhes aconteceu. Foi o que tu fizeste e eu reagi da pior forma possível. Pior, encobri o Simon. Estou muito envergonhado com o meu comportamento.

– Estás? – Franzo o sobrolho.

– A sério que estou. – Fixa os olhos em mim. Será imaginação minha ou tem as pupilas dilatadas? Subitamente, os seus olhos parecem mais escuros do que o habitual. – Lamento muito que as coisas tenham corrido assim, Tegan. A sério. Tu, mais do que ninguém, não mereces.

O Jackson está a começar a deixar-me muito nervosa. Não sei porquê, mas parece-me que algo não está certo aqui. O seu pedido de desculpas parece deslocado, de algum modo. Quer dizer, é difícil acreditar que está arrependido depois do que me disse. Oxalá o Dennis se despachasse a voltar da cafetaria.

Não está ninguém à porta do quarto, tanto quanto vejo. Primo o botão vermelho para chamar a enfermeira. Da última vez que o fiz, ela veio quase de imediato. Mas não parece estar ninguém lá fora agora.

– Chamaste a enfermeira? – pergunta o Jackson. Raios, não me apercebi de que ele me tinha visto a fazê-lo. – Estão a mudar de turno agora mesmo. Duvido que venha alguém para já. – Hesita. – Somos só nós.

– Oh… – Acho que vou vomitar.

– Mas posso ajudar-te. – Tem um brilho nos olhos que me causa um arrepio na espinha. – Diz-me, Tegan. Do que precisas?

– De nada – apresso-me a dizer. – Estou bem.

– Mas premiste o botão para chamar a enfermeira.

– Foi sem querer.

Por um momento, o Jackson fica a pensar nas minhas palavras. Lança um olhar à porta para confirmar que ainda estamos sozinhos aqui. Estamos.

– Escuta, Tegan…

Mexo-me na cama.

– Jackson… Eu… estou muito cansada…

– De certeza que sim. – Chega-se mais perto de mim. Dema-siado. Sinto o cheiro do seu *aftershave*. Um aroma mentolado, muito diferente da água-de-colónia do Simon. – Mas há algo que precisas de saber…

63

POLLY

Desde o dia do *Incidente* que não punha os pés no hospital Roosevelt Memorial.

Foi tão humilhante. Nem fiz nada assim tão mau. Não é como se fosse fazer mal àquele recém-nascido. Sabia que não podia *ir* a lado nenhum com ele. Estava só com ele ao *colo*. E ia *acabar* por o devolver. Só queria segurá-lo um pouco mais.

Não precisava de ser posta na rua pelos seguranças.

Hoje, quando entro no hospital, deixo o casaco no carro, para que todos possam ver a bata cirúrgica, e tenho o meu antigo crachá. Confiscaram-me o que usava no último dia de trabalho, mas tenho um a mais de quando achei que o tinha perdido e pedi à segurança para me fazer um novo. Não me dará acesso às salas médicas, mas não preciso dele para isso. É só para as aparências.

Na verdade, quase nem preciso dele. O segurança mal levanta o olhar quando passo por ele. Ainda não acabou o horário de visita. Tiro uma máscara cirúrgica da receção para cobrir o rosto, pelo sim, pelo não.

Marcho resolutamente em direção aos elevadores. Consulto a lista na parede para confirmar que a Maternidade continua a ser no terceiro andar e espero pacientemente que o elevador chegue. Está um homem ao meu lado, mais ou menos da minha idade, com um elefante de peluche numa mão e uma caixa de chocolates na outra. Vê-me a olhar para o que traz e sorri.

– A minha mulher acabou de dar à luz o nosso primeiro filho – declara, com um laivo de orgulho. – Sei que o bebé é demasiado pequeno para apreciar isto, mas… Bem, a minha mulher vai gostar dos chocolates.

Os meus lábios parecem borracha ao tentar retribuir-lhe o sorriso.

– De certeza que sim.

Pergunto-me o que me teria o Hank trazido se eu alguma vez tivesse

conseguido engravidar. Imagino-o a vaguear pelos corredores do supermercado, tentando escolher um mimo que me agradasse. E depois a parar numa loja de brinquedos. Qualquer animal de peluche que comprasse teria certamente um boné de basebol.

Agora, nada disso vai acontecer.

As portas do elevador abrem-se. O homem ao meu lado é um cavalheiro e faz-me sinal para entrar primeiro. Os meus olhos marejam-se de lágrimas enquanto primo o botão do terceiro andar e o elevador começa lentamente a subir. Levo a mão ao bolso da bata e, num gesto tranquilizador, fecho os dedos sobre as pegas da tesoura que garantirá que a Tegan nunca contará a ninguém o que lhe fizemos.

Em breve, tudo terá terminado. Não terei de sorrir e de fingir que fico feliz quando as pessoas têm bebés. Não terei de ver o Hank fingir que está contente com a vida a que está preso por minha causa. Pode ter o novo começo que merece.

O Hank vai ficar desesperado quando vir que o quarto está vazio e que o *Ford Bronco* não está na entrada. Vai correr a casa à minha procura. Depois, saltará para a carrinha e começará às voltas, a tentar encontrar-me. Finalmente, lembrar-se-á de vir aqui.

Mas, por essa altura, já será demasiado tarde.

64

TTEGAN -EGGIE? ESTÁS BEM?

O que quer que o Jackson me estivesse prestes a dizer ou a fazer é interrompido quando o Dennis aparece à porta do quarto. O Jackson vira a cabeça para olhar para o meu irmão e lança-lhe um olhar venenoso.

– Eu e a Tegan estávamos a conversar – diz, irritado.

– Na verdade, já tínhamos acabado. – Lanço um olhar ao Dennis para lhe indicar que preciso que tire o Jackson do quarto o mais rapidamente possível. – E estou muito cansada.

O queixo barbeado do Jackson contrai-se.

– Tegan…

– A Tegan teve um longo dia, Jackson – diz-lhe o Dennis, com um olhar duro. – Está na hora de ires andando. Seja qual for o assunto, podem falar amanhã.

Por um momento, temo que o Jackson se possa recusar a sair e que as coisas fiquem feias entre ele e o meu irmão. Fico aliviada por o Dennis ter chegado para me defender – depois de tudo o que aconteceu, é bom ter alguém do meu lado. Mas então o Jackson ergue-se da cadeira e lança-me um último olhar demorado.

– Temos de falar amanhã, Tegan – diz. – Bem cedo.

Só sei que não lhe vou dar outra oportunidade de estar a sós comigo no quarto.

Finalmente, o Jackson vira-se e sai pesadamente do quarto. Esperava que a tensão que sentia aliviasse com a sua saída, mas, por alguma razão, continuo a sentir uma inquietude persistente, como se ainda houvesse perigo no horizonte. Levo uma mão à barriga e a *Pequena Atum* dá-me um pontapé tranquilizador.

– Credo – diz o Dennis, instalando-se de novo na cadeira que o Jackson desocupou. – Qual era o problema *dele*?

Nunca foram ditas palavras tão verdadeiras. Mas o mais estranho é que quase me pareceu que os dois já se conheciam. O Dennis até tratou o Jackson pelo nome. O que é muito estranho, como é que se poderiam conhecer? Nunca referi o Jackson nas conversas com o Dennis e antes ele agiu como se não soubesse quem era.

– Se aquele advogado voltar – acrescenta –, farei questão de lhe dizer que não o queres ver.

Anuo, apesar de subitamente já não ter assim tanta certeza. Quando o Jackson estava junto à minha cama, queria que se fosse embora. Mas havia algo que ele me queria dizer. E a expressão nos seus olhos – não era ameaçadora. Era outra coisa.

Era medo.

– Estás bem? – pergunta o Dennis, pelo que parece ser a milionésima vez.

Contorço-me no colchão, tentando ficar confortável, o que é quase impossível, com o tornozelo partido e a barriga gigante.

– Estas dores são horríveis.

– Pois, eu sei. – Franze o sobrolho. – Parti a perna em três sítios quando tive aquele acidente de viação. Lembras-te?

– Claro que me lembro. – Fiquei tão preocupada com o Dennis quando recebi a chamada sobre o acidente. Era a única família que ainda tinha e não suportava a ideia de o perder. Odeio tê-lo sujeitado a muito pior do que eu passei nos últimos dias. – E as circunstâncias também foram parecidas, não foi? Uma estrada gelada?

Ele assente e o seu olhar parece distante por um momento.

– Certo. Tinha havido uma tempestade de neve na noite anterior, mas aquele tipo com quem namoravas, o Brian, acho eu, tinha acabado contigo e estavas tão histérica ao telefone que tive de ir.

Lembro-me de o Brian ter acabado comigo, mas não pedi ao Dennis para fazer a viagem – foi ele que insistiu. Sinto uma ligeira tensão na sua voz agora, como se estivesse zangado comigo por o ter obrigado a conduzir durante uma tempestade de neve.

Não me culpa por esse acidente, pois não? É certo que lhe acabou com a carreira de esquiador profissional de um dia para o outro, mas sempre pareceu feliz com a sua vida como instrutor de *ski*. Não é como o pai, que era obcecado pela carreira e nunca ficava satisfeito com o seu sucesso. E, quando falhou, isso matou-o. O Dennis é diferente. Está contente com o que tem e importa-se mais comigo do que com qualquer outra coisa.

– Não seria assim tão mau – digo – se tivesse forma de pagar isto tudo.

– E o teu seguro?

Olho para o sistema de soro a verter-me medicação para a veia.

– O meu seguro é péssimo.

– E o dinheiro do Lamar?

Apesar de tudo, sinto uma vaga de irritação. Nunca disse ao Dennis o que o

Simon me fez, mas expliquei-lhe de forma inequívoca que não ia aceitar esse dinheiro.

– Não posso aceitar esse dinheiro, já te disse.

– Sim, mas as circunstâncias mudaram. – Lança um olhar contundente ao tornozelo partido. – Talvez devesses reconsiderar.

Tem alguma razão. As coisas já eram más antes do acidente, mas agora a situação é muito pior. Sabe Deus quanto tempo ficarei sem conseguir trabalhar por causa do tornozelo partido e da infeção. Estou a afundar-me mais do que nunca neste buraco.

E, apesar de o Simon ter rasgado aquele contrato, tenho um pressentimento de que, se eu o voltasse a considerar, estaria mais do que disposto a redigir um novo para eu assinar.

Só que isso não vai acontecer. Nem pensar. Não vou aceitar dinheiro desse homem para me calar. Fez-me algo terrível e não vou manter a boca fechada e deixar que o faça a outras raparigas.

– Não – digo, com um vigor que me surpreende. – Não vou aceitar o dinheiro dele. Nunca.

O Dennis abre a boca, como se fosse discutir comigo, mas então fecha-a e deixa descair os ombros. Sinto-me culpada por ser a ele que vou ter de recorrer para me ajudar depois de a bebé chegar, mas ele estará lá para mim. Sempre esteve.

– Enfim – diz –, não penses nisso agora. Já sofreste que chegue e pareces exausta.

Quanto a isso tem razão. Passei por demasiado nos últimos dias e, apesar de só ter dito que estava cansada para me livrar do Jackson, as pálpebras começam subitamente a pesar-me como chumbo. Agora que a dor está mais controlada, posso ter uma noite de sono decente pela primeira vez nos últimos dias.

– Devias dormir uma sesta – diz-me o Dennis. – Estás segura agora. Já não há nada com que precises de te preocupar.

– Talvez faça isso – murmuro. – Só por um bocadinho… só para…

E, antes que possa sequer terminar a frase, os meus olhos fecham-se.

O POLLY HOMEM COM OS CHOCOLATES E O URSINHO DE PELUCHE CHEGA-SE PARA O LADO PARA ME DEIXAR SAIR PRIMEIRO DO ELEVADOR. MAS, ENQUANTO SE DIRIGE À MATERNIDADE, DEIXO-ME FICAR PARA TRÁS. SINTO O ESTÔMAGO ÀS VOLTAS E ACHO QUE VOU VOMITAR.

Estou a perder a coragem.

Mas não posso. Se a Tegan contar à polícia o que eu e o Hank lhe fizemos, está tudo acabado. É a única maneira. Não me posso salvar, mas posso salvar o Hank.

Quando estou prestes a dirigir-me à Maternidade, um homem alto e magro de óculos grossos e fato amarrotado passa por mim, batendo com o ombro no meu. Ia absorto em qualquer coisa no telemóvel e, quando colide contra mim, ergue o olhar, surpreendido.

– Desculpe – murmura, apesar de voltar logo a olhar para o ecrã.

O meu telemóvel vibra dentro do bolso. Tiro-o. Como seria de prever, tenho uma mensagem do Hank, que deve ter acabado de rachar lenha e dado pelo meu desaparecimento: *Onde estás?*

E passado um segundo: *Não estás no quarto. Para onde foste?*

E então:

Por favor, volta já para casa!!!

Quero responder-lhe. Quero dizer-lhe que lamento o que vou fazer, mas é a única maneira de o salvar.

Mas, se escrever algo, ele vai passar-se. Por isso, volto a pôr o telemóvel no bolso.

Adeus, Hank.

Está na hora de fazer isto.

Mantenho a mão no bolso, apertada sobre a tesoura. Com a bata cirúrgica e o crachá de identificação ao peito, sei que ninguém me deterá. Vou direta à Maternidade e, tal como esperava, os enfermeiros estão reunidos, a passar as suas incumbências do turno do dia para o turno da noite. Ninguém me questiona,

porque pareço pertencer aqui. Fundo-me com o cenário. Sou invisível.

Não há nomes nas portas, mas sei que têm uma lista de quem está em cada quarto no posto de Enfermagem. Tão descontraída quanto consigo, esgueiro-me até lá e encontro a lista em cima do teclado de um dos computadores.

Werner. Quarto 308.

É tal a força com que aperto a tesoura no bolso que sinto as pontas dos dedos a formigar. De forma energética e resoluta, desço o corredor. Passo pelo quarto 301, pelo 302, pelo 303…

Vou mesmo fazer isto? Será que sou realmente capaz de fazer mal a outro ser humano? Nem lhe consegui partir a rótula e isto é muito, muito pior. Mas é a única forma de proteger o meu marido de problemas.

304, 305, 306…

O meu telemóvel começa a tocar. O Hank está a ligar-me. Tiro-o do bolso e primo um botão para rejeitar a chamada. De seguida, ponho-o em silêncio.

307, 308…

E aqui estou eu.

Vejo-a de imediato. A Tegan. Deitada na cama de hospital, com o cabelo louro frouxamente caído à volta do rosto. Vejo a sua barriga e o tornozelo esquerdo embrulhado numa generosa camada de gaze branca. Tem os olhos fechados e dorme profundamente, o que tornará isto muito mais fácil.

Então, dou-me conta de que não está sozinha no quarto. Está um homem junto à sua cama. Tardo um segundo a reconhecê-lo como o homem que apareceu em minha casa à procura dela. O que disse ser irmão dela.

Só que não está apenas a visitar a Tegan. Passa-se algo mais neste quarto.

O homem tem uma seringa na mão. Está a tentar ligá-la ao sistema de soro da Tegan, mas de forma um pouco trapalhona. Posso não trabalhar como enfermeira há anos, mas duvido muito que as regras tenham mudado ao ponto de um familiar qualquer poder injetar o que quiser no sistema intravenoso de uma paciente. Este homem não tem boas intenções.

Paro à porta, petrificada. O irmão da Tegan está a tentar fazer-lhe mal. Vim aqui para a impedir de nos entregar à polícia, a mim e ao Hank, mas este homem está a fazer o trabalho por mim. Se recuar, todo este pesadelo acabará.

– O que está a fazer? – pergunto de súbito.

O homem ergue a cabeça e olha na minha direção. Arregala os olhos quando me vê. Deixa cair o sistema de soro, que começa a vazar fluido. Mete a seringa no bolso.

– Desculpe – diz. – O horário de visita já acabou?

Solto a tesoura no bolso e pouso as mãos nas ancas.

– Perguntei-lhe o que estava a fazer.

O irmão da Tegan abre a boca. Apesar de o reconhecer de quando foi a minha casa, é improvável que me consiga identificar de bata e máscara cirúrgicas. De certeza que acha que sou só uma das enfermeiras do bloco. Espero para ver que história inventará sobre o que ainda agora estava a tentar fazer. Mas, em vez disso, ele surpreende-me. Desata a fugir e quase me derruba no seu desespero por sair do quarto.

A Tegan entreabre os olhos perante o alvoroço. Por um segundo, os nossos olhares cruzam-se.

– Polly! – grita ela.

Não tenho tempo para lidar com ela agora. Dou meia-volta e corro atrás do homem, que já leva um avanço considerável.

– Parem-no! – grito.

Os meus ténis batem contra o chão de linóleo enquanto todo o pessoal se vira para ver. Alguns começam a mover-se, mas sou eu quem está na dianteira. Depende de mim – tenho de travar aquele homem. É só nisso que consigo pensar.

Não sou suficientemente rápida para o apanhar, mas consigo enfiar os dedos na parte de trás da gola do seu blusão de *ski*. Não o pára, mas fá-lo tropeçar e desequilibrar-se, levando um segundo a endireitar-se novamente. O desconhecido que vi antes – o dos óculos grossos – está à espera junto ao elevador e aproxima-se a correr ao ver a perseguição. Sem hesitar, agarra no irmão da Tegan e atira-o com força contra a parede, imobilizando-o com o cotovelo no pescoço. É mais forte do que parece.

Por cima do ombro, o desconhecido olha para mim enquanto o irmão da Tegan se retorce debaixo do seu aperto, tentando respirar.

– O que é que ele fez? – pergunta.

– Estava a tentar injetar-lhe qualquer coisa no sistema intravenoso – digo, ofegante.

O desconhecido de óculos nem parece surpreendido.

– Eu *sabia*! – oiço-o silvar ao ouvido do homem. – Sabia que tinhas sido tu, seu filho da mãe!

Um segurança junta-se a eles e explico-lhe rapidamente a situação. Como pareço uma enfermeira, tudo o que digo é levado muito a sério. O segurança

assente, como se isto nem fosse a coisa mais louca que viu hoje. Quase acredito nisso.

Então, tira a seringa do bolso do homem. Pergunto-me o que continha. Nada de bom, desconfio.

– Obrigada, Polly – diz-me o segurança, quando acabo de lhe contar toda a história.

Abro a boca, chocada por ele saber o meu nome. Então lembro-me. Ainda tenho o crachá de identificação.

– Oh – digo apenas.

Tenho de sair daqui. É só uma questão de tempo até descobrirem que não trabalho realmente cá como enfermeira. E, se alguém se lembrar do que fiz há dois anos, não vai correr nada bem para mim. Posso acabar por ir para a prisão juntamente com o irmão da Tegan. Por isso, assim que o segurança vira a cabeça, esgueiro-me o mais discretamente que posso.

Vim aqui para matar a Tegan Werner, para a impedir de mandar o meu marido para a prisão. Mas a verdade é que jamais o conseguiria fazer. Parece que não sou capaz disso, afinal.

Por isso, salvei-lhe antes a vida.

66

TEGAN

O Jackson tem de me explicar cinco vezes e, mesmo assim, não consigo entender.

– Lamento muito, Tegan – diz repetidamente. – Sei que isto é a última coisa de que precisas neste momento.

Deixei a polícia entrar no quarto. Bem, *um* polícia. Está cá um detetive chamado Maxwell, que é quem tem investigado o acidente de viação. E acontece que também tem andado a investigar o Simon Lamar.

– Encontrámos um homem a quem o Lamar pagou para alterar o piso dos seus pneus na véspera do acidente – conta-me o detetive Maxwell. – Sabiam que assim os pneus não conseguiriam manter a tração numa tempestade de neve e foi por isso que o seu irmão sugeriu que o fosse visitar.

– Mas porque haveria o Dennis de… – Mal consigo dizer as palavras. Durante muito tempo, o meu irmão foi tudo para mim. Porque me faria ele algo assim?

– O seu irmão e o Lamar eram sócios – explica Maxwell. – O Lamar ia financiar um monte de novas estâncias de *ski* ao seu irmão. Era um negócio enorme para ele. E o Lamar deixou bem claro que, se a Tegan fosse à polícia, o acordo não aconteceria.

Realmente, foi durante uma visita ao meu irmão na estância onde trabalha que conheci o Simon Lamar num bar. Aparentemente, tinha acabado de sair de uma reunião com o Dennis.

Sempre vi o meu irmão como um homem descontraído, feliz com a sua carreira de instrutor de *ski*, mas parece que tinha mais em comum com o nosso pai do que eu julgava. Quando se apercebeu de que o negócio que tinha preparado lhe estava prestes a fugir por entre os dedos, decidiu fazer o que fosse preciso para que resultasse.

Ao que parece, o Dennis nunca aceitou tão bem quanto eu pensava ter perdido a oportunidade de se tornar profissional. Nunca me apercebi de que me culpava pelo acidente de viação que o incapacitou. Custa-me pensar no ressentimento que sentiu durante tantos anos.

O Jackson pousa-me a mão no ombro.

– Estava a tentar dizer-te, mas depois aquele sacana voltou. Não pensei que fosse capaz de tentar fazer alguma coisa enquanto ainda estivesses no hospital, senão nunca te teria deixado sozinha. – Fecha os olhos com força. – Nunca te devia ter deixado. Peço imensa desculpa, Tegan.

– Não foi culpa tua – digo-lhe, e estou a falar a sério. Fui eu quem o mandou embora.

– Estava a falar a sério antes – continua o Jackson. – Estou tão envergonhado e arrependido da minha reação quando me contaste o que o Simon te fez. Eu… nem conseguia acreditar que te tinha dito aquelas coisas todas. Depois de ir embora do teu apartamento, entrei em contacto com outra mulher a quem sabia que o Simon tinha pago e descobri que a história era a mesma. Também a drogou, mas ela aceitou o dinheiro para se calar. – Estremece. – Quando te liguei, mesmo antes do acidente, quando a rede estava má, estava a tentar dizer-te que te queria ajudar e que ia à polícia para lhes dizer o que sabia sobre o Simon. Queria apoiar-te quando fosses apresentar queixa e garantir que ele nunca mais voltaria a fazer nada do género.

– Bem – diz o detetive Maxwell –, não vai voltar a fazê-lo de certeza. Temos o Lamar sob custódia e tencionamos responsabilizá-lo por tudo o que fez.

Olho para o detetive.

– O que tinha aquela seringa?

– Achamos que era morfina. – Maxwell hesita. – Já lhe estavam a dar morfina, pelo que a dose letal poderia ser atribuída a um erro de Enfermagem.

Dose letal? O Jackson parece tão abalado como eu. Não consigo acreditar que o meu próprio irmão seria capaz de me fazer algo assim. Nunca me senti tão só em toda a minha vida.

Eu ainda estou aqui, mamã. Tens-me a mim!

É certo que ainda tenho a minha filha. A única bênção é que ela sobreviveu a isto tudo e continua bem.

– Estamos a tentar descobrir quem era aquela enfermeira que o deteve – diz o detetive Maxwell. – Estava à sua porta e impediu que o seu irmão lhe desse a morfina. Mas estava de máscara e os outros membros do pessoal não a

reconheceram.

Lembro-me do momento em que acordei. Da mulher à porta do quarto e daqueles olhos verdes a fitar-me por cima da máscara.

Polly.

A Polly esteve cá esta noite. Não sei qual foi o motivo para ter vindo, mas impediu o Dennis de me matar, a mim e à minha bebé. Odeio-a pelo que me fez, mas também compreendo que, se não fossem ela e Hank, estaria morta neste momento. Salvaram-me duas vezes. É só graças a ela que estou aqui agora. Estou em dívida para com ela.

Mas ainda não sei se será suficiente.

67

POLLY

A primeira coisa que vejo quando saio do hospital é aquela carrinha verde de caixa aberta familiar.

O Hank.

Quando me vê, salta do lugar do condutor, deixando a carrinha para trás, apesar de não estar em zona de estacionamento e de, daqui a trinta segundos, ir aparecer alguém para lhe dizer isso. Porém, neste momento, não se podia importar menos.

– Polly! – exclama. – O que fazes aqui?

Parece verdadeiramente assustado. Tem o gorro de lado e o casaco desapertado, de onde espreita a camisa de flanela com manchas de óleo. Quando chega junto de mim, agarra-me pelos ombros como se temesse que fosse fugir.

– Está tudo bem – digo-lhe. – Juro.

– Mas… – Os seus olhos dardejam pela entrada do hospital. – Porque é que aqui estão tantos carros da polícia?

– Não te preocupes. Não foi por mim que vieram.

Estuda-me o rosto, sem saber se deve acreditar em mim.

– Juro – repito. – Posso ir-me embora. Mas tenho o carro no parque de estacionamento.

– Deixa-o ficar esta noite – diz. – Vamos para casa na carrinha.

Não o posso culpar por não me querer perder de vista. Verdade seja dita, não me entusiasma a ideia de regressar a pé para o carro sem o casaco. Assim, subo obedientemente para o lugar do passageiro da carrinha.

O Hank liga o motor e esfrego as mãos para me manter quente. A tesoura de cozinha espeta-se ligeiramente contra a minha coxa e faz-me estremecer, enquanto imagino uma realidade alternativa em que tinha avançado com o meu plano insensato. Nessa realidade, estaria morta ou a caminho da prisão em vez

de a caminho de casa numa carrinha quente com o meu marido. Ainda bem que estou a viver nesta realidade.

– Acho que tens razão – digo. – Devíamos marcar outra consulta com a doutora Salinsky.

O Hank olha para mim. Não diz nada, mas põe-me uma mão no joelho e aperta-o.

– Amo-te, Hank – acrescento.

– Eu também te amo, Polly. – A sua voz grave quebra. – Mais do que tudo.

Então, deito a cabeça no seu peito grande e largo e ele passa-me o braço pelos ombros, abraçando-me com força, como se tudo o que lhe importa estivesse aqui mesmo, no carro, no banco ao seu lado. Cada poro do seu corpo irradia amor por mim.

Um dia, a tua família estará completa.

Passei tantos anos da minha vida concentrada no filho que tanto queria. Mas o Hank é a minha família e deu-me mais amor do que o que teria recebido de uma dúzia de filhos. Foi preciso quase ter perdido tudo para perceber a sorte que realmente tenho.

Um ano após a sua morte, vejo finalmente a sabedoria nas palavras da minha mãe. Tenho o Hank, ele tem-me a mim e a nossa família está completa. Vamos para casa juntos para passarmos uma bela noite tranquila, só os dois.

– Vamos para casa – digo-lhe.

Ele assente e põe o carro em andamento.

Só que um serão tranquilo não é o que a noite nos reserva. Porque, depois de nos pormos a caminho de casa, vejo as luzes da polícia a piscar antes de chegarmos sequer à entrada de casa.

A Tegan contou-lhes o que fizemos. Está tudo perdido.

Vieram para nos levar, a mim e ao Hank, para a prisão.

O POLLY – QUE SE PASSA? – PERGUNTA O HANK, DE REPENTE.

Demoro um segundo a perceber que as luzes da polícia não estão à volta da nossa casa. A polícia está a cercar a casa do Mitch Hambly. Há imensos carros.

Oh, não. A Sadie.

Se o Mitch lhe fez mal, juro que vou dar bom uso à tesoura de cozinha que tenho no bolso.

Antes que o Hank me possa deter, salto da carrinha. Estou vestida de forma completamente inapropriada, sem casaco e só com uns ténis. Assim que piso a neve, fico com os pés molhados e frios. Mas continuo a avançar até chegar à outra casa, cujo perímetro a polícia circundou com fita amarela.

– Desculpe, minha senhora – diz um jovem agente, quando vê que me estou a aproximar da fita. – Vou ter de lhe pedir para recuar.

– Mas é o meu vizinho! – exclamo. Aponto para a nossa casa. – Vivo já ali.

– Lamento. Recomendo que vá para casa.

– Mas… a menina… está bem?

Contudo, o agente não me está a ouvir. Está a falar para um rádio da polícia.

Passado um segundo, o Hank aparece atrás de mim. Agarra-me no cotovelo enquanto o seu olhar dardeja pelo cenário diante de nós.

– Polly, isto é um caso de polícia. Não devíamos estar aqui.

– Mas e a Sadie? – Cruzo os braços sobre o peito. – Não saio daqui enquanto não me assegurar de que está bem.

Seria muito fácil para o Hank pegar em mim, pôr-me ao ombro e levar-me para casa. Em vez disso, despe o casaco pesado e pousa-o nos meus ombros.

– Veste isto antes que congeles.

– Não vais ter frio?

– Estás a brincar? Sabes que sou uma fornalha. – Porém, vejo os seus dentes a bater um pouco quando o diz.

– É demasiado grande – resmungo, mas aperto mais o casaco quente em meu redor. Cheira a óleo, a aparas de madeira e ao Hank.

Estico o pescoço para ver o que se passa. O agente está outra vez a falar para o rádio. Só consigo captar fragmentos do que diz. *Homem de quarenta e seis anos… contusão traumática na cabeça…*

Então, olho para a neve diante da casa. E vejo gotas carmesim.

– Hank! – Agarro na manga do meu marido. – Olha! Há sangue na neve.

O Hank empalidece ao ver para onde estou a apontar. Parece estar a decidir-se sobre algo e, finalmente, dirige-se à fita amarela e pigarreia alto. Vou a correr atrás.

– Desculpe – diz ao jovem agente. – Eu e a minha mulher vivemos na porta ao lado. Temos o direito de saber o que se passa no nosso quintal. Preciso de saber se estamos seguros.

O agente demora um momento a assimilar a figura de um metro e noventa e três do meu marido. Finalmente, responde: – Não há razões para preocupação, senhor. Parece que o seu vizinho estava bêbedo e deu uma queda feia dos degraus da frente, que o deixou inconsciente. Depois, sufocou com o rosto na neve.

O Mitch *morreu?* Sempre tive um pressentimento de que a bebida ia acabar com ele. Mas não contava que fosse tão cedo.

– E a filha pequena dele? – pergunto. – Está bem?

– Está bem, sim – garante-me o agente. – Vamos arranjar um lugar para ela.

– Mas não tem mais família…

– Não se preocupe, minha senhora. Temos tudo sob controlo.

O Hank passa-me o braço pelos ombros. Encosto a cabeça a ele e, enquanto sinto o seu coração bater contra mim, juro a mim mesma que, aconteça o que acontecer, me vou assegurar de que aquela menina fica em segurança.

69

T **TEGAN** *IA MARIE WERNER*.

Dois quilos e meio.

E absolutamente perfeita.

Embalo a minha filha recém-nascida nos braços, contemplando o seu rosto impossivelmente pequeno. Teve uma breve estadia nos Cuidados Intensivos Neonatais, mas deram-lhe alta para passar os dias no meu quarto de hospital, agora na Maternidade. Passo a maior parte do tempo só a olhar para ela e a pensar na sorte que tenho.

Afinal, estive perigosamente perto de a perder. Duas vezes.

Como pode um ser humano ser tão pequeno? O seu pé inteiro tem sensivelmente o tamanho de um dos meus dedos. O nariz é do tamanho de um botãozinho. E as suas pálpebras são finas como papel, quase translúcidas. Cada vez que respira, é como um pequeno milagre.

– Conseguiste, *Pequena Atum* – digo-lhe. Vai ser difícil fazer a transição de *Atum* para Tia. – Nasceste. É a coisa mais difícil que alguma vez terás de fazer. A partir daqui, é tudo fácil.

A Tia pisca-me os seus olhos azuis-claros. Não parece acreditar em mim, mas não faz mal, porque é mentira.

Desde que nasceu, já não a oiço falar na minha cabeça. A voz de bebé desapareceu por completo. Mas, quando olho para o seu rosto minúsculo, sei o que está a pensar. Apesar de o cordão umbilical ter sido cortado, continuamos a partilhar uma ligação que teremos para sempre.

Afinal, foi a única pessoa que esteve comigo naquela cave.

É difícil não pensar constantemente nos dias que passei na cave do Hank e da Polly, apesar de ter dito à polícia que não me lembro de nada, devido à pancada que levei na cabeça. É irónico que esteja a fingir não me lembrar de algo que guardarei comigo para o resto da vida. O detetive Maxwell deu-me o seu número de telemóvel pessoal e todos os dias pego uma dúzia de vezes no telemóvel para lhe ligar e contar o que aconteceu. Mas nunca faço a chamada. Ainda não dei a ninguém os seus nomes nem admiti o que me fizeram.

Batem à porta do quarto de hospital e sei quem é antes mesmo de ouvir a voz familiar atrás da porta.

– Tegan?

– Entra – digo.

Após uma breve hesitação, a porta abre-se e o Jackson aparece, como tem feito todos os dias desde que estou no hospital. Traz a camisa amarrotada do costume e os seus olhos parecem cansados atrás dos óculos. Mas tem um sorriso no rosto.

Não saí do hospital desde que fui internada com septicemia, e o Jackson tem sido praticamente o único a vir visitar-me. Os meus pais estão mortos, o pai da minha filha está na prisão, tal como o meu irmão, ambos a aguardar julgamento. Por isso, somos só eu e a Tia. Mas todas as noites o Jackson vem visitar-nos.

– Tegan – diz. – Como estás?

– Bem – respondo. – A Tia bebeu um biberão inteiro.

Sempre quis amamentar a minha filha, mas, com a quantidade de medicamentos que tenho a circular na corrente sanguínea, é mais seguro não o fazer. Mesmo assim, tento não me focar nisso. O que importa é que seja saudável e feliz.

– Trouxe-te uma coisa. – Puxa de um pequeno ursinho de peluche cor-de-rosa que tinha escondido atrás das costas. Ergue-o para mo mostrar. – O primeiro ursinho de peluche da Tia!

Rio-me porque o ursinho é quase do tamanho dela. Parece que todos os dias o Jackson aparece com uma nova surpresa para nós. Está desesperado por me compensar por não ter acreditado em mim quando lhe disse o que o Simon fez. Não sei como pude alguma vez ter pensado que seria capaz de me fazer mal.

– Além disso – continua, instalando-se na cadeira junto à cama –, estou a fazer preparativos para quando fores para casa.

– Preparativos?

Ele anui.

– Vais precisar de muita ajuda, visto que tens uma bebé e que ainda estás a sarar. Por isso, vou contratar um fisioterapeuta para ir ao teu apartamento todos os dias e tenho uma lista de amas e empregadas de limpeza que vou entrevistar.

Sinto o rosto corar e aperto a Tia contra o peito.

– Eu não consigo pagar isso.

– Consegues, sim – responde com firmeza. – Falei com o Simon e ele assinou os papéis para te começar imediatamente a pagar uma pensão de alimentos.

Fico de boca aberta.

– Como o convenceste a fazer isso?

Um dos cantos dos seus lábios arrebita-se.

– Sou muito persuasivo. O que quer dizer que tenho acesso a muitos podres

sobre ele que tornariam o seu caso ainda pior. E já é suficientemente mau.

Não quero saber os outros podres do Simon Lamar. O que me fez já é mau que chegue. Odiá-lo-ei para sempre por isso, embora reconheça que, se não fosse por ele, não teria este pequeno milagre embrulhado nos braços. É, no mínimo, complicado.

O Jackson pega no ursinho de peluche cor-de-rosa e põe-no na cómoda do outro lado do quarto, que, tal como o resto do espaço, está coberta de flores do que parecem ser basicamente todas as pessoas junto das quais alguma vez me sentei ao longo da vida. Por um momento, demora-se junto à cómoda, a sorrir para qualquer coisa.

– Olha – diz. – Já tens um ursinho de peluche.

– Tenho?

Ergue um ursinho castanho com um coração vermelho nas mãos. Tem um pequeno cartão pendurado à volta do pulso. O Jackson abre-o e lê: «Querida Tegan, desejo-te toda a felicidade do mundo, a ti e à tua filha. Com amor, Polly.»

Paraliso e sinto o coração a cair-me aos pés. *Polly.*

Ela enviou-me um presente.

– Ursinho giro – comenta o Jackson, erguendo o olhar para me sorrir. – Quem é a Polly?

Abro a boca, mas não me sai nenhuma palavra. É a oportunidade perfeita para lhe contar tudo. Para lhe dizer como essa mulher perversa me manteve refém na sua cave durante quatro noites enquanto lhe implorava que me trouxesse ao hospital. Como quase me custou a minha vida e a vida da minha bebé. Como é doente e merece ir presa, talvez para sempre.

Mas, por alguma razão, não consigo dizer nada disso.

O Hank tirou-me do carro quando estava presa na neve. Se não o tivesse feito, teria morrido congelada. E se a Polly não tivesse impedido o Dennis de injetar morfina na minha corrente sanguínea, teria entrado em paragem cardiorrespiratória.

Se não fossem o Hank e a Polly, eu e a Tia não estaríamos aqui agora. E isso vale de alguma coisa.

Vale tudo.

Olho para o rosto da minha filha. *O que achas, Tia? O que devo fazer?* Como sempre, já não obtenho resposta. Limita-se a fitar-me com os seus grandes olhos cheios de confiança. Esta bebé absolutamente perfeita que quase não conseguia

ter nos braços, se não tivessem sido aquela mulher e o seu marido.

– Tegan? – diz o Jackson.

– Não sei quem é a Polly – respondo, por fim. – Nunca tinha ouvido esse nome na vida.

Epílogo Tegan Um ano depois

Enquanto olho para a sala de estar da casa de três quartos, sinto uma profunda satisfação. Pela primeira vez em muito tempo, tenho um lugar a que chamar meu.

A casa estava certamente a precisar de reparações. Tinha algum dinheiro do Simon, mas não muito. Felizmente, o Jackson fez voluntariado para o *Habitat for Humanity* depois da universidade e estava entusiasmado por me ajudar a renovar o espaço. Tivemos de passar o último ano a trabalhar nela, mas tenho orgulho do meu novo lar.

Oiço passos a descer as escadas. É o Jackson a descer do segundo andar, onde tem estado a trabalhar no que espero que venha a ser o quarto de brincar. Tem o cabelo despenteado e limpa uma mancha de pó da testa.

– Tirei as medidas e posso ir comprar a alcatifa hoje – anuncia.

– Não tens de me pagar a alcatifa do quarto de brincar – digo-lhe. – Não vives aqui.

– Tendo em conta o tempo que cá passo, acho que te devia pagar algum tipo de renda.

Não é mentira. O Jackson tem passado tanto tempo cá em casa que o deixei dormir várias noites no quarto de hóspedes. De qualquer forma, a Tia continua a dormir num berço junto à minha cama. Ainda não estou pronta para que mude de quarto.

Um choro ecoa do canto da sala de estar, onde a Tia caiu de cara na alcatifa. Nos últimos tempos, anda a aprender a andar, mas cai mais vezes do que fica de pé.

Conheço o sentimento. Há um ano, mal conseguia andar devido ao tornozelo partido e infetado. Durante bastante tempo, não o fiz de todo. Foi um longo processo, passar da cadeira de rodas para o andarilho e para as muletas, depois para a bengala e agora para absolutamente nada. Mesmo assim, ainda coxeio, apesar de o Jackson jurar que não se nota, e ainda me dói o tornozelo quando está mau tempo.

– Está tudo bem, Tia! – Corro para a minha filha soluçante. – A mamã está aqui.

– Mamã! – Estende as mãozinhas para mim. – Mamã!

Foi a sua primeira palavra e continua a ser a sua favorita.

Levanto-a do chão para a consolar, afastando-lhe os suaves caracóis louros do rosto. Agarra-se a mim e sinto o bater acelerado do seu coração contra o meu peito. Assusta-me, às vezes, quão perto estive de a perder. E quão perto ela esteve de me perder a mim.

Aprendi a parar de culpar o Hank e a Polly Thompson pelo que me fizeram. Foi o Simon Lamar quem mexeu nos pneus do carro e causou o acidente que quase me matou. O Hank e a Polly, por outro lado, salvaram-me a vida. Duas vezes.

Por isso, não, nunca contei à polícia o que fizeram. Não me consegui obrigar a fazê-lo. Mas espero que a Polly tenha recebido ajuda. Por alguma razão, acho que com o Hank ao seu lado vai acabar por ficar bem.

Quanto ao meu irmão, não me inspira nem de longe a mesma compaixão. Está atualmente a cumprir a pena de dez a quinze anos numa prisão federal por tentativa de homicídio. Escreveu-me cartas a implorar que o perdoasse. Diz que nunca acreditou que os pneus adulterados me fossem matar. Pensava só que, se me magoasse num acidente de viação, veria as coisas de outra perspetiva e que talvez as contas do hospital me persuadissem a reconsiderar a oferta do Simon. Daí ter-me dito para lhe levar a garrafa – sabia que a sua presença daria a ideia de que ia a conduzir embriagada. Desacreditar-me-ia. Suspeito ainda que, como me culpava pelo acidente que tinha tido há tantos anos, via isto como algum tipo de *karma*.

Mas, ainda que o pudesse perdoar pelo acidente, é inconfundível o que estava a tentar fazer com aquela ampola de morfina. Viu a expressão nos meus olhos e soube que jamais aceitaria o dinheiro do Simon. Não tinha alternativas e tencionava matar-me só para garantir que o seu acordo com o Simon ia avante. Como é que lhe poderia perdoar isso?

Continuo a não entender como foi capaz de me fazer tal coisa. Amava o Dennis mais do que qualquer outra pessoa no mundo. E pensava que ele sentia o mesmo por mim. É o tipo de traição de que nunca se recupera.

– O que queres pôr no quarto de brincar quando estiver pronto? – pergunta-me o Jackson.

– Bem – digo –, devíamos ter uma mesinha de trabalhos manuais. Podemos pôr lá uma cozinha de brincar. E uma casa de bonecas enorme. E que tal uma piscina de bolas?

Ele ri-se.

– Uma piscina de bolas?

– Porque não? – Balanço a Tia sobre a anca. – O que me dizes, Tia? Queres brincar numa piscina cheia de bolas coloridas?

A Tia, que está numa verdadeira fase oral neste momento, limita-se a enfiar a mão na boca babada.

– Diria que quer *lamber* uma piscina cheia de bolas coloridas – diz o Jackson, rindo.

– Só quero que seja feliz. – Beijo a testa da minha filha. Quando a tenho ao colo, acabo por a beijar sensivelmente a cada sessenta segundos. – Afinal, não vai ter um pai.

Não que queira que alguma vez venha a conhecer o seu pai verdadeiro. O Simon Lamar drogou-me e violou-me e, como se veio a revelar, fez o mesmo a muitas outras mulheres e vai passar grande parte do resto da vida na prisão como consequência.

A Tia nunca poderá saber quem é o pai.

– Pode vir a ter um pai – diz o Jackson. – Um dia.

– Hum. Isso envolveria eu sair com alguém, a dada altura. – Entre ser mãe solteira, a reabilitação do acidente e as sessões de terapia para lidar com o trauma de tudo o que passei, namorar não tem estado nas minhas prioridades. Também continuo a trabalhar para poupar dinheiro para o curso de Enfermagem. O meu plano é começar quando a Tia for para o jardim de infância. Ver a competência da Polly como enfermeira deixou-me ainda mais decidida a ir. Inspirou-me.

Ele arqueia uma sobrancelha.

– E saíres com alguém é improvável porque…

Olho-o nos olhos. A melhor parte do último ano foram as visitas frequentes do Jackson. Durante muito tempo, senti-me grata por ele me respeitar o suficiente para não dar o primeiro passo, porque achava não era ainda capaz de lidar com uma relação depois de tudo o que me tinha acontecido. Acabei por partir do princípio de que nos tínhamos ambos instalado firmemente na «zona da amizade». Mas, ao olhá-lo diretamente nos olhos agora, já não tenho assim tanta certeza.

– Não sei – acabo por responder. – Suponho que não surgiu.

– E… hã… – Coça o couro cabeludo até ficar com o cabelo ligeiramente espetado. – Incomodava-te se surgisse?

Ficamos pelo menos cinco segundos a olhar um para o outro. Sinto um ligeiro formigueiro na barriga e dou-me conta de há quanto tempo não tinha essa sensação. Tinha-me esquecido de quão *bem* sabe.

– Não – respondo. – Não me incomodaria de todo. – Levanto a sobrancelha. – Ficas para jantar esta noite, Jackson? Vou mandar vir comida chinesa.

Ele sorri-me.

– Não o perderia por nada.

Não tenho pressa, mas talvez a minha vida amorosa não esteja completamente acabada. Talvez esta noite, depois de acabarmos de jantar, ele sugira que prolonguemos o serão e vejamos um filme juntos no sofá. Então, quando finalmente o acompanhar à porta, ele inclinar-se-á para me beijar. E eu beijá-lo-ei também.

O Jackson é um bom homem. Não tinha a certeza de que existissem, mas, se ainda houver algum, ele é um deles. Importa-se muito comigo e, um dia destes, dará um excelente pai para a minha menina. Sei que, se alguma vez lhe voltar a contar algo no futuro, acreditará em mim sem me questionar.

É por esse motivo que *nunca* lhe contarei o que aconteceu naquelas quatro noites a seguir ao acidente.

POLLY

Adoro a hora de deitar.

Já temos uma rotina. Depois de jantarmos os três em família, a Sadie vai para o duche. Costumava ser um banho, mas, depois de fazer oito anos, decidiu que queria tomar duches. Está a tornar-se mais independente.

Em seguida, depois de o duche acabar, embrulha-se no roupão polar rosa-claro que lhe comprámos e escovo-lhe o cabelo e ato-o em duas tranças idênticas. Pega-me na mão e dirigimo-nos juntas ao quarto que me costumava servir de escritório, mas que é agora o quarto dela, onde espera que lhe leiamos uma história para adormecer.

Atualmente, estamos a ler *Matilda*, de Roald Dahl. Às segundas, quartas e sextas, sou eu quem lê os capítulos à Sadie, e às terças, quintas e sábados, é o Hank a fazê-lo. Alternamos aos domingos.

Está frio esta noite e a Sadie enfia-se debaixo do edredão da cama, puxando-o até ao seu pequeno queixo. Adora que leiam para ela. É uma das suas coisas favoritas, apesar de já saber ler bastante bem. Lembra-me um pouco a Matilda

nesse aspeto.

– É o meu livro favorito até agora – diz-me.

Sorrio enquanto o abro na página dobrada.

– Acima do *Charlie e a Fábrica de Chocolate*?

Ela contempla a minha pergunta. É uma menina tão ponderada. Sempre achei que era uma miúda simpática, mas, agora que vive aqui, pude descobrir quão incrível realmente é.

– Acho que sim.

Tivemos sorte em ficar com a Sadie. Depois de o pai dela morrer, foi para uma família de acolhimento, visto que não tinha familiares dispostos a acolhê-la e se descobriu que a mãe biológica tinha morrido de overdose. Eu andava mergulhada em sentimentos de autocomiseração desde a adoção falhada e depois do *Incidente*, mas sabia que tinha de me recompor se queria ajudar a Sadie. O processo foi mais fácil por já termos uma relação com a menina, mas nada nele foi propriamente rápido. Ainda assim, a doutora Salinsky passou-me um atestado a confirmar a minha excelente saúde mental, e acabámos por ser aprovados para nos tornarmos a família de acolhimento da Sadie. Vive cá desde então.

Leio-lhe três capítulos do livro enquanto os seus olhos se fecham. Geralmente, não consegue ir além do terceiro capítulo sem adormecer, mas, mesmo assim, como faz todas as noites, pede-me: – Lês-me mais um capítulo, Polly?

Trata-me por Polly, mas, quando a adotarmos oficialmente, tenho esperança de que me chame mãe. Nunca teve realmente uma, portanto gostaria de lhe dar isso. Quero tanto que seja minha filha que até dói. Tinha pai, por isso não sei se chamará pai ao Hank, mas não descartaria essa possibilidade. Nunca se refere ao pai e tem uma verdadeira adoração pelo meu marido.

A nossa família já estava completa. Mas, com a Sadie, os nossos cálices transbordam. Faria tudo por ela. Tanto eu como o Hank.

– Já acabaste de ler? – pergunta o Hank, da porta.

– Mais um capítulo – implora a Sadie, quando começo a acenar em assentimento.

Espeto-lhe um dedo no braço.

– Vais adormecer antes de acabarmos sequer a próxima página.

– Não vou nada!

– Vais, pois, minha menina.

Antes que possa voltar a protestar, o Hank intervém.

– Deixa-me ler para ela, Polly.

Nunca foi grande leitor, por isso surpreende-me quanto gosta de ler para a Sadie à noite. Por outro lado, atirou-se de cabeça para todos os aspetos de ser pai. Dá demasiados passeios com a Sadie às cavalitas, travou no mínimo uma dúzia de batalhas de bolas de neve com ela este inverno e fizeram o boneco de neve mais impressionante que já alguma vez vi (era tão alto como o Hank). E diz que, assim que o tempo melhorar, lhe vai construir uma casinha para brincar no quintal.

Diz-me também que terá todo o gosto em ficar de olho nela se eu quiser tentar voltar a trabalhar. É uma ideia em que tenho vindo a pensar cada vez mais, mas gostaria que a Sadie se sentisse primeiro completamente instalada. O negócio na oficina do Hank tem corrido bem ultimamente, por isso até conseguimos passar sem o dinheiro.

– Muito bem. – Levanto-me da cadeira e estendo o livro de capa mole ao meu marido. – É toda tua. Mas vai adormecer nos próximos sessenta segundos.

O Hank sorri-me.

– Vou correr esse risco.

Beija-me antes de eu sair do quarto. Envolve-me nos braços por um instante a mais, mas não faz mal, porque também não o quero largar. É o melhor marido que podia pedir.

Estou tão feliz por me ter impedido de cometer um erro terrível há um ano. Sabemos que temos alguém muito especial ao nosso lado quando essa pessoa nos consegue impedir de arruinarmos a nossa própria vida.

Em bicos de pés, saio do quarto enquanto o Hank se instala na cadeira de onde me acabei de levantar para poder ler o tal último capítulo à Sadie. Ao fechar a porta, vejo que não está a ler do livro. Em vez disso, está inclinado para ela, a falar-lhe em voz baixa.

Ela responde-lhe no mesmo tom baixo.

De vez em quando, vejo-os fazer isso. A sussurrar um com o outro. Não sei do que falam. Mas suponho que não pode ser nada assim tão importante. Se fosse, o Hank contar-me-ia. Afinal, não guardamos segredos um do outro.

HANK

Comecei a amar a Sadie como se fosse minha.

Nunca pensei que o fosse fazer. Nunca imaginei apegar-me tanto à criança

que acolhemos. Mas, apesar de ainda só ter passado pouco tempo, não consigo imaginar a vida sem esta menina. A Polly tinha toda a razão.

Mas não foi essa a razão pela qual a deixei acolher a Sadie, indo até contra o meu próprio discernimento, na altura.

A minha mulher tem problemas. Sabe Deus que a amo. Mas os anos de infertilidade mexeram muito com ela. Achava que precisava de mais anos de terapia antes de sequer considerarmos trazer uma criança para o nosso lar. Mas a Sadie não era uma criança qualquer.

– Olha, Sadie – digo, depois de a Polly sair do quarto.

Ela pestaneja, fitando-me com uns gigantescos olhos azuis que parecem ocupar metade do seu rosto, apesar de já não parecerem tão enormes agora que conseguiu pôr um pouco de carne nos ossos, graças aos cozinhados da Polly.

– Sim?

– Olha para a janela – digo-lhe.

Vira a cabeça para olhar pela janela junto à sua cama, através da qual se veem os enormes flocos de neve que começaram a cair do céu.

– Está a nevar!

– Pois é.

– Vai ser uma tempestade de neve? – O seu tom é quase receoso ao fazer a pergunta. – Vamos ficar presos aqui?

O meu estômago começa às voltas quando me recordo da tempestade de neve que aconteceu há apenas um ano. Pergunto-me de quanto se lembrará a Sadie. Tenho esperança de que ela a tenha esquecido, mas eu nunca esquecerei. Nem o que fiz no rescaldo da tempestade que mudou as nossas vidas.

Foi no mesmo dia em que levei a Tegan ao hospital. A Polly tinha-me implorado que não o fizesse, mas, quando me apercebi de que a rapariga estava a ser presa em nossa casa contra a sua vontade, tornou-se inquestionável que o tinha de fazer. Depois, a Polly ficou furiosa e questionava-me se seria seguro deixá-la sozinha no quarto, mas eu estava logo ali, no andar de baixo. Marquei uma consulta com a doutora Salinsky para a manhã seguinte e ia verificar se estava tudo bem de hora a hora, mas estava a enlouquecer de preocupação, por isso decidi sair para o quintal para rachar alguma lenha, de que estávamos mesmo a precisar para a lareira.

Foi um grande erro.

Quando acabei de rachar a lenha, subi para dizer à Polly que ia começar a fazer o jantar. Quando ela não respondeu, estava pronto para arrombar a porta,

mas então experimentei abrir o puxador e vi que estava destrancada. A Polly tinha saído. Corri para o andar de baixo e confirmei logo que o seu *Ford Bronco* também tinha desaparecido.

Apesar de o carro não estar lá, pensei que era possível que tivesse ido ver a Sadie. Por isso, antes de entrar na carrinha e começar às voltas pela cidade à sua procura, dirigi-me à casa do Mitch Hambly e bati à porta.

Quando o Mitch a abriu, tresandava a álcool. Ainda só eram seis da tarde – um pouco cedo para estar a cair de bêbedo, na minha opinião – mas isso era problema dele. Perguntei-lhe se tinha visto a Polly e ele riu-se na minha cara. *Não consegues controlar essa tua mulher, pois não, Hank? É uma grande maluca.*

Não me interessava se ele me insultasse a mim ou à minha mulher. Tinha de encontrar a Polly e era só isso que importava. Se ele tivesse feito algo mais além de grunhir alguns insultos, ter-me-ia limitado a dar meia-volta e regressado à carrinha.

Mas, nesse momento, a Sadie apareceu atrás do Mitch no *hall* de entrada. Tinha o rostinho todo pisado. Se tivesse acontecido em qualquer outro dia, talvez tivesse feito as coisas de forma diferente. Ou talvez não. Que tipo de lixo humano é capaz de fazer algo assim a uma menina? Só de pensar nisso ainda sinto a tensão arterial disparar.

Assim, agarrei no Mitch pelo colarinho. Soube-me bem pegar nesse filho da mãe e empurrá-lo com todas as forças dos degraus do alpendre da frente. Caiu de cara na neve, que foi uma aterragem mais suave do que merecia. Podia ter dado uma tareia das grandes àquele canalha, mas então vi a Sadie a observar-me da porta da frente com aqueles olhos azuis gigantes. E contive-me. Não queria que ela me visse a espancar o seu pai até à morte.

Baixei-me para lhe falar. *O teu pai não te devia magoar dessa maneira*, disse-lhe eu. *Se alguma vez o voltar a fazer, vais imediatamente chamar-me. Entendido?*

Ela assentiu.

Fechou a porta atrás de si e comecei a afastar-me. Não me podia preocupar com o Mitch naquele momento – tinha de encontrar a Polly. Mas então vi o Mitch começar a levantar-se na neve. Tinha o rosto carnudo vermelho-vivo e a mão direita cerrada num punho, e uma só palavra brotou-lhe dos lábios, como um rosnido: *Sadie*.

Estava zangado por eu o ter atirado para a neve. Se me afastasse, iria descarregar na filha.

Quando voltasse a casa nessa noite, era bem possível que a encontrasse morta.

Nunca tinha matado ninguém, mas nem pensei no que fiz a seguir. Empurrei o rosto do Mitch de novo para a neve, ignorando os gritos e protestos abafados enquanto tentava respirar. Era um homem grande e forte, mas não tanto como eu. Houve um momento em que podia ter parado e tê-lo soltado – sem grandes danos – mas não ia deixá-lo voltar a casa para ir ter com a Sadie depois de o ter enfurecido.

Ao fim de um minuto ou dois, deixou de se debater tanto. Uns minutos depois, parou de se mexer.

Voltei a levantar-me, com os joelhos das calças de ganga encharcados de neve derretida, chocado com o que acabara de fazer.

Mas não me arrependia – era a única maneira. Fiz o que sabia que tinha de ser feito e esperava que, quando fosse encontrado, a polícia partisse do princípio de que tinha desmaiado da bebedeira e sufocado na neve. Mas foi então que me virei e a vi.

A Sadie. Diante de mim, sem dizer uma palavra, apenas a fitar-me com os seus grandes olhos.

Tinha visto tudo.

É melhor ligares para o 112, disse-lhe, em voz embargada, ciente de que, quando a polícia chegasse, ela lhes ia contar o que eu tinha feito. Ia passar o resto da vida na prisão por homicídio. Não era o que queria, mas tinha feito o que era preciso para manter aquela menina a salvo daquele monstro e, assim que me tivesse assegurado de que a Polly estava bem, podiam levar-me.

Mas acabou por acontecer algo curioso. A Sadie nunca contou nada à polícia. A única história que ouviram foi que ele tinha caído das escadas quando estava bêbedo e que ela o tinha encontrado morto.

Guardou o meu segredo.

Tinha esperanças de que tivesse esquecido essa noite. Mas, ao ver-lhe o medo nos olhos enquanto olha para a noite nevada, suspeito de que ainda se lembra.

– Ainda te lembras da outra tempestade de neve? – pergunto-lhe.

– Talvez – responde evasivamente.

Cerro os dentes. Não a devia pressionar. A última coisa que quero é relembrá-la do ato terrível que cometi. Mas como poderia esquecer? Como poderia esquecer a noite em que o pai foi assassinado?

– Lembras-te *mesmo*, então – observo.

Ela pestaneja.

– Lembro-me de quê?

– Lembras-te… do teu pai? E do que… lhe aconteceu…

Fita-me durante algum tempo. Lembra-se, sim – vejo-o no seu rosto. Pergunto-me se está zangada comigo pelo que fiz. Sabe que o matei. Sabe que sou eu o responsável por ter ficado sem pai.

Deve odiar-me, pelo menos de alguma forma. Não será inevitável? Não compreende porque o fiz. Não compreende o que senti quando vi que aquele homem andava a espancar uma menina indefesa.

– Não sei do que estás a falar – acaba por dizer. Levanta o queixo para mim. – O meu pai és *tu*, Hank.

Olho para ela à luz ténue do quarto.

– Isso mesmo – respondo. – Pois sou.

Estendo o braço e seguro a sua mãozinha enquanto vemos os flocos de neve a cair do céu. Pode não ter esquecido, mas compreende. A minha filha nunca contará a ninguém o que fiz por ela. Guardaremos os dois este segredo.

AGRADECIMENTOS *0 ACIDENTE* É UM DAQUELES LIVROS QUE ESCREVI E REESCREVI MUITAS VEZES. DE TODOS OS LIVROS QUE ALGUMA VEZ ESCREVI, É PROVAVELMENTE O QUE MAIS AMPLAMENTE DIVERGE DA SUA VERSÃO ORIGINAL. ASSIM, TENHO DE AGRADECER À MINHA MÃE POR LER CADA UMA DESSAS VERSÕES, DA INFÂNCIA ATÉ À ADOLESCÊNCIA DESTE LIVRO, E AGORA ATÉ À SUA FASE GERIÁTRICA. QUERO AGRADECER TAMBÉM AO MEU PAI POR ME CONVENCER A ENVEREDAR PELA MEDICINA, O QUE ME PERMITE ESCREVER COM TANTA PRECISÃO MÉDICA!

Como sempre, estou muito grata à minha agente, Christina Hogrebe, e a toda a equipa da JRA pelo seu apoio, e também por me convencerem a não publicar este livro até estar pronto. Obrigada à Jenna Jankowsky pelo seu trabalho árduo e pelos comentários perspicazes, bem como a todos os outros nos bastidores da Sourcebooks. Obrigada à Mandy Chahal pelos seus incansáveis esforços publicitários.

Obrigada às minhas muitas leitoras *beta*: Jenna, Maura, Rebecca, Beth, Kate e Emily, que me deram alguns comentários incríveis. Obrigada à Val pela ajuda na revisão. Obrigada ao Aaron pelos conselhos sobre mecânica.

Quero ainda deixar um enorme obrigada aos meus leitores, incluindo os da comunidade *online*. Quero expressar a minha imensa gratidão aos meus moderadores no *Facebook* – Emily, Daniel, Carrie, Nancy e Nikki –, que têm sido um apoio incrível. E obrigada a todos os leitores que ajudaram a promover

e que recomendam os meus livros, mesmo que tenha sido só à vossa mãe ou à vossa irmã. São todos fantásticos!

Table of Contents

1. Prólogo
2. PRIMEIRA PARTE
3. 1
4. 2
5. 3
6. 4
7. 5
8. 6
9. 7
10. 8
11. 9
12. 10
13. 11
14. 12
15. 13
16. 14
17. 15
18. 16
19. 17
20. 18
21. 19
22. SEGUNDA PARTE
23. 20
24. 21
25. 22
26. 23
27. 24
28. 25
29. 26
30. 27
31. 28
32. 29
33. 30
34. TERCEIRA PARTE
35. 31
36. 32
37. 33
38. 34
39. 35
40. 36
41. 37
42. 38
43. 39
44. 40

45. 41
46. 42
47. 43
48. 44
49. 45
50. 46
51. 47
52. 48
53. 49
54. 50
55. 51
56. 52
57. 53
58. 54
59. QUARTA PARTE
60. 55
61. 56
62. 57
63. 58
64. 59
65. 60
66. 61
67. 62
68. 63
69. 64
70. 65
71. 66
72. 67
73. 68
74. 69
75. Epílogo

Page List

1. 3
2. 4
3. 5
4. 7
5. 9
6. 10
7. 11
8. 13
9. 14
10. 15
11. 16
12. 17
13. 18
14. 19
15. 20
16. 21
17. 22
18. 23
19. 24
20. 25
21. 26
22. 27
23. 28
24. 29
25. 30
26. 31
27. 32
28. 33
29. 34
30. 35
31. 36
32. 37
33. 38
34. 39
35. 40
36. 41
37. 42
38. 43
39. 44
40. 45
41. 46
42. 47
43. 48
44. 49
45. 50
46. 51

47. 52
48. 53
49. 54
50. 55
51. 56
52. 57
53. 58
54. 59
55. 60
56. 61
57. 62
58. 63
59. 64
60. 65
61. 66
62. 67
63. 68
64. 69
65. 70
66. 71
67. 72
68. 73
69. 74
70. 75
71. 76
72. 77
73. 78
74. 79
75. 80
76. 81
77. 82
78. 83
79. 84
80. 85
81. 86
82. 87
83. 88
84. 89
85. 90
86. 91
87. 92
88. 93
89. 94
90. 95
91. 96
92. 97
93. 98
94. 99
95. 100
96. 101

97. 102
98. 103
99. 104
100. 105
101. 106
102. 107
103. 109
104. 110
105. 111
106. 112
107. 113
108. 114
109. 115
110. 116
111. 117
112. 118
113. 119
114. 120
115. 121
116. 122
117. 123
118. 124
119. 125
120. 126
121. 127
122. 128
123. 129
124. 130
125. 131
126. 132
127. 133
128. 134
129. 135
130. 136
131. 137
132. 138
133. 139
134. 140
135. 141
136. 142
137. 143
138. 144
139. 145
140. 146
141. 147
142. 148
143. 149
144. 150
145. 151
146. 152

147. 153
148. 154
149. 155
150. 157
151. 158
152. 159
153. 160
154. 161
155. 162
156. 163
157. 164
158. 165
159. 166
160. 167
161. 168
162. 169
163. 170
164. 171
165. 172
166. 173
167. 174
168. 175
169. 176
170. 177
171. 178
172. 179
173. 180
174. 181
175. 182
176. 183
177. 184
178. 185
179. 186
180. 187
181. 188
182. 189
183. 190
184. 191
185. 192
186. 193
187. 194
188. 195
189. 196
190. 197
191. 198
192. 199
193. 200
194. 201
195. 202
196. 203

197. 204
198. 205
199. 206
200. 207
201. 208
202. 209
203. 210
204. 211
205. 212
206. 213
207. 214
208. 215
209. 216
210. 217
211. 218
212. 219
213. 220
214. 221
215. 222
216. 223
217. 224
218. 225
219. 226
220. 227
221. 228
222. 229
223. 230
224. 231
225. 232
226. 233
227. 234
228. 235
229. 236
230. 237
231. 238
232. 239
233. 240
234. 241
235. 242
236. 243
237. 244
238. 245
239. 246
240. 247
241. 248
242. 249
243. 250
244. 251
245. 252
246. 253

247. 254
248. 255
249. 256
250. 257
251. 259
252. 260
253. 261
254. 262
255. 263
256. 264
257. 265
258. 266
259. 267
260. 268
261. 269
262. 270
263. 271
264. 272
265. 273
266. 274
267. 275
268. 276
269. 277
270. 278
271. 279
272. 280
273. 281
274. 282
275. 283
276. 284
277. 285
278. 286
279. 287
280. 288
281. 289
282. 290
283. 291
284. 292
285. 293
286. 294
287. 295
288. 296
289. 297
290. 298
291. 299
292. 300
293. 301
294. 302
295. 303
296. 304

297. 305
298. 306
299. 307
300. 308
301. 309
302. 310
303. 311
304. 312
305. 313
306. 314
307. 315
308. 316
309. 317
310. 318
311. 319
312. 320
313. 321
314. 322
315. 323
316. 324
317. 325
318. 326
319. 327
320. 328

Landmarks

1. Cover

Table of Contents

Prólogo
PRIMEIRA PARTE
1
2
3
4
5
6
7
8
9
10
11
12
13
14
15
16
17
18
19
SEGUNDA PARTE
20
21
22
23
24
25
26
27
28
29
30
TERCEIRA PARTE

31
32
33
34
35
36
37
38
39
40
41
42
43
44
45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
QUARTA PARTE
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66

67
68
69
Epílogo